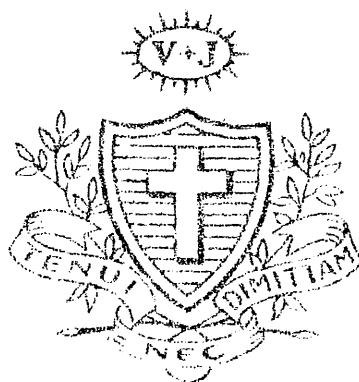


RET I R O S

do Reverendíssimo Padre LUÍS BRISSON O.S.F.S.



Retiros 1887 - 1893

5

Í N D I C E - R E T I R O S

1887

1.	O Retiro	7
2.	Os Retiros do Salvador	12
3.	A Oração	16
4.	O Exame da Consciência	21
5.	A Castidade	26
6.	A Pobreza	32
7.	A Obediência	38
8.	A Caridade	43
9.	O Oblato	48
10.	O Orçamento do Ano que vem	55
11.	As Missões: No Cabo e no Brasil	60

1888

1.	A Mortificação exterior	65
2.	A Mortificação interior: Espírito de humilhação e de oração	70
3.	Os Votos	76
4.	O Voto de Castidade	82
5.	A Pureza da Alma - A Confissão	86
6.	A Obediência	91
7.	O Trabalho	96
8.	O Trabalho intelectual e a Educação	101
9.	O Caminho	105
10.	Conclusão do Retiro	111

1889

1.	O Retiro	116
2.	Os Votos religiosos - A Obediência	121
3.	O Modo de Confessar	126
4.	A Pobreza	131
5.	O Modo de Confessar	135
6.	A Castidade	143
7.	A Oração pelos Benfeitores - A Direção espiritual	149
8.	A Caridade	158
9.	Nosso modo de ensinar, de dar catequese e de pregar	164
	Instrução de Conclusão; A Edificação do próximo	170

1890

1.	Realizar apaixonadamente bem o seu trabalho	176
----	---	-----

2.	Tenham muita coragem	182
3.	Caprichar e deixar que falem	187
4.	Revistam-se de Jesus Cristo	192
5.	Sejam constantes	198
6.	Fidelidade às graças do Noviciado e da Profissão	204

1891

1.	O Caminho	211
2.	Como fazer os Retiros?	218
3.	Caprichar apaixonadamente	228
4.	Sermos trabalhadores	235
5.	Os três Votos	244

1892

1.	A Santidade	250
2.	A Penitência	257
3.	A Tentação	262
4.	Os Votos	268

RETIRO ANUAL DE 1887

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

O RETIRO

No final do caderno em que a Boa Madre escreveu a sua Superiora, em Friburgo, as prestações de conta de sua consciência e de seu estado interior há esta frase: "Deus me disse que preciso ser uma apóstola." E depois a Boa Madre acrescenta: "Eu não via mais nada; só o estado no qual eu devia estar me parecia como uma coisa luminosa, tranquilizadora, sem que essa luz fosse muito brilhante. Parecia-me que caminhava sob os raios de um sol, mas de um sol calmo, mitigado por ramadas densas."

Essas palavras da Boa Madre: "Preciso ser uma apóstola", eu as uso para começar nosso retiro. Precisamos ser apóstolos do Evangelho, apóstolos da Boa Nova, apóstolos da palavra de Nosso Senhor, dos ensinamentos da Santa Igreja, dos ensinamentos de São Francisco de Sales, de Santa de Chantal, da Boa Madre Maria de Sales. Aí está nosso apostolado. É mais completo, se posso expressar-me assim, que o apostolado comum. O apostolado comum se limita ao apostolado das verdades da Santa Igreja católica, apostólica e romana, às verdades do dogma e da moral. Nós temos ainda outras verdades, outras certezas, uma doutrina, um ensinamento a propagar. Precisamos estar prontos para essa missão. É preciso que, o que temos que fazer, não fracasse. Nossa obra deve ir adiante, completar-se e isso através de nós. É necessário que nossa preparação seja muito boa e ampla, para que nos permita desempenhar a tarefa que nos foi confiada. É o retiro que será para nós essa preparação.

Os Apóstolos fizeram retiro antes de anunciar a Boa Nova. O retiro é uma prática comum na Santa Igreja; a Regra também nos prescreve o retiro, anualmente, antes da profissão e da vestição. O retiro é uma preparação essencial para tudo de grande, que vai começar. Demos, pois, muita importância ao nosso retiro. As circunstâncias, em que nos encontramos, nos provam que Deus tem desígnios todo especiais para nós, não só do ponto de vista de nossa santificação pessoal, mas para a Igreja toda. A doutrina da Madre Maria de Sales é um fenômeno de importância capital nestes últimos tempos. O que me chega de Roma mostra quanta importância se lhe dá. Para nós é o pre-

lúdio do que devemos fazer mais tarde. É um aviso para nos preparar a fim de estar prontos no momento, que Deus nos chamar.

O retiro é, pois, uma coisa extremamente séria para nós. Façamo-lo de acordo com os princípios da Boa Madre Maria de Sales, os quais são exatamente a aplicação completa da doutrina de São Francisco de Sales sobre a fé, a prática dos costumes; princípios, que não são outra coisa senão a doutrina de Nosso Senhor, do Evangelho, no seu sentido claro, límpido, natural, simples, sem outra explicação. É a própria palavra do Mestre em seu sentido nítido, absoluto, natural. Somos, pois, chamados a uma grande, a uma grandiosa missão. Essa missão, que nos é confiada, repito, atrai a atenção da Santa Igreja. Vemos pelas palavras da Boa Madre, que essa missão há de ter grande repercussão no mundo inteiro, que ela deve impulsionar um grande número de obras. É uma coisa muito completa; não é uma doutrina particular sobre a prática de certos pontos de fé, dos costumes cristãos. É um conjunto, uma coisa absolutamente inteiriça; a alma, que entra nesse caminho, é inteira e absolutamente como deseja o Salvador; ela corresponde à idéia, à vontade do Salvador; ela o copiará, o reproduzirá, aproximar-se-á dele sem cessar, até que se confunda com ele, que, por sua vez, é um só com Deus, o seu Pai.

"Doctrinam sanam ac tutam" (doutrina sã e segura), diz a Santa Igreja. É para a alma um meio de perfeição mais simples, mais óbvia e que dá uma completa segurança. Não há nada à direita, nada à esquerda; nada é deixado à interpretação humana, à opinião, à imaginação, assim como a própria missão que foi dada aos Apóstolos. Parecemo-nos com os Apóstolos. A primeira vez que Pio IX se dignou dar-nos a bênção, disse: "Filhos, tendes a bênção como dos pioneiros da Igreja primitiva." Não temos mais o hábito de considerar as palavras do Santo Padre como palavras quaisquer, sobretudo quando ditas com majestade, solenemente, como forma ditas essas. Conservemos essa bênção. Importa que nos aproximemos totalmente da Igreja Católica; temos a bênção dos Apóstolos, a bênção dos tempos primitivos. Leiamos os Apóstolos, as epístolas de São Paulo, de São Tiago, de São João, as epístolas apostólicas, os Atos dos Apóstolos; penetremo-nos dessas coisas; não podemos nos afastar disso. O que São Paulo disse em suas pregações, o que Deus lhe deu, as inspirações interiores que lhe pôs no coração, o que São Pedro dizia aos Apóstolos, aos fiéis, o que São João expõe da interrelação da alma com a Verbo Divino, da caridade com o próximo, os ensinamentos dados às igrejas de Éfeso, de Antioquia: eis o que nos pertence, eis o que nos serve, eis nosso ponto de partida, nossa bênção. Vamos buscá-la ali, habitemos no meio dos Apóstolos. Não habitaremos ali, sem dúvida, devido

às nossas virtudes, aos nossos méritos, à nossa dignidade; longe disso,... entre todos somos os últimos, nosso lugar é o último e o mais modesto; continuemos últimos em nossa estima e em nosso pensamento; sendo assim, abordemos humildemente estas grandes, estas sublimes figuras da Igreja primitiva; pensemos como pensavam São Timóteo, Santo Inácio, São Denis. Sem dúvida, não temos tempo para ler as obras deles; adiramos, ao menos, a sua doutrina; sejamos como eles. Vivemos num século insípido; a fé se desvanece; os costumes cristãos, os bons hábitos na Igreja desaparecem; o mal aumenta de uma maneira assustadora. Será que é a falta dos cristãos, dos padres, dos religiosos? Deus me livre de afirmar isso! Quando o mundo está todo invadido pelo mal, quando o ar está repleto do mesmo, é impossível ter a força, a energia suficientes para não sofrer a influência do meio em que se vive. Para reagir verdadeiramente é preciso que nos tornemos como os Apóstolos, verdadeiros apóstolos. É necessário que falemos, que pensemos, que ajamos como eles. Não é preciso ser extraordinário, esquisito, extravagante; não é necessário vangloriar-nos de pensar e agir melhor do que os outros; não, vamos despretensiosamente, caminhemos na luz, como diz a Boa Madre, nesta luz, que não é resplandescente, cujo brilho não fere a ninguém; avancemos modesta, simples, mas generosamente.

Não temos um ministério a desempenhar, não somos vigários; não somos religiosos como os demais; sem aquilo não seríamos nada na Igreja. Não somos nada, nem por nós mesmos; só seremos alguma coisa, aproximando-nos dos Apóstolos, assumindo a vida deles, as palavras, a maneira de falar e de agir dos mesmos. Mais uma vez, não tenhamos nada de puramente humano, nada que indique a procura de nós próprios; mantenhamo-nos afastados das idéias vulgares, como em jornais, em determinados livros; sejamos alheios a todas essas coisas. Reunamo-nos, como os Apóstolos, ao redor de Nosso Senhor. Que o mundo se agite e se abale, que as idéias se modifiquem, que tudo mude: pouco importa. Fiquemos o que somos; não tenhamos nada de excepcional, de extraordinário. Nossa força provém de Nosso Senhor, da graça dele; Desejemos estar unicamente com quem temos que viver realmente: os Apóstolos, Nosso Senhor.

Compreendamos bem a importância do retiro. Tudo o que me chega de todos os lados - posso dizê-lo, pois estamos a sós - o que me chega, mostra esta grande necessidade que temos do retiro. Ninguém dentre nós está à altura de seu cargo, ninguém chegou a isso, eu bem menos do que qualquer outro. Certamente, se eu tivesse feito melhor minhas obrigações, se tivesse sido mais dócil, teria sido um instrumento mais fiel e mais completo da Boa Madre. Sou o primeiro culpado e peço perdão a Deus. Afirmando que não estão à altura de seu cargo, não os estou censurando. Todos temos de

trabalhar para ser fiéis a nossa vocação. Não sejamos elementos sem energia, pedras soltas, que rolam e fazem o edifício desmoronar-se; homens, que vão conforme lhes é dito, mas que não sentem a necessidade de se unir entre si, que não têm a idéia de se identificar com quem os conduz. Quem pode efetuar isso? Eu não; é a graça de Deus; é Nosso Senhor mesmo, quem faz e completa essa obra.

Peçam isso a Deus durante o retiro. Mas fazer quê para pedir-lhe? Rezem, se responde. Mas não reza, quem quer. Peçam a Deus... muito bem. Os tratados de teologia, ao versar acerca das virtudes, fazem esta pergunta sobre cada virtude: qual o meio de alcançar esta virtude? A oração. Qual o meio de combater o pecado? A oração, sempre a oração. É verdade, mas afinal não é tudo oração; e, além disso, não se pode sempre rezar; não reza, quem quer. Eu gostaria de reformular essa teologia! Sim, não se pode sempre rezar, quando se quer, esta oração verdadeira, eficaz, que obtém o que pede. O que podemos fazer para mover a Deus, para que desça do céu a nós, é fazer alguma coisa. Começemos por fazer como Jesus: "Coepit facere et docere". (At. 1,1) (Jesus fez e ensinou desde o princípio.) Nosso Senhor começou fazendo. Ele podia bem começar por rezar; começou por fazer.

Começemos nosso retiro, fazendo como Nosso Senhor; observemos cuidadosamente a Regra, o Diretório; façamos dias de fidelidade, numa palavra, façamos alguma coisa. Não se pode sempre rezar, sempre se pode fazer algo, chegar no primeiro toque do sinal, rezar o ofício com atenção, ficar durante o tempo de oração, ocupar-nos como explicaremos; sempre se pode seguir o Diretório, passar dias de fidelidade. Os Senhores não têm devoção: não é isso, o que Deus pede e considera; dêem-lhe primeiramente atos. "Deus autem intuetur cor." (S 7,10; Jr 17,10; Ap 2,23) (Deus sonda o coração.) Sem dúvida! Mas donde surge a ação dos Senhores? Se sua ação - o que digo, é alguma coisa impossível e que não pode acontecer dentre nós - se sua ação fosse feita exclusivamente para que se os considere bons, para que se creia que agem bem, para impressionar a seu Mestre de noviços, a seu Superior, isso seria uma irrisão, uma mentira; não é sobre essa maneira de agir que estou falando, não é nisso que consiste o "coepit facere" (desde o princípio fez). Estou falando sobre uma atuação sincera, generosa, proveniente de uma vontade firme e decidida. Façam, pois, dias de fidelidade durante o retiro e de Deus obterão a luz.

Mais uma vez, peçam a Deus, não tanto pela oração como pelos atos. Não são os que dizem: "Senhor, Senhor", que entrarão no reino dos céus, (cf. Mt 7,21) em sua vocação, em seu paraíso. Sim, o paraíso é a vocação, a Vontade de Deus. Verdadeiramente, não merece a pena de ir para o céu,

dizia eu às vezes à Boa Madre. - "Não dissei isso! Isso escandalizaria!"
- "Mas, Boa Madre, a gente é tão feliz, quanto no paraíso, fazendo o que Deus pede, ao atender a tarefa pessoal: É o céu melhor para nós do que o paraíso, pois a Vontade de Deus é que estejamos aqui e não no paraíso!"

Não arrastemos os trapos de nossas misérias, de nossas pobreza, de nossas covardias. Accincti. (Mãos à obra.) Portanto, em nossos momentos livres, coloquemo-nos diante de Deus, trabalhem, oremos, reflitamos na missão que nos foi confiada. Eu poderia desenvolver esse pensamento sobre nossa missão. Peçam a Deus, que a compreendam bem, que compreendam que é preciso ser fiel ao Diretório, aos exercícios do retiro. O retiro trará a graça do retiro. Esses exercícios do retiro são sacramentais. Penetrem-se dessa doutrina e ensinem-na aos outros. Armem-se um fundo de doutrina, um ensinamento não de belas considerações, de imaginações. Não se perdam em imaginações ao pregar retiros. "Quod bonum est." (O que é bom.)

Atenham-se ao que está bem, ao bom. O maior Doutor da Igreja e o pastor mais modesto do interior farão o retiro da mesma maneira; não procurarão coisas magníficas, extraordinárias. Façam o retiro com as coisas do retiro e ensinem aos outros a fazer o mesmo.

Que o próprio Nosso Senhor, que nos reuniu por sua graça, seja nosso guia; que sua palavra nos ilumine; que ela aqueça nossos corações; estejamos atentos. O toque do sinal será para nós a palavra de Deus. O Diretório, a oração, o cansaço, o aborrecimento, o tédio do retiro será o Senhor. "Dominus est." (Jo 21,7) (É o Senhor.) Quando São Pedro, na barca, em meio às trevas, pensava que era um fantasma que vinha, o que respondeu o Apóstolo bem-amado? "Dominus est." (É o Senhor.) Tinha o reconhecido. Reconheçamo-lo também nas coisas e nas dificuldades do retiro. Acolhamos bem a presença dele e conservemo-la.

SEGUNDA INSTRUÇÃO

OS RETIROS DO SALVADOR

Começamos, então, o retiro, a fim de nos preparar para o apostolado, para o qual a divina Providência designa a cada um de nós. Não só os pregadores, os padres têm um apostolado a cumprir, mas simples religiosos, os Irmãos, com seus trabalhos manuais, também têm seu apostolado. A obra das mãos não carece vida, não é estéril, quando a fazem em união com a comunidade, com o Diretório, por conseguinte em estado de comunicação completa com Deus. Não só essa obra não é estéril, mas se o Irmão penetra no verdadeiro sentido desse trabalho religioso e o compreende, essa obra é extramamente frutífera; primeiro para ele, pois recebe mais bênçãos, quatro vezes mais bênçãos e frutos de santidade de que recebe um outro, que trabalha espiritual ou intelectualmente. Nosso Senhor se lembra do que fazia; sua preferência é pelos que trabalham como ele trabalhava: todo o mundo gosta de ver fazer o que mesmo fez. Isso não é só uma doutrina, mas um fato constante, perpétuo. No caso dos Irmãos: ou são muito bons ou não valem muita coisa, pois recebam mais graças do que os outros e são mais amigos de Nosso Senhor. Quando Nosso Senhor passava pelas ruas de Nazaré, a quem falava? Quais eram seus amigos? Havia em Nazaré gente importante, os ricos, os fariseus. Nosso Senhor era um pequeno operário; passavam por ele sem olhá-lo.

O trabalho, realizado com Nosso Senhor, acarreta a graça, a bênção dele. O que os Senhores fazem, é lindo, é o sal. Se nossos trabalhos são feitos em união com Nosso Senhor, a custo de suores e fadigas como no caso dele, os mesmos proporcionam a graça dele. A parte que coube aos Irmãos é, pois, a parte boa e, na verdade, a parte melhor. Aceitem, pois, isso para os Senhores e seu apostolado será eficaz. São Jerônimo conta que, em seu tempo, se mostravam diferentes obras da mão de Nosso Senhor e que graças milagrosas pareciam emanar desses objetos, que assombravam. Quase se diria que o Salvador estava lá, presente nesses objetos. O trabalho dos Senhores, nele tocando o Salvador, terá o mesmo sucesso.

Mas isso não é meu assunto esta noite. Disse-lhes isso, para que entrem nesse caminho do apostolado; essa obra, se avançar vigorosamente operará muito mais do que quando levada adiante com moleza. Todos nos preparamos, em nossos retiros, em nossos desertos, para esse apostolado. Gosto desta expressão de nosso Santo Fundador: 'desertos'. Se estamos reunidos aqui, esta

reunião, longe de nos levar à dissipação, nos facilita o recolhimento, coloca-nos verdadeiramente no deserto.

Assim como nós, o Salvador faz suas retiradas. Devemos imitá-lo nas mesmas, fazer as nossas como ele fez as suas. Distingo na vida de Nosso Senhor três importantes retiros. O retiro que fez no deserto durante quarenta dias, e teve fome. O segundo deserto é no Getsêmani, no Jardim das Oliveiras, solidão essa, durante a qual suportou os sofrimentos e angústias de uma agonia suprema, pode-se mesmo dizer divina, pois se fosse apenas um homem, não poderia suportá-los. Outro retiro é no Monte Tabor, onde São Pedro, no auge de sua alegria, exclamou: "É bom estarmos aqui, façamos três tendas!" (cf. Mt 17,4) Nossos desertos sempre serão como os de Nosso Senhor. Certas almas terão a solidão da quaresma, na aridez, na fome, nas tentações. É o deserto, onde não há nada para comer, onde nada distrai, nada consola. Não há nada em volta, a não ser as tentações. Satanás vem através de toda espécie de sugestões, de palavras, para atormentar a pobre alma, tentá-la pela sensualidade, pelo orgulho, pela presunção, pelo desânimo. Essa solidão é de quarenta dias. Encontra-se muito freqüentemente em nossas almas e muitas vezes se produz algo de similar em nossas almas durante o retiro. Para quem a solidão não é, na maior parte das vezes, um período de provações, de tentações, de desânimo, para quem não é um tempo, em que o amor-próprio ferido se levanta, em que o coração magoado relembra sua ferida e quer fazer sua cobrança, para quem não é um tempo, em que nada conseguimos dizer a Deus, em que não encontramos alimento espiritual algum para nos sustentar? É assim o retiro. Ocorre muitas vezes? Sim, muito freqüentemente. O que fazer então? Fazer o que o Salvador fez. Teve fome, diz o Evangelho e suportou essa fome; não o disse a ninguém, nem a seu Pai, que bem podia saciá-la, nem aos anjos; permaneceu ali no sofrimento, na frieza, na aridez, não tendo nada, nada e nada mesmo. E isso durou quarenta dias; diz-se que esteve com o demônio para lutar contra ele, para repelir as insinuações perversas do mesmo. Não rezou naquele tempo nem a linda oração do Pai Nosso, nem a bela reza que fez mais tarde junto à tumba de Lázaro; não se menciona que ele fez bonitas preces: "e depois teve fome". (Mt 4,2) Assim o retiro de Nosso Senhor; a esse retiro deve paracer-se a maioria dos retiros dos religiosos e das almas fiéis.

Olhem, o retiro de Nosso Senhor é um período de aridez, de tormento, de angústia. Que faz Nosso Senhor? Suporta a fome, as angústias, as tentações; só corre ao demônio. Esse volta varias vezes e Nosso Senhor o expulsa; só se ocupa com isso. Eis o retiro do Salvador. Continua fazendo isso, não só por seis ou dez dias, como aqueles entre nós que se preparam para a profissão e para a entrada no noviciado, - devem esforçar-se para aproveitar bem o que a graça lhes dispõe durante estes dez dias - Nosso Senhor continua fazendo

isso por quarenta dias. Certamente rezava e tinha sua vida regular, mas o Evangelho não o relata. Diz somente que Nosso Senhor teve fome e combateu ao demônio. E era Deus! Não procuremos, pois, outra coisa em nossos retiros; quando nos encontrarmos nesse período face à tentação da vaidade, da busca de nós mesmos, de oposição à obediência, de revolta contra a situação, que nos é criada, quando esses demônios vierem, respondamos-lhes: "Não só de pão vive o homem". (Mt 4,4); não sou como os outros, os outros têm necessidade de consolação, de pão; mas, meu Deus, dissestes que me desse a vós e vos doaríeis a mim; isso me basta, nutro-me dessa palavra. A tentação da presunção virá: sou mais capaz do que se crê, mais capaz do que este ou aquele. "Não tentarás o Senhor teu Deus." (Mt 4,7) Não quero procurar elevar-me, submeto-me ao juízo de meus Superiores. Senhor, não quero dominar, ficarei no lugar onde me quereis. Se o desânimo aumentar, se estiverem a ponto de dizer: prefiro adorar minhas paixões, as coisas temporais, a fortuna que se me oferecem, o que todo o mundo adora, digam então: "O Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás". (Mt 4,10) É isso o retiro. E que acontece no fim? Os anjos se aproximam e nos servem; nem temos que pedir pão, dão-nos o que nos apraz. Serão servidos pelos anjos, desde que tenham feito o retiro como o fez Nosso Senhor.

O segundo retiro é o do Jardim das Oliveiras; é um retiro não só de aridez e de tentação, mas de dores profundas, de angústias amargas, de agonia. Há muitos que assim fazem seu retiro? Algumas almas privilegiadas. Eu tinha na Visitação duas grandes santas, a Irmã Maria Luiza, ecônoma e fundadora do mosteiro, e a Irmã Maria Genoveva. Era dessa forma que faziam seu retiro. Logo que entravam em retiro, reinavam sequidões, angústias inexprimíveis, problemas insuperáveis, um verdadeiro e cruel suplício. Será que muitas pessoas passam assim seu retiro? Não, são almas privilegiadas. Segundo o que se via e as palavras e vidas delas revelavam, tinham no coração uma profunda chaga, que as fazia sofrer; era uma provação das mais dolorosas, o 'talentum plumbi', de que fala a Sagrada Escritura. (sic) Sim, era um peso de chumbo, que pesava muito sobre o coração, sobre a alma, que os esmagava, os aniquilava. Essas santas almas nada tinham durante o retiro, consolações ou luzes de Deus, nada da parte de Deus, nada do lado da terra, nada por parte dos Superiores; os exercícios do retiro se transformavam em espinhos, em pregos, sobre os quais tinham que caminhar; eram brasas ardentes. Nós não teremos que fazer muitas vezes retiros desse tipo. Não chegamos ainda a isso. Mas, nesses retiros, quem é que vem? O anjo do céu de novo e faz por estas almas o que fez por Nosso Senhor, reconforta-as, ajuda-as a beber o cálice, ajuda-as a dizer: Meu Deus, não seja feita a minha vontade, mas a vossa. (cf. Mt 26,39)

Esses retiros são raros. Aquele do Salvador foi curto, não durou mais do que três horas. São para um número reduzido de almas e por poucos dias.

Finalmente, há o retiro do Monte Tabor, onde Nosso Senhor se revela, onde nos faz compreender a lei: Moisés, o amor, o futuro que nos reserva; Elias, o profeta. E Nosso Senhor está entre os dois. A presença dele é toda luz, a graça dele inflama e abrasa o coração dos Apóstolos. E o que fazem os Apóstolos? João está no silêncio da contemplação e do amor. Tiago se lembra de tudo o que o Salvador disse, ele vê ali o cumprimento das promessas. Pedro não se pode conter mais e, no entusiasmo de sua fé, não quer esta felicidade só por um instante, mas para sempre. Esse retiro do Tabor não dura muito tempo, durou talvez um quarto de hora, uma meia hora, um só instante. Não se deve esperar ter aqui a visão atual do Salvador durante um tempo mais longo e não se deve esperar ver um número maior de testemunhas. Se, alguma vez durante o retiro, os Senhores tiverem graças assim, dir-lhes-ei: Façam o que Nosso Senhor fez com os Apóstolos ao descer da montanha; falou-lhes de sua paixão e morte. Quando lhes sobrevierem essas grandes consolações, não se entreguem inteiramente a transportes espirituais, em que a alma não sabe mais do que fala. Lembrem-se do que pode acontecer, lembrem-se dos sofrimentos e da vossa morte, que lhes tocará, essa mortificação, essa destruição dolorosa de seu ser, que não lhes será poupada.

Eis, meus caros Amigos, os retiros de Nosso Senhor e eis nossos retiros; eis o que temos de fazer. Mais uma vez, essas palavras são espírito e vida. Nosso Senhor foi ontem, é hoje, será amanhã e sempre: "Jesus Cristo é sempre o mesmo: ontem, hoje e por toda a eternidade. (Heb 13,8) Os retiros, é ele: "Vinde admirar." (S 45,9) Venham admirar, compreendam e façam segundo o que lhes é dito.

Meus caros Amigos, o que acabo de lhes dizer não é um discurso, é a realidade, são as coisas, que acontecem agora. Entreguem-se com Nosso Senhor a seu retiro, que seja do Jordão, seja do Jardim das Oliveiras ou seja da Transfiguração; não abandonem a Nosso Senhor. Recomendo-lhes muito o recolhimento. Fiquei contente do começo do retiro, parecia-me que estávamos bem reunidos e bem perto de Nosso Senhor. 'Parecia-me' não é a palavra acertada; eu estou certo. Eu o sinto, façam o que puderem para não se separar dele. Sejam atentos à graça; digam e repitam: Senhor, quero ficar perto de vós, não vos vejo, talvez não vos escute, não vos sinto; mas sei que estais aqui e isso me basta. Eu me confio e me entrego a vós.

TERCEIRA INSTRUÇÃO

A O R A Ç Ã O

Continuem bem o retiro, assim como o começaram. O retiro, já lhes disse ontem e hoje de manhã o repito, traz consigo sua graça própria. Olhem aos mártires: suportaram maus tratos, sofreram tormentos, a morte e foram por esses tormentos e por essa morte, que completaram seu martírio. O retiro não é um martírio, mas para algumas almas é um período penoso, doloroso; não concordamos que o retiro seja uma obra humana, é obra de Deus, é sobretudo a graça que age nele. O retiro é um tempo em que a gente sofre mais, é um exercício no qual estamos inteira ou quase inteiramente passivos. O que é que são os nossos bons propósitos, nossos pensamentos pessoais? Tudo isso é muito bom, mas isso se esvanece logo, se Deus não está para fixá-lo sobre a rocha, sobre a pedra firme.

Para nós o retiro é como uma espécie de sacramento. É o tempo em que Deus opera em nossas almas. Assim como nos preparamos para os sacramentos da maneira necessária, é preciso preparar-nos para a graça do retiro. Deve-se primeiro eliminar os obstáculos; é necessário, depois, aproximar-se de Deus, pedir a luz dele e segui-la, aceitar a Vontade dele em relação conosco, fazer alguns propósitos e nosso retiro será bom, muito bom. Compreendam bem isto: não é que se deve tirar do retiro toda a atividade, todo ato humano. Mas depois de ter alcançado uma certa idade, vê-se o valor dos propósitos dos homens, vê-se o que sobra depois de algum tempo, até das resoluções mais firmes e se sente a necessidade de apoiar tudo isso numa outra coisa, que não seja só o homem. Façam bem os exercícios do retiro; guardem o silêncio, o silêncio nos movimentos, como nas palavras, nos pensamentos, mantenham-se recolhidos junto a Deus, pequenos e humildes, escutando a palavra dele; não escutem a própria sua, a palavra do homem passa ligeiro e não é capaz de fazer muita coisa.

É o retiro que faz o retiro; em seguida chegaremos a um outro assunto. Ponhamo-lo bem à frente, deve ser o fundamento interior da nossa fé e da nossa vontade. O retiro, assim entendido, faz que sejamos fiéis aos nossos exercícios, fiéis em guardar o espírito de recolhimento e o silêncio interior; e esse recolhimento nos faz andar na presença de Deus, faz que conservemos Deus em nós e conosco. Desejo muito que assumam essa maneira de fazer, que é o método de São Francisco de Sales e a base de toda a santificação.

Diremos, hoje de manhã, uma palavra sobre a oração e sobre a maneira como devemos fazê-la durante o retiro e durante todo o resto do ano. Definimos a oração como um diálogo da alma com Deus, uma conversação íntima com Deus sobre nossas necessidades, nossos assuntos pessoais e sobre os assuntos dos outros, de quem estamos encarregados.

A oração não é um ato que tenha necessidade de intermediários, nem de livros, nem de considerações. Não estou falando aqui sobre a meditação, estou falando sobre a reza, que nos deve unir a Deus e que deve ser a característica especial dos Oblatos de São Francisco de Sales.

O que é a oração? Defini-la-emos ainda melhor, dizendo como se deve fazê-la. Todas as nossas ações chegam a Deus, nos levam ao céu; tudo o que fizermos durante o dia é elemento necessário, essencial de nossa santificação, da nossa salvação. Não é o que pensamos ou o que dissermos, o que ganhe o céu; é o que fizemos. Os exercícios da vida diária, as ocupações obrigatórias, nosso trabalho, que preenchem nosso tempo, aí está nossa vida, aí nossas verdadeiras ações, e é isso que nos faz merecer o céu. Façamos, pois, nossa oração sobre tudo isso, pois tudo isso é o que precisamos, é nossa vida, é nossa eternidade.

Mas, Padre, isso são distrações! - De forma alguma. Será que o comerciante está distraído e perde tempo, quando calcula seus lucros e prejuízos e quando faz as contas sobre a margem de lucro de cada artigo, quando negocia esta ou aquela transação? Isto é para ele perder tempo? Não perdemos tempo, fazendo nossa oração dessa maneira. Ocupemo-nos de nossos deveres espirituais, de nosso Diretório. Qual a parte do Diretório que nos custa mais, qual em que encontramos mais dificuldades? Façamo-la objeto de nossa oração, tratemos disso com Deus, planejemos nossos esforços, peçamos que sejamos vitoriosos no combate. Depois, pomo-nos a executar fielmente a parte do Diretório, sobre a qual falamos com Deus na oração. Será que nossa reza não terá alguma influência sobre nosso dia?

Temos a santa missa para rezar, a santa comunhão para receber. Por que não, no tempo da oração, preparar nossas almas para essas duas importantes atividades? Expressemos a Deus nossas intenções e, subindo ao altar, lembraremos nossa oração e seremos encorajados e ajudados.

Temos uma classe difícil com alunos indisciplinados, preguiçosos. Por que não falaríamos sobre isso a Deus durante a oração? É esquisito, dirão os Senhores. Não, é a verdadeira oração, na qual clamamos a Deus, que os socorra, é a oração que os leva a Deus no trabalho. De maneira que trabalharão com ele, não farão nada sem ele. A vida dos Senhores torna-se realmente uma vida espiritual, uma vida evangélica. Isso não é especulação, é nossa salvação e a dos outros. Temos idéias errôneas a respeito da oração,

desfiguradas por nossa educação: É uma desgraça. Não se tem feito sempre assim; o método atual só veio depois. Mas, Padre, a prática da oração, feita de outra forma, é extremamente respeitável. - Sim, que os doutores na Sorbonne, que os professores da teologia façam esse tipo de oração; que os homens sábios rezem assim: essas considerações são a ocupação deles, que rezem acerca de seu labor. Mas nós andamos, arrastando-nos, e nossa oração é simples como nossa vida; não precisamos dessas considerações, dessas "sobreeminências", como as chamava São Francisco de Sales; nós preparamos em nossa oração a nossa vida; isso é nossas coisinhas, nossos trabalhinhos, nossas aulas, nossas reflexões, os afetos de nosso coração, os atos de nossa vontade.

Faremos nossa oração sobre nossos defeitos, nossas misérias, nossas quedas, nossas dificuldades, sobre as tentações e as solicitações da jornada. Ao sair para o combate, o soldado se mune de cartuchos; e os Senhores enfrentam essa tentação costumeira sua, esta sociedade perigosa, sem estar munidos da graça? Quando se tem que tratar de um assunto importante, sério, a gente não se prepara? Ora, é com a moeda de seus trabalhos diários, que os Senhores pagam o paraíso. Portanto, vale a pena que reflitam nisso e tratem disso diante de Deus.

Se passassem uma meia hora ou uma hora, fazendo lindas considerações, não digo que seria tempo perdido, teriam adquirido méritos, mas o resultado se restringiria ao próprio ato de considerar; o ato meritório não estenderia sua influência, sua eficácia às ações seguintes do dia, como acontece no caso da oração que devemos fazer. Nos colégios de outrora, a capela e a sala de aula eram bem distintas, o altar e a cadeira não tinham comunicação alguma; eram duas coisas bem distintas, que não se tocavam nunca e que, ao contrário, quando a gente as aproximava, tendiam a repelir-se como dois polos similares. É imprescindível que o Salvador nos seja tudo e que discernamos a palavra dele em todas as coisas. Não é só que é nosso legislador e que conhecemos o código dele; há mais ainda: "Vos autem dixi amicos". (Jo 15,15) (Mas chamei-vos amigos.) Ele quer trabalhar conosco como amigo, quer mais do que isso, ele é nossa vida, é a seiva, que circula em todos os ramos da Videira; quer vivificar nosso coração, nossa alma, até nossos membros.

É essa a doutrina do Evangelho, a do nosso Santo Fundador. Significa isso, que rechaço absolutamente toda a meditação, toda a contemplação? Num dia de festa, os Senhores se sentem atraídos a meditar sobre o mistério; façam-no. Num outro dia, Deus os induz a ficar perto dele, reavivando-lhes a lembrança das graças que lhes concedeu; meditem nisso. No dia da Páscoa, não farão sua oração, visando a aula, nem tampouco no dia de Pentecostes. Para a festa de seu santo padroeiro, de um santo, que lhe toca de mais per-

to o coração, ocasionalmente, façam de outro modo a oração, quando a isso se sentirem atraídos, mas voltem sempre para a outra modalidade. Não creiam que essa oração seja monótona; é dessa forma, que terão as luzes e, muitas vezes, as graças que tocam e ganham os corações. Temos que ser muito versados no Evangelho; as palavras de Nosso Senhor devem animar nossa vida; o sobre, o ser dele deve estar dentro de nós. Não queremos alcançá-lo só com nossa inteligência, mas com nosso coração, com todo o nosso ser. Leiam o Evangelho, leiam São Francisco de Sales, São Bernardo, todos os Padres da Igreja, não é que está lá a verdadeira vida cristã e religiosa? Nossa oração será, pois, a preparação para essa vida cristã e religiosa, será a conversação afetuosa da alma, que pede a Deus, que a vivifique.

Peço-lhes perdão pela maneira de dizer-lhes tudo isso e pela pouca preparação, que dediquei às minhas palavras. De resto, não tenho nada de extraordinário a dizer, nada de novo, quero somente insistir neste princípio de fazer nossa oração acerca do nosso dia, de preparar e ordenar nossas palavras e nossos atos com Nosso Senhor, para que ele abençoe e dirija tudo.

Toca-lhes ouvir confissões, vão ao confessionário, está muito bem, desempenham da forma melhor possível esse santo ministério. Mas se, de manhã, prepararam a alma para essa atividade, se pediram a luz, se rezaram pelas almas, que viriam aos Senhores, acreditam que no confessionário Deus não lhes concederá acertar, vencendo ao pecado e devolvendo a alma a Deus? Dão aula e têm toda a sorte de dificuldades; digam-no a Nosso Senhor em sua oração; confiem-lhe seus alunos; crêem os Senhores que, tendo feito isso, em vez de limitar-se a recitar piedosamente o "Vem, Espírito Santo", crêem que o Verbo de Deus não estará com os Senhores, dando-lhes luz e força e que isso não lhes será mais proveitoso do que a meditação sobre qualquer outro assunto? Faremos, pois, nossa oração sobre as coisas, que nos devem ocupar, principalmente ao longo do dia; nossa oração será a preparação da nossa jornada toda e será tanto melhor, quanto mais colocar tudo nas mãos do Salvador.

Quantos há mesmo no mundo, que seriamente fazem sua meditação com um livro? Eu conheci almas de boa vontade, que o faziam, bons seminaristas, bons padres; fazem sua meditação como recitam seu ofício, como cumprem todas as obrigações de seu estado. Fora desses, quantos homens no mundo meditam? E quantos, no entanto, poderiam fazer sua oração! Isso me lembra o que dizia meu antigo professor de teologia, o padre Chevalier. Este conhecia a um carreteiro honesto, - na época não havia estrada de ferro ainda - que de Paris a Lyon rezava sobre as palavras do Pai Nosso: Dai-nos hoje nosso pão de cada dia. Esse homem, lidando com seus cavalos, ocupava seu pensamento, seu coração e seus pensamentos com a precisão de sua alma; não deixava suas ocupações, sua vida, permanecia em volta de seus cavalos e a isso ele trazia a Deus.

Pode-se fazer a oração com o pensamento de agradar a Deus e de ordenar todas as coisas da jornada e da vida, de maneira que agradem a Deus. É o que fazia esse homem de bem e fazia uma boa oração, sobre seus cavalos e suas carretas, tendo no fundo do coração o pensamento, o desejo de cumprir a Vontade de Deus.

A oração, feita assim, é verdadeiramente o meio mais puro e mais eficaz de conservar a vocação, receber a graça e aumentá-la em nós, de reviver em nós a vida do Salvador.

Se há algumas observações a fazer a respeito desse método, isto é tudo o que se pode dizer: favorece as distrações, corre-se o risco de não chegar a Deus e ficar nas coisas terrenas. É verdade. Mas quando a gente se dá conta dessas distrações, pede-se perdão e já se reconduz tudo a ele e Deus não se zangará mais com as distrações que tiverem assim do que com as que teríamos certamente, fazendo nossa oração de outra maneira.

Sinto que hoje de manhã não me saem as coisas como gostaria de dizê-las: não me pude preparar. Que Deus ponha nos seus corações o desejo de fazerem bem a oração, de prepararem seus dias acertadamente para andar, de momento em momento, apoiados em Nosso Senhor.

Façam isso, para que possam ser os verdadeiros filhos de São Francisco de Sales e, como ele, empreguem todos os meios para chegar a Deus. "Não fiz nada em minha vida, dizia ele em seus últimos tempos, e fiz demais também. Se eu tivesse que voltar a este mundo, limitar-me-ia a satisfazer a cada instante o agrado de Deus, a aceitar tudo o que me enviasse e eu teria bastante que fazer. Esse é o verdadeiro caminho." E é nesse caminho, meus caros Amigos, que os Senhores se encontram. A oração, feita como dissemos, é a aplicação mais completa dessa doutrina. Que Jesus no sacramento de seu amor, não nos deixando um instante, nem de dia nem de noite, abençoe nossos propósitos. Que é que ele faz nesse sacramento? Está em perfeita união com a Vontade de Deus, quem o quer nesse estado; está em união conosco também; é para nós que está lá; para nós, a quem abençoa e ajuda. Olhem a fidelidade dele e sejam-lhe fiéis. Em todas as suas ações, preces, trabalhos, provas, tentações, fiquem perto dele. Se, de manhã, tiverem preparado seu dia durante a oração, se o tiverem oferecido a ele, se o tiverem ordenado totalmente para agradá-lo a ele em cada momento do dia, encontrá-lo-ão perto de si.

O Jesus, não nos deixeis sem vós, ficai perto de nós. "Mane nobiscum, Domine, quoniam advesperascit et inclinata est jam dies." (Lc 24,29) (Ficai conosco, já é tarde e já declina o dia.) O dia se vai, não distinguimos mais, não vos conhecemos mais, não sabemos mais onde caminhar na escuridão. Senhor, não vos queremos deixar, sabemos quais perigos nos ameaçam, queremos assumir-vos de manhã e conservar-vos à noite e para sempre, eternamente.

Q U A R T A I N S T R U Ç Ã O

O E X A M E D A C O N S C I Ê N C I A

Recomendo-lhes suportar generosamente o retiro. Não vejo, graças a Deus, infrações do silêncio, do regulamento do retiro. Por isso bendigo a Deus. Isso faz pensar que o retiro será bom, muito bom. Não nos afrouxemos e sustentemos, repito, com energia o fardo do dever; é nosso único e exclusivo meio de santificação; não temos outro. Esta noite, meus Amigos, lhes direi algumas palavras sobre o exame da consciência.

Nosso Santo Fundador diz que o primeiro dia de retiro e uma parte do segundo devem ser empregados para aproximar-se de Deus, para ver o que ele significa para nós, para entregar-nos à intimidade com ele. É o que fizemos nas nossas primeiras instruções. Ele diz que se deve seguir com a purificação da alma, eliminando o pecado, empreendendo o exame de nossas faltas, e dando-nos conta de nosso interior. Somos demasiadamente rotineiros em questões de nossa consciência, rotineiros por demais em nossas confissões. Confessamo-nos, como fizemos para nossa primeira comunhão. Como fazíamos no colégio, em geral. Assim são nossas confissões. A gente se examina quanto aos mandamentos de Deus e da Igreja, quanto aos pecados capitais: nos deveres do estado não pensamos muito. Nossas confissões versam sempre sobre aquilo, sempre no mesmo giro. Será que é suficiente para nós? Não. Será que essas confissões são suficientes para alcançarmos a perfeição de nosso estado? De maneira alguma. Ao tornarmo-nos religiosos ou padres, nossos deveres se avolumaram. Não somente cresceram, mas nossas obrigações se multiplicaram; e as obrigações que tocam aos religiosos, aos padres, são grandes e graves, de forma distinta das, às quais estavam sujeitos anteriormente.

O exame que temos que fazer de nós mesmos, de nossa alma, de nossa consciência, deve ter por objeto os deveres de nossa vida religiosa e sacerdotal. Evidente, que não encontraremos muitas falhas contra os mandamentos de Deus e da Igreja; quase todas nossas faltas são contra as obrigações, que nosso estado de vida nos impõe e essas obrigações são, do ponto de vista da fé e da consciência, tão rigorosas, quanto os mandamentos de Deus; os fatos, os resultados o demostram. As mesmas têm sua repercussão, ainda que, muitas vezes, de forma bem distinta.

São João diz (1 Jo 1,8.9): "Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos

pecados"... nossa palavra corresponde à justiça de Deus. Quando afirmamos que temos pecado, enunciamos sobre nós mesmos juízo, que o próprio Deus emite; que esse juízo, que formamos sobre nós mesmos, para estar conforme com o de Deus, seja, pois, generoso, franco, sincero.

Geralmente, nos tratamos a nós mesmos de uma maneira bem delicada, assustamo-nos e nos inquietamos do menor mal que em nós descobrimos; rodeamo-nos de uma atmosfera de benevolência sem par. Não somos verdadeiros, sinceros.

"Todo homem é mentiroso." (S 115,11) Enganamo-nos a nós mesmos. Sem dúvida, se houvesse alguma falta grande, bem evidente, não haveria meio de nos iludir, mas em quantas faltas, omissões, misérias caímos, cientes, voluntariamente, sem querer indagar muito a motivação que nos faz agir, ou descobrir qual é o estado de consciência depois desses diversos atos, pensamentos, inclinações, em favor dos quais mentimos à nossa consciência. Ainda que procuremos enganar nossa consciência, não enganaremos a Deus. Importa, pois, que nosso juízo acompanhe o de Deus; deve-se julgar à luz divina, com consciência afinadíssima. Quantas faltas, omissões nas nossas obrigações, em nossos deveres de cada dia, em nossos encargos, na caridade; falhas no trato, no decoro em palavras, que cheiram à ambigüidade e mentira. Quantas dessas faltas, que seguramente não se podem definir bem, mas que estão dentro de nosso coração, dentro de nosso ser. Que acontece? Deixam que todas as coisas se acumulam, avolumando-se na alma; é como o pó, que aparece na caixa do relógio. O relógio é bom, os ponteiros, as engrenagens; as molas estão bem acondicionadas; no entanto o relógio pára: a poeira causou um transtorno igual, ao que teria causado a falta de uma engrenagem essencial.

Não estou falando sobre os que procurariam enganar a outros, iludir a seu Mestre de noviços ou confessor; seria odioso. Procuramos enganar-nos a nós mesmos; colocamo-nos num estado de inocência, de candura, de boa fé, nem sempre por Deus confirmado. Saíamos do princípio de que estamos inclinados a nos justificar, a nos tratar melhor que aos outros, a achar bons os nossos pensamentos, nossos atos e intenções. É absolutamente necessário, durante o retiro retomar isso, passar tudo no crivo, separando o bom grão do inferior.

Comecemos hoje mesmo nosso exame e vejamos, à luz de Deus, cada uma de nossas misérias, tendências, paixões, faltas e nosso defeito principal; eis um assunto extenso a examinar; de aí vem a maior parte de nossas faltas, de nossas omissões, de nossa incoerência. É verdade: somos incoerentes conosco mesmos, enganamo-nos, seduzimos a nossa alma. Querem estar em contato com a verdade? Julgem-se bem. No dia, em que se julgarem na verdade, serão perdoados. Se não se julguem bem, sua dobrez se somará a todas suas outras faltas. Deus não nos julga severamente, mas com exatidão; com ele, tudo é pesado com

o peso de padrão sagrado; ele não se engana; considera leve, o que é leve, e pesado, o que pesa demais. Tomem, com coragem, seu tempo para examinar a consciência, como o próprio Deus a perscruta. Examinem-se quanto aos seus deveres religiosos, quanto a seus relacionamentos com os alunos, com o mundo, em relação a suas diferentes atividades, sobre suas confissões: "Visitabo Jerusalem in lucernis" (Sf 1,12) (Esquadrinharei Jerusalém com lanternas.), diz o Senhor pela boca do profeta; isso é: acenderei a tocha da fé na lama deles, para que vejam até seu íntimo, até as últimas profundidades do abismo de seu coração. Aproveitem-se bem essa luz. Quem de nós desce até lá? É absolutamente necessário, para fazer um bom retiro, retomar a partir dos alicerces; o reboco não vale nada. Se desejam consertar um muro velho, primeiro é necessário derubá-lo; para curar uma doença, não adiantam calmantes ou paliativos; importa extirpar o mal e arrancá-lo de raiz.

Isso é o primeiro exame que se deve fazer; não o único. Não conheço uma alma bem religiosa sequer, que não faça, durante o retiro, o exame das graças, com que Deus a cumulou. Não lhes deve parecer estranho esse exame. Quando dois amigos se querem muito, o mínimo indício de desestima é um golpe, que fere cruelmente o coração. Nosso coração está feito como o de Deus. Ele nos concedeu muitas graças desde que estamos no mundo. Delas nos tem cumulado mais do que a quem quer que seja. Leiam São Tomás e verão o que diz da vocação religiosa. Sim, meus Amigos, saibam que, com toda a sua onipotência, Deus não lhes pode conceder uma graça maior que a que lhes deu, ao fazê-los religiosos. E tudo o que acontece com os Senhores por meio do canal da vida religiosa, na oração, na santa missa, no santo ofício, essas mil proteções, que rodeiam a vida material e espiritual dos Senhores, enumerem, se puderem, todas as graças que Deus lhes tem dado cada dia. Quantas infidelidades a essas graças, quantas falhas, quantos pecados e omissões! Mas, Padre, isso vai muito longe; para onde quer levar-nos? Para a verdade. Peçam a graça de compreender isso. Por que somos tão infiéis, tão "imbecis", como diz o Apóstolo (Hb 5,11)? Será que nos falta a graça? Qual a razão por que não temos a força de alcançar o objetivo? Não é devido aos pecados, aos grandes pecados que cometemos. Talvez agradasse a Deus que os cometêssemos! A vergonha depois dessa grande falta nos tiraria deste estado.

Todos os dias, os Senhores têm nas mãos o que lhes falta para salvar a alma e para salvar uma quantidade de outras. Não só recebemos os dons de Deus, mas ao próprio Deus; ele nos pertence; manuseamo-lo, como nos agrada. Venham agora queixar-se que sua alma está árida e fria. Se tratassem seu melhor amigo como tratam a Deus, não ficariam muito tempo juntos. Esta parte de exame merece o máximo de consideração. Devem ir ao fundo do coração e ver

bem como respondem ao amor de Deus e como lhe dão testemunho de seu amor. Tudo isso faz extensa sua confissão? Não, essa realizar-se-á em poucas palavras; resumam a situação, tal como lhes parece, e basta. Deus, a quem expressam o pesar de seu coração, vê as boas disposições e dá ao confessor a luz, para que veja suficientemente o estado de alma dos Senhores.

Não bastam alguns minutos de reflexão. Deve-se destinar algum tempo; precisam fazer seu exame com afeição, com compunção. Geralmente, não somos para com Deus, como deveríamos ser; tratamos as coisas de Deus, como tratamos as coisas de nosso uso, como os objetos de nosso trabalho; não estimamos e não compreendemos o dom que Deus nos dá. O exame do retiro assenta, pois, em nossas faltas reais, teológicas, nas faltas que cometemos no cumprimento dos nossos deveres de estado. Depois, examinaremos nossas disposições com relação àquilo por que somos devedores, como diz São João (cf. 1Jo 4,11; 1 Jo 3,16), da Caridade divina, da misericórdia infinita de Deus para conosco. Se, ao fazer nosso exame, não reconhecemos esta enorme dívida, São Bernardo nos afirma que estamos num estado, que esgota imediatamente todas as fontes da graça e tem as conseqüências mais funestas. Se nossos corações são, geralmente, superficiais, esquecidos e não se lembram das graças de Deus, durante o retiro, que reparem essas negligências.

Contem, meus Amigos, entre as crianças, que se educaram ou estudaram com os Senhores, quantas permaneceram fiéis; entre aqueles mesmos, que entraram nas fileiras do clero, contem quantos perderam sua vocação original. Se eles foram culpados... Será que, pondo-nos no lugar deles, se Deus não nos tivesse dado senão as graças que eles receberam, não teríamos agido do mesmo modo? E, se eles estivessem em nosso lugar e tivessem recebido as mesmas graças que nós, não teriam aproveitado melhor que nós? Pensem nisso com toda a humildade e com todo o reconhecimento.

Os Senhores admiram as graças que Deus deu a certas almas. A quem é que dá graças de eleição? Às almas fiéis, que sabem apreciar os dons de Deus, às que sabem agradecer-lhe, que sabem compreender a distância entre o amor dele e o nosso agradecimento. Não duvidemos que, se estivéssemos atentos a tudo isso, receberíamos não somente graças particulares, circunstanciais, mas graças permanentes, a graça da união com Deus, a qual origina os santos. A que os santos deviam sua fidelidade? Humilharam-se por suas faltas e trataram de provar a Deus seu reconhecimento, correspondendo às graças dele. Olhem, como a Boa Madre era fiel em agradecer a Deus por todas as coisas, mesmo nas provações. Um dia vêm dizer-lhe que a última das noviças, formadas por ela, acabara de morrer. Isso foi nos primeiros anos de sua estadia em Troyes. Ela tinha, então, trabalhado em vão; nenhuma das que ela tinha formado com tanto sacrifício, tinha sobrevivido. Ela cai imediatamente de joelhos: Meu Deus,

eu vos agradeço; hoje me é permitido dizer que fizestes bem tudo que tendes feito; sim, Senhor, tendes razão.

Que nossos Santos Anjos de Guarda, que nossos Santos Padroeiros nos façam compreender bem essas coisas. Se as compreendermos, seremos verdadeiros filhos de Deus, seremos os amigos de seu Coração. Vale para nós esta palavra: Eu vos tenho querido como meus amigos, "mas chamei-vos amigos" (Jo 15,15), e lhes tenho dito o que disse há pouco; tudo o que aprendi de meu Pai, tudo o que sei do amor dele por vós, vou dizer-lhes; e não somente o direi, mas o farei convosco e com ele, a fim de que sejamos consumados num só (cf. Jo 17, 23) e que esta união, que é o objetivo da redenção, seja realidade para sempre.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

Q U I N T A I N S T R U Ç Ã O

A C A S T I D A D E

Preparemo-nos para nossas confissões, realizando o exame sobre o qual falamos ontem. Considero isso de importância fundamental. Devem escutar e acolher tudo o que lhes digo. Isso deve ser a base de sua vida; o que lhes digo é o que se deve fazer e que se deve mandar fazer por aqueles, dos quais são encarregados. Essa é nossa essência, nosso carácter próprio. Fora disso, assim como diz nosso Santo Fundador, não aceitamos nada; tudo o que poderia ser bom e proveitoso para os outros, não seria vantagem para os Senhores, ao contrário; deixemos tudo isso aos outros. Se é o patrimônio deles, que eles cuidem disso; os Senhores cultivem o próprio seu. Não tomem o que é do vizinho, nem as devoções, nem o método dele. Quando a caridade assim o exigir, no entanto, sirvam-se de tudo isso em favor dos outros; quando pregam um retiro, quando falam a uma associação, a uma comunidade, identifiquem-se completamente, prediquem-lhes o Sagrado Coração, a Nossa Senhora, da maneira como pedirem. Próprio de nosso espírito é identificarmo-nos com os quais estamos em contato; escutemos o sopro do Espírito Divino, que passa sobre eles e nelles, ajudemo-lo, auxiliemos as almas, enquanto nós mesmos ficamos o que somos, neutros para todos os outros assuntos. Nós temos nosso patrimônio, nosso tesouro, conservemo-lo, vale-nos muito.

Enfim, o padre Deshairs acaba de voltar de Roma, não é? Ele nos relata manifestações bastante extraordinárias da estima que se tem por nós. Ele topou estes depoimentos em toda parte, em todas as Congregações, de parte de todas as pessoas que encontrou. Na Congregação, da qual dependemos, da Propaganda Fidei, os Secretários lhe disseram: Vá visitar ao Cardeal Simeoni, fale-lhe sobre a Madre Maria de Sales; ele tem, pois, muita devoção por ela; afirma ele que a doutrina dela é a expressão mais verídica da doutrina da Igreja. E todos são iguais. Encontrei Dom de Ségur na casa de um Cardeal. Padre Brisson, disse ele, vindes com a Boa Madre Maria de Sales. Ela será vosso amparo, sereis vitorioso em toda parte, todas as portas abrir-se-ão. Não é invenção, é a pura realidade. O Consultor do Index, que examinou a Vida, me disse: Aí não encontro nada para criticar, absolutamente nada para suprimir, nem da doutrina, nem na narração. Numa outra edição, continuou, já que estais fazendo esse livro para fins de canonização, deveis estender-vos mais sobre as virtudes de fé, esperança, de caridade, como se

costuma fazer. Eu não sou Promotor, ainda me disse o Cardeal, Prefeito do Index, sou Advogado do diabo. Eminência, eu lhe disse, na carta que me escrevestes não vi o Advogado do diabo, mas antes o devoto da Boa Madre Maria de Sales. Sim, claro que sim, me respondeu. Atenção por isso mesmo a uma coisa. Cabe a nós penetrar-nos de tudo isso, estribar-nos nisso, é nosso dever, é nossa missão.

Esta manhã, lhes falarei um pouco sobre o voto de castidade. O voto de castidade é o complemento da virtude, é a virtude posta em prática. Vejamos como é que se deve praticá-lo entre os Oblatos de São Francisco de Sales.

O voto de castidade que fazemos é uma imensa garantia para nós. É bom que nos sintamos não só comprometidos como cristãos, como padres, mas também como religiosos, para que, guardando-nos com horror do vício oposto, pratiquemos com mais perfeição a santa virtude de castidade. Sabem a custo de que sensibilidade de consciência e de que vigilância puderam guardar essa virtude no coração. Hoje em dia é preciso fortalecer a alma mais do que nunca, pois o mal aumenta cada vez mais. A liberdade no agir e no pensar não conhecem mais freio, as ponderações que a alma faz sobre todas as coisas e as quais sabe justificar muito bem, perigam afundar a virtude mais firme. Um abismo ameaça embaixo de nossos pés, a gente submerge não apenas no mundo hoje completamente corrupto, não só nas famílias cristãs, que sobre essa virtude têm idéias bem vagas e imprecisas e que desmereceram bastante as verdades cristãs, mas até no meio de clero. Teologicamente falando, a gente tem ainda a mesma fé, as mesmas convicções; mas a prática, lenta e seguramente, se foi; de uma coisa, da qual a gente se justifica, se passa a outra e assim acontecem, às vezes, fatos espantosos, que parecem muito normais àqueles que os praticaram. Esses fatos são geralmente considerados como acidentes inevitáveis, mas são unicamente o fruto de ilusões prolongadas. Enfim, meus Amigos, o senso da moralidade pública ficou extremamente minguido, no que diz respeito a essa virtude.

Como manter-nos no meio de tudo isso e que perigos, nos quais nossa virtude pode ir a pique! A leitura nos jornais, os livros que a Universidade nos impõe, sei lá o que; e por cima de tudo o comércio com o mundo, perigo imenso, pois as famílias, hoje em dia, não são mais verdadeiramente cristãs e ninguém está resguardado da onda, que penetra por toda a parte.

Em face dessa decadência generalizada, desse esquecimento no qual não se acreditaria, se não fosse visto, robustecem os Senhores seus princípios. O que está mal, mal está e nunca se pode tornar bem ou coisa boa. Ao que a lei de Deus proíbe, aos sexto e nono mandamentos, ao que a teologia ensina, ao que os Doutores professam, devemos submeter-nos inteira e absolutamente

para o bem nosso e o dos outros.

Como devemos prevenir-nos do pecado! Importa que todos não só os padres, saibam estas verdades, que esse pecado, sob todas as suas formas, é extremamente grave. Um pecado que não conhece falta leve, conforme a teologia, um pecado do qual as Escrituras disseram que se devia fugir dele, "quasi a facie colubri, fuge" (Eclo 21,2), como se foge de uma serpente; um pecado que todos os Santos Padres, todos os Santos Doutores caracterizaram, censuraram, ao qual deram os limites mais amplos. Isto é que nos dizem que, já com o menor envolvimento, se apresenta o sopro do mal, com a menor participação no mal, as quedas mais horrendas se dão: assim é este pecado. Chamo toda sua atenção a isso. A gente se faz ilusões, supõe-se intenções inocentes, procura-se diminuir a gravidade, interpreta-se atos, e já não é mais segunda a verdade. Não me refiro a suas convicções gerais, teológicas. Desconfiem, desconfiem imensamente. Toda vez que tenham alguma coisa a reprochar-se, deixem-se julgar por Nosso Senhor. Procurem nele só o ditame interior de sua consciência; e não procurem por fora uma superação, que desvirtuaria sua reta consciência com uma coisa falsa, desviada e má. Aderimos aos dogmas da Santa Igreja católica, apostólica e romana; tomamos a letra do Evangelho; não admitimos do Evangelho outra explicação a não ser a da Santa Igreja sobre essa virtude, como sobre todo o resto; não diminuimos nada e nada interpretamos; é isso e nada mais.

Uma vez o dogma estabelecido, o dever perfeitamente definido e a lei exposta de forma absoluta, o que é que temos que fazer para a prática da castidade cristã, eclesiástica e religiosa? Que aqueles, que estão expostos, façam bem, de manhã, a preparação de seu dia; que se cuidem, que tomem suas precauções, que prevejam as ocasiões perigosas; que vejam como as poderão evitar, se lhes for possível; se as mesmas são inevitáveis, que se fortaleçam pela oração, pela mortificação, por todos os meios preventivos contra o pecado. Se os Senhores se apresentam sem estar preparados, encontrarão o demônio, que esse sim está bem preparado e pronto há muito tempo, e cairão. Prevejam, pois, as diversas circunstâncias de seu ministério, quais as pessoas que serão elementos de tentações; rezem, sejam cautos, robustecem-se junto ao Nosso Senhor. Não fiquem impressionados pela tentação vindoura, como uma pessoa debilitada em sua vontade, em suas determinações, nas suas resoluções; continuem, sendo os Senhores mesmos. Quando a gente não é forte e se encontra frente ao inimigo, se retira no baluarte, a gente se abriga atrás dos muros: elevem um muro entre si e o pecado pela oração, e isso desde a manhã. Sejam castos nos pensamentos, nas conversações, como nos seus juízos. Não se permitam esta ou aquela leitura, quando frívola ou tal conversa, porque lhes trará distrações. Julguem-se severamente nesse particular. Antigamente, se re-

comendava facilmente aos padres, aos religiosos, aos cristãos de não se atormentar pela preocupação quanto a este pecado e às tentações frequentes, que se apresentam. Os bons padres antigos ensinavam isso no catecismo. Agora não proibamos a ninguém de ser um pouco escrupuloso nesse ponto; é uma coisa boa, eu acho.

Preparem-se, pois, para a tentação no sentido que acabo de indicar. Quando a tentação vier, recorram à oração, ponham com cuidado seus pensamentos nas mãos de Deus; no meio deste perigo ou daquela situação dada, rezem e terão a graça; cuidem que seu coração não se deixe levar pelas insinuações desregradas do mal. Lutem assim. E, sobretudo, sejam bem fiéis a sua Regra, particularmente no que diz respeito às relações com o mundo. Eu desejaria que todas as cartas sejam vistas pelos Superiores de cada casa, que cada um se disponha a isso de bom grado. São padres, muito bem; mas os religiosos devem submeter toda sua correspondência ao Superior, que usará de toda a discricção necessária.

E uma carta de direção espiritual, pode o Superior lê-la? Sim, dou-lhe essa permissão também e até lhe recomendo fazê-lo. Se os penitentes assim como as penitentes, que se dirigem aos Senhores, sabem que assim se faz, não há muito mal nisso. Se for uma confissão, que se lhes manda, evidente que não se deve lê-la. Devemos, acima de tudo, evitar as ocasiões do pecado, precaver-nos das tentações e das manhas de Satanás. Desconfiemos muito; certamente, quando um religioso cai, em geral não é culpa dele, é em consequência das más sugestões, das seduções irresistíveis. Pode ter cometido imprudências; mas a queda tem, na maioria das vezes, uma causa alheia à sua vontade, pela qual ficou surpreendida.

Imaginemos um religioso, sujeito a violentas tentações, perseguido por imaginações sensuais; o que é que deve ser feito então? Deve manter-se vigilante, considerar a tentação como uma prova que Deus lhe manda, sofrê-la tranquilamente, com calma, sem se assustar. Se passam perto de um ninho de vespas e pisam nele, elas se atiram contra os Senhores; se passam tranquilos, não os atacam. Façam assim, fiquem calmos de espírito, pensem numa coisa boa, que lhes será benéfica, ou em qualquer coisa desde que os desvie do pecado. Se a tentação se torna mais forte, fiquem tranquilos; se lhes parece ter consentido, não importa. Não podem julgar sobre isso no momento; o demônio os faz acreditar que todo o mal possível está feito, para desencorajá-los; a alma crê nessa mentira, abandona a luta, quando a estava vencendo, e daí tudo está perdido, enquanto nada estava perdido.

Sejam prudentes, calmos; se puderem rezar, rezem; se não puderem, pronunciem, pelo menos, algumas palavras de amor, de confiança em Nosso Senhor, em Nossa Senhora, no Anjo de Guarda; sobretudo algumas das palavras

que a Igreja nos coloca nos lábios. Mas, sobretudo, não se voltem à tentação; não façam como a mulher de Lot, que se voltou para ver se tudo estava queimado.

Quando a tentação estiver passada, que tudo o que aconteceu, nos sirva de lição. A tentação veio desta ou daquela causa. Se podemos fazer desaparecer essas causas, deve-se fazê-lo; se não se pode, devemos ater-nos estreitamente a tudo que nos poderá servir de armas nessa luta.

Nossa Regra vai mais longe. Conservar a castidade não é somente algo negativo. O voto de castidade, segundo São Francisco de Sales, é sobretudo um voto de união com Deus. O religioso não casa; casa com Deus, nos diz São Francisco de Sales; renuncia às afeições terrestres para se dedicar às celestes. Para cumprir com o voto de castidade, o lado negativo não é suficiente; o religioso deve procurar a Deus e ligar-se a Ele intimamente; o vício contrário seria vincular-se com alguém, pensar sobre esse alguém com uma certa intimidade; isso seria um sentimento culpável, já que o voto de castidade dá todo nosso coração a Deus, inclusive o mais íntimo desse coração. Leiam aos autores mais severos, leiam Bossuet, em todos os seus discursos, até os públicos, mas especialmente em seus colóquios com os religiosos, as religiosas, como ele fala continuamente do Esposo. Aí está o voto de castidade, que por um lado proíbe e por outro ordena. Este último é o aspecto belo do voto; se um preserva, sendo penoso e difícil, o outro é suave e fácil para o coração que ama. Será que é bom apenas para as mulheres, esse amor íntimo para com o Salvador? Será que não condiz com o carácter do homem? O bom religioso, o bom padre ama a Nosso Senhor, se une a Ele, assim como João, o bem-amado, como Pedro, como todos os Apóstolos. Será que eles queriam bem Nosso Senhor, a companhia e as conversações dele? Deram-lhe, pois, sua vida e seu sangue, no meio dos sofrimentos; eis até onde chegou o amor deles. Entendam bem, a experiência diz que o bom religioso, o bom padre deve e pode amar entranhadamente a Nosso Senhor, não apenas afetivamente, mas também efetivamente, constantemente e em todos os momentos.

Como se alimenta esse amor íntimo para com Nosso Senhor, quais suas práticas? Nosso Diretório é o grande meio para comprovar nosso amor. Olhem Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, o que é que o leva a ficar assim? O amor; não temam, pois, manifestar-lhe a cada instante, pelo Diretório, esse sentimento de seu amor, que responde ao dEle. Dêem a Nosso Senhor; não tenham medo da dificuldade e do sacrifício. O sacrifício é que dá a conhecer o amor. Olhem o Senhor Harmel, bem posso citar esse nome. Dia e noite, o Senhor Harmel leva uma vida cenobítica, uma vida de cartuxo; dorme no chão, jejua. Para que serve tudo isso? Para provar seu amor a Nosso Senhor, esse amor, que é a vida dele e que se apoderou de todo seu ser. Olhem o Senhor Chapelle; queria bem a Nosso Senhor, mantinha-se perto dEle; isso era a vida

dele. Às vezes, dizia a seus subordinados da estação ferroviária: não entendem nada disso, não querem a Deus. Se o quisessem um pouco, não se imaginam a felicidade e a alegria que experimentariam. Bem pode ser, respondia essa gente.

Podemos, meus Amigos, e devemos cumprir com as obrigações de nosso voto de castidade, amando a Nosso Senhor, amando-o com um amor constante, firme, generoso, que mete para a frente.

Nosso Santo Padre, o Papa Pio IX, nos dava a bênção *primitivorum Ecclesiae* (das primícias da Igreja). Voltemos à fonte, amemos Nosso Senhor, como o amavam os Apóstolos. Mas como fazer para amá-lo? Façam atos de amor, na santa comunhão, na santa missa, sobretudo praticando o Diretório e entregando-lhe a miúdo seu coração durante o dia. Amem-no não apenas afetiva, mas também efetivamente, aceitando de bom grado as humilhações, as renúncias, as práticas da obediência que custa. Façam isso por amor; ensinem aos outros a fazer assim. Os Senhores pregam a obediência, a pobreza, o dever; essas instruções serão vãs e vazias, se não houver aí uma graça particular, fora do simples reconhecimento do dever; essa graça é o amor por Nosso Senhor.

Deixo todas essas idéias para as meditem. Peçam a Deus a fé em tudo isso, e a prática devota, o sentimento de seu amor, que ele não pode dar a todo o mundo, mas que nós devemos possuir, pois consta entre nossas obrigações. Devemos esforçar-nos para adquirir esse amor e guardá-lo com fidelidade e constância. É um fato muito claro, que a observância da lei, em geral, se baseia no sacrifício; o sacrifício é sempre a condição essencial da lei. É assim para todas as leis, sobretudo a lei do amor. Uma criança nunca quer muito seus pais, se estes não lhe impuseram sacrifícios. A medida da afeição que os Senhores sentirem para com alguém será medida dos sacrifícios que tiveram que fazer por ele. Querendo amar a Deus, façam muitos sacrifícios por Ele.

Continuemos nosso retiro com zelo e fervorosamente; ofereçamos a Deus nossa fadiga, nosso trabalho e Deus nos responderá com a abundância de seu amor; e se Deus lhes der esse amor, estarão em condições para cumprir seu voto de castidade.

S E X T A I N S T R U Ç Ã O

A P O B R E Z A

Continuem recolhidos, animem-se a suportar as fadigas do retiro. Certamente, o retiro é um tempo de provações. Os exercícios não nos deixam em paz, nos instigam; nosso corpo está mortificado e sofre. Os exercícios se seguem rapidamente e o descanso, a distração não se realizam. Mais uma vez, o retiro é que faz o retiro. Convençam-se bem dessa doutrina. Esta noite, meus Amigos, falarei uma palavra sobre a pobreza. Para fazermos-nos uma idéia acertada e perfeitamente teológica da pobreza, convém lembrarmos do texto de São Paulo: "Mortui estis". (Col 3,5) (Estais mortos.) Eis nossa pobreza, reproduzida tal qual. O religioso pobre está no caixão, não é mais do que uma ossada ressecada, no que diz respeito às coisas terrestres. Não deseja nada e nada possui. Não pode realizar nenhum ato de propriedade, de posse. Somente tem o uso do que a obediência lhe concede. O voto de pobreza foi perfeitamente definido por nosso Santo Padre o Papa Pio IX. Não quero citar-lhes toda a Constituição. Em resumo, o Papa diz que o religioso deve renunciar a toda propriedade, a todo usufruto: todos os atos efetuados contrariamente a isso são nulos diante do direito canônico. No entanto, o religioso pode e deve submeter-se a todos os atos prescritos pela lei civil, que não defende, nem protege a pobreza religiosa. Por exemplo, o religioso deve fazer testamento, ainda que, em consciência, não possui nada. De nome, pode conservar o usufruto, perante a lei civil pode realizar atos de usufrutuário, de proprietário; em consciência, não é nem proprietário, nem usufrutuário; não tem nem a posse, nem o uso, nem a administração; é como um morto. Essa regra é bem clara e explícita. E quais dispensas existem de uma lei tão rigorosa? As que dá o nosso Santo Padre o Papa, e não são muitas. O Superior de cada Congregação confia o cuidado, a administração e o uso dos bens a quem ele julgar por bom, e o religioso age desde então a partir da obediência e não em consequência de sua livre vontade.

Assim é o voto de pobreza: consideramo-nos como mortos em relação com os bens presentes no mundo. Qual é a prática? A prática do voto é necessariamente a prática da virtude de pobreza. E essa virtude será a do Nosso Senhor, a de Nossa Senhora. Neles precisamos buscar nossos modelos, na pobreza de Nazaré.

Vão os Senhores a Loretto; verão a casa de Nazaré, verão o tamanho

dela. Conservou-se uma parte dos utensílios, a lareira, que serviam à Sagrada Família: é tudo simplicidade, é tudo o incômodo do operário muito pobre. São José ganhava o pão para a família com o suor de seu rosto (cf. Gn 3,19); a Nossa Senhora, Nosso Senhor comiam também o pão de seus trabalhos. Isso para nós não são apenas lembranças, são coisas da atualidade: somos da família de Nazaré; toca-nos comer o mesmo pão nas mesmas condições, não há como sair disso.

A pobreza implica a necessidade do trabalho. Está muito enganado, quem pensa que se entra na vida religiosa para estar mais tranqüilo, para trabalhar menos; fiquem em casa, os que pensam assim, para viver de sua fortuna ou para trabalhar alguns anos e descansar depois. Que cada religioso trabalhe. As comunidades trabalham sempre, principalmente as que começam; os primórdios são muito trabalhosos. Mas se, em geral, a comunidade trabalha, pode-se ver nela certos religiosos que têm uma tendência para a frouxidão, para o cômodo; para uma vida mole e descomprometida. É o sentido oposto da pobreza. Os operários trabalham tanto mais, quanto estão carregados de um fardo maior. Nós somos encarregados das almas que temos que educar, das almas que nos foram confiadas. Esse é o fardo da comunidade, do qual cada um deve assumir sua parte. Pensem bem nisso. A primeira condição da prática da pobreza é o amor ao trabalho. Em geral, o mundo não gosta de trabalhar: os empresários não encontram operários; vêem-se obrigados a supri-los, inventando máquinas; o homem não quer se mexer mais; esquece que deve ganhar seu pão com o suor de seu rosto. As terras ficam abandonadas por falta de coragem para o trabalho. Reajamos contra essas tendências em virtude de nosso voto de pobreza. Não gostar do trabalho é uma coisa vergonhosa, assim como dizer a alguém que ele é preguiçoso. É a maior ofensa que se lhe possa fazer. Quanto mais vergonhoso é para os religiosos; por sorte, me é fácil falar assim já que não existem preguiçosos aqui. Para que serve um preguiçoso? É um ser desprezível e detestável que se deve fazer desaparecer da sociedade. Sob o véu da vida religiosa, ele encobre os vícios mais pavorosos, os mais contrários aos interesses da sociedade. Praticaremos, pois, a pobreza, gostando do trabalho, do trabalho difícil, do trabalho manual, do estudo, da predicação, dos trabalhos do Menino Jesus e da Sagrada Família. Associar-nos-emos aos trabalhos deles; comeremos com eles nosso pão com o suor de nosso rosto. É bom esse pão; o pão que não ganhamos é amargo, mofado, e pão mofado é veneno.

O pobre também vive pobremente; seus alimentos são pobres, sua morada é pobre, se veste pobremente. Apreciem a roupa que a Congregação lhes dá; não quero ouvir mais de todos os lados que uns acham sua batina muito

longa, no entanto outros demasiado curta. O religioso, que se queixa da roupa que a Comunidade lhe dá, é um bem triste religioso. É como a história daquele religioso da não sei que Ordem de Espanha. O Prior procurou a Fernando II para se queixar dos procedimentos de um cavaleiro da corte e de dois ou três senhores feudais, que incomodavam bastante aos religiosos, roubando-lhes todos os bens e causando-lhes um desgosto extraordinário. Fernando olhou para o religioso e respondeu: Não estou surpreendido; creio até que esse senhor vos fez mais do que me dissestes, que vos tomou e vos privou de tudo, até do couro para fazer vossos calçados; pois eis uns sapatos tão estreitos, tão descobertos, que comprovam bem em que miséria vos deixou. O Prior compreendeu a lição e se lembrava dela.

Meus Amigos, sendo pobres, aceitarão como roupa o que se lhes der. O pobre recebe a roupa que se lhe dá. Há mulheres pobres, que durante o inverno usam uniformes de soldados, roupa de galões dourados. Os Senhores aceitam tudo. Que sofrimentos têm para suportar, se não se submetem a essas ninharias? No fim do retiro, o Costumeiro sobre a roupa será feito e redigido e tornar-se-á obrigatório. Falei em roupa pobre, mas não desasseada. Devem cuidar de sua roupa, trocá-la quando gasta. Sejam asseados; um religioso sempre deve estar limpo; tem que ter ordem. Façam o que se ensina a fazer às pequenas pensionistas da Visitação; aprendem a privar-se, a sofrer algum incômodo, a ter ordem e cuidado para, mais tarde, serem boas mães de família. Sempre será preciso que alguma coisa de nossa roupa não nos agrade, a nós, não aos outros, porque não queremos fazer-nos ridículos. "Sempre mortificationem Christi circumferentes" (2 Cor 4,10). (Incessantemente... trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus...) Aceitemos com respeito a roupa que nos é dada; o pobre sempre recebe com ar satisfeito e com respeito o que se lhe dá. Os Senhores são pobres da mesma forma como são cristãos: estão marcados por um caráter indelével tanto para uma como para a outra dessas qualidades.

Quanto à alimentação, tenham o cuidado de fazer em cada refeição a mortificação do Diretório. Se alguma vez se esqueceu, faça um ato de contrição sincera a esse respeito para reparar a sua falta e não esquecer-se mais no futuro. Em viagem, diante de uma mesa bem servida, moderam-se bem, cumpram com a Regra, encontrem sempre o meio de pôr um pouco de água no seu vinho. Evitem de causar a impressão de que entendem de iguarias refinadas; sejam mudos nesse particular; comam o que se lhes apresenta, como nosso Santo Fundador; se lhes agradar, muito bem; se não agradar, tomem-no igual.

No alojamento, atendemos o Costumeiro; será necessário que as celas estejam dentro das proporções fixadas; nada de supérfluo nos quartos, nem tampouco objetos curiosos; que tudo cheire a pobreza, a asseio, que

tudo seja bem cuidado. A limpeza e a ordem conservam as coisas por mais tempo. O que mais me tocou a primeira vez que visitei a Visitação de Troyes e todas as vezes que entrei lá, é a pobreza que ali aparece e que leva a Deus. Os locutórios, as aulas, evidente, podem não ser tão pobres; mas as celas, as salas da comunidade devem exalar a pobreza. Isso atrairá a Deus e fará suas bênçãos descenderem sobre a comunidade, e não só sobre ela, mas sobre tudo que a rodeia, bênçãos espirituais e bênçãos temporais, como sobre os conventos de outrora. Gritou-se muito contra os conventos junto com os revolucionários, que os destruíram. No lugar dos conventos, foram obrigados a edificar cadeias centrais e prisões de trabalhos forçados. Eram os conventos que conduziam o mundo; hoje são os maçons e os judeus; esses estão por toda a parte. Eu poderia citar esta ou aquela casa importante, cristã, que negociava em Lion, em outra parte, não importa em que grande centro: e que foi obrigada a fazer para subsistir? Associar-se com os judeus. Não se desejaria antes que as ricas abadias existissem ainda, com seus membros observando a pobreza, influentes como antigamente? Como em Foicy, onde a abadessa tinha poder judiciário, o governo de seus vassallos, e ela não os governava tão mal. A gente de S. Parres guardava de suas antigas mestras sentimentos de fé tão vivos, que eu vi um vigário geral, falecido há alguns anos, o Padre Roizard, antigo vigário de S. Parres, eu o vi chorar copiosamente ao falar da fé das pessoas desse lugar. Onde provinha essa fé? Da influência das religiosas, de seu bom exemplo, de sua caridade para com tantos pobres aos que alimentavam. A fortuna está tão bem colocada nos conventos, quanto nas mãos dos judeus. Se formos fiéis à pobreza, atrairemos, pois, bênçãos temporais sobre a comunidade. As comunidades só atendem bem seus assuntos, quando os religiosos, um por um, forem pobres. Privam-se de uma coisa que vale dois centavos e isso resulta numa bênção imensa; é, como diziam os Patriarcas, o orvalho do céu e a gordura da terra (Gn 27,28); é o meio, o canal pelo qual Deus se manifesta e faz chegar à comunidade os recursos necessários. A Boa Madre tinha uma sensibilidade muito aprimorada por todas essas coisas. Tudo quanto possuía a comunidade era para ela um objeto de veneração, uma coisa sagrada, que pertencia a Deus Pai. Com esses pensamentos se reconhece o domínio de Deus e tudo é posto no seu devido lugar.

Não se deixem desviar para as doutrinas e os ensinamentos dos judeus e maçons. Nossos livros de história são todos falsificados por eles. Satanás é que inspira tudo isso.

Eis, pois, a condição de prosperidade para uma Congregação: a pobreza professada por cada um de seus membros. Isso é verdade primeiramente do ponto de vista material: é claramente a primeira condição; quanto menos

se gastar, tanto mais se enriquecerá. Do ponto de vista espiritual, porém, isso se aplica dez, cem, mil vezes mais ainda.

O Senhores sabem tudo o que se conta da pobreza dos grandes santos e das graças que ela lhes proporcionava; o que se diz de um grande santo da Ordem de São Bento, que recolhia as lentilhas caídas entre as lajens da cozinha. Ele possuía o verdadeiro e religioso espírito de pobreza. Um dos meus companheiros de seminário, um jovem de muitos recursos, se fez despedir depois de fazer uma arte bastante inocente; ou melhor, vendo que ia ser mandado embora, pediu para entrar na Cartuxa; estava consciente de seu valor. Tornou-se Mestre dos noviços e depois Prior da Cartuxa de Bosserville. Ao entrar na cela dele, eu vi sobre a mesa, a mesa dele, de um grande teólogo, de um importante sábio, uma grande folha de papel sobre a qual estavam uns vinte cachos de uva. Expressei-lhe minha surpresa por vê-lo ocupado nisso. Se Deus manda suas dádivas, respondeu ele, devemos recolhê-las com carinho. Devo ensinar a prática da pobreza aos noviços; devo começar eu mesmo a não deixar se perder nada... Não podemos descer a todos esses mínimos detalhes, no entanto tenhamos pelo menos o senso da pobreza, o sabor dessa observância. Poupeemos uma folha de papel, incomodemo-nos um pouco para imitar a Nosso Senhor; não sejamos tímidos nem imbecis.

Peçamos a Deus para que entendamos isso, para que faça de nós santos religiosos. Na Visitação de Troyes, - muitas vezes lhes falo sobre isso, porque digo o que vi - eu conheci muitas santas almas, extremadamente dedicadas à pobreza; alguns rasgos citei na Vida da Boa Madre.

Cada um tem por receber grandes benefícios da parte da pobreza, assim dissemos: "Beati pauperes, beati qui esuriunt, quoniam ipsi saturabuntur" (Mt 5,6). (Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!) Os pobres não serão apenas saciados de pão, do pão das bênçãos materiais, mas também receberão fartamente as bênçãos espirituais. Para nós a pobreza é uma grande alegria, um grande regozijo. Observem entre as mulheres, quais são as religiosas mais alegres? As Carmelitas. Fazem poesias, que dão testemunho da sua alegria espiritual. Conheço uma freira que cuida das vacas e faz versos muito lindos, alegrando assim toda a comunidade nos momentos de recreio. É proverbial o bom humor das Ordens mendicantes, particularmente a dos Padres Capuchinhos. A pobreza acarreta todas as alegrias da mente e da alma. Traz ainda a plenitude do amor a Deus. Qual é o santo, que deu as provas do amor mais ardente para com Nosso Senhor? São Francisco de Assis. Leiam o que ele diz da pobreza, de seu casamento com ela, da promessa que lhe fez de ser-lhe fiel; e como essa pobreza lhe é boa e excelente: "Quia saturabuntur" (porque serão saciados), e a saciedade que

lhe dá, é a alegria do amor ao Nosso Senhor. Observando algumas práticas da pobreza, recebem o alimento divino, e sua alma será saciada pela alegria do santo amor, até esta saciedade plena e inteira que é a verdadeira felicidade. Querendo possuir a total compreensão das coisas de Deus e da ciência, querendo receber de Deus graças verdadeiramente sobreeminentes, então sejam pobres. Quando Deus chama a Isaías, diz para ele: Eu te chamei, te tirei "de camino paupertatis" (Is 48,10), não somente do barraco da pobreza, mas também do forno no qual tu sofrias na angústia, onde a pobreza penetrava tua carne, tua alma, onde ardias como no meio do fogo; eu te tirei de lá, para falar aos reis e aos povos.

Deixemo-nos atingir pela pobreza e arder na miséria e no fogo, e a pobreza nos ocasionará a luz de Deus. O que São Tomás fazia quando estudava um problema difícil e a oração não era suficiente? Ele jejuava; ele mesmo é que nos diz isso, e após a abstinência sempre achava a luz.

Amaremos, então, fielmente essa companheira de Nosso Senhor e de sua Santa Mãe, e a que era componente da vida deles, o será da nossa. Ó Salvador Jesus, nós vos adoramos em vossa mangedoura, em vossa oficina de Nazaré, pobre e desprovido de tudo, passando fome e sede ao longo dos caminhos nos dias de pregação, sofrendo mil angústias no momento de vossa paixão; fazei que não sejamos dois, mas um só convosco. Fazei para nós o que fazeis para os membros de vossa família; não nos priveis de vossa presença. Sede nossa riqueza; que vos sigamos até no Monte Calvário; que sempre vos amemos.

S É T I M A I N S T R U Ç Ã O

A O B E D I Ê N C I A

Continuem, meus Amigos, fazendo seu retiro corajosamente; mais uma vez, importa serem muito pontuais nos exercícios, deve-se dobrar o espírito e o coração, segundo os assuntos propostos. Mantenham-se cuidadosamente na presença de Deus, mortifiquem seu interior: nunca se abandone essa mortificação, sobretudo no cumprimento da Regra. Esta manhã vou dizer-lhes algo sobre a obediência.

A obediência possui uma característica peculiar: a obediência é para a vida religiosa o que é a fé para a religião: a base, a condição essencial para a salvação, a condição essencial para a oração; ninguém pode dirigir-se a Deus sem que tenha fé. A fé é o elemento meritório: por toda a parte onde Nosso Senhor faz algum elogio no Evangelho, é por causa da fé. A fé é o meio infalível para ganhar a Nosso Senhor: "O mulier, magna est fides tua". (Mt 15,28) (Ó Mulher, grande é tua fé!) O centurião (Mt 8,5 ss), os criados que buscam Nosso Senhor (Lc 6,17 ss), os que rodeiam a filha de Jairo (Mt 9,18 ss), aqueles que estão em caminho para enterrar o jovem de Naim (Lc 7,11 ss), a que deviam todos eles os milagres de Nosso Senhor? À sua fé. A fé é tudo, ou melhor quase tudo, a tal ponto que os herejes exageraram esta verdade e pretenderam que ela bastasse sem as obras. Acreditar na palavra de Nosso Senhor é certamente a primeira condição da religião. Ora, existe uma semelhança completa entre a fé e a obediência. A obediência é a fé religiosa. A fé é uma coisa obrigatória, com efeito, que solicita, assim como a obediência religiosa, não só a submissão dos atos mas também do juízo. A fé exige de nós uma adesão plena, absoluta, sem reserva, sem "se" nem "porém". Com a obediência se dá o mesmo. É a primeira virtude teológica da vida religiosa. Aproximar-se de Deus não é mais possível sem fé do que ser religioso sem obediência.

Mas será que é fácil? A obediência é tão difícil, tão contrária à natureza humana que nem o Homem-Deus se pôde submeter à obediência senão depois de a ter aprendido; São Paulo é que no-lo diz: "Ex iis quae passus est, didicit obedientiam". (Hb 5,8) (Aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve.) Nosso Senhor precisou sofrer, aturar para entender como homem o que era a obediência. Como homem não o sabia, não poderia sabê-lo sem o sofrimento, a dor, a prova. Será, pois, que é fácil a obediência?

Mas é uma coisa impossível para o homem; repugna à natureza e a todo o ser dele. Nada mais degradante do que a obediência, nada mais desprezível do que a submissão. Todo homem que tenha um pouco de valor, um pouco de personalidade, segundo a natureza não se pode submeter. E, de fato, a gente se submete no mundo? Olhem as assembléias do governo; disputamos, despedaçamos-nos e terminaremos por estabelecer uma regra, uma lei à qual nos submeteremos, de maneira que é a nós mesmos que obedecemos e a mais ninguém. Eis o sentido das leis de hoje.

A obediência sem Deus é, pois, uma covardia indigna do homem; a obediência do ponto de vista natural encontra resistências insuperáveis em nossa natureza. O que é que pode vencer esses obstáculos? A visão sobrenatural; a fé viva, enérgica somente pode fazer com que a aceitemos. Mais uma vez, nesse particular é imprescindível que o religioso faça um ato superior, mais extenso, mais perfeito do que em qualquer circunstância e em relação a qualquer outra virtude. A graça é que produz isso, assim como ela opera a fé. Não posso crer sem a graça de Deus; mil vezes menos posso obedecer sem a mesma. Submeter seu juízo, sua vontade na obediência é uma prova bem superior à exigida na submissão pela fé. A fé apresenta documentos certos, provas teológicas que não são outra coisa senão provas de razão; a obediência não tem esse apoio; obedeam, e não se lhes fornece nem motivo, nem razão. Nada na natureza da coisa mandada, nada tampouco nas circunstâncias que lhes possa servir de apoio: nenhuma outra autoridade fora a palavra da ordem: é a sujeição ao grau máximo.

Afirma-se no livro do Eclesiástico: "Os filhos da sabedoria formam a assembléia dos justos, o povo que compõem é, todo ele, obediência." (Eclo 3,1) "Natio illorum obedientia et dilectio." Aqueles a quem são confiadas as obras de Deus, a quem ele confia seu poder, o exercício de sua ação no mundo, esta nação, de que se trata, é exatamente o Oblato de São Francisco de Sales. "Natio illorum obedientia et dilectio." É a obediência e o amor, a obediência pelo amor. O amor, a caridade e a graça divina é que realiza tudo.

Obedecer é submeter-se à Regra, às ordens dos Superiores; e isso sob pena de pecado, pois é difícil faltar à obediência, à Regra sem que haja alguma negligência, alguma falta de orgulho, de preguiça ou de sensualidade, essas coisas todas que tornam culpável o ato. Obedecer é também submeter-se ao Superior; essa desobediência sempre é pecado, por ser diretamente contrária ao voto de obediência. É uma falta por si mesma; leve se a transgressão for de pouca importância, grave quando séria. Uma desobediência num assunto importante a um Superior, que pretende lhes dar uma ordem, é uma falta extremamente grave. Se o Senhor é professo de votos temporários ou de votos

perpétuos, não faz diferença; a obrigação abrange todo o mundo igualmente.

A quais Superiores devem obedecer? Ao Superior Geral em toda a circunstância, em toda a ocasião; no que diz respeito ao Superior local, essa obediência, embora rigorosa, não tem, sem dúvida, a mesma extensão, o mesmo caráter absoluto, embora não possa ser ignorada sem pecado, sem falta na consciência. Os Senhores devem obedecer ainda a todos os coordenadores das diferentes tarefas, ao prefeito dos estudos nos colégios, aos prefeitos de disciplina no campo dos estudos e da disciplina. A eles todos devem obediência religiosa, respeitosa, completa. Os Senhores podem, claro, recorrer ao Superior local e ao Superior Geral; mas todas as Regras dir-lhes-ão que devem primeiro obedecer, sem prejuízo de recorrer depois a quem de direito e fazer valer suas razões. A vida religiosa é isso, é a obediência à vontade de outrem, é a submissão de nosso juízo à vontade de um outro. É o oposto de todas as tendências de nossa natureza e de nosso temperamento, de todas nossas preferências, de tudo quanto seria mais de nosso agrado. É a contradição de todas as inclinações humanas.

Essa obediência, digamo-lo mais uma vez, se deve prestar a todos os Superiores, ao Mestre dos noviços, se são noviços; sendo professores, obediência total e completa em tudo, na direção dos estudos. Mas eu não consigo obedecer... É que não é religioso, está num estado perigoso para sua alma, para sua vocação, se em mil circunstâncias tão miseráveis, de tão pouca importância se apega tanto ao juízo próprio, que chega a faltar a deveres essenciais, sagrados. O professo que não dá sua aula, como se lhe manda que a dê, se encontra numa situação de desobediência dez vezes mais culpável do que se não fizesse sua oração. Não está obrigado a rezar a força de seu voto, mas seu voto o obriga a obedecer às ordens de seus Superiores. Precisamos reconsiderar nossa teologia nesse ponto. Observem aos grandes teólogos, aos Padres da Igreja, aos Fundadores das Ordens Religiosas, perguntem às Congregações Romanas, todo o mundo lhes responderá isso: eis a meta de seu voto de obediência, eis o que prometeram. Não basta ser piedoso, muito mais ainda importa ser obediente. A piedade é muito necessária, sem dúvida; um religioso, que não é piedoso, é o mais insignificante dos religiosos. Leiam São Tomás, o que ele diz da obediência religiosa, até onde ele vai; o que afirma é de um rigor extremo. Necessário é dobrar-se, submeter-se a isso. Os Senhores têm algum motivo para fazê-lo? Têm todos os motivos do mundo.

Ou são religiosos, ou não o são. Se não são capazes de obedecer, não podem ser religiosos; façam outra coisa. Mas querem ser religiosos? Mostrou-se-lhes as obrigações; fizeram o voto; comprometeram-se a uma coisa que não cumprem; é o inverso de juízo, uma falta de juízo, uma incapacidade.

A Boa Madre Maria de Sales dizia que a maioria de nossas faltas provêm da incapacidade e que o maior ferimento, causado ao homem pelo pecado original, é a ignorância, que a ignorância é geralmente a causa de quase todas nossas faltas. Se admitem que a ignorância e a incapacidade são a causa da desobediência, e desobedecem apesar disso, então admitam também que não têm a inteligência necessária para ser religiosos. Reconheçam sua incapacidade. Se são inteligentes, compreendam, então, que se deve obedecer. Se possuem um coração e, além disso, a graça de Deus, têm todo o necessário para ser obedientes; não vejo mais outro impedimento que possa retê-los. Tendo um coração, sendo gente de honra e de personalidade, digam: eu prometi obedecer, obedecerei; não quero pechinchar ou procurar pretextos. Seria miserável e covarde. O soldado que, chamado por seu capitão ao ataque, se vai esconder atrás de uma moita, dizendo: Vou em seguida, primeiro quero ver de onde vêm os tiros... será que é um soldado ou o que é que ele é?

Façamos um bom e firme propósito de obedecer. Mas talvez falte a inteligência; assim como o dom da fé, só Deus pode dá-la. Como? Depois de a termos pedido. Façamos como Nosso Senhor, ele aprendeu a obediência nos sofrimentos, nos trabalhos, nas fadigas; creiam que não há outros meios. É esse o segredo através do qual aprenderão a obediência. São Pedro, no fim de uma de suas Epístolas, diz aos primeiros cristãos que um importante meio de santificação bem como para obter o perdão das faltas é a obediência: "Castificantes animas vestras in obedientia caritatis". (1 P 1,22) (Pois que pela obediência à verdade purificastes as vossas almas...)

Façam tudo para conquistar a obediência; observem o Diretório, acolham as humilhações em que topam, sejam exatos em dar sua aula como se lhes indica. Tudo isso será meritório, nessa escola do esforço e do sofrimento aprenderão o que não aprenderiam de outra maneira. São homens; ... quando se sentirem um pouco incômodos! ... Tenham coragem, não se dêem tanta atenção, não se afrouxem. Fiquem firmes! Preparem-se para isso na oração da manhã: hei de obedecer hoje em tal ou tal circunstância; meu Deus, ajude que eu o faça bem... Não se aborreçam, nem se amolem; guardem-se de todos os exemplos que os rodeiam, até do próprio ar que respiram.

Então compreendemos bem a obediência. Assim como a fé é a primeira das virtudes, como a fé realiza milagres, a obediência, a primeira das virtudes da vida religiosa, também efetua milagres. Todos os milagres relatados na vida dos santos religiosos foram realizados pela obediência. É São Mauro que, atendendo à voz de São Bento, caminha sobre as águas. Deus, em muitas circunstâncias, realizou milagres pela obediência. Por exemplo, uma carta deixada sem acabar, se encontra terminada em letras de ouro. Tomem os anais

de Clairvaux, são deliciosos de poesia, de elevação da vida religiosa; é só a obediência.

Vamos aí com coragem; somos homens, sejamos homens fortes, generosos. Que nossa coragem não consista em nos gabar, em nos ter por alguma coisa, mas em vencer-nos. A meta é difícil e penosa; não há uma mais difícil, mais penosa do que a obediência.

Façamos, pois, o propósito de ser perfeitamente obedientes, "cum timore et tremore" (Tob 13,6) (com temor e tremor), com o temor de não entender bem a obediência e de não a praticar corretamente. O religioso que chega a isso, é um homem que serve para alguma coisa; quem apenas chega até a metade ou a quarta parte, é religioso só pela metade ou pela quarta parte; algumas vezes se chega a não ser mais nada. Toda a substância, todo o jogo da vida religiosa está nisso. "Natio illorum obedientia et dilectio". (Eclo 3,1) Nossa obediência, assim a entendemos, se baseia na caridade. Oferecemos a Deus obediência por amor, e é exatamente o amor mais completo e mais perfeito que lhe possamos dar. Pela obediência favorecemos a prática da caridade entre o Superior e o súdito; e é um ponto de grande repercussão para o espírito religioso. Considerar ao Superior no lugar dele próprio, acreditar que, em tudo quanto manda, ele fala em nome de Deus, de quem recebe sua autoridade, submeter conseqüentemente o juízo da gente e isso por caridade, por amor, eis o que é verdadeiramente ser religioso. Agir de outro modo, buscar seu caminho em lugar diferente do Superior, é errar o caminho, é perder-se; ao contrário, viver em perfeita união com seu Superior sem jamais se deixar desviar, isso é o que atrai as bênçãos, as graças de Deus; isso é o que faz que, numa comunidade, todos têm um só coração, uma só alma, uma mesma mentalidade, um único sentir. Nisso está o vínculo, a força, o fator principal da vida religiosa. Sim, a obediência é bela, quando encarada dessa forma; é o ato livre, o ato da liberdade soberana, o ato que nos coloca acima das inclinações, das tendências da natureza: eu quero! O homem imita, então, a Deus; essa palavra é segunda a fé a palavra mais enérgica e mais eficaz de Deus; é o meio, o agente infalível das coisas mais estupendas e de tudo quanto existe.

Peçam ao divino Obediente sobre o Tabor, a Jesus transfigurado, que não desça, que diga sempre com Moisés e Elias as palavras da obediência da Paixão (cf. Lc 9,31-33), que tornam tão feliz a alma que as escuta! Digam-lhe: Ficai, ficai, Senhor, é tão bom estarmos aqui (Mt 17,4); dizei-nos sempre as palavras da obediência (cf. Mt 17,9) e ensinai-nos a praticar os atos da mesma.

O I T A V A I N S T R U Ç Ã O

A C A R I D A D E

De manhã lhes falei sobre a obediência. Compreenderam, eu acho, que a obediência do religioso é o ato mais enérgico da vontade, e consequentemente o mais elevado que possamos fazer. Encarem a obediência sob esse ponto de vista, e não terão mais objeções, oposições razoáveis por parte de sua vontade e, ainda que sua opinião resistisse ao que lhes é pedido, submeterão seu parecer para conformar a vontade com o que a obediência lhes pede.

Esta noite quero falar-lhes sobre um dever que vem em primeiro lugar depois de nossos votos, a s. a caridade para com o próximo.

A caridade é uma lei universal, dirigida a todos os cristãos. Nosso Senhor disse: O segundo mandamento é similar ao primeiro. (Mt 22,39) Trata-se de um mandamento universal, para todo o mundo; para nós é especial, reveste para nós um caráter particular. Assim como no Antigo Testamento a palavra caridade se encontra oito ou nove vezes apenas, enquanto no Novo Testamento, sobretudo nas Epístolas de São Paulo e nas de São João, a encontramos em quase cada período e linha. É a lei particularmente nossa, a lei fundamental de nossa existência, o elemento no qual devemos viver.

Vejamos, pois, o que é a caridade. Primeiro existe a caridade de justiça que devemos a todo o mundo. É a aplicação da lei divina, baseada na própria natureza: não façais a outrem o que não gostaríeis que vos fizessem a vós. (cf. Mt 7,12) Em outras palavras, não cometam injustiças. Não façam mal ao próximo, nem espiritual, nem corporal, nem materialmente. A lei geral é que proscree a calúnia, a maledicência e todo o resto. É assim a caridade de justiça, à qual estamos obrigados, já que temos a obrigação de amar a Deus, uma vez que esse segundo mandamento é semelhante ao primeiro. (cf. Mt 22, 39) Esquece-se muitas vezes essa lei, os costumes da vida do mundo apagam essa lembrança, pois temos exemplos bastante contrários no mundo. Os jornais, as lutas oriundas das divergências na opinião pública, o fato de ver pessoas mais ou menos desprezíveis chegando a postos de destaque social, ao poder, tudo isso leva ao costume de falar mal do próximo. Cada um expressa seu parecer, tem sua opinião sobre o próximo e a publica, quando a caridade obriga a calar-se. Faremos melhor em seguir o exemplo dos santos, da Boa Madre Maria de Sales, a qual nunca ouvi que dissesse uma observação contrária

à caridade, ou desse um parecer desfavorável sobre quem quer que fosse. Eu depus esse fato perante o tribunal de Paris, o que deixou os juízes impressionadíssimos. Esses me fizeram repetir o depoimento diversas vezes. Se Deus quisesse dar a graça de fazermos um pouco assim, seria uma coisa boa.

Além da caridade de justiça, existe a caridade de amor, essa que deve reinar entre irmãos, entre os membros de uma mesma comunidade; e, certamente, esse amor deve ser diferente para nós do que existente muitas vezes entre irmãos. Quantas famílias estão longe de cumprir essa lei de caridade! Há uma grande diferença entre a caridade de amor e a de justiça. Deus mesmo nos dá o exemplo disso. Ele mesmo também tem sua caridade de justiça e a de seu amor.

Tem sua caridade de justiça para com todos os homens; mas não para todos tem um amor idêntico. Dá a todos a graça suficiente para se salvar; todos podem alcançar isso; só algumas almas são vitoriosas. Deus lhes deu privilégios, dons especiais; deu graças sobrenaturais, extraordinárias, fez milagres; ilumina determinadas inteligências. Como dizia a epístola de ontem: "Vos autem dixi amicos". (Jo 15,15) (Mas eu vos chamei de amigos.) Separei-vos dos demais para vos dar mais do que dava a eles. Certas almas possuem o que há de melhor. Por que? Não interroguemos a Deus. "Por que vosso olho é mau," responderia ele, "porque eu sou bom?"... (Mt 20,15) Mas é uma verdade absoluta, constante, que Deus tem preferências; e ninguém lhe ousará perguntar o porquê. Houve almas muito mais puras, mais inocentes e adquiriram com isso as graças da amizade divina; mas Deus poderia conceder as mesmas graças a seres de mérito bem inferior...

Nossa caridade, a exemplo da divina, pode e deve ser, então, mais extensa, mais íntima para certas almas. Não só teremos a caridade de justiça para com essas almas, mas também esforçar-nos-emos a não feri-las pelo escândalo, além disso, praticaremos para com elas esse amor que faz amar mais, e faz agglutar com mais disposição os sofrimentos, e ainda faz ajudar e socorrer em qualquer circunstância, e finalmente faz amar ao próximo com um amor de afeição. Somos irmãos, pertencemos todos à mesma família, temos um só pai, uma mesma mãe. Por que haveria para nós uma tal casa e tal outra casa? Este Padre e aquele outro Padre? Por que a frieza por um lado e a afeição por outro? Seria uma grande falta e um grande obstáculo para essa caridade de amor que deve reinar entre nós.

Muitas coisas prejudicam essa caridade de amor, particularmente a indiscreção que leva a falar à toa, e a contar isso mais aquilo sobre fulano ou beltrano. A gente fica magoado e se fere a congregação no coração. A indiscreção é um tipo de pecado que fere sumamente a caridade de amor que deve

reinar entre nós.

Tenham muito cuidado da caridade para com o próximo nesse sentido. É um grão de areia, se assim quiser, mas ele fere a menina do olho de Deus, de Deus tão magnífico nas dádivas de seu amor, tão agradecido por tudo o que se faz por ele. Tenham a suficiente delicadeza para tanto. Que isso não se pratique com falta de tato, nem com palavras vazias; isso não proibirá oportunamente, uma palavrinha espirituosa, mas por pouco que incomode ao próximo, melhor será dizê-la. Evitar-se-á escrupulosamente as censuras sobre isso ou aquilo, tudo o que atinge fulano ou beltrano, as pequenas indiscrições especialmente, que são a miúdo o balde de água que apaga o fogo da caridade. Façamos empenho de nos acostumar a isso. Um Superior, numa determinada ocasião, manifesta seu pensar; por que repeti-lo? Para se fazer importante talvez; acabam de cometer uma falta enorme que devem confessar e reparar... Como curar esse ferimento? Somos obrigados mais do que qualquer outro. É que andamos nós descalços como os Capuchinhos? Jejuamos nós como os Cartuxos?... Em compensação, pois, estamos obrigados a todas as delicadezas da caridade.

Não só não feriremos nossos irmãos, como também os queremos com um amor verdadeiramente afetuosos: haverá entre nós uma coisa fraterna, unificadora, haverá uma coisa boa em nosso coração. Ninguém de nós é perfeito, estamos todos longe de sê-lo. Deus não escolhe aos perfeitos para fazê-los religiosos; escolhe facilmente o que há de pior, a quem não se pode conservar no mundo; põe-no à parte e cuida dele, assim como Eugênia toma as ameixas que não se conservariam para delas fazer doce... É essa nossa história. Não fiquemos, pois, surpreendidos por não nos achar perfeitos, excelentes; Deus toma suas precauções conosco.

Não convém contar, em cada um de nosso Padres ou Irmãos, com essa perfeição. Tomem uma reunião de Padres, a uma mesa, na oportunidade de uma palestra; são sete, oito, suponhamos; escutem os Senhores o que dizem, falam bem, eu lhes garanto; há entre eles pelo menos tantos meios quantos em nosso grupo. Eu vou mais longe: há mais coração, mais caridade do que em nosso

meio; não lançam indiretas como nós, são mais abertas nas apreciações sobre o próximo; digam-me se não é verdade. Façamos como eles nesse sentido. Não nos admiremos que tenhamos de praticar muito a caridade uns para com os outros; todos somos mais ou menos originais... Sejam quais forem as dificuldades de caráter e de gênio, temos que ter uns para com os outros um verdadeiro amor de predileção.

Mas como fazer para chegar a isso? O que acabo de dizer, dá talvez o meio para achar os recursos necessários. Será que amamos a Deus como devemos, isto é, observando nele a quem ele ama e aos quais nós devemos amar como nossos irmãos? Mencionamo-los diante de Deus durante a oração, pedindo para

os outros o que pedimos para nós mesmos? Não fiquemos nunca sozinhos, sobretudo na oração. Façamos empenho de fazer a caridade descer em nós, esforçando-nos muito para que desapareçam as dificuldades que temos com um ou outro. Levemo-los com os problemas à nossa oração da manhã. Quem tiver caridade, permanecerá entre nós; quem não a tiver, infalivelmente perderá sua vocação.

Mais uma vez, a caridade é nossa lei. Os Trapistas, os Capuchinhos não nos escandalizam, se não achamos neles essas delicadezas que para nós são imprescindíveis em matéria de caridade. Dir-lhes-ão facilmente, se os Senhores elogiam a este ou aquele dentre eles: Fulano tem tal ou tal defeito... Ele é igual aos outros. Os outros valem tanto quanto ele, como não. É muito raro que deixem de falar assim. O bom Trapista dirá isso e não obstante será um santo; o Oblato que falasse assim seria menos do que nada. A delicadeza da caridade é nosso distintivo, é nossa lei. Pratiquemos, pois, a caridade com muita atenção, tratemos essa virtude sempre com o maior respeito e a maior afeição. Será que é difícil demais? Não, Santo Agostinho nos ensina que a lei do amor é acessível a todos. Se eu lhes mandasse ir até o fim do mundo ou procurar o ouro da caridade nas minas da Índia, poderiam achá-lo difícil, mas para isto basta descer no seu coração. É nos Senhores mesmos, no seu coração, na sua vontade, que se encontra o centro desse amor. É só ativá-lo. Queiramo-nos bem, pois, profunda e cordialmente. "Vinculum pacis" (Ef 4,3), o vínculo da caridade, é o laço da perfeição e da paz.

São Francisco de Sales, ao desejar fundar uma Ordem religiosa, pensara em não unir os membros por votos, mas com apenas a lei da divina caridade; a perfeição é assegurada, pois a caridade é a base da perfeição, e onde reina a caridade não existe contradição alguma. Que essa idéia de São Francisco de Sales seja realizada por nós, e alcemos em lei a caridade para com o próximo.

Existe ainda uma outra caridade: a caridade de penitência. Nos Antigo e Novo Testamentos, vemos como a caridade para com o próximo apaga os pecados, e, segundo São Pedro (1 P 4,8), cobre a multidão dos pecados. Então nossa alma está pura, livre de qualquer mácula. Nós que não temos muitas outras penitências, aproveitemos da caridade para fazer penitência. Mortifiquemo-nos, jejuemos através do caráter e da maneira de ver do próximo; isso bem valerá o jejum de um pedaço de pão. Assim repararemos nossas faltas passadas. Quantos pensamentos, pois, contra o próximo, quantos atos culpáveis tivemos! Quantas injustiças mais ou menos culposas cometemos! Quantas coisas feitas ou desejadas, que coram nossas frentes, que fazem com que gostaríamos de esconder-nos de nós mesmos. A reparação de tudo isso é fácil. Onde encontramos a certeza de que pagamos inteira e absolutamente toda nossa dívida?

Que sofrimento ainda fica para o Purgatório? Por que não aproveitar essa oportunidade favorável que nos oferece a prática da caridade, essa virtude tão excelente por si mesma e que ao mesmo tempo satisfaz tão bem como penitência? O Senhor está para dizer uma coisa em desfavor de seus irmãos, inspirado por um pensamento mau; por que vacilar diante duma pressão importuna? Lembre que, sacrificando-a, obtém o perdão das faltas passadas e de pensamentos culpáveis que ofenderam a Deus.

Podemos e devemos aplicar-nos a santificar e purificar nossas almas pela caridade, segundo o conselho de São Pedro: "Castificantes animas vestras in obedientia caritatis". (1 P 1,22) (Em obediência à verdade, tendes purificado as vossas almas para praticardes um amor fraterno sincero.) Ela torna a alma casta e pura, apaga as faltas e as repara.

Ao examinar nossas Constituições, o Consultor da Congregação, um Padre Capuchinho, ficou impressionado por ver que não tínhamos mais mortificações do que essas e disse: Já que não fazem mortificações, pelo menos farão que os demais as façam... E acrescentou às nossas Constituições um grande trecho no qual faz pregar ao próximo o jejum e a abstinência. Entenderam esse Padre Capuchinho? Quer obrigar-nos à penitência e que a façamos de maneira mais eficaz, no exercício da caridade. O jejum é bom, mas são moedas de pouco valor; a caridade é prata, a caridade é ouro, talentum auri (peso em ouro); tomem desse ouro e paguem suas dívidas. Muitas pessoas, para chegar mais rapidamente a essa pureza, a essa santidade de alma, fazem o voto de caridade. Isso mantém a alma alerta, lhe faz sentir o jugo e a impede entregar-se à impaciência e à ira. Por que não tentaríamos fazer esse voto ad tempus (por um tempo determinado), por três meses, por seis meses? Mais facilmente a gente se lembra de uma obrigação que se impôs, uma obrigação aceita como um dever de estado. Dediquem-se a isso com generosidade, de todo o coração. Não dispomos de outra matéria de penitência mais perfeita; a penitência, pois, nos é absolutamente necessária, ou pereceremos todos. (cf. Lc 13,5) Se nosso Mestre de noviços se tornasse ainda mais severo nesse ponto, não faria mal.

N O N A I N S T R U Ç Ã O

O O B L A T O

Amanhã, Domingo, terminaremos o retiro à meia hora. Vários Padres nossos têm um compromisso a atender nas obras; isso tornaria a continuação do retiro um pouco fora do lugar. Esta noite vamos comunicar a sequência dos exercícios de amanhã de manhã.

Durante o retiro, pude oferecer-lhes diversos pontos de meditação sobre os deveres e sobre as coisas práticas da vocação dos Senhores. Esta manhã, eu gostaria de resumir essas idéias, traçando-lhes o retrato, a silueta do Oblato. O que é o Oblato? O que é que um Oblato deve ser na Igreja de Deus? Cada religioso possui sua característica, sua fisionomia; é absolutamente necessário que tenhamos nossa característica, nossa fisionomia, nossa aparência particulares. A vida da Boa Madre, as instruções que lhes foram dadas, devem tê-los informados sobre o que devem ser, devem ter dado um certo conhecimento e uma noção suficiente para ser bons religiosos; mas, eu acho, é necessário insistir ainda mais nisso, para que cada um se dê conta do que deve ser. Na Igreja de Deus, cada uma das Ordens Religiosas tem tido por força motriz a imitação de uma virtude de Nosso Senhor Jesus Cristo. A humildade dele, a pobreza, o zelo, a caridade dele; cada uma tem seu cunho particular, pois cada um tem sua virtude própria. Há uma grande vantagem nisso: isso dá ordem, vida, vigor. Num exército, há diversas corporações, diferentes armas: a infantaria, a cavalaria, a artilharia; há variadas divisões, diferentes categorias que desenvolvem a energia, a vida.

O que é que somos nós, os recém-chegados, em consequência da profecia de nosso Santo Fundador, feita no leito da morte? Ele disse então que se veria mais tarde seu pensamento realizar-se, incarnado em certos sacerdotes, revestidos de uma força particular e especial; disse que um certo número de Padres, tomando a peito a caridade, realizariam os desígnios que ele tivera para a salvação das almas. Ele disse tudo isso a seu confessor que o afirmou e sobre isso deu seu depoimento. A Irmã Maria Genoveva tinha revelações sobre esse ponto havia mais de vinte anos; via no céu a nosso Santo Fundador extremamente ativo, ocupado com uma missão toda nova, mais abundante e mais frutuosa do que a antiga.

Leiam, por fim, a Vida da Boa Madre Maria de Sales e verão que os Oblatos têm uma missão particular. Qual será essa missão? Só Deus sabe o fu-

turo. A Boa Madre disse que iríamos por toda a terra para realizar a obra de Nosso Senhor, fazendo-o presente de novo. Ela disse que essa obra teria um caráter particular; que teria uma atuação poderosa e repleta de caridade junto às almas; que tudo quanto faríamos, tendo em vista a obra de Deus, seria verdadeiramente obra de Deus e não a obra de nossas mãos: seria a intervenção divina e não o efeito de nossa vontade; eis em traços gerais o que a Boa Madre esboçou no que diz respeito aos Oblatos.

Para alcançar esse fim, o que é que o Oblato deve ser em relação com Deus sobretudo? Perante Deus, é preciso a generosidade até a morte; é necessário ser fiel, amar até o amor perfeito, até a caridade perfeita, seguindo o caminho do Diretório. Não empregaremos grandes palavras, não nos gabaremos por ter uma grande experiência na direção das almas; não sairemos, falando sem parar em apostolado, em dedicação, em martírio... É esse um vocabulário que desconhecemos. Nosso único meio é sermos total e completamente generosos para com Deus; nada de façanhas ou de palavreado. Além disso, o que é o martírio em si? A graça de Deus, dando a força para ficar fiel nessa circunstância suprema, como se tem sido fiel anteriormente nas múltiplas pequenas ocasiões. E isso é tão verdade, que a teologia proíbe fazer esta pergunta: Teria eu a coragem para o martírio? Ela não quer que nos imaginemos colocados frente a um ato de realização puramente sobrenatural, enquanto não temos, no momento, a graça especial, necessária para tanto. Não fazemos nada disso. Empenhamo-nos para aplicar uma generosidade total nos assuntos da observância; na direção das almas, na educação, ensinamos essa maneira de agir, essa generosidade, que faz que se renuncie a suas inclinações para deixar atuar a influência da graça; o Oblato não parece nada, não é considerado nada, em si mesmo; todo o seu ser e toda a sua atividade é corresponder fielmente às manifestações da Vontade divina no momento presente. O que é que fazia a Boa Madre Maria de Sales? Ela foi uma grande santa desde sua infância. Como chegou a isso? Por dominar, a cada instante, suas inclinações naturais, cumprindo a cada instante, em todo momento, a Vontade atual de Deus. Nunca a surpreendi, negando uma coisa a Deus. Não é nada isso? É fraqueza isso? É tudo. É heroísmo. O soldado é heróico ao morrer no ataque; é um ato de generosidade heróica. O religioso faz, a todo momento, um ato mais perfeito. Enfrenta suas contrariedades, suas paixões. Vai fincar acima de tudo isso a bandeira da vitória; vai fazer-se o dono do terreno. Isso não é pouca coisa. Aí está a característica essencial do Oblato. Não é moleza, uma coisa sem graça; é, pelo contrário, uma seqüência de atos extremamente enérgicos e de uma generosidade constantemente repetida. Isto é o que nos toca: generosidade perante Deus em tudo. Custa dar aula desta ou daquela ma-

neira, obedecer em determinada circunstância: obedeça, abra brecha nas suas resistências, faça sempre assim e seja vitorioso. Exercite-se continuamente, treinando sempre. É essa nossa Regra, nossa particularidade; é ao que somos chamados; é nosso fundamento, nossa vida. O Senhor sofre, está doente, cansado, questiona-se o que afirmou o Senhor, é humilhado, posto de lado, que sei eu. Assumam tudo isso, santifiquem tudo isso, elevem isso à altura de Deus, à altura de sua vocação. Sem amor, sem caridade, tudo isso não é nada, "cymbalum tinniens" (1 Cor 13,1) (um címbalo que tine); são atos vãos, palavras vazias, nada mais do que um som sem efeito, barulho e nada mais. O amor vivifica tudo isso. E até onde se deve levar esse amor? Perguntem isso a Nosso Senhor: "usque ad mortem" (Mc 14,34). Mas, dirão talvez, isso não é aspiração minha: até a morte. Deus me deu um coração que, por inclinação natural, não é levado a esse tipo de amor. Não há nada de mal nisso - qui facit opera (cf Jo 14,10: (o Pai) realiza suas obras) - Aí está a diferença. Sejam afetivos; se Deus não lhes concede a afetividade, pouco importa, o efetivo é o essencial. Nosso Fundador o repete muitíssimas vezes: Se não tendes o sentimento, pelo menos tendes a palavra: dissei a Deus que o amais. E, aliás, há sempre no fundo do coração a vontade de pertencer a Deus e de amá-lo, e essa vontade, ainda que desprovida de qualquer sentimento, é uma coisa sagrada que Deus nos outorgou; é o elemento mais ativo, é uma força irresistível na obra de nossa santificação. Essa vontade é sempre amor; é Nosso Senhor que nos faz agir; é por amarmos que agimos. Em vez de deixar que nosso amor se volte a nós mesmos, à criatura, dirijamo-lo a Deus.

Trabalhem para isso. Se nos aplicamos bem em amar a Deus com um amor efetivo, falando, agindo e sofrendo por ele, acabaremos certamente amando-o um pouco com amor afetivo. Deus nos recompensará, dando-nos o sentimento do amor, que teremos no fundo do coração. Ninguém conhece verdadeiramente o amor afetivo, desconhecendo o amor efetivo. Pode-se conhecer a fé, sem ser generoso e sem atuar motivado por Deus, mas jamais se conhecerá o amor.

O costume de agir assim se adquire logo, atua-se sob o sopro do Espírito Divino; e o amor, que é o Espírito de Deus, vem morar em nós de maneira permanente. Eis o Oblato em relação com Deus. Com relação a si mesmo, o que é que deve ser? O que há de mais verdadeiro, mais sincero do que a Boa Madre? Nossa primeira qualidade perante nós mesmos será, pois, a sinceridade. Julgar-nos-emos tais como somos, por dentro de nós mesmos, conforme a nossa situação diante de Deus. Estimaremos no seu valor exato os meios que Deus nos deu, tal qual, sem nos fazer ilusões. Veremos nisso a obra do Espírito Santo que, como no dia da criação, paira sobre as águas (cf. Gn 1,2) de nossa alma e as fecunda. Vejamos e julguemos sob essa luz e julgaremos clara e sincera-

mente. Se julgarmos bem esses dons, apreciar-lhes-emos bem o valor. Se, quem está ao nosso lado, parece menos dotado do que nós, ter menos valor, o que prova isso? Ele recebeu menos, mas será que é realmente menos bom? Julguemos assim sobre nossas virtudes, nossos meios, nosso estado de consciência diante de Deus. "Deus non irridetur" (Gal 6,7: de Deus não se zomba), Deus não se pode nunca enganar a nosso respeito; não nos enganemos, pois, a nós mesmos. Que esse fundo de sinceridade seja encontrado em nosso caráter, em toda a nossa vida, e que uma coisa marcante na pessoa do Oblato seja a sinceridade consigo mesmo.

Segunda característica do Oblato perante si mesmo: que seja trabalhador. Trabalhador não precisamente pela atividade exterior, pelo trabalho realizado no encargo que lhe foi confiado; mas trabalhador em relação consigo mesmo. "Militia est vida hominis super terram... Sicut dies mercenarii dies eius" (Jó 7,1). (A vida do homem sobre a terra é uma luta, seus dias são como dias de um mercenário,)

Assim a vida de todos os homens, uma luta, um trabalho contínuo, sem cessar. As penas e os labores da vida devem ser aceitos com generosidade e coragem como presentes de Deus. Combinemos constantemente esses trabalhos com motivações sobrenaturais. Pois, se não cuidamos, as paixões se apoderam deles; é o orgulho, a sensualidade, a ambição, assim por diante. Tudo isso é a rede do passarinho, a qual detém a alma. Importa desfazer-se constantemente dessa rede pelo trabalho da mudança de nós mesmos. Se não fugimos o labor e a pena por preguiça, essa rede em breve não será mais do que um fio de estopa que quebrará e desaparecerá em seguida. Mas não deixemos esse fio de estopa acumular-se, formando um cabo enorme que não poderíamos mais romper... Mas, Padre, que lição difícil essa... Mais uma vez, é mais fácil remover a palha molho por molho do que querer transportar um montão de trigo de uma só vez.

Em relação com o trabalho interior, quero dizer umas palavras sobre o trabalho exterior. Cada um deve se esforçar para chegar à perfeição no trabalho de sua vocação, e isso para imitar melhor a Nosso Senhor... Que os que ensinam, que estudam e os que têm trabalho manual tenham o desejo, a vontade determinada de chegar ao que possam alcançar de melhor, de mais inteiro, de mais completo; que não fiquem na metade do caminho. Se nos aplicarmos a esse trabalho consciencioso e dedicado por amor de Deus, obteremos esse amor; seremos úteis à sociedade à qual forneceremos homens capazes de ensinar, que terão uma colocação no mundo, não por orgulho mas por dever, para imitar a Nosso Senhor. Que cada um, pois, se esforce para chegar a isso, observando bem seu regulamento, que se ponha à obra com todo o ardor e toda a generosi-

dade possíveis, e que não se fique pelo caminho. Nosso Senhor não tinha necessidade alguma de trabalhar, trabalhou toda a sua vida para ganhar seu pão material.

Exteriormente, quais são as características do Oblato de São Francisco de Sales? O Oblato é um religioso vestido simplesmente. Nosso Senhor não usava roupa extraordinária. Ele se veste conforme o Diretório, o Costumeiro. O Oblato é simples em suas palavras, nas suas ações, nos seus modos; age em tudo isso com naturalidade e com tudo isso edifica grandemente. Esforça-se em pôr seus pés nas pegadas de Nosso Senhor. Põe em tudo quanto diz e faz esse cunho de grande simplicidade, que sempre é uma marca de grande distinção e dignidade. Olhem como todos os homens que se destacam por sua inteligência, parecem mais simples do que os menos dotados nesse aspecto. Não procuremos chamar a atenção por motivo de inteligência, de piedade exterior, extraordinária, mas que todo nosso exterior seja simples e uniforme. Que, ao ver a um Oblato, se veja todos os demais.

Fixemo-nos bem em todos esses modos exteriores aos quais o mundo dá tanta importância. Quando estamos sentados à mesa, não apoiemos os cotovelos, não gesticulemos com a faca, tal como fariam os gladiadores romanos; guardemos sempre fielmente as tradições da antiga cortesia. Imitemos o que se faz em Roma, onde tive várias vezes a oportunidade de jantar com boas famílias, e com nosso próprio Santo Padre; tudo é simples, decoroso, digno. Agora essas antigas tradições estão sendo esquecidas; os senhores e as damas introduziram um desleixo chocante; gritam em alta voz, tomam atitudes impróprias, sempre têm o cigarro na boca... Não adquiramos esses modos; que tudo em nós seja simples, conveniente, oportuno e que deixe uma boa impressão e não chamemos atenção a nós pelas novidades.

Que tudo em nós edifique e predique. São Francisco de Assis dizia ao Frei Léo: Vamos pregar... E percorriam as ruas da cidade, as diferentes praças e voltaram ao convento. Meu Pai, disse o Frei Léo, íamos predicar e não dissemos uma só palavra. - Frei Léo, predicamos melhor do que se tivéssemos falado bem alto; por nossa postura, nossos olhos baixados, nosso hábito pobre, mostramos Jesus Cristo no meio dos homens. Ostendimus Christum plus quam loquentes de Christo... (Mostramos mais Cristo do que falando sobre o mesmo.) Observemos bem a Regra em nossa conduta e nossos modos; nada de discussões; não nos esquentemos na conversação; se não pudermos falar calmamente, retiremo-nos sem dizer uma palavra, ou calemo-nos mui prudentemente. Não levantemos a voz. Nosso Senhor dizia de si mesmo que não era a voz nas praças públicas(cf. Mt 12,19). Se é nosso dever falar, digamos uma palavra caridosa e firme, mas sem paixão alguma. Sim, sejamos bem simples e bem bons, para sempre edificar, para que ninguém nos possa repreender, como o Apóstolo

diz (cf. 2 Cor 6,3) ou nos censurar por seja o que for; mas que sempre leve-mos a figura de Jesus Cristo dentro de nós.

Já me demorei bastante hoje; no entanto, antes de deixar aos Senhores, quero ainda dizer algumas palavras para os encorajar a exercerem um controle profundo sobre si mesmos, a serem generosos, a copiarem dentro e fora de si esse retrato fiel do Oblato. Sejam bem simples, bem modestos, bem sensatos e sinceros. Que tudo nos Senhores seja verdadeiro, exato, bem aplicado no trabalho; mortifiquemo-nos bem em tudo isso, esforcemo-nos constantemente contra a corrente do rio; manifestemos bem aos fiéis que temos um só coração e uma só alma; tentemos que não se distinga entre nós este ou aquele; mas, cada vez que se fala sobre um de nós, que se diga, conforme a expressão grega, que é gente de distinção. Evitem dizer sua opinião irrefletidamente diante dos homens e das mulheres, sobretudo perante mulheres. As mulheres têm por natureza um tamanho desejo que se lhes dê atenção, que estão dispostas a dizer todo o mal possível de seus Superiores e daqueles que, junto a elas, precederam aos Senhores, para que os Senhores tenham mais interesse por elas. Conheci uma só mulher no mundo que não foi assim, a Boa Madre Maria de Sales e talvez uma outra também, a Irmã Maria Genoveva... Quando forem a uma comunidade, nunca se deixará de lhes dizer: O Padre Poupart é muito bom, porém é um pouco jovem e, além disso, a gente percebe bem que não tem tanta inteligência, tanta experiência quanto o Senhor... Nunca deixarão de fazer isso. Sejam bem prudentes, bem discretos. "Nolite credere omni spiritui" (não dêem crédito a qualquer um), e sobretudo não dêem confiança a qualquer boca.

Os Senhores terão muito cuidado de evitar todas essas coisas e de não manter entre si a mínima sombra no relacionamento mútuo, nem coisíssima alguma. Tenhamos, sim, um só coração e uma só alma. (cf. At 4,32) É uma recomendação muito importante, que desta forma lhes faço. Constantemente se encontra religiosos de uma mesma Ordem, santos religiosos, que lhes dirão: o Padre Fulano é isso ou aquilo... e se os Senhores o estimam, teimarão a rebaixá-lo em sua apreciação. Evitemos isso acima de tudo. Se lhes custar um pouco falar de outro modo ou calar-se, lembrem que farão assim um ato meritório.

Além disso que tudo edifique as almas e as leve a Deus e a Nosso Senhor. Sigamos decididamente a linha que nos foi traçada pelo exemplo da Boa Madre, e corresponderemos bem a nossa vocação. Durante muito tempo, como eu dizia ao Papa Léo XIII, eu não gostava de que ela me viesse falar, era uma mulher... Por que não lhe obedecíeis?, perguntava-me o Santo Padre. Santo Padre, se fosse meu confessor, um de meus Superiores, qualquer outro homem respeitável, teria obedecido imediatamente, mas era uma mulher...

Sim, era uma mulher. Depois da retirada de Nosso Senhor e da Ascensão, o que é que a Igreja fez? Quem foi no Cenáculo, no meio dos Apóstolos reunidos? Quem é que explicava aos Apóstolos e aos primeiros discípulos muitos detalhes do ensinamento de Nosso Senhor, quem é que lhes contava o espírito prático de Nosso Senhor, sua maneira de viver, de se vestir, de conversar entre os homens? A Santa Virgem, Nossa Senhora. Em nosso começo, há algo parecido com o início da Igreja; não nos admiremos disso, pois o espírito dos Oblatos é tão evangélico, corresponde tão profundamente ao sentido da Redenção e do resgate do mundo!

Mais uma vez, sejamos o que devemos ser e, filhos meus, obteremos que nossas obras não sejam estêreis, mas grandemente fecundas. Tenho notícias de Springbock, de Pella; reconhece-se lá uma ação extraordinária de Deus, o espírito que converte as almas. Tudo se faz com total simplicidade, caridade, fé e união entre eles; percebe-se que nossos Padres vivem verdadeiramente no espírito de nosso Santo Fundador, esse espírito que faz a família e a sociedade tão profundamente cristãs. Peçamos a Deus, peçamos à Boa Madre que nos dêem esse espírito a todos nós.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

D É C I M A I N S T R U Ç Ã O

O O R Ç A M E N T O D O A N O Q U E V E M

Durante todo o tempo do retiro, tratamos juntos de nossos deveres e agora devem estar instruídos sobre o que estão devendo a Deus e sobre o que devem fazer para ele; puderam ver também o que deviam às almas com toda a justiça e caridade. Ao sair do retiro, devem levar ao próximo seu orçamento de boa vontade; façam disso um relatório bem detalhado, como os apontamentos de um maçon. Acabo de receber um, são páginas e páginas. É preciso comprar a pedra, pagar o corte, a colocação, a argamassa, as jornadas, de maneira que ao pé das últimas páginas sempre aparece um montante enorme. Quando se olha primeiro esse número, a gente se admira; para entendê-lo, tem que se ver os detalhes. É essa cifra em detalhe que lhes quero apresentar.

Os Senhores têm o Diretório para atender, os votos, seus cargos. Quanto ao Diretório, devem se conformar com a prática dele. Se não praticam o Diretório, não fazem a centésima parte de suas obrigações, nem a milésima parte do que lhes toca fazer. Os Senhores não representam nada, nada mesmo. Isso é a verdade, sem sombra de dúvida. Sem Diretório os Senhores não têm o espírito de sua vocação; o Diretório é que deve conduzi-los, dirigi-los, dar-lhes as linhas gerais e também a luz e o impulso, ou melhor o sentido deste. É absolutamente imprescindível praticá-lo, praticá-lo completamente, acostumar-se bem a isso. Escolham o mesmo como o assunto de sua oração, pensem nisso na hora da santa Missa, no ofício. Não se consegue praticá-lo bem de saída; deve-se começar umas trinta vezes antes de realizá-lo bem. Quando se chegou a exercitá-lo bem, a gente se encontra num estado de união com Deus, a gente está continuamente sob a ação de sua presença; importa chegar até lá; apeguemo-nos a isso renhidamente. É para nós um dever extremamente rigoroso, não se deve afrouxar; não é nenhum bicho de sete cabeças. Mais uma vez, a grande ajuda acharão na sua oração. Sua oração trate disso durante três meses; logo chegarão a saber o Diretório decorado, talvez não de cor, mas de coração. O Diretório é uma bagagem fácil de levar. Tenham-no sempre consigo, em viagem, nas missões. O Secretário de Dom Mermillod me dizia: o maior estrategista espiritual é São Francisco de Sales. Ele sabe cercar seus inimigos e pô-los fora de combate sem se darem conta. O Diretório cerca os defeitos: esses nem têm o tempo de cair na conta disso. Acreditem na experiência de São Francisco de Sales, a quem a Santa Igreja declarou Doutor, a

quem Pio IX proclamou Doutor Infalível. Sejam fiéis ao Diretório; ofereçam a Deus uma penitência quando o tiverem esquecido em alguma oportunidade. Sua vida interior todinha está ligada ao Diretório inteira e completamente.

Se um grande diretor espiritual, São Vicente Ferrier, pôde dizer: Dêem-me um homem, que me prometa pensar em Deus vinte vezes por dia e eu me comprometo a lhe assinar uma carta de fiança que ele será um grande santo no céu; o que pensar sobre quanto será o mérito para o céu de quem pratica bem o Diretório? Dêem o Diretório como leitura para qualquer um, não verá nada nisso, não aparece nada de extraordinário, de notável, de empolgante. No entanto, é a obra de estratégia espiritual mais hábil que exista. É todo São Francisco de Sales e todo o mundo lhes dirá que São Francisco de Sales é um dos maiores mestres da vida espiritual que existissem. Hoje em dia, os seminários, os teólogos, as Congregações Romanas, por todas partes, se fazem em eco das palavras de São Francisco de Sales, considerando-o como seu mestre, seu doutor, e dele assumem os modos de ver e de agir.

O que é São Francisco de Sales? É o Diretório. Quais são seus títulos à santidade? O Diretório. Eu tinha um exemplo bem marcante do que o Diretório é capaz. Durante quarenta anos, eu tinha na Visitação de Troyes o exemplo de todas as virtudes religiosas. A que atribuir essa santidade que tornava esse mosteiro em escola para o paraíso, uma casa verdadeiramente incomparável? Durante longos anos, eu não vi uma só freira, que tivesse o mínimo pensamento contra a obediência. São fatos. A que atribuir tudo isso? Ao Diretório.

Os Votos. Primeiramente o voto de obediência. Hoje lhe destinam outro cargo. Era Diretor de colégio, hoje tornar-se-á encarregado dos estudos. Obedeça simplesmente. Não é preciso dizer coisas tão lindas sobre a obediência; eis um fato, uma realidade brutal, como brutais são realidades e fatos; faça um ato de obediência.

A obediência... Ordena-se-lhe ir para o Cabo da Boa Esperança; manda-se que o Senhor deixe uma situação amena, agradável para enviá-lo tostar-se sob o sol da África; faça-o simplesmente: é isso a obediência. Mas agora uma coisa bem mais difícil do que ir para África; o Senhor não dá bem sua aula, não observa bem seu regulamento; devia estar no centésimo verso do autor que está explicando a seus alunos, e só tratou de cinquenta versos; é certamente mais difícil se conformar exatamente a tudo isso, a embarcar numa obediência total, absoluta, minuciosa, do que embarcar num navio para Pella. A gente troca o encargo do Senhor. Tinha uma coisa que lhe agradava, uma in-

cumbência variada e interessante; agora tem um estudo cansativo, aborrecido, com alunos que não progridem e lhe resultam um peso: aí está um tributo a mais para saldar, para pagar. Quando a gente não se resolve generosamente a isso, o que acontece? Nossa imaginação, nosso pensar se opõem contra a obediência; demolem tudo, paralizam a vontade; a obediência não se realiza. Os Superiores se vêem obrigados a nos transferir. Isso significa não só uma desobediência, torna-se uma traição.

A pobreza. O Senhor tem uma coisinha sua própria, um negociozinho; isso termina com tudo. Citar-lhes-ei um exemplo, um exemplo sobre uma mulher, uma freira; bem posso contá-lo aqui. Havia, pois, na Visitação também uma Irmã Maria Filomena. Todo o mundo achava estranho vê-la bem pontual, boa maestra no internato, em todas as circunstâncias fiel à Regra e à obediência, no entanto em nada se parecia às outras freiras. Um dia que a Boa Madre visitava toda a casa, achou num rincão do sótão duas ou três malas; abre-as e as encontra cheias de pedaços de sabonete, de pentes, de rosários, de mil coisas que pertenceram às internas, coisas de pouco valor, sem dúvida, mas que ela juntava onde as encontrava espalhadas ou atiradas e as ajuntava e guardava sem licença alguma. Ela não era mais pobre, nem religiosa, era proprietária de toquinhos de vela, de pedaços de sabão. Para quem ela recolhia tudo isso? Para seus pequenos sobrinhos, para suas pequenas sobrinhas, creio, que vieram visitá-la e a quem ela queria fazer o prazer de ganhar esses presentes.

Observemos bem o voto de pobreza. Que ninguém tenha a ousadia de guardar a mínima coisa, de tirar proveito de qualquer coisa. Se alguém tem permissão de ficar com as espórtulas de suas missas, com estas ou aquelas ninharias, faz bem, renovando essas licenças para não efetuar atos de proprietário, mas de religioso obediente e pobre. Cuidemos também em não ter como propriedade outra coisinha qualquer na sacristia, em certos cargos; tem-se uma caixinha para uma coisa, mais uma para outra. Isso impede sermos religiosos; é essa uma conduta nem franca nem leal. É absolutamente imprescindível pedir licença para tudo isso. Mas não é nada; é tão pouquinha coisa, que no começo de minha presença na Visitação e quando o mosteiro se compunha de pessoas extremamente exemplares e capazes, uma pobre alma entrou nesse caminho oposto à pobreza e ali ficou. Ora, nenhuma prova, nenhum castigo, nenhuma ausência de graças lhe era poupada durante dez, vinte, trinta anos. Mas Padre... Nada desse "mas, Padre"; fizeram voto de pobreza, clara e netamente, cumpram-no tal qual, sem escapatórias nem subterfúgios. Nosso espírito é tão amplo, tão harmonioso, que quase não pede mortificações corporais, pede, sim, umas espirituais; sobretudo pede que se entreguem a essas clara e nitidamente.

A castidade. Creio ter dito suficiente sobre a Castidade; eu volto à necessidade que existe para simultaneamente sermos bons teólogos e não permitirmos acomodar a Regra segundo toda espécie de interpretações, insinuações, que complicam as coisas. É isso ou aquilo, e basta. Apoiem-se bem nos princípios; julguem à essa luz suas idéias, suas ações, suas inclinações, de uma maneira bem clara e nítida. Esse voto de castidade não se pode observar sem uma certa mortificação. Diz-se que a castanha é o símbolo da castidade: "castanha" vem de "castanea"; ora, a castanha está coberta de espinhos... O exercício do voto de castidade nos faz evitar também essas coisas que não são pecados, mas que tendem a isso: o apego da alma à moleza e à delicadeza efeminada, à superabundância das coisas terrestres. Abstenham-se de tudo isso. Tenham essa firmeza e essa generosidade que dá condições de, encontrando-se diante da tentação, distinguir claramente o que nunca se fará por não ser permitido.

Livre-mo-nos de toda responsabilidade com relação às coisas da comunidade. Não se preocupem por isso e quando se lhes disser: Façam isso..., façam-no com toda a simplicidade. Isso não irá bem? Tanto melhor! Terão razão outra vez. Abandonem seu parecer. Deus fará antes um milagre do que permitir que uma coisa má lhes aconteça. Tenham fé na graça da obediência em assuntos de seus cargos. Nosso Santo Fundador disse: Façam apaixonadamente bem o que fazem. Quanto mais elevado em dignidade alguém está, tanto mais seus servidores capricham para honrá-lo. Que cada um lembre que está obedecendo a Deus em seus Superiores, nos seus estudos, nas suas aulas, nas suas atividades manuais; não obedeçam aos sobressaltos, dispostos a caprichar algum tempo, depois descomprometendo-se para o momento seguinte. Obedecer sem parar é uma coisa bem exigente, mas também muito meritória.

Pelo Diretório, pela absoluta dependência de seus votos, de suas obrigações, próprias a cada um dos Senhores em particular, serão verdadeiramente Oblatos. Examinem-se bem a esse respeito, para que, ao terminar este retiro, se acontecer que se lhes peça algum sacrifício, estejam prontos. Aqueles a quem se pedirá o que menos lhes agrada, que jubilem, e a quem se maltratará, que exultem: esses não são operários inúteis, não comerão seu pão no ociosidade e covardia. O profeta ia-se por ordem de Deus; estava bem cansado; estava com fome e sede. Ele se deixa cair na sombra bastante rara de uma árvore do deserto entre Judéia e Egito; deseja morrer. Eu não tenho mais força para ir adiante, para caminhar mais. Meu Deus, retirai minha alma deste mundo, não sou melhor do que nossos pais, reuni-me a eles! Um anjo vem até ele, faz com que o profeta coma um pão cozido sob a cinza e este adormece.

O anjo o acorda e o profeta come outra vez o pão misterioso; depois se levanta e caminha até o monte Horeb, onde tem uma visão de Deus e descobre a vontade de Deus. É a história do retiro; a mesma coisa lhes acontece aqui. Estão cansados, enfadados, desanimados; receberam durante o retiro os alimentos celestes: pão e água. Levantem-se, escutem a voz de Deus; venham na montanha ouvir a Vontade de Deus para todo este ano. Que no alimento divino achem a força para caminhar quarenta dias, quarenta meses e quarenta anos, se for preciso. Fiat! Fiat! (Faça-se!) (cf. 1 Rs 19,1-15)

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

DÉCIMA PRIMEIRA INSTRUÇÃO

AS MISSÕES : NO CABO E NO BRASIL

Esta manhã, em vez de dar-lhes uma instrução, quero fazer uma palestra sobre vários pontos já tratados aqui, sem dúvida, no decorrer do ano e durante o retiro, mas aos quais desejo voltar por serem essenciais.

O primeiro é a necessidade de sermos extremamente coesos. É absolutamente necessário que haja uma só corrente; que cada um se entregue à vida de generosidade, de obediência, de todo coração, inteira e perfeitamente, com todos os possíveis sacrifícios. Palavras dizem alguma coisa, os fatos possuem uma eloquência mais eficiente. Vou citar-lhes alguns fatos, e esses apresento numa ordem de idéias referentes às obrigações de nossas Constituições. Vou buscar esses fatos em nossas missões. Pode-se dizer que lá a ação de Deus é mais visível, faz-se sentir melhor: é por isso que tiro meus exemplos de nossas missões. Uma de nossas características essenciais é, além disso, sermos missionários. Claro, que não temos as missões como nossa tarefa específica, assim como os Padres do Espírito Santo; mas pertencemos à família dos missionários; dependemos da Propaganda Fidei. Devemos nossa existência à Propaganda, dever-lhe-emos, pois, nossa devotação; é por ela que recebemos as inspirações da Igreja, por ela prestamos nossos serviços à Igreja. Escutem-me atentamente. É impossível ter no futuro missionários que não sejam santos; é o que o Padre Simon, o Padre David me repetem incessantemente. É fácil entendê-lo. Imaginem-se o primeiro missionário, São Paulo, saindo para pregar e algum de seus companheiros lhe diz: Vosso Anjo disse para ir-des a Éfeso... E São Paulo escrevendo-o aos outros fiéis. Se não são santos: que farsa, serão tentados a dizer! Qual Anjo veio lhe dizer que nos levasse a Éfeso? Ora, os missionários que mandamos são os sucessores de São Paulo; a obra deles é a de São Paulo; claro, não são nenhum São Paulo! É uma razão a mais para os cercarmos com todo nosso respeito, toda nossa consideração. Para as missões, pois, devemos mandar unicamente gente dessa tempera.

Considero eu, e a Igreja vê como uma obra excelente, puramente sobrenatural, o que nossos missionários estão realizando; tudo quanto se mistura aí de humano, todas as considerações de ordem inferior vão em prejuízo da obra e, se dominarem, a destruirão inteira e radicalmente. Por isso não vacilo em dizer: Se quem quer que seja entre nossos Padres perceber que os missionários que se envia não se encontram nessa ordem de idéias, não entram

nesse espírito, ele tem a obrigação rigorosa de pôr ao par disso ao Superior; e este saiba atuar energicamente. A influência infeliz, resultante da tolerância usada para com esses religiosos, contradiria totalmente o nosso modo de ver. Só podemos agir sobrenaturalmente; de outra forma não faremos nada, nem por imposição de autoridade, nem recorrendo à influência, nem por meio de nosso ouro ou prata, como nem tampouco através de policiamento. Eu recomendo a cada um de nossos Padres que esteja prevenido, que seja vigilante a esse respeito. Eu tenho motivos sérios para afirmar o que estou dizendo.

No Cabo, conforme a opinião de todos os homens competentes, a presença do Padre Simon é extremamente valiosa. Pela obra se conhece ao operário. A missão do Cabo é bendita pelo céu. Hoje em dia, em Pella, não há mais do que um ou dois protestantes ou pagãos, e é lá um país de pastores, de agricultores que têm toda Africa por sua terra e sua choça como casa, e que vão sem parar de um lugar para outro. Os abrigos que levantam apenas merecem o nome de moradia humana. Essa gente, tornados cristãos, querem bem aos Padres; as mulheres e moças se deixam orientar pelas Irmãs. Algumas se preparam à vida religiosa; outras se casaram e vivem no espírito da Boa Madre. As cartas que o Padre Simon me escreve têm o cunho de um verdadeiro filho de Deus; é uma coisa como descrita pelos Apóstolos. Nossos Padres acabam de fundar uma outra residência em Springbock, lugar onde primeiro se achava que não havia nada de se fazer. Convenceu-se ao Padre Fromentin que por lá era impossível fazer qualquer coisa. Mandastes-me para lá, condenado a fumar o dia inteiro, me escreveu ele. Em que se baseava, ao pensar que o espiritual lá não pegava? Eu disse ao Padre Simon que fizesse rezar. Vá a Springbock, acrescentava eu; mande fazer um retiro. Diga ao Padre Fromentin que abra uma escola... Obedeceu-se. Para quem abrir uma escola? O Padre Fromentin abre uma para os negros; as Irmãs, outra para brancos e brancas. Mas como é que o Padre Fromentin vai dar aulas? Não sabe uma palavra de inglês. O Padre Simon lhe dá algumas aulas, lhe prepara um pequeno vocabulário, lhe ensina como pronunciar. A escola se abre. No primeiro dia, há seis alunos, no segundo oito; hoje são trinta e seis, e todo esse mundinho reza e estuda. Pergunta-se-lhes: como fazem para entender o Padre? Ele não lhes sabe falar, não sabe o idioma de vocês. Sabe falar muito bem, respondem eles, entende tudo quanto dizemos. Ao lado dessa escola para os negros, a escola para os brancos está prosperando, crescendo. Eis, pois, duas cabeças-de-ponte, onde Deus se faz sentir. Um ou dois já me escreveram e pediram que eu rezasse à Boa Madre por eles.

No Brasil também Deus se fez sentir. Nossos Padres tinham ido para lá para dirigir o seminário de Pará. Havia três ou quatro alunos; um deles, um ótimo rapaz, morreu; os outros eram sujeitos singulares: um deles, sendo diácono, deixou o seminário para casar. É impossível levar a cabo essa obra

naquele infeliz país, numa diocese, que é quase tão extensa como Europa. Ao ver que não se podia fazer nada, Padre Seguin retornou, doente. Dom Macedo me pediu que eu mandasse os Padres David e Lardon em missão a Parentins, a duzentas léguas de Pará. Lá existe uma paróquia cuja jurisdição se estende por mais de quinhentas léguas para um lado, e do outro lado nem se sabe até onde vai. Nossos Padres predicam ali uma ou duas missões e acontecem coisas muito lindas e sobrenaturais. Após se terem ocupado da paróquia, nossos Padres vão na periferia. Aham índios, que ouviram falar outrora dos Padres. Eles se aproximam. A primeira pessoa que encontram é uma negra. Padre, disse ela, ninguém me falou que estavam por vir. Eu vi durante meu sonho que minha consciência não está nada bem, que eu precisava vir à aldeia e que lá eu acharia um Padre, que me perdoaria os pecados. Nunca tinha visto um Padre em sua vida. Estão predicando uma missão muito frutuosa, fazem duzentos ou trezentos batismos e não sei quantas centenas de casamentos e confissões; por fim, depois de uma viagem extremamente animadora e fecunda, voltam para Parentins e acham uma carta que lhes manda abandonar tudo e tomar o caminho de Rio-bamba, na República do Equador. Por que essa contra-ordem?

Em Roma, na Propaganda, o Secretário, o próprio Prefeito me tinha dito: Estais no Brasil, estais contentes? O que fazem vossos Padres? Eles são Padres... A respeito disso, se nos aconselhou que não ficássemos. Naquele país infeliz, o governo, que é dirigido pelos maçons, se opõe a que se leve o Evangelho aos índios selvagens. Não permite criar novas dioceses; não quer admitir Congregações religiosas, nem missionários. A Santa Sede quer que se leve o governo brasileiro a aceitar missionários. Escrevei a Pará, disseram-me em Roma, que ireis no dia em que será criada uma Prefeitura Apostólica; sem isso não podemos ajudar-vos em vossas missões. É o que fizemos imediatamente. Ao receber essa ordem, o Padre David me escreve: Recebi vossa carta como a expressão da Vontade de Deus e tomaria imediatamente o caminho do Equador se não tivesse assumido compromissos com a gente daqui. Estamos diante dos dias de festas, e essas festas reúnem muitíssimas pessoas. Já me deram honorários. Essas festas durarão até o fim de julho; além disso, esta gente é muito irritável; chegariam provavelmente à violência, se descobrissem que os queremos deixar antes das festas e das procissões que as acompanham, procissões essas que são de capital importância para a região. Apenas as festas acabadas, partiremos. Vamos vender nossas duas vacas; arrumaremos um lugar para nossos dois empregados domésticos; temos trinta galinhas, vamos comê-las, isso será uma por dia. Padre, acrescentou no fim, estais mandando-nos para um país que não conhecemos; tudo quanto soubemos dele foi que há alguns anos um terremoto trágico trouxe quarenta mil pessoas. No entanto, felizes nos apressamos para lá, já que é a Vontade de Deus. Ontem à noite,

continuou ele, dia de São Domingo, comemos nossa trigésima galinha e nos pusemos a caminho.

Aí se vê cartas, que têm um cunho muito profundo e bem evidente do espírito religioso. Repito que cada um de nós necessita ter esse espírito; que os que estão longe, assim como os que estão perto, vivam a mesma vida; que tenham um só coração, uma só alma; e que esse espírito seja o da Boa Madre, espírito de simplicidade, de cordialidade confiante. Não se deve ser a gente mesmo. Na medida que houver algo de si, Deus já saiu; isso o aborrece e ele se retira.

Vamos voltar, cada um para seu colégio, para suas funções; sejamos apenas instrumentos, uns simples nadas nas mãos de Deus. O mesmo, se for preciso, fará milagres, se entrarmos bem nesse espírito de obediência; e todos da Congregação que entrarem nesse, muito bem darão conta do recado. Situemo-nos a partir de esse ponto de vista sobrenatural. Onde iremos, se quisermos seguir nosso parecer ou a opinião dos homens e a circunspeção humana? O que é que se pode fazer com tudo isso? Apoiamo-nos em Deus; confiemos em nossa Regra, em nossos Superiores.

Hoje é o dia de São José Calassancio, é um santo que procurava reunir as criancinhas. Tem sucesso no seu país; vai a Roma, onde se aceita a obra dele; obtém uma Bula Papal; depois Deus parece retirar-se e armar tudo contra ele. Seus inimigos triunfam; o Papa acha prudente suspender o efeito de sua Bula e não lhe permitir continuar essas obras na Itália. Particularmente em Roma, se diz para ele: Retirai-vos! O santo continua em outro lugar; é comparado ao santo homem João. Aí a luz surge, ele volta para Itália. Sua obra se propaga duma maneira maravilhosa. Suas escolas se estabelecem em Roma e prosperam.

Façamos como esse santo fez. Sejamos bons, humildes, piedosos, devotos, corajosos, firmes, enérgicos em frente das dificuldades, mas com muita suavidade e de maneira simples. Renovemos nossos votos com esse espírito; e que a graça dessa renovação seja bem inteira, completa em cada um de nós. Sejamos particularmente bem fiéis na observância de nosso voto de obediência, como lhes expliquei, como o queria nosso Santo Fundador e como a Boa Madre sempre o observava.

1887

RETIRO ANUAL DE 1888

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

A MORTIFICAÇÃO EXTERIOR

O retiro, meus Amigos, é para nós de uma importância capital. O retiro que vamos fazer não é somente para nós, mas é para todas nossas obras, é por todas as almas que dependem de nós, de uma forma ou outra. Além disso, nosso retiro não é somente para o presente, mas é para o futuro da Congregação, de forma que convém aproximar-nos de Deus com temor e tremor, considerando a missão que nos é confiada.

A grande importância do retiro, sua influência sobre a missão que temos que cumprir, nos mostra bem a necessidade que temos para dar-nos absoluta e inteiramente, ainda assim sendo pouca coisa, para obter os resultados visados pela Providência. Mas enfim, dando-nos totalmente, satisfazemos a Deus, correspondemos inteiramente à intenção e ao desejo dele, numa palavra, sintonizamos com a santa Vontade divina.

O retiro, para nós especialmente, deve ser não só um ensinamento, mas deve ser também e sobretudo a prática do que temos de fazer. São Bernardo dizia a seus religiosos que o retiro, a solidão era a forma de vida - *solitudo forma vitae* - . A solidão que observam os Senhores deve ser o estilo de sua vida: o que fizerem durante estes dias, deve ser o que farão continuamente. Venham, não à escola, mas à aprendizagem; não para aprender o que se deve saber, mas para aprender a fazê-lo. *Solitudo forma vitae*.

Bem, qual deve ser o estilo de nossa vida? Segundo nosso Diretório e nossas Constituições, vemos que duas palavras resumem toda a nossa vida: mortificação e atenção.

Primeiro, a mortificação. Não temos mortificações exteriores em nossa Regra, nem práticas de jejum, nem túnica ou cintas de crina ou lã áspera; ora, a mortificação exterior é absolutamente necessária à vida religiosa. Precisa-se, pois, procurar alhures essa mortificação exterior. Durante o retiro, apliquemo-nos a praticá-la em todos os momentos, aos que nos vamos referir; esforcemo-nos por compreender bem essa mortificação durante o retiro, por conservá-la bem depois do retiro e de executar com esmero o que tivermos cumprido e feito durante estes dias.

A mortificação, para nós, deve consistir sobretudo em nossa postura exterior, em nossos hábitos naturais, no beber e no comer, na roupa, na atitude e nas boas maneiras, em nosso trato com o próximo e sobretudo entre nós, mantendo continuamente esta modéstia de Jesus Cristo em todos os nossos membros, em todo nosso ser: sem isso não há Oblato, não há para nós forma de vida religiosa. Escutem a palavra da Boa Madre: Ver-se-á ao Salvador caminhando pelo mundo. Importa, portanto, fazer ver ao Salvador, mostrá-lo; é necessário que, vendo-nos, o enxerguem a ele. Esta é também a palavra de São Paulo, conjurando os primeiros cristãos para a mesura de Jesus Cristo: "per modestiam Christi" (2 Cor 10,1) Pela modéstia, isto é, por sua maneira moderada de ser, de portar-se. Dêmos muitíssima importância a essa mortificação de nosso exterior: isso será um de nossos grandes meios de influência sobre as almas. O mundo não nos pode conhecer por nosso interior, que não se vê; julgam-nos pelo exterior. Se temos uma atitude simples e modesta, isso impressionará os que nos virem; isso atrair-nos-á os corações e levará à confiança. É necessário que pratiquemos a mortificação exterior para ser religiosos e, mais uma vez, é a única mortificação que possamos fazer.

Para isso não é preciso que tenhamos um exterior sobremedido, raro, com os olhos virados, uma figura todo torcida, não, que nosso exterior seja extremamente simples. Vejamos alguns detalhes. Nossa atitude primeiramente, nossa postura durante a oração. Não apoiemos jamais os cotovelos, a menos que estejamos doentes. Mas, Padre, nos está dando uma instrução como para crianças. - Sim, e como para bem criancinhas, e lembrem bem o que lhes estou dizendo. Conservaremos o corpo direito durante a oração, a cabeça um pouco inclinada, as mãos juntas com os dedos entrecruzados: a praxe não é mais orar como no tempo de nosso Santo Fundador, com as mãos completamente juntas. Os pés se encostarão um no outro, evitaremos, sim, cruzá-los, ou pôr uma perna sobre a outra. Numa palavra, nossa atitude será de grande recolhimento e os fiéis verão que nós realmente rezamos, que cremos na presença de Deus. No momento atual, não é por belos discursos, por lindos pensamentos que converteremos os povos; tudo isso está muito desgastado para um povo que abusou de tudo e que não crê mais em nada. Importa relacionar-se com as pessoas, como dizia São Paulo, sem querer apelar à razão, ao entendimento deles, mas antes à apreciação e estima dos mesmos e só chegaremos a isso pelos meios que indicamos.* Em nossas orações, portanto, cuidaremos desse recolhimento exterior, essa atitude correta, e nisso representaremos Nosso Senhor, orando na montanha, no Jardim das Oliveiras, no meio de seus discípulos.

* (cf. 1 Cor 1,17-31)

Ao comer também, sejamos bem religiosos. Proíbo absolutamente de pegar os costumes do mundo de hoje, de levar a faca à boca e, tendo-a na mão, gesticular com faca ou garfo. Sob esse aspecto, não devemos ser como todo o mundo. Conservemos fielmente as maneiras da antiga cortesia. Não convém tampouco, à mesa, ter certos modos de agir, de apreciar as coisas servidas. As pessoas do mundo escandalizar-se-ão, se não nos encontrarem mortificados. Portanto, nunca nos mostremos peritos em vinhos, em pratos de carne, em todo o tipo de molhos e de temperos. Achemos bom o que está bom, mas não nos façamos de entendidos. Evitemos isso acima de tudo. Que não se deixe de fazer a mortificação de pôr um pouco de água no vinho, desde que não ofendamos assim as pessoas, que nos convidaram e que seriam chocados ao ver que se ponha água num vinho de certa qualidade. Eu dispenso da Regra somente nesse caso, e isso por caridade. Observemos a Regra em todos os outros casos, pois é a Regra; o Padre nunca deixa de pôr um pouco de água no vinho do cálice e faz isso porque é a regra e porque Nosso Senhor o fez na Última Ceia; façamo-lo pelos mesmos motivos. Jamais deixemos de praticar a mortificação em cada refeição, ora comendo um pouco mais do que menos agrada, ora privando-nos de algo que preferimos. Mas, sobretudo, não falemos nunca à essa mortificação. Meus Amigos, o costume de pôr água no vinho tem um profundo sentido. Lembrem a palavra de São Paulo: "Vinum in quo est luxuria" (Ef 5,18). (O vinho que leva à luxúria) É bem claro que o abuso do vinho acarreta desordens muito grandes e de consequência bastante funesta. Essa inclinação para satisfazer o gosto, para estimular o paladar pela comida ou bebida, torna-se em breve um costume, suscita a atividade do sangue e é a origem de numerosas tentações e quedas. Que se compreenda bem isso e que se pratique a mortificação da Regra, a fim de evitar as ciladas do demônio, que lhes indica São Paulo.

Em nossas relações com os demais, façamos da prática da caridade um grande ato de mortificação. A caridade é, teoricamente, linda, magnífica, mas a prática não tem nada de muito encantador; das mortificações que há, a caridade é uma das maiores. As consequências da caridade são admiráveis, deliciosas; mas a prática dela não é nada gostosa. Com efeito, se cultiva a caridade à custa da gente, à custa de suas inclinações, de sua opinião própria, de sua atividade mental, à custa da natureza mesma da gente. Portanto, pratiquem bem a caridade entre si durante o retiro. Não causem nenhum incômodo ou preocupação aos Superiores, nem aos iguais, nem tampouco aos seus súditos. Se pudessem imitar de longe o exemplo da Boa Madre; no decorrer de toda a vida dela, não notei a menor falta contra a caridade, ora diante de seus Superiores, ora para com seus iguais ou inferiores.

A propósito - e voltarei a isso durante o retiro - eu gostaria muito de que não se faça qualquer comentário desfavorável sobre esta ou aquela comunidade, seja qual for. Tenhamos o espírito da Boa Madre, que era um espírito todo de caridade. Se tivermos que reconhecer nossa culpa, façamos nosso "por minha culpa" de todo o coração, perante Deus e tomemos a resolução de sempre respeitar o que pertence a Deus. Um dia eu tecia minhas reflexões diante da Boa Madre, idéias que eu achava acertadas. Sim, me respondeu ela, mas tende cuidado: aqueles dos quais estais falando, fazem Deus amar.

Mais uma palavra. Para que o retiro represente bem a "forma vitae", é preciso transferir toda essa mortificação para nossa vida. O que dá a um regimento boa aparência e o que proporciona que marche bem, é o fato de todos os soldados estar vestidos da mesma maneira, e todos estar equipados da mesma forma, de todos apresentar o mesmo modo de ser, o mesmo jeito de marchar; um zuavo não marcha como um cavaleiro. Olhem como se reconhece as Filhas de São Francisco de Sales, as Visitandinas; onde for que estejam, donde for que venham, elas têm a mesma linguagem, o mesmo porte, as mesmas maneiras; é porque houve a formação completa, total, por meio do Diretório e da obediência. É um processo que unifica a todas. Ora, é mais difícil formar mulheres do que homens. Vamos, pois, chegar a isso. Deve-se adotar este princípio de que onde um Oblato falar ou agir, aí se reconheça a Nosso Senhor. São João Crisóstomo diz que, quando Nosso Senhor passava por algum lugar, a gente o reconhecia, mesmo quando nunca o viram, e diziam: Olhem, aí está Jesus de Nazaré. Todo seu exterior, seu modo de ser levava a uma imensa confiança nele. Acontece, diz o santo Doutor, que havia em Jesus Cristo duas graças, uma sobrenatural e outra natural, que emanava por sua atitude, sua mesura e que impressionava até aos que não o conheciam. Sentiam-se atraídos por Nosso Senhor, não tanto pela graça sobrenatural como pela graça natural, com a qual sua santa humanidade estava revestida. Assim deve ser conosco. Importa que nos formemos bem na escola do Diretório, da obediência, por essa ginástica interior e exterior; assim chegaremos todos a ter as mesmas maneiras de orar, de comer e conversar.

Eu lhes rogo e suplico, pela modéstia de Jesus Cristo, per *modestiam Christi* (Fl 4,5), que os Senhores todos se esforcem para isso e todos sejam uma só vontade, um só coração, uma só alma; e acrescentarei com São Paulo, um só corpo (Rom 12,5). Todos devem estar *in uno corpore* (Rom 12,4), como um só corpo, que será formado à imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, de tal maneira que não serão mais do que um só corpo, uma só alma com ele. É o complemento dessa união de Nosso Senhor conosco, iniciada pela Encarnação e a Eucaristia e continuada pela vocação.

Eis, pois, o exercício maior do retiro, eis ao que nos vamos aplicar imediatamente. A essa mortificação, assim praticada, acrescentaremos a atenção à palavra divina a ser realizada plenamente. Primeiro, estejam atentos ao que lhes direi, pois, afinal de contas, o que lhes digo vem da parte de Nosso Senhor; não é só em nome dele que lhes falo, mas é ele que lhes dirige sua palavra; o que lhes digo de maneira alguma é meu; não sou eu o autor disso, nem sequer o depositário. Eu recebo para entregar às mãos dos Senhores; não me pertence a mim, cabe aos Senhores. Prestarão muita atenção, pois, a tudo quanto lhes disser; guardá-lo-ão com todo o empenho de sua vontade. Também estarão muito atentos a tudo quanto Deus lhes disser no fundo do coração durante este retiro, para que possam usá-lo e estes dias de graças lhes sejam de grande proveito.

Que Nosso Senhor, que os reuniu, abençoe aos Senhores e lhes dê esse coração generoso que deu a Salomão, esse coração que se eleva acima de si mesmo, que abraça toda a Vontade divina, inclui todo o próximo, envolve todos os acontecimentos, tudo quanto Deus permite; esse coração amplo, profundo, imenso, *sicut latitudinem maris* (sic), diz a Sagrada Escritura (cf. Ecli 1,2). Impulsionemos, com nossa iniciativa, a realização de todo o bem que vislumbramos. Cor altum (o coração ao alto), tenhamos esse coração grandioso e profundo, a maior graça que Deus desse no Antigo Testamento; esse coração aberto, o melhor tesouro que ele nos reserva entre as graças deste retiro. Peçamos à Boa Madre, que tinha um tão grande coração, que ajude a obtermos essa graça.

SEGUNDA INSTRUÇÃO

A MORTIFICAÇÃO INTERIOR

ESPÍRITO DE HUMILHAÇÃO E DE ORAÇÃO

Aquilo que lhes dizia, que sempre devíamos levar conosco a mortificação de Nosso Senhor em nosso exterior, não está completo. Isso não é tudo. Sem dúvida, deve-se receber bem tudo quanto contradiz nossos gostos, nossas tendências, nossas preferências; nossa mortificação deve incluir estes dois pontos: o da caridade para com o próximo, saber sempre sacrificar-nos em favor dos demais, e este outro ponto que é edificar. Cada um de nós deve suscitar em todos aqueles e aquelas, com quem estaremos em contato, um sentimento de respeito religioso, de devoção. O exterior não basta para isso, mais outra coisa é absolutamente necessária. Importa, como nosso Santo Fundador recomenda, que, de fato, nosso exterior seja muito simples, muito natural, mas que não se possa julgar unicamente por isso se nós estamos bem ou não, espiritualizados ou não, amáveis ou rabugentos; evidente que nosso exterior não deve ser sem expressão, isso não é o sentido da palavra de nosso Santo Fundador; mas, moldados como somos segundo Nosso Senhor, nosso exterior deve manifestar não a nós mesmos, mas o que Jesus é em nós. É, pois, necessário que o interior guie o exterior e também sugira a opinião que se formar sobre nós. Nossa alma devê aperfeiçoar em nossa atividade, em nossa maneira de ser, o que somos, ou melhor o que devemos ser. Precisam-se duas coisas para tanto: o espírito de humilhação e o de oração.

O espírito de humilhação. - Um dia, em viagem, eu me confessei com um padre de Savôia, perto da aldeia de Echelles. Encontrei esse padre, vestido de calças azuis e colete amarelo, com gorro de algodão na cabeça ; juntava lenha no seu matagal. Eu me propus desde já nunca mais me confessar com um padre assim. Eu me acusava talvez de ter faltado contra a humildade. Ele me interrompeu: meu amigo, não é tanto da humildade que precisa, como de humilhações. Um doutor de teologia, certamente, não me teria dito coisa tão acertada. Eu me admirei, como Deus me falava pela boca de seu ministro, apesar do jeitão dele de se vestir. Era de uma filosofia profunda e era exatamente o que eu precisava; e é certamente o que nos falta a nós. Convém sabermos criar em nós essa disposição, que não chamo de humildade, mas de humilha-

ção. A humildade é muito difícil de definir. Leiam os Padres da vida espiritual e verão a dificuldade que experimentam para explicar a humildade; a melhor definição ainda é a que diz que a humildade é o verdadeiro conhecimento de si mesmo; e conhecer-se a si mesmo é uma coisa muito difícil. É bem mais fácil entender a humilhação. Temos todos os motivos possíveis para acolher a humilhação; nossos pecados no primeiro lugar, o que fizemos desde nosso batismo até nossa primeira comunhão, depois de nossa primeira comunhão até nossa ordenação sacerdotal e o que temos feito desde nosso sacerdócio até hoje. Quem é que, confrontando-se com toda sua vida, não se sente envergonhado? E por que não viveríamos nessa consciência de humilhação? Deus perdoou, é verdade; mas essas faltas, no entanto, cometemos. Deus pode tê-los esquecido, nós não os devemos esquecer. (cf. Is 43,25) Essa falta, esse pecado, esses pecados vergonhosos, degradantes, quem os fez? Pois bem, vivamos dessa lembrança, vivamos com essa humilhação devido a nossas faltas.

Não é apenas um conselho que lhes dou, é um caminho que indico e é a senda da verdade. Essa humilhação alimentará nos Senhores essa disposição à caridade, da qual lhes falei hoje de manhã; essa humilhação sustentará a caridade e a benevolência para com o próximo. Esse espírito de abertura à humilhação que levaremos conosco, nos lembrará muitas vezes os pecados cometidos, ainda que nossa consciência não tenha mais por que nos repreender. Quem sofre os castigos da justiça humana no fundo dos calabouços, amarrado à corrente dos trabalhos forçados e até no patíbulo, por uma falta momentânea, de um minuto talvez, sofre uma humilhação permanente. Nós, porém, não nos damos conta tão exatamente da situação que nos causamos em relação com Deus, perante os anjos e os homens, que souberam das nossas faltas. Tamen memor sit conditionis suae (que, no entanto, se lembre de sua condição), e assim se expressa na santa missa: "In spiritu humilitatis et in animo contrito" (No espírito de humildade e de coração contrito). Sim, nossos pecados são muitos e degradantes, tanto os oriundos da paixão, como os que cometemos por capricho de caráter, por fraqueza ou por falta de coragem. E crêem os Senhores, ao colocar-nos frente a essas considerações, que não nos devemos sentir profundamente humilhados?

E se deve levar em conta não só nossos pecados, mas também nossas faltas, nossas extravagâncias, nossas estupidezes. Nossas faltas que sempre têm numa ou noutra paixão sua origem. Por exemplo uma falta de amor próprio, donde surge? Será o ciúme? Será alguma coisa talvez que manifeste uma falta de sinceridade, de fraqueza, de honradez?

Nossos defeitos. Quem é que não os tem? Se nós os analizássemos a partir da opinião de outros; se disséssemos sincera e cordialmente aos que nos cercam, que nos conhecem: ponham numa urna o que encontram em mim de de-

feitos, os Senhores crêem que não se acharia uma quantidade? Entre esses defeitos, existem uns que conhecemos bem; há outros, que nos feririam, porque os descobriríamos naquele momento; e existem outros ainda que não gostaríamos de reconhecer e que, no entanto, são verdadeiros. Ab occultis meis munda me (S 18,13). (Purifica-me de minhas faltas ocultas)

Não é que está nisso o meio de abaixarmos nossas pretensões, colocando-nos nessa situação face a Deus, tão reclamada pelos autores da vida espiritual? Não é assim que, finalmente, chegaremos ao ponto de nos desfazer de nós mesmos e de unir-nos a Deus?

E já que o retiro é a forma da vida, "solitudo forma vitae", importa que, durante o ano, façamos muitas vezes nossa oração sobre isso. "In spiritu humilitatis et in animo contrito" (No espírito de humildade e de coração contrito). Que não sejam pensamentos passageiros, mas um costume, que permaneça. Mas, Padre, dessa maneira destruireis toda a afirmação caracteristicamente pessoal; ides meter, então, não sei o que de incerto e tímido... Absolutamente. O caráter mais forte, a alma mais generosa será a que viver nesse meio, a que for face a si mesma, perante Deus e diante dos fiéis e do próximo, o que deve ser de verdade. Quando se tratar de mostrar a caridade para com Deus e o próximo, a dedicação às almas, verão até onde essa pessoa irá, pois irá na verdade.

É a palavra do Apóstolo bem-amado: se reconheceis vossos pecados, a vida de Deus está em vós, porque vos assemelhais a ele. Se não os reconheceis, se dizeis não ter pecados, sois mentirosos, "mendax es"; a verdade não está em vós; Deus não tem nada que ver convosco... (cf. 1 Jo 1,8; 1 Jo 2,4) A força suprema, a energia suprema está nisso; é a base; é aí que se prepara, se elabora toda a atividade; é aí o ponto de partida. Experimentem isso. Suportemos com humilhação nossas faltas, nossos desvios, nossas misérias e que essa humilhação seja a nossa companheira permanente.

São Francisco de Assis dizia: casei com a pobreza. Um dia, eu ia ao Calvário e perguntava ao Senhor Jesus qual era a esposa com quem eu devia passar minha vida. Jesus me olhou e disse: casa com a pobreza! São Francisco casa com a pobreza e dessa união nasce uma família imensa, que cobre o mundo desde o século XII e que se propaga tão numerosa hoje em dia, nos nossos tempos infelizes, quanto outrora. Nós, meus Amigos, nós casamos com a humilhação, será tão fecunda quanto a pobreza; será mãe de uma família talvez tão numerosa, mas de uma família seguramente ainda mais querida ao Salvador Jesus. Levemos, pois, a humilhação dentre de nós: que esse costume se revele em todos os atos de nossa vida. Esse espírito de humilhação em nós deve acompanhar o espírito de oração.

O Diretório, meus Amigos, é a grande lição da oração, mas não de oração, formulada apenas com os lábios ou o coração, com o pensamento, uma elevação momentânea de nossa alma a Deus, uma união passageira com Deus: Oportet sempre orare (importa rezar sempre). E como orar sem parar com os lábios ou no pensamento? Pelo Diretório, nossa alma está num contáto contínuo com Deus, é a união constante com Deus, a oração da vontade, da ação, de todo o ser. Essa é a verdadeira doutrina, a teologia pura, no que diz respeito ao Diretório. É uma seqüência de atos de amor a Deus. Então, se toda nossa vida está envolvida, se nossas mãos, nossos olhos, nosso coração estão incluídos, tudo em nós está abrangido e tudo é oferecido a Deus.

Reparem bem, meus Amigos, é esta a opinião dos fiéis sobre os Oblatos. São homens de oração, sua oração é poderosa junto a Deus. Os Senhores não são nada, são de ontem, não valem a mínima coisa. No entanto afirmo que não acredito ainda assim, que se recomende tanto às orações de uma Ordem religiosa masculina, quanto a nós. É um engano...; a gente está errado... sim, é verdade, se consideramos o que somos em nós mesmos e o que fazemos por nós mesmos, a gente está errado, muito errado; mas se consideramos o que devemos ser, o que somos segundo a intenção de nossa Instituição, a gente tem toda a razão. Até agora, não vi quem for que seja sem recomendar-se às orações da Congregação. É inútil citar fatos, não acabaríamos nunca. Quero, no entanto, mencionar um nome, Dom Fiala, bispo de Bâle, a quem encontrei na minha última viagem, alguns meses antes da morte dele. Eu lhe pedia a bênção para mim e toda a comunidade, deu-me a bênção, depois, juntando as mãos, me disse: Agora, prometei dar-me, na missa de cada dia, vossa bênção com as orações de vossa Congregação. Em Roma, não vi personalidade eminente alguma, que não me dissesse numa atitude de profunda confiança: Fazei com que vossos Padres rezem por mim! Todos os mosteiros da Visitação, com os quais estamos em contato, na oportunidade de seus iminentes retiros, não deixaram de escrever-nos longas páginas e de recomendar-se às orações de nossos Padres. Mas, dir-se-á, há recomendação e recomendação; e, exatamente, se percebe bem que não são lá fórmulas; é um sentimento verídico, um ato de fé, de confiança na eficácia poderosa das orações dos Senhores.

Devemos ser, pois, homens de oração e rezamos por todos aqueles e aquelas, que se nos recomendam. Que não sejam para nós simplesmente palavras de cortesia, devemos dar a essas pessoas o que nos pedem. Para esse fim, mandei elaborar uma lista de todas as recomendações, que nos foram feitas ultimamente; seria longa demais para lê-la aqui; mas que a comunidade se ponha ao par. Muitos mosteiros de Visitandinas e Carmelitas se recomendam encarecidamente às orações dos Oblatos durante este retiro. Acredita-se, pois, que du-

rante este retiro rezaremos, que seremos homens de oração; contam conosco. É que, de fato, o dom da oração é para nós uma dádiva essencial, se quisermos entender bem nossa missão. Cumpriremos devidamente nossa missão pela oração contínua do Diretório, por essa ascensão permanente de nossa vontade à Vontade divina, o que representa uma oração ininterrupta.

Apliquemo-nos a esse espírito de oração. Neste vaivém, atendendo todos nossos exercícios do retiro, levemos conosco esse espírito de oração. Quando tiverem praticado isso, olhem as pessoas com quem tiverem tido contato e vejam o que os Senhores lhes terão dado. Nesses últimos dias, eu sacramentei uma pobre mulher, que não praticara desde sua primeira Comunhão; ela tem uma filha de muita fé, que a prepara para morrer bem; faz pouco lhe dei o Viático. Eu afirmo que fiquei muito edificado pelo espírito de oração que encontrei nessa mulher. O que é que a fazia rezar assim? Era outra coisa do que a graça dos sacramentos dos enfermos. A filha dela vem a nossas obras, vive dessa vida de fé e oração, que é a nossa; e comunicou esse dom a sua mãe. Claro, essa pobre mulher pôde receber os sacramentos com fé, certamente pôde reunir todas as condições exigidas pela teologia para receber bem esses últimos sacramentos; mas o espírito de oração não se desenvolve na alma de uma só vez, numa alma que não tem praticado a oração, que não costumava orar, "spiritum gratiae et precum" (Zc 12,10). (Um espírito de graça e de prece) Arraiguemos bem em nós o espírito de oração e veremos todos os frutos que produzir nas almas. Citei-lhes um exemplo. Eu recebo lindas cartas do Padre Simon, assim como de nossos Padres e nossas Irmãs da África; pois bem, a gente vê, se dá conta de que comunicam o espírito de oração às almas, que os rodeiam, de uma maneira tão forte, tão suave, que a gente se sente emocionado ao ler esses relatos, ao participar das cenas que descrevem.

Eu suplico aos Senhores: alimentem em si o espírito de oração, por uma atenção suave, simples, mas forte ao que têm que fazer. Rezem também através de toda a sua atividade corporal e espiritual, descobrindo a Deus em tudo e fazendo todas as coisas por ele. Que esse substrato de oração seja a vida dos Senhores. Permitam-me repetir sempre de novo a mesma coisa; comuniquem esse espírito aos outros; e o comunicarão infalivelmente, pois o mesmo estará nos Senhores. Durante o retiro, "solitudo forma vitae" (o recolhimento a forma de vida), assumamos essa forma de humilhação. O bom vigário me disse que é isso que nos falta, e é verdade. Humilhemo-nos bem diante da quantidade de nossas faltas, de nossas misérias, de nossas vergonhas. Devemos, depois, servir-nos de tudo para estabelecer em nós o espírito de oração, tão vivaz que tudo em nós reze e que, ao aproximar-nos das almas, as façamos orar. Será uma graça muito grande, uma bênção, se o Salvador Jesus nos comunicar esses

dois espíritos.

Sim, Senhor, só vós é que podeis fazer isso. Dai-nos, oh Pai, vosso duplo espírito; esse duplo espírito que o profeta pedia a seu Pai, que se ia para o céu (cf. 2 Rs 2,9); nós vo-lo pedimos, Salvador Jesus, concedei-no-lo; nós também devemos evangelizar os povos e levar vosso nome perante as nações; temos que fazer com que sejais louvado, adorado, amado, Senhor Jesus, durante o tempo e durante a eternidade. Assim seja.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

TERCEIRA INSTRUÇÃOOS VOTOS

Ao falar-lhes ontem sobre o sentido de nossa vida, puderam compreender que essa vida não poderia ser levada sem uma assistência todo particular. Qual é a força, que nos poderá fazer entrar nesse caminho, que nos poderá conservar nele e conduzir-nos à perfeição desse caminho? Essa força se chama os votos.

É impossível à vontade inconstante do homem fixar suas intenções, suas tendências; precisa sobretudo de um laço forte, que as amarre, que as impeça desviar-se à direita ou à esquerda. São nossos votos; e a vida sobre a qual falamos ontem é absolutamente impossível sem os votos. Mas, Padre, vossa doutrina é estreita; então não será possível a um Padre, a um homem do mundo de chegar à santidade? Não, não estou dizendo isso. Alguns bem poderão levar uma vida tão totalmente ligada a Deus, tão firme no cumprimento de todos os deveres, sobretudo na prática da humildade e da oração, mas para isso será precisa uma graça todo particular, e a maior parte dos Padres e dos fiéis não chegarão a isso. Pelo menos, não o alcançarão como estado; para eles será uma coisa casual; será, se quiserem, um costume que voltará de vez em quando, mas não será um estado permanente. Claro, um santo leigo, um santo clérigo, por meio de uma graça particular, poderá chegar a esse estado; mas o grosso não o conseguirá e todos nós jamais o alcançaremos sem os votos.

Quero explicar-me melhor. Digo que para chegar a esse estado, sobre o qual falamos ontem, é absolutamente necessário acorrentarmos nossa vontade por votos: nossa vontade é variável e cambiante demais; necessita recorrer a um meio particular, precisa de uma ajuda especial. Isso são os votos. Fora disso, em termos gerais, é impossível de levar a nossa vida.

Os votos; não os preciso definir teologicamente; é, como sabem, a promessa feita a Deus de um bem melhor. Os únicos verdadeiros votos são os votos religiosos; os votos particulares quase não se podem chamar de votos; antes são promessas. Na vida religiosa se distinguem os votos simples e os solenes. Hoje quase só existem votos simples. Os votos solenes são os reconhecidos pela Igreja e aos quais ela promete um certo número de privilégios. São os votos das grandes Ordens: os Dominicanos, os Beneditinos, os Franciscanos fazem votos solenes. Esses têm todas as prerrogativas, quando o lugar onde se encontram, reconhece a legislação da Igreja. Na França, de fato, há

somente votos simples ou votos assimilados a votos simples. Daí que, pelo momento, podemos considerar os votos simples e solenes quase como a mesma coisa. A solenidade acarreta certas prerrogativas, sem dúvida, mas por motivo das leis civis não se pode gozar essa regalias. O voto simples, por seu lado, é tão santo, tão sagrado, tão inviolável como o voto solene; vou mais longe ainda, o voto simples é bem mais do que tudo isso, pois está sob nossa responsabilidade exclusiva; e devemos guardá-lo com tanto mais vontade, com uma energia tanto maior, já que não está protegido por lei alguma. Se nossos votos sejam simples ou solenes, pouco importa; votos são. Sendo solenes, se tem algumas prerrogativas; ora, não se pode aproveitar esses privilégios por causa das leis civis da sociedade atual. Sendo simples, esses votos guiarão, obrigam sua vontade tanto mais, já que estão sob sua responsabilidade pessoal e são assunto e mesmo o tesouro dos Senhores; não há policiamento para que os guardem; são propriedade sua e os Senhores não têm guardas rurais rodeando para prevenir ladrões. Sua preocupação, pois, deverá ser bem maior do que se os votos estivessem sob a proteção das leis civis. Não percam tempo com essas distinções sutis. Nossos votos simples nos comprometem tanto e mais ainda do que os votos solenes dos Dominicanos, dos Beneditinos, dos Jesuítas; perante Deus, frente à Igreja, é a mesma coisa; diante de nós mesmos é mais.

Quais são os votos que fazemos? Os três votos da vida religiosa: obediência, pobreza, castidade. Professamo-los tão completa, inteira, radicalmente quanto possível, sem suprimir nem excetuar nada. Como fazemos esses votos? Anuais, digamos, durante cinco anos; perpétuos ao fim dos cinco anos. Isso quer dizer que fazemos nosso noviciado durante cinco anos, e que durante esses cinco anos de noviciado, que seguem a profissão, fazemos anualmente uma simples promessa, que se chama voto, mas que não é um voto propriamente dito. Os votos da vida religiosa, por si mesmos, acarretam necessariamente a obrigação de duração perpétua; de outra forma, é uma simples promessa. Em outras palavras: fizeram votos por um ano; será que esses votos os obrigam durante o ano como se tratasse de um compromisso perpétuo? Sim, embora não seja ainda um voto verdadeiro, mas uma simples promessa. Não podem faltar a seu voto sem faltar a sua consciência e à Igreja. Ao fim do ano, pode ser que sua consciência esteja livre, que não renove seus votos; o Superior os recebera do Senhor, ou melhor a Congregação mediante o Superior; no fim de um ano, o Senhor não renova os votos, o vínculo que o ligava ao Superior e à Congregação caduca. Não sou mais seu Superior; o Senhor não tem mais nada que me pedir; não posso fazer mais nada para o Senhor de forma alguma; até seria culpável se me ocupasse do Senhor, pois exerceria sobre o Senhor um poder que a Igreja me tirou por completo. Conseqüentemente, não há mais nada

entre o Senhor e mim. As leis da Igreja são formais e rigorosas, e importa conhecê-las. Aquele que é "nullius" (cf. Código do Direito Canônico, c. 265) não pode mais nada; nem sequer pode rezar missa, a menos que ache um Bispo ou um Superior de Congregação que lhe dê uma mão e consinta em aceitá-lo. O Senhor me deixou, então é "nullius", e não tenho mais autoridade alguma sobre o Senhor; eu estaria sujeito à sanção por parte dos santos cânones, se exercesse algum tipo de jurisdição sobre o Senhor. É importante compreendê-lo bem. Expirados seus votos, que o integraram na Congregação, não os renovando, o Superior não está mais comprometido, a Congregação fica completamente livre em relação com o Senhor; cabe ao Senhor saber que não pode fazer mais nada; se o Senhor tem um "celebret" (autorização eclesiástica para celebrar a missa - tr.), o mesmo caducou.

Já que a lei eclesiástica vai até lá, se vê que os votos anuais não são bagatelas. Falando teologicamente, pode-se dizer que os votos simples obrigam até um certo ponto. Olhem até onde isso obriga. Então os votos, feitos por nós, obrigam inteira e absolutamente como os grandes votos. De certa maneira até obrigam mais do que os votos dos Beneditinos de outrora. Os Beneditinos faziam o voto de viver em tal casa: "Ubi deficit locus, deficit monachus" (cessando o lugar, cessa o frei); se a casa se queimou, se destruiu, o Beneditino estava dispensado de seus votos. E os Beneditinos eram uma grande Ordem, com votos solenes.

Antes de comprometer-se por votos, pensem bem; olhem bem todas as consequências de uma situação como essa. Os votos religiosos, pois, obrigam, como vêem, não só à prática interior, mas também externa. Um religioso não é um seminarista, nem tampouco um sacerdote sem outro compromisso. Um Oblato vai de férias. Todo o mundo espera do Senhor que não se pareça nem com um seminarista, nem com somente um sacerdote. Nada escandaliza mais os fiéis do que um religioso, que não tenha o aspecto de respeito e consideração, o respeito e a consideração consigo mesmo. Estamos acostumados a viver num ambiente que não é religioso e facilmente nos parece sermos seminaristas. É uma blasfêmia! São Bernardo é quem o diz: *Nugae in ore saecularis nugae, in ore religiosi blasphemiae* (Frivolidades na boca do leigo frivolidades, na boca do religioso blasfêmias).

Meus Amigos, o mundo é bastante baixo, a sociedade assaz desbaratada...; meu Deus, digamo-lo, todos os que se ocupam de nossa sociedade, tanto no civil como no religioso, estão bastante desanimados. Olhem os pobres vigários das paróquias, quantas concessões estão obrigados a fazer! Um deles me dizia recém: Vou voltar para casa e cruzar os braços, dizendo: meu Deus, então ainda existis! Não queremos imitar esse pároco desanimado, esse seminarista inacabado, que ainda se encontra no estado infantil. Como achar aí o tino

que precisamos, o acerto de nossa ação? Não ataco esse seminarista; talvez valha mil vezes mais, porque tem mil vezes mais tentações e provações do que o Senhor. E se o Senhor, já situado abaixo dele por esses motivos, se igualar a ele pela prática de sua vida, então o que é que o Senhor vale? Só vale alguma coisa por seus votos e sua vida religiosa. Estes devem tanto ordenar seu interior, como o exterior, todo seu ser, quando se apresentar para fora.

Esses votos que fazemos como religiosos, novamente o digo e sempre voltarei a repeti-lo, esses votos são mais sérios do que os que jamais se fez em qualquer parte, são igualmente completos e igualmente rigorosos. Consideremos, por exemplo, o voto da pobreza. Deram-se o trabalho, em Roma, nas duas emendas de nossas Constituições, de escrever por extenso a prática e o significado desse voto. Estudou-se profundamente esse capítulo de nossos votos, "usque ad unguem" (com perfeição), tão séria e talvez mais seriamente do que para muitas outras comunidades. Não consideram isso, então, como um peso leve, como uma sacola jogada ao ombro e de que a gente se pode livrar dia qualquer. Digo outra vez, se não renovarem seus votos, não pertencem mais a nada e ninguém, e não se pode mais deixá-los celebrar a missa, enquanto não pertencem a ninguém. Em Roma, país de todas as licenças, enquanto estas se referem à obediência, nenhum sacerdote pode rezar a missa se for "nullius": se não pertencer a uma Congregação religiosa ou a uma diocese, não se o deixa celebrá-la. Eis, pois, a enorme importância de seus votos.

Por que esses votos anuais durante cinco anos? Isso é uma concessão, feita à miséria dos tempos, ao pouco amor e à pouca fé nas almas. Quando Nosso Senhor passou perto de São Mateus, que estava sentado à mesa e lhe disse: "Segue-me" (Lc 5,27), São Mateus se levantou e o seguiu. Será que lhe ocorreu dizer: Sim, Senhor, vou seguir-vos por um ano...? É ridículo! Estou falando do ponto de vista do foro íntimo. Se, na primeira vez que a gente se dá a Deus, se colocar restrições, já não é muita generosidade. Afinal de contas, por seus votos, a quem se dá? A mim? Ao Padre Gilbert?... Tanto não valem. Encaremos as coisas sob seus aspectos verdadeiros e reais. É a Deus que se dá. Ouviu-lhe a chamada? Fez-lhe o sinal e disse: Vinde? Vá então! Que mais está procurando? Se o disse, vá e seja verdadeiramente discípulo, filho dele e para sempre: "Et continuo surgens, secutus est eum" (cf. Lc 5,28; 4,39). (e levantando imediatamente, o seguiu)

É uma coisa boa, que a Igreja, em sua grande sabedoria, queira que se passe cinco anos para firmar e consolidar a vocação antes dos votos perpétuos. São Francisco de Sales também quer que a vocação das Visitandinas, mantendo-as no noviciado, se consolide durante cinco anos depois da profissão. A Igreja age prudentemente ao outorgar à fraqueza das vontades esse tempo de

provação. Vamos ao fundo da questão. O que é que o Senhor veio fazer e procurar aqui? Uma colocação? Fique na sua diocese então, não temos colocação aqui. Aqui estamos nas mãos de Deus para ir aonde ele quiser; somos peregrinos errantes sobre esta terra (Hb 11,13), assim como nosso divino Mestre não tendo onde descansar a cabeça (Mt 8,20). No dia em que se dá a Deus, é para sempre; segundo a legislação externa, esse laço pode ser desfeito; no foro íntimo, não o pode; mais uma vez: "Ad quid veniste" (Mt 26,50)? (Para que vieste?)

Fundemos bem nossa doutrina sobre os votos, sobre a obrigação dos votos. Nosso voto é um ato da nossa vontade, perfeito, completo e que não está sujeito à rescisão, como dizem os teólogos; não vimos para ser religiosos assim como quem vende mão de obra, como um criado ou peão até um tempo determinado. Mais uma vez, nosso voto é um ato todo particular de nossa vontade que, entregando esta a Deus, nos protege contra todas nossas fraquezas, nossas tentações, nossas voltas rumo do mundo; é uma muralha, que deve ser intransponível. Deus se torna porção nossa, herança nossa e deve sê-lo para todo o sempre. Aqui termino esta manhã. Estender-me-ia demais se lhes contasse as obrigações e vantagens de nossos votos. Poderemos tratar disso, falando sobre cada voto em particular. Eu gostaria muito de que compreendessem bem o que são os votos religiosos dos Oblatos de São Francisco de Sales. Já vêem, a lei eclesiástica não os protege. O clérigo, que quiser se livrar de seu voto, cai no vazio, no abismo, a menos que um bispo, uma comunidade o acolha. Ele está morto, acabado... O voto, então, é alguma coisa; não se acaba com alguém de forma legal por nada; e a Igreja o aniquila legalmente. Não é apenas um delito que se cometeu, é uma falta enorme contra Deus, uma falta pessoal de lesa-majestade.

Conclusão prática. Esta manhã demos uma volta, realizemos um exame de nossa vida para ver se somos verdadeiramente religiosos; vejamos o que valemos como religiosos; examinemos isso na consciência, com ajuda de nossos conhecimentos teológicos. Olhem a importância que a Igreja dá a nossa vocação e observem as esperanças dos fiéis em relação conosco. A gente cuida em nós, meus Amigos, estão atentos, os olhos estão fixos em nós.

Quando, faz pouco, eu estava por deixar Roma, como ia visitar a um prelado, certamente não um novato na Corte de Roma e cujo destino certamente também não está determinado definitivamente na posição, que está ocupando agora, esse prelado me disse perante testemunhas: Padre Brisson, vós não sabeis até onde ireis. Não imaginais o que há de vida e futuro para os padres dos quais estais encarregado; se vos dissesse o que penso, surpreender-vos-ia, pois Deus pôs nessa doutrina, nessa fundação alguma coisa que será grande e muito grande... Essa palavra me foi dita por um Superior em Roma. Devo recebê-la como uma obediência. Terminou dizendo-me: Ó, por favor, fazei vos-

sos padres orar por mim! E, ao dizer isso, esta grande personagem manifestava uma atitude, uma expressão de voz que revelava todo o seu pensamento. Aí está, isso lhes concerne aos Senhores. Devo fazer-me o eco fiel do pensamento da Santa Igreja toda, dos anelos dos fiéis, da expectativa universal de todos os que nos rodeiam e nos observam. Se lhes lesse todas as cartas que recebo, o que me dizem as comunidades, as pessoas do mundo! Um leigo que vi nestes dias em companhia da esposa me dizia: desde muito procurávamos o acabado; só aqui o encontramos. Hã, sem dúvida, devoções que nos dizem muito, a devoção ao Sagrado Coração particularmente, é bom isso, sustenta, mas não é tudo; é o ar, se quiserem, mas não se vive só por respirar; é preciso comer, é preciso agir. Com essa doutrina se tem tudo quanto for necessário, está completo; não sobra nada para desejar... É o que se me dizia, e isso diante de testemunhas. O Padre Rolland estava lá e mais outros. Estendam-se, pois, dizia-nos essa família, distribuam seu tesouro; é isso o que se busca; está nisso a precisão do tempo. Por que as almas se encontram extraviadas? Porque estão famintas, não têm nada. Jogamos-lhes um pedaço de pão ao passar; mas isso não os sacia; haveria que dar-lhes tudo quanto lhes falta, e essa doutrina dá tudo: é uma ressurreição e uma renovação...

A Boa Madre também dizia isso. Eu não queria acreditar nisso naquele então; mas quando aconteceu o que ela me dissera, já tive que crer; e quando personagens de renome vêm repetir-me o que ela me dissera, só resta acreditar também. A quem se confiou esse tesouro? Quem é dele o depositário? Quem está encarregado de distribuí-lo? Os Senhores mesmos. Como estamos a esse respeito? E como estaríamos, se não tivéssemos os votos? Compreendam bem a importância prática dos votos. Que Nosso Senhor nos penetre bem dessa doutrina e que, pelo santo amor dele, não deixemos de maneira alguma a graça perder-se. Nos primeiros séculos, um Santo Papa redigira cânones para sancionar com severos castigos o padre, que deixasse cair a santa Hóstia ou o Sangue de Nosso Senhor. Durante oito dias, um mês, três meses, ficava-lhe proibido de celebrar o santo Ofício, por ter deixado cair no pó o Corpo de Nosso Senhor, por ter desperdiçado algumas gotas de seu Sangue. Insisto sobre isso. Rogo-os com instância, compreendam bem a verdade de tudo que lhes digo. Os Senhores é que Deus escolheu; se falharem, escolherá outros. As coisas são feitas nele, como dizia a Boa Madre. Devem ser realizadas. Os Senhores querem ser os operários dessa Obra?

Q U A R T A I N S T R U Ç Ã O

O V O T O D E C A S T I D A D E

Meus Amigos, esta manhã lhes falei sobre os votos, feitos pelos religiosos e eu insistia sobre a obrigação de sermos verdadeiros religiosos onde estivermos não só no interior, em nosso coração, mas também para fora através de toda nossa personalidade. Deve ser que, ao ver-nos, se diga: é um religioso. Estejam atentos a isso. Para tanto não é preciso apresentar atitudes raras ou modos engraçados; devemos expirar respeito, consideração, confiança. Que se possa dizer: Olha a um homem de Deus! Mais uma vez, onde quer que estejamos, com quem quer que nos encontremos, é preciso sermos religiosos. Esta noite dir-lhes-ei algumas palavras sobre o voto de castidade.

O voto de castidade consiste na promessa que fazemos a Deus de nos privar dos prazeres dos sentidos, sobretudo dos prazeres proibidos pelos sexto e nono mandamentos. O voto de castidade, no seu sentido mais amplo, inclui a abstenção de todos os prazeres dos sentidos, ou melhor de toda a sensualidade, por exemplo a procura de que não falte nada para estar bem vestido e bem calçado, a busca de que não falte nada para o conforto seja da cama, seja do assento; esse voto abrange também o afã dessa moleza na roupa, no porte afetado, nos prazeres da boca; numa palavra, tudo quanto for sensualidade é atingido por esse voto. Cuidem bem disso. Todas essas sensualidades enfraquecem, fazem desaparecer o brilho e a sensibilidade da alma. Aliás, isso é o que a gente do mundo, os homens e particularmente as mulheres, percebem melhor. Sejam castos perante elas, e sede castos neste sentido: procedam bem, não coloquem as mãos no bolso, não sejam moles ao sentar-se à frente delas. Convém que um Oblato sempre se sinta um pouco mal-acomodado perante as mulheres, que experimente sempre algo de constrangimento. Que isso seja a regra. Nunca se ponham à vontade em presença de suas penitentes, diante da mulher que seja. "Castidade" e "castanea" têm a mesma etimologia. A castanha é uma coisa que não se pode tocar. Nós que estamos expostos, particularmente pelo ministério às mulheres, às moças, lembremos sempre de comportar-nos diante de uma mulher como perante um Superior, um Bispo, o Papa. Por que? Porque nossa atitude dirá de saída que os Senhores são castos e isso será edificante. Sua atitude fará com que aquela, que esteja diante dos Senhores, compreenda qual o dever dela; a atitude dos Se-

um meio seguro? Não. Existem a quem se deve aconselhar até não rezarem, pois seria uma nova ocasião de tentações. O primeiro meio é a abertura ante o confessor. Ao primeiro indício de tentação, revelemos tudo, digamos tudo, e a coisa não irá mais adiante. Se voltar, di-lo-emos de novo; e jamais sucumbiremos. Mas, cuidado! Quedas muito profundas, desgraças muito grandes provieram do segredo que as almas pretendiam se reservar e ocultar do seu confessor. Terríveis enganos, incríveis sutilidades as desviaram: o que faço não é mal, até agora não fiz nada de mal, não pretendo fazer mal algum. O diabo é mais finório do que o Senhor; o Senhor não vê que, como uma aranha, ele arma uma teia, fecha cada vez mais a trama, liga um fio a outro: o Senhor vai ficar preso.

Sobretudo, desconfiem acima de tudo destas fraquezas contra a natureza, que fazem que a gente se impressione pela fisionomia de um menino, pelo olhar, pelo sorriso dele, por não sei que, o que termina, por fim, em profundas misérias, tanto mais terríveis, já que ninguém perdoa essas coisas, que ameaçam precipitar todas as vergonhas, todas as vinganças. Tenham medo disso, é o que lhes suplico. Ademais, isso não se pode qualificar, não tem nome; é uma fraqueza indigna. A própria oração, repito, é muitas vezes impotente para conjurar essa inclinação; só a abertura do coração, a manifestação da alma, das disposições da mesma, a revelação das tentações e as sugestões destas, aí está o principal remédio. Por esse meio evitarão as quedas, quedas estas profundas, imperdoáveis; evitarão o escândalo e o castigo terrível do escândalo. Ora, o mundo perdoa todos os outros escândalos; esse jamais. A justiça humana, a miúdo representada por homens - que se o diga - não sempre exemplos de moralidade, a justiça humana jamais admite matéria de menor importância num caso assim; a mínima imprudência, o mínimo relaxamento tem consequências espantosas e uma repercussão continental.

Temam isso, meus Amigos, "fugite tamquam a facie colubri..." (Eclí 21,2) (Foge do pecado como se foge de uma serpente) Fugam, logo que virem a serpente sair de debaixo das folhas; assim que o demônio se aproxime, por pouco que seja, refugiem-se na obediência, na confiança no confessor. Para convencer-nos bastam terríveis exemplos, que sucedem às vezes. Ao guardarem silêncio, o demônio os terá maniatados e de pés amarrados. Ele nunca resiste à plena luz do dia. Será que, como meios preventivos, a oração, a abertura ao confessor serão suficientes? Não, existem inclinações terríveis em nós; às vezes, há coisas quase irresistíveis... Como combatê-las? Se rezam muito, isso algumas vezes excitará ainda mais a imaginação. Se se abrem ao confessor, às vezes poderá acontecer que isso não surta tanto efeito quanto desejado. O que fazer? Nosso Santo Fundador indica o meio. Ele diz: "Carregamos

conosco uma grande necessidade de amar; é a causa de quase todos os atos que realizamos e que os homens perfazem sobre a terra. Esse amor faz que o caminho do homem ou leve à vida, ou se dirija à morte. O homem se ama a si mesmo, ama o que lhe agrada, está ávido do que lhe proporciona satisfações; não adianta escondê-lo de si mesmos, dissimulando-o; os Senhores giram ao redor de sua personalidade e não irão além disso. Será a isso que se deve dirigir seu amor?" Escutem nosso Santo Fundador que nos diz que só devemos viver, respirar e expirar para o Esposo celeste. Nosso coração deve estar de tal maneira voltado a Deus, deve ter um tal hábito de união a Deus, que esse amor deve saciá-lo inteiramente e proporcionar plena satisfação; então o coração não precisará mais de outra coisa. Onde está nosso tesouro, aí deve estar o coração. Quando nosso amor se encontra onde deve estar, a tentação bate em vão à porta do coração, não tem acesso. O grande meio de ser casto é ser piedoso.

Como querem possuir neste corpo miserável um coração perfeitamente puro, se não é um raio do amor divino e a graça de Deus, que venha abraçá-lo e se apoderar dele? Olhem aos santos; quais deles são os mais castos? Os que mais amaram a Nosso Senhor. Quem o é mais do que São Luís de Gonzaga, São Francisco de Assis, São Francisco de Sales, São Carlos Borromeu? A elevada castidade, a sublime pureza deles provinha unicamente de seu grande amor. Nossa Boa Madre Maria de Sales, proclamo-o aqui, e não foi pela confissão que eu o soube, sempre conservou sua inocência batismal. A que devia ela esse grande favor? A seu amor de Deus, a sua piedade desde criança e, mais tarde, a sua íntima união com o Nosso Senhor. O amor de Deus é, pois, um poderoso meio de conservar a castidade. E quem amará a Nosso Senhor, senão nós? Por que trabalhar e para que fim? Quem é que pode cumular-nos de mais graças e favores? Não me imagino... "Benedictiones caeli super... et de pinguedine terrae" (Gn 27,28). (O orvalho do céu... e a gordura da terra) As bênçãos descerão abundantemente, o rocío dos céus penetrar-nos-á; a terra responderá aos céus. Animemo-nos, pois, e mantenhamo-nos nesta senda, que é o bom caminho. Elevamos o coração ao amor de Deus, da Santíssima Virgem, ao amor de todas as coisas divinas: é o único meio eficaz e completo de assegurar-nos a castidade. Peça-mos com insistência ao Nosso Senhor que o amemos e ele amar-nos-á também; dar-nos-á grandes privilégios... Nunca ninguém atacou a virtude dele; jamais se disse algo contra ele. Quando estava falando com a Samaritana, os Apóstolos estranhavam vê-lo com uma mulher, mas nenhum deles teve coragem de dizer coisa alguma. Eis o exemplo, eis o Mestre, aquele que nos dá tudo quanto nos for necessário para conservar intacta a castidade. Vamos pedi-lo a ele.

Q U I N T A I N S T R U Ç Ã O

A P U R E Z A D A A L M A - A C O N F I S S Ã O

O retiro não nos é dado apenas como uma forma de vida que sempre devemos levar. No retiro se realizam necessariamente dois processos. O primeiro é a purificação da alma; sobre essa pureza e limpidez da alma é que quero falar-lhes esta manhã.

Para pertencermos inteiramente a Deus importa que nossa alma seja pura. Nada imundo, diz a Sagrada Escritura, pode aparecer perante os olhos do Senhor (cf. S 5,6). Precisa-se, pois, purificar a alma de todas as faltas cometidas, e purificá-la a fundo para que, depois do retiro, sejamos tais como Deus nos quer, ele que nos escolheu por essa sua eleição toda de amor, para ficarmos com ele. Como se realiza essa purificação da alma? Isso se faz, claro, pela confissão e também por este trabalho inteiro de resolução, previsão e preparação do futuro que devemos realizar durante nosso retiro.

A confissão, como bem sabem, é um meio importante, o único até depois do batismo, para perdoar as faltas graves. Compreendem muito bem os Senhores que é a confissão, que nos ocasiona um reconhecimento mais completo de nossas misérias, uma vontade mais firme e um propósito mais completo, mais absoluto de emenda. Há uma classe de homens na Igreja de Deus, que se confessa bem, são os sacerdotes. Em geral, se confessam bem, muito bem. Sem dúvida, estão mais instruídos. Dispõem de graças mais abundantes. Sempre há uma grande diferença entre a confissão do Padre e do fiel, porque naquele há mais sinceridade, mais abertura; e essa sinceridade faz sentir a alma dele e como essa alma está preparada para a graça, para a aceitação da penitência. Meus Amigos, se é assim com o Padre, com mais razão ainda deve ser assim para o religioso. Ao confessar-se bem, recebe o Senhor o perdão de suas faltas e obtém a graça de ser um bom confessor: essas duas coisas andam sempre juntas. Se se confessasse realmente bem, estaria administrando realmente bem o sacramento da penitência. A graça é a mesma. Atendendo seu ministério, diz São Tomé, o Senhor mesmo tirará dos tesouros da Igreja os juros do que tiver depositado. Só pode-se usar, pois, da importância, do capital, que é de propriedade. Confessar-nos bem, então, é uma obrigação para obter graças em favor daqueles que se dirigirem a nós. Nós não somos nada, mas as almas que Deus nos manda no seu amor, no afeto do seu coração, essas almas são o motivo porque ele nos diz: confio-as a ti; peço-te, em nome do meu amor, que tenhas compaixão dessas

almas. Não esqueçamos que nossa vida em seus aspectos sociais, tudo que fizermos, tem um duplo efeito. A oração do cristão é sobretudo para o próprio cristão; a oração do Padre é para ele, para as almas sob os cuidados dele e para a Igreja inteira. Prova disso é que as Ordens Religiosas devem recitar o ofício; e esse ofício não é aplicável a esta ou aquela região, mas à Igreja inteira. Padre, esses aí são pensamentos muito bonitos... Não, não são apenas considerações, é o verdadeiro sentido de nossas obrigações com respeito à confissão. Temos a obrigação de nos confessar bem, perfeitamente bem, para poder atender com perfeição a confissão dos outros, e, atraindo sobre nossos lábios e nosso coração o que as almas necessitam, sermos o canal de graças abundantes e assim aos Senhores as almas virão.

Confessar-nos-emos bem durante o retiro: "Visitabo Jerusalem in lucernis" (Sf 1,12). (Esquadrinharei Jerusalém com lanternas) Deus não se contenta com o uso dos meios comuns e gerais para visitar Jerusalém; quer ir até os lugares mais retirados, mais secretos e afastados, os mais misteriosos; Deus quer levar a luz até lá. O Senhor mesmo não tem um desses recantozinhos misteriosos, aonde ninguém tem acesso? Reconheçamos que nós mesmos não nos atrevemos a entrar aí, observamos superficialmente e nos custa muito perscrutar até o fundo para ver o que há aí. Cuidado com esse reduto reduzido, esse lugar, tão isolado, para onde tememos de lançar a olhada; examinemo-lo in lucernis, com a luz da consciência, da fé, pondo tudo em dia, para que depois deste retiro nossa alma esteja pura e límpida. Olhem como Nosso Senhor trata os fariseus: Hipócritas, limpais a beira da taça, que é vosso coração, e deixais por dentro um sem-número de rapinas. Caiais túmulos e vós mesmos sois túmulos caiados (cf. Mt 23, 25.29); ao aproximar-se dos Senhores, se os considera puros, e na verdade há uma total corrupção que ninguém agüenta ou pode suportar. Em suas confissões, pois, digo-o mais uma vez, sejam bem completos; não deixem o mínimo rincãozinho sem levar a luz, a tocha da fé, da consciência. Não tenham medo de dizer tudo; não temam a luz, o esplendor do pleno dia.

A confissão, então, é o grande meio de conservar em segurança nossa consciência. Existem outros ainda que lhes vou indicar; mas eu insisto neste, pois é preciso termos a consciência tranqüila. Os Senhores se darão conta que tudo quanto digo gira sempre ao redor do sobrenatural. Nossos deveres, a maneira de fazê-los, tudo isso é sobrenatural. Toda nossa vida se resume nisso. O que de nós se exige, nosso Diretório, tudo isso é a vida íntima com Deus, o resto não é nada. Se fora disso não há nada, então esta coisa deve ser tudo para nós. Se nossa consciência não estiver bem pura, não viveremos, pois, nem respiraremos; morreremos. Se nossa alma não estiver bem límpida, como refletirá a Deus, como poderá viver e estar totalmente unida a Deus? Arrastando peca-

dos consigo, gostaria de aproximar-se continuamente de Deus? Isso é impossível. Nossa consciência, pois, estará sempre pura, puríssima.

Há outros modos dos quais se pode fazer uso, claro. Assim as demonstrações de arrependimento ("culpas"), a água benta, as mortificações que se apresentam. Recolham assiduamente todos esses meios. Somos pecadores, ofendemos a Deus, temos uma dívida enorme para pagar; já está paga? Prometem os Senhores de pagar, de fazer importantes depósitos? Onde estão seus fundos? Sejamos mais cautelosos. Sirvamo-nos de tudo quanto Deus nos coloca nas mãos para resgatar nossas faltas. Que tenhamos nosso espírito atento a isso. Podem, dia trás dia, hora após hora, minuto por minuto, pagar o saldo que estão devendo a Deus; o que fizerem será de menor importância, mas isso pouco a pouco pagará sua dívida.

Purifiquem a alma pelos meios, que lhes estou indicando; pratiquem sobretudo o Diretório, acolham cordialmente todo o penoso que possa cruzar seu caminho. Mas, Padre, isso é bastante escravizante. Sim, mas, se não se subjugarem, aonde os levará isso? A quedas espantosas, a quedas até no fundo do abismo. Quem despreza as coisas pequenas, diz o Sábio, cairá e sua queda será tremenda. Os Senhores se submetem; mas a alma sacerdotal, a alma religiosa, pela ajuda e o consolo de Deus, será bem compensada do que sofreu. Aliás, isso faz parte de sua vida, é sua profissão; é para isso que vieram para cá. Não lhes estou pregando uma devoção particular, um método especial; estou lhes apresentando os deveres seus, as obrigações das quais devem prestar contas; estou lhes mostrando as dívidas a pagar; eis o meio de liquidá-las.

Mantenhamos a alma muito pura; façamos seguidamente atos de contrição e de pesar de nossas faltas. Não fiquemos nunca em estado de pecado venial, por mais leve que seja a falta. Era a prática de todos os santos; é o que São Vicente de Paula fazia: quando dou um passo sem vós, Senhor, dizia ele, me parece que as pernas me cambaleam diante do caminho... E caminhou muito, o bravo Santo, na rua da Missão; tantas vezes veio a Champagne no tempo da fome. A Boa Madre Maria de Sales fazia a mesma coisa; jamais se descobriu nela a mínima iniciativa fora do que Deus queria dela. Santo Afonso de Liguori dizia que um minuto fora da intimidade com Deus era para ele um minuto de inferno. O que todos os santos pensavam e faziam em consequência de seu estado, sua maneira costumeira de ser para com Deus, devemos pensá-lo e fazê-lo nós também por motivo das obrigações do nosso estado que assumimos. Por cada falta, peçamos perdão a Deus com humildade e boa vontade; e Deus perdoar-nos-á. Tudo isso parece bem infantil. Mas o que é que Nosso Senhor disse? Não afirmou que era necessário assemelhar-se às criancinhas? Nosso Senhor gosta da infância, estima-la-á em nós e quere-la-á, tornando-nos fortes e vigorosos. De outra

forma cairemos inevitavelmente por terra. A lenda conta que Anteu, depois de tocar a terra, era invencível; ele tirava dela forças novas; cada vez que tocamos em Nosso Senhor pelo amor, pela humildade, a baixeza, pelo infantil, haurimos nele forças novas, uma energia tanto maior, quanto mais tememos ser afastados dele.

Nossa consciência estará pura; estará livre de pecado; é a condição essencial de nossa vida sacerdotal e religiosa; sem isso, não podemos nada. Mas importa estarmos unidos a Deus, não sendo mais dois, senão um só nele. (cf. Jn 17,24) Escutemos ainda o que diz São João: Quem reconhece ser culpável, mora em Deus, e Deus está nele e faz a obra do mesmo... Observemos isso atentamente; tenhamos a consciência muito límpida, muito pura. A essa nitidez de consciência acrescentemos uma grande retidão interior. Quem é que tinha uma correção interior maior do que a Boa Madre? Era uma grande santa; sempre se orientava diretamente pelo que Deus queria, e nunca alhures. E qual é nossa intenção? Procurar-nos algum prazer, algum retorno falto de mortificação em relação com nossos alunos? Perante nossos Superiores? Tratar-se-á de ganhá-los tal ou tal coisa fora da observância ou da vontade de nossos Superiores imediatos, ou que sei lá? São Bernardo diz que a intenção de muitos religiosos se parece com serpentezinhas ou cobrinhas, que não são lá muito venenosas, que entram e saem sem que a gente se dá conta, que se mexem, e são bastante companheiras; pode-se viver com elas, não mordem. Mas deixem-nas crescer; quando grandes, adultas, venham no meio delas... Assim também as intenções mal controladas no religioso acabam apoderando-se de tudo que há de bom na alma do mesmo. Os Senhores sabem do homem da fábula, que estava rodeado de serpentes e cuja escultura ocasionou uma obra-prima: as serpentes enlaçam-no, a ele e os filhos dele, os sufocam no seu aperto; cuidemos que lutas semelhantes não nos cheguem.

Tenhamos cuidado em purificar bem nossas intenções. A reta é o caminho mais curto. É isto o que Deus nos diz: façamo-lo de imediato. Deus está aqui, aí estamos nós: qual é a reta? É a reta intenção: renovem-na para todas suas ações. Se não a tiver feito, achará à direita um precipício, e à esquerda dez, como diz o Salmista: "Cadent a latere tuo mille et decem millia a dextris tuis" (S 90,7) (Caíam mil à tua esquerda e dez mil à tua direita); o caminho, pelo qual teriam que andar, tornou-se uma via pela qual lhes será impossível de avançar. Façam, pois, a reta intenção, que perfaz a honestidade da alma, o esplendor do caráter e que é, certamente, a luz moral mais bela no mundo. Em tudo quanto empreenderem, peçam a Deus, com o profeta Isaías, que lhes purifique a intenção (Is 6,5-8) Deus é a verdade e a própria beleza; ora, a verdade e a beleza estão na intenção. Por aí é que alcançarão o belo, que alcan-

garão a Deus; aí está o ideal perfeito da vida religiosa.

Peçam fervorosamente à Boa Madre a mesma excelente virtude, pois não há como essa: é a rainha das virtudes morais. Já se pedia essa virtude nas primeiras eras do mundo, e Deus recompensava magnificamente esse pedido. Olhem este jovem rei, que as Escrituras elogiam; qual era sua oração? Senhor, não me deis as riquezas da terra e a multidão dos rebanhos; mas dai-me um coração puro, cor rectum. (cf. 1 Rs 3,11.12) E Deus alargou este coração "tamquam latitudinem maris"; fê-lo grande como o mar. Já que não me pediste as coisas da terra, ele disse a Solomão, dar-te-ei a elas em superabundância com as do céu. (cf. 1 Rs 3,13) Peçamos com fervor essas duas coisas: cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis (S 50,12) (Cria em mim um coração puro, e renova-me o espírito de firmeza); um coração puro e a reta intenção, eis as duas asas de nossa alma, ambos remos, que conduzirão nosso barco sobre este mar, que o dirigirão sempre com segurança e o levarão eficazmente para o porto. É a dádiva de nosso Santo Fundador, é o dom da Boa Madre, deve ser igualmente o nosso: é nossa fortuna, nossa herança, não nos esqueçamos disso. Que o Salvador Jesus se digne ouvir as orações de todos nós: fazendo-me intermediário dos Senhores perante ele, peço-lhe que aumente esse duplo espírito nas suas almas: Salvador Jesus, dai-nos sempre a pureza da consciência. Salvador Jesus, dai-nos sempre uma vontade firme, constante e que essa vontade sempre suscite em mim a retitude de intenção.

S E X T A I N S T R U Ç Ã O

A O B E D I Ê N C I A

Em uma de suas epístolas, São Paulo diz aos fiéis que vai enunciar um grande mistério: "Mysterium dico vobis" (1 Cor 15,51) (Revelo-vos um mistério). Mais adiante nesse texto o mesmo afirma que todos morreremos e todos seremos julgados. Certamente, a palavra "mistério" não se deve entender aqui no sentido que, normalmente, lhe é atribuído. São Paulo queria dizer: tenho que falar-vos sobre uma coisa que compreendeis bem, algo muito conhecido e comum; a respeito disso, no entanto, tenho revelações para fazer que nem vos imaginais.

Ao falar-lhes esta noite sobre a obediência, tenho também um "magnum mysterium" (grande mistério) para abordar. Pois a obediência religiosa não é o que parece ser à primeira vista. Não é a simples sujeição, um ato de dependência da vontade. É outra coisa. Foi dito que a obediência era a fé religiosa, "fides religiosa", e que era totalmente análoga à fé teológica. Ora, a fé teológica é uma virtude pela qual cremos em Deus e em tudo que ele revelou à sua Igreja; por conseguinte, ela quer que submetamos não só a inteligência, como também a vontade. A definição da obediência será a mesma; e assim como não se pode ser cristão sem fé, não se pode ser religioso sem obediência. Os efeitos da fé cristã se repetem fielmente na obediência religiosa com características ainda mais evidentes e mais admiráveis. Sujeitamos, inteira e absolutamente, nossa inteligência às coisas da fé; submetemos a independência de nosso juízo, nossos pareceres, nossas paixões. Da mesma forma deve-se tratar da obediência, pois esta tem as mesmas raízes, princípios iguais e conseqüências idênticas.

É na obediência que nosso Santo Fundador baseou a Visitação. Uma quantidade de confessores de Visitandinas, por muito tempo, não chegam a entender isso; e não compreendem nada na Visitação, porque nem se imaginam esse princípio. São Francisco de Sales põe como base, que o manancial da graça nas almas, a fonte completa e integral, se encontra na obediência. Os sacramentos, então, não valem para as Visitandinas? Claro que sim. A graça dos sacramentos, a graça da confissão, a graça da comunhão é dada a cada alma de Visitandina em particular conforme as suas disposições, mas a graça especial da vida religiosa, da Visitação, lhe é dada somente pela obediência. Durante muitíssimo tempo, eu não compreendia isso; há confessores, que nunca o captam. Vê-se con-

fessores jovens, querendo dirigir as Visitandinas: é um engano. A graça da Ordem, do Instituto reside na obediência e não nos sacramentos: *Mysterium dico* (revelo um mistério). Esse mistério é totalmente verídico, embora pouco compreendido; é de aplicação diária; dá o verdadeiro sentido do Instituto. O que enche a vida de uma Visitandina muito bem pode ser feito em outra parte; de que depende, então, que alhures não se encontrará o mesmo espírito? Como se explica que, durante quarenta anos, no mosteiro de Troyes, se podia observar virtudes, que se procuraria em vão na maioria das comunidades? A que atribuir esse privilégio de santidade tão particular de cada religiosa? Deve-se isso unicamente à obediência. A santa Comunhão não é mais especialmente para a Visitandina do que para a mulher do mundo, a confissão tampouco. Olhem bem aonde quero chegar. É uma coisa muito certa, é um dogma para nós que a graça da vida religiosa se comunica pela obediência. Assim como o poder eclesiástico, fonte de todas as graças do governo exterior da Igreja, como a jurisdição, e, conseqüentemente, toda a economia da salvação para o povo cristão, residem em nosso Santo Padre o Papa, e de lá desce, se assim se pode dizer, aos pastores e aos fiéis, da mesma forma se encontra toda a seiva, toda a energia, toda a força da vida religiosa na obediência. Isso não é muito fácil de compreender e menos ainda de viver. A coisa mais imperiosa em nós é a nossa personalidade; nossas aspirações mais ardentes, as exigências mais insistentes vêm do "eu". Pois bem, a obediência não é senão a redução total, a destruição do "eu". Se Nosso Senhor, ao ver a Cananéia, exclamou: Ó mulher, grande é tua fé; seja-te feito como desejas (Mt 15,28), se o centurião, que viera rogar ao Nosso Senhor que descesse à sua casa, ouviu estas palavras: "Em verdade vos digo: Não encontrei semelhante fé em ninguém de Israel!"..., que grande, então, será o mérito da fé! Como sabem, jamais Nosso Senhor louvava a alguém, nem virtude alguma. No entanto: "Ó mulher, magna est fides tua!"... (Ó mulher, grande é tua fé) Nosso Senhor admira a fé dessa mulher. Da mesma maneira ele admira a obediência religiosa. Ele diz também à alma obediente: "Fiat tibi sicut vis." (Mt 15,28) (Seja-te feito como desejas) Ele entrega seu poder às mãos do obediente; submete-lhe sua vontade divina: "Vir obediens loquetur victorias." (Pr 21, 28) (O homem obediente falará em vitórias)

Que a obediência, pois, não seja mais um mistério para os Senhores, alguma coisa vaga, indefinida. A obediência deve ser pronta, está bem; deve ser cordial, diz ainda a Constituição, perseverante. Sim... está bem; mas deve ter raízes doutrinárias ainda mais profundas; ela tem um sentido mais importante ainda, a qual se deve compreender bem. Necessitamos entender bem que o canal da graça, o meio do sucesso, o único meio de santificação, a atuação religiosa, reside inteira e absolutamente na obediência. De fato, em que poderia residir esse poder? Em nossa própria virtude? Em nossos talentos? Claro

que não. Portanto, ela reside única e absolutamente na obediência. Assim é que se deve entender a obediência, e assim é que se deve ensiná-la. Ensinem, claro, a obediência às comunidades religiosas conforme as regras das mesmas. Por certo, outras comunidades não possuem uma obediência tão completa, tão radical; são Congregações de pessoas piedosas antes do que Congregações religiosas; não obstante, o voto de obediência pode muito bem subsistir com atenuações, contanto que essas não desvirtuem o voto; essas mitigações, contudo, debilitam muito a graça da obediência. Mas, conosco, a obediência deve reverter plenamente seu caráter próprio. Que a obediência seja tudo para nós; que seja por ela que trabalhemos, oremos e vivamos.

Mas qual será a nossa obediência? Quem é que no-la comunicará? Donde nos virá? Obedeceremos às Constituições, ao Diretório; dentro de pouco, quando estiver feito, obedeceremos ao Costumeiro, que nos dirá a maneira de falar, de portar-nos e atuar. Aí se encontra a obediência. Além disso há outro aspeto da obediência, mais perfeito; é a obediência às pessoas. A obediência à letra das Constituições, do Diretório, sem a mínima dúvida, custa; é preciso mortificar-se, superar a vontade própria, as inclinações, as reações naturais; mas nisso existe, certamente, muito menos sacrifício do que na obediência prestada às pessoas. A obediência às pessoas é, pois, muito mais perfeita e infinitamente mais meritória do que a obediência à lei, visto que não gostamos, normalmente, de ter acima de nós alguém que nos mande, que nos submeta; e, mais humilhante, mais duro ainda, tratando-se de uma pessoa semelhante a nós, que talvez não tenha mais méritos do que nós, que muitas vezes até não se pode igualar conosco. Aí está a perfeição da fé religiosa. O Nosso Senhor não apresenta nada em apoio à sua palavra; não cita nenhum texto da Lei; diz: Fazei isso, admiti aquilo. Crê-se na palavra dele e ele exclama: Oh, que grande é tua fé! Não admite contestação, quer que se dê crédito à palavra do homem, de um homem, que caminha e come como os demais homens, um homem de que muitos falam mal, que é considerado como o filho de um artesão qualquer, que não estudou, que é um ignorante. Obedeçam assim e acertarão a perfeição da obediência, tereis achado o meio mais seguro e mais direto de chegar à verdadeira vida religiosa. Todo o poder da vida religiosa está nisso. Eu acho que este assunto lhes foi suficientemente tratado esta noite: a palavra de Nosso Senhor, a doutrina de São Francisco de Sales, a experiência dos santos religiosos dão sobre isso uma certeza absoluta. Mas como chegar a essa obediência? Qual é o meio para atingir a meta suprema para a qual estão encaminhados?

O Apóstolo diz: pelo sofrimento. "Ex iis quae passus est didicit obedientiam" (Hb 5,8). (Aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve) Jesus Cristo, pois, aprendeu a obediência pelos sofrimentos que suportou.

Queremos ser capazes de obedecer? Soframos. E qual o sofrimento mais eficaz do que acolher a obediência dada, ou alguma aversão experimentada em consequência da mesma? O sofrimento suscita a graça e a graça gera a virtude da obediência. Não tenham medo da obediência que custa; se encontrarem relutâncias quase invencíveis, lembrem-se do maná do deserto, pouco substancioso, insípido em comparação com a carne e as cebolas lembradas da época de Egito; tem-se saudades das panelas de outrora. E, no entanto, era esse o maná delicioso, caído do céu. Está tudo aí: o presente, o futuro da vida religiosa; é preciso decidir-se. Devemos atuar determinadamente com referência à obediência. Nessa eu vou, às cegas, aí me lanço e me perco, desapareço eu mesmo.

A quem devemos obedecer? Ao Superior Geral da Congregação, evidente. Aos Superiores locais; isso é mais difícil. A todos que têm alguma autoridade sobre nós em nossos cargos, nossas atividades. Essa obediência, prestada ao menor entre nossos Superiores, é mais agradável a Deus e mais meritória do que a que prestamos aos Superiores maiores. Aí se encontra uma fonte de graças de tal maneira segura, que procurarão em qualquer outra parte sem jamais achar um meio comparável a esse. Faz algum tempo que me contaram o seguinte: um religioso é informado de que seu pai está morrendo; e o pai lhe mandou dizer: contigo é que me quero confessar, de tua mão é que quero receber os últimos sacramentos; se não vieres, não quero nem uma coisa, nem a outra. O religioso vai pedir licença a seu Superior para visitar seu pai. Não vã, responde o Superior. Entende-se a dor que invade o coração do religioso, que obedece. No dia seguinte, este recebe uma carta muito extensa, na qual se lhe conta que seu pai se confessou e recebeu os sacramentos com uma fé verdadeiramente maravilhosa, uma piedade e uma unção admiráveis.

O que foi que Nosso Senhor disse: "Habete fidem sicut granum sinapis". (cf. Mt 17,19) (Tenham fé como um grão de mostarda) Um grãozinho. Eh, Senhor, o que é um grão de mostarda! O que é isso? Germinará, tornar-se-á um arbusto grande, os pássaros do céu acharão nele um abrigo, e um grande número de seres virão procurar nele seu amparo e alimento. Assim a obediência. Que a obediência tenha por objeto um ato, por pequeno que seja; é o grão de mostarda. Que seja esse, pois, para os Senhores uma coisa grande, porque realmente o é. Lembremo-nos bem que a obediência é o canal das graças da vida religiosa, e não os sacramentos; é uma fonte bem mais abundante do que os sacramentos; não estou enganado. A obediência, sem dúvida, não perdoará pecados; não dará o Corpo e o Sangue do Salvador; mas nos dará o poder de sujeitar o pecado em nós e de nos tornar Apóstolos; dar-nos-á o Verbo de Deus, que em nós falará e atuará.

Peçam ao Salvador Jesus, esse grande mestre da obediência, que faça compreender bem essa virtude, que ele praticava durante trinta anos; pois, enfim, como jovem, ou homem feito, ele obedecia; e a quem? A um pobre carpinteiro, a uma simples mulher que ele respeitava, venerava, sem dúvida, mas que, afinal, era mui inferior a ele. Aí têm os Senhores um belo exemplo a imitar. Amém.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

S É T I M A I N S T R U Ç Ã O

O T R A B A L H O

Meus amigos, continuemos com coragem os exercícios do retiro. Lembremo-nos que o retiro atua por si mesmo. Pode-se classificar o retiro entre os sacramentais, que produzem abundantes graças em consequência da fidelidade, da constância com as quais nós os frequentamos. Sejam, pois, pontuais ao som da campainha; fiquemos inviolavelmente em silêncio; façamos nossos exercícios de maneira melhor possível; retomemos em nossa oração as faltas que poderemos ter cometido. São Francisco de Sales e a Boa Madre nos deram muitos meios para fazer nossa oração de maneira perfeita. Quando podemos falar ao Bom Deus, falemo-lhe; quando não podemos, mantenhamo-nos em sua presença; adoremos do fundo do coração sua vontade e seus desígnios sobre nós, ou então preparemos nossa jornada. Eis a verdadeira oração, já que a oração não é senão uma olhada com Deus sobre nossos assuntos, uma conversa íntima com ele sobre o que a nós se refere. Que então pode nos causar tédio, azedume, desgosto quando assim encaramos a oração? Deus se coloca inteira e absolutamente à nossa disposição; fazemos com ele o que queremos; ele não é um credor exigente e rigoroso que quer que se lhe pague em tal moeda, e imediatamente; nós vamos a ele como a um pai, como à melhor das mães, que cuida de seu filho, que o toma em seus braços, quando o vê cansado, para que durma perto dela. Eis o nosso espírito: "Vos autem filioli mei, quos ego parturior". (Gal. 4,19) Entremos nesse caminho, é o caminho dos fortes, dos poderosos.

Façam bem sua oração durante o retiro; acompanhem bem todos os exercícios; rezem bem seu ofício; não o balbuciem; respeitem as pausas após cada versículo; que a pausa seja um pouco mais longa na meditação, de modo que aqueles que recitam o versículo tenham tempo para recolher-se. São Francisco de Sales diz que a pausa da meditação seja suficiente longa para poder dizer: Jesus, Maria, José; ocupem nisso um pouco menos tempo, se assim quiserem... Por favor, acreditem bem na eficácia dos exercícios do retiro. O retiro não é somente para tomar boas resoluções, para purificar a consciência, mas sobretudo é para haurir forças dos exercícios mesmos do retiro, que são os exercícios do ano todo. Não sei se têm as mesmas idéias como eu, mas eu acho que um retiro feito com grande entusiasmo, com resoluções de belas coisas, muitas vezes são seguidos por catástrofes espantosas. Digo isso para os jovens, para que saibam as coisas. Raramente vi serem bem sucedidos os empreendimentos feitos com tal impulso; esse ardor não leva muito longe: é a queda a curto prazo, uma queda enorme... Aí estão o diabo e a natureza; se esticarmos demais a corda, se quebrará. O diabo não

é ilimitado em suas faculdades, sem dúvida; eu não sei mais qual santo dizia que a Virgem Santa fora casada para esconder o nascimento divino do Nosso Senhor, para que o diabo cresse que o Nosso Senhor tinha nascido nas mesmas condições que os demais homens; o diabo conhece o que aparece; sabe de nossos pensamentos somente por nossos atos exteriores; por esses atos ele estima o que passa em nós mesmos. Quando estamos fazendo nossos exercícios com grande impulso de entusiasmo, o diabo vê que a corda está esticada, e ele estica ainda mais para que rebente; esses momentos são seguidos por provas bastante duras; é uma observação que vocês mesmos poderão fazer. O melhor retiro e o mais frutuoso é aquele feito simplesmente, passando tranquilamente de um exercício para outro; a gente se confessa; faz boas resoluções; confia-se no Coração do Nosso Senhor para o bom sucesso. O retiro põe a base, as fundações do edifício, que deve hospedar nossa alma todo o ano. A base, as fundações; são pedras, grandes pedras mal lapidadas: eis o retiro.

Animem-se bem, em meio das fadigas, das angústias do retiro. Quanto mais duro, menos bom nos parece, tanto melhor ele é. Eu fui testemunha desse fato durante muitos anos; as almas mais santas faziam pior seu retiro; entendam bem o que lhes digo; eles recebiam menos confortos de Deus; custavam-lhes os exercícios; parecia-lhes estar com má vontade; tinham ido ao retiro tamquam ad crucem... Entendam bem isso e façam que os outros o entendam. Que todos nossos exercícios do retiro sejam feitos em este espírito: "Beati pauperes... Beati qui lugent". (Mt 5,3.5) Eis o significado dado por São Francisco de Sales a essas palavras do Evangelho e isso não é um contrassenso; assim é que são feitos os bons retiros. Saibamos bem que o resultado do retiro não dependerá dos sentimentos do coração que tivermos tido, dos desenvolvimentos e dos esforços de imaginação que tivermos experimentado, do sei lá o que eleva e arrebatava a vontade; não o resultado se prende à graça e a graça será fruto de nosso trabalho. Como é que se obtém os frutos da terra? Com esse duro trabalho, que rasga a terra, a amanhã ao lavrá-la. Isso é que produz frutos. Não é o passear por um belo dia de primavera, admirando o trigo que cresce ou as árvores floridas, que encherá os celeiros com uma colheita abundante: é o trabalho penoso, o suor e a fadiga.

Esta manhã, quero falar-lhes do trabalho. Não tenho considerações importantes para lhes dizer sobre o trabalho; não procurarei, nem na história, nem na Sagrada Escritura, boas e excelentes reflexões sobre o trabalho. Limitar-me-ei a tirar algumas idéias do Evangelho, de São Francisco de Sales, da Boa Madre.

"Pater meus usque modo operatur et ego operor" (Jo 5,17), diz Nosso Senhor Jesus Cristo. Meu pai trabalha, ainda agora trabalha; "usque modo operatur"; faz a luz, faz os mundos, amassa a argila e dela faz o homem.

"Et ego operor"... Estou convosco; eu vos falo em parábola; vos instruo; não faço aparentemente outra coisa do que evangelizar o povo judeu; e, no entanto, agora mesmo, me estou unindo ao trabalho de meu Pai, ao trabalho material como ao trabalho sobrenatural; eu é que estou atuando no mundo... Professamos para o trabalho, que é especialmente atribuído a Deus Pai, um culto especial. Aprendemos que o que Deus fazia, merece nosso respeito, nosso reconhecimento. Quando trabalhamos, quando manuseamos essas coisas materiais, criadas por Deus, estamos louvando e honrando a Deus e fazemos as criaturas prestar essa homenagem ao Criador, em sua misteriosa e secreta linguagem. Consideramos as criaturas como a propriedade de Deus; tratamo-las com respeito, como coisas santas e divinas, por motivo da santidade conseqüente e da graça emanada de Deus Pai e que se comunicam não apenas pelos meios comuns da redenção, como também por esse meio especial do trabalho, do contato com as coisas materiais que servem para nosso uso. Entre nós o trabalho é algo augusto, santo; pelo trabalho cooperamos com Deus e o Verbo; a palavra divina, a cooperação com a ação santificada de Deus são algo material: é como um sacramento. O nosso trabalho material é nosso modo de honrar a Deus Pai.

Em Deus existem três pessoas, três pessoas iguais: nenhuma das três é inferior às demais. Deus me livre de querer rebaixar a obra da Redenção sem a qual todos os homens estariam eternamente miseráveis e condenados; nesse sentido, a obra da Redenção ultrapassa infinitamente a obra da criação. Se não existe diferença em Deus, há para nós uma diferença imensa entre esses dois atos; mas perante Deus qualquer obra é excelente; e o nosso Santo Fundador e a Boa Madre Maria de Sales querem que tudo quanto emanar de Deus, seja recebido com um respeito muito grande, muita gratidão e afeto. Penetrando-nos dessa doutrina, nosso trabalho de cada dia, qualquer que seja, quer que seja manual ou intelectual, assumirá um caráter tão elevado, tão cheio de união com Deus, que trataremos todas as coisas como santas e sagradas, reclamando toda nossa atenção, nosso cuidado, nossa veneração. E por sua vez, essas coisas nos proporcionarão a graça, a graça de Deus Pai. Usemos dessas coisas materiais para honrar a Deus Pai "cum gratiarum actione" (Fil. 4,6); usemo-las e empreguemo-las como coisas santas. Não é que os primeiros cristãos apreciavam muito os pães benditos que o subdiácono distribuía ao povo, além da santa comunhão, e que dava aos fiéis uma participação nas coisas materiais pertencentes à Igreja? E essa fé dos fiéis suscitava uma graça muito grande no uso dessas coisas materiais. A mesma coisa pode ser dita das distribuições dos cálices, do pão bento. As criaturas de Deus trazem consigo sua graça. Como costume, tenhamos, pois, muito respeito às coisas materiais que a obediência,

pobreza religiosa põem em nossas mãos. No uso que fazemos dessas coisas existe um louvor, que sobe até Deus e que Deus ouve, embora nossos ouvidos corporais não o ouçam: que a pulsação de nosso coração, a oração que brotará desse coração sintonizem com essa oração da criatura que não ouvimos! Oferecemos a Deus então não só o sacrifício da manhã e da tarde, mas também o sacrifício perpétuo, o holocausto completo de nossa vida inteira e de suas obras todas.

Com que respeito não devem receber o trabalho! Com que coragem devem suportar a pena, a fadiga, o cansaço... pois a Deus é que esse trabalho é destinado: "Pater meus usque modo operatur". Trabalham em união com ele; trabalham com ele e por ele; sem ele, não trabalhariam; ele é que lhes dá a luz, a inteligência, o movimento; ele é que nos faz fazer a obra de nossas mãos; a obra é dele. Esta consideração, observemos bem, não é só um pensamento piedoso, é nosso Diretório, nossa Regra, nossas Constituições, é o que nos torna bons ou maus religiosos. Por que, ao trabalharmos materialmente e manejarmos essas coisas, não o faríamos na plenitude de nosso coração, isto é porque não pediríamos ao Senhor que aqueles que usarem essas coisas recebam benefícios e ajuda delas, que essas coisas se tornem eficazes pelas nossas orações e obtenham graças e bênçãos para aqueles a quem chegarem? Isso foi o que tenho visto durante 30 ou 35 anos de minha vida na Visitação, perto da Boa Madre; eis porque tanto quero que tudo quanto usamos seja feito em casa: alimento, roupa... Assim teremos na comunidade o dom de Deus, a graça unida ao objeto material pelo mérito daquele que o tiver manejado e que se transmite àqueles que o usam.

Mais uma vez, eis o nosso trabalho. Mas não se deve me dizer: "Padre, são lindos pensamentos..." São mais do que pensamentos, são grandes realidades. Daqui a pouco tempo celebraremos o dia de Santa Maura. Ela tinha bordado uma alva e uma sobrepeliz para o bispo de Troyes, São Prudêncio; e São Prudêncio dizia: "Maura, a virgem, me fez uma alva de linho e quando subo ao altar, vestido desta alva, não me conheço mais, por sentir tanto os sentimentos de piedade encher meu coração. Meu coração era até então de bronze e pedra; tocá-lo não era mais fácil do que entalhar diamante. Desde então quando ofertado o cálice do Sangue do Senhor, sinto rachar a pedra do meu coração, como o penhasco do deserto e dele brotam águas abundantes; eu choro e com minhas lágrimas inundo a alva de Maura; suas mãos e orações prenderam com a vestimenta uma graça todo-poderosa." Eis mais ou menos as palavras de São Prudêncio. Eu acho este pensamento bem impressionante. Façam bem o que fazemos. Quando escrevemos, trabalhamos com as mãos, prendemos uma graça com tudo o que fazemos. "Mas eu não sou um santo!" Sei bem disso; mas o padre tampouco, ao administrar os sa-

cramentos, é sempre um santo; quando ele absolve, dá a santa comunhão, não é que recebemos o perdão da mão dele, não é que recebemos o Corpo e o Sangue do Senhor, seja ele um padre comum ou um santo? Algo disso existe na graça que prendemos com nosso trabalho. Cumprimos um ofício ao qual nos chama a vocação de Deus; o trabalho ao qual nos dedicamos deve produzir o efeito que Deus quis e determinou. A graça de Deus então está conosco; pelo nosso trabalho santificaremos a nós mesmos e santificaremos aos demais.

Entendem bem agora o verdadeiro sentido do trabalho; e como a gente, ao trabalhar, se torna um santo. "Non erit labor in thure", dizia o profeta Jeremias; enquanto está ardendo o incenso da oração, o incenso da união com Deus, o trabalho de suas mãos não cansará a alma; o espírito de oração adoça a amargura do esforço material e perfuma a alma com confortos celestes. Acolheremos bem então esses pensamentos; cada manhã pensaremos sobre eles em nossa oração: as coisas materiais que usamos, trazem consigo a graça. Confiem em estas coisas; dar-lhes-ão força e coragem; ao vestir-se, pensarão que se estão revestindo de Deus e da força divina; seu alimento lhes fortificará o corpo e a alma; o que fizerem, servirá a muita gente, não só quanto ao corpo como também quanto à alma; será conseqüentemente uma fonte de abundantes bênçãos para sua própria alma. Amém.

O I T A V A I N S T R U Ç Ã O

O TRABALHO INTELECTUAL E A EDUCAÇÃO

Hoje de manhã falamos do trabalho, da graça que provém do trabalho feito com boa disposição, com a intenção de honrar a Deus através de suas criaturas e de usar sua obra de acordo com seus desígnios. Esta noite quero falar de outros trabalhos, do trabalho intelectual, do estudo, ou para falar mais simplesmente trataremos especialmente de nossos deveres como professores, na instrução da juventude.

O trabalho, sem dúvida, no começo foi dado ao homem como uma simples distração. Depois tornou-se uma pena, um castigo; mas ao mesmo tempo, como tão sabiamente nos dizia o Dom D'Hulst há dois anos, o trabalho tornou-se uma redenção em consequência dos méritos de Nosso Senhor. O trabalho é a redenção de dois castigos infligidos ao homem culpado: "Comerás o pão com o suor de teu rosto" (Gen. 3,19); pecaste pela sensualidade e o que for necessário à tua vida material te custará o suor do teu rosto, a fadiga de todo teu corpo. Mas o homem não pecou só por sensualidade, ele pecou por orgulho; e a sentença dirigida contra ele em consequência da sua sensualidade, foi dirigida mais fortemente contra seu orgulho; e esta ciência que ele quis adquirir por seu orgulho e sua revolta, ele não poderá obter senão com muito trabalho, angústias e esforços penosos. A Boa Madre que não queria teologizar e, no entanto, muitas vezes o fazia de maneira mais profunda, dizia que o pecado tinha ofendido muito mais a inteligência do homem que sua vontade. Ele é mais ignorante que culpado. É preciso esperar muito da misericórdia de Deus, pois a inteligência foi ferida bem mais do que a vontade e o coração. Bem, todo nosso trabalho consiste em recolocar a inteligência no nível que ela deveria ocupar no plano do Criador. Este trabalho é certamente mais penoso que o trabalho material; ele exige mais esforço, mais sacrifício do que quando se trata simplesmente de voltar às condições normais da vida material. Todas as vezes que o homem quiser remediar esta chaga da ignorância, esta punição infligida à sua inteligência orgulhosa, será obrigado a despender maiores esforços do que para o simples trabalho material.

Eis nossa situação: ocupar-nos de fazer voltar a inteligência ao nível do qual o pecado original a precipitou. Este trabalho cabe a nós particularmente, que estamos encarregados da instrução da juventude. Pois bem, meus amigos, se este trabalho é mais difícil e mais laborioso, é também mais meritório. Deus deve ter uma graça mais abundante para sustentar a coragem

daqueles que a empreendem. Este trabalho deve ter também um efeito mais completo, um resultado mais considerável, mais frutífero; isto é o que ocorre de fato. O trabalho material não impede o sofrimento, nem tampouco a intemperança, nem a sensualidade; o trabalho material cura somente de seus excessos; mas o trabalho espiritual remedia a ignorância; é preciso elevar a alma até onde devia ir segundo os planos de Deus, reparando a ofensa original. Isto que o trabalho intelectual tem de tão duro e de tão penoso, tem pois um efeito feliz para a alma: "Fruto da honra e da honestidade". (Eccl. 24,23)

Disso decorre, meus amigos, que no que concerne à economia, à organização de planos de estudos, de métodos pelos quais devemos entregar aos outros o que aprendemos nós mesmos, é necessário tratar com soberano respeito as recomendações que nos são feitas; é preciso que nos lembremos de que somos religiosos e que nisso para nós se encontra a obediência.

Eu lhes falei dos efeitos da obediência em geral; não temo de aplicar estes efeitos de todos os pontos de vista aos trabalhos e ao resultado do ensino. Jamais Deus nos pede coisas penosas e difíceis, sem que permita chegar a resultados mais abundantes, mais felizes, mais completos. Diante desse trabalho de professor, às vezes bem árido e desanimador, entrem decididamente nesse caminho certo e seguro da obediência. Isso levará ao sucesso e encontrarão uma santificação certa para si mesmos, santificando aos outros.

Santificar-se-ão primeiramente a si mesmos. Quase todos os grandes santos trabalharam muitíssimo. Por que S. Francisco de Sales morreu aos 57 anos, esgotado de suas forças? Porque toda sua vida se passou em trabalhos penosos. Ele tinha prometido ao bom Deus jamais perder um só minuto. Precisava de uma atenção contínua para chegar a esse resultado. Santo Alfonso de Liguori também tinha feito o voto de não perder um minuto. Realizou um trabalho imenso. Produziu para o bem das almas um alimento abundante e substancial. Em nossos dias, Dom Ségur dedicava todos seus momentos ao trabalho e Deus sabe com que ardor trabalhava, descansando do trabalho na oração ou contemplação. O que ele produziu também é imenso; deu à Igreja de Deus um tesouro incalculável. Se nas obras para a juventude, nas famílias cristãs, a prática dos sacramentos e a santa comunhão voltou a ser um hábito duma maneira muito mais fecunda, não é a ele que o devemos? Fala-se em canonizá-lo. Se um dia essa graça for concedida à Igreja de Paris, o mais belo florão de sua coroa de confessor serão as páginas que escreveu, estes opúsculos que têm feito tanto bem.

Meus amigos, estudem pois com coragem, com energia; preparem bem suas aulas segundo os métodos indicados; que a obediência tenha todo o seu efeito: a obediência dará uma virtude incomparável a tudo o que fizerem.

Não é tanto o talento do professor que produz algum efeito, senão sua docilidade, sua piedade. Ao nosso lado temos professores que têm dez vezes, vinte vezes mais meios e recursos. Começamos modestamente, caminhamos e até temos a preferência sobre eles. Eles não têm a graça da obediência; ao passo que nós, se formos bons religiosos, será o Espírito de Deus que nos animará e nos conduzirá.

É preciso no retiro tomar a resolução de sermos inteiramente fiéis à obediência, a tudo que nos é recomendado, ao que está assinalado nos programas, aos métodos indicados. Que isso seja exatamente nossa base, nosso centro. Prendamo-nos à fe do centurião: "Senhor, eu digo ao meu servidor: Vem! e ele vem; Faz isto! e ele o faz." (Mt. 8,9) Apliquemo-nos à nossa tarefa, não porque as coisas que fazemos sejam agradáveis, mas porque são desejadas pela Vontade divina; amemo-las com um amor desinteressado; é esse amor que opera. Farão os outros trabalhar assim. Demos aos outros o que temos: "Facti forma gregis ex animo" (1 Pedro 5,3) Que lhes comunicarão de si? Que formará seus jovens? Não será o que disserem, mas o que fizerem. Obterão a obediência dos seus alunos porque vocês mesmos obedecerão; fa-los-ão amar a Deus, porque vocês terão esse amor no coração. Serão os modelos segundo os quais se formarão as crianças, que lhes são confiadas.

Que grande e augusta é sua missão, meus amigos. "Mundamini qui fertis vasa Domini." (Is. 52,11) Prestem bem atenção, vocês que portam os vasos do Senhor! Estes vasos do Senhor devem tratá-los com toda a honra, respeito e atenção. Que nada em vocês jamais, nem o menor sopro venha a embaciar o cálice que receberam em depósito e encerra o Corpo e o Sangue do Senhor, que nada possa sujar o que o próprio Deus santificou. "Fruto da honra e da honestidade" (Eccl. 24,23); que os frutos produzidos nessas almas sejam frutos integros, produzidos na honra, na pureza e na santa castidade. No que diz respeito a isso, tenham um temor, eu diria escrupuloso, um temor sem limites. Não sabem, não poderão saber jamais tudo o que podem produzir as relações entre professores e alunos. Muitos alunos podem ter tido um mestre santo, sem aproveitar isso; mas jamais, lembrem-se bem, jamais houve uma criança, na qual o professor tenha soprado algo impuro, por mais leve que pudesse parecer, sem que esse sopro tenha sido mortal: é o veneno da serpente, da áspide ou do basilisco. Ele se infiltrará nas veias da criança; nela espalhará a torpeza; lançará uma morte lenta, inevitável, que seguramente efetuará sua obra de destruição e de putrefação até a tumba! Meus amigos, falo-lhes dessas coisas, para que tenham temor, "tamquam a facie colubri". (Eccl. 22,2) Eu repito, nada é mais terrível, nada é mais capaz de destruir radicalmente a obra de Deus do que isso, este nada... essa atenção, essa afeição, esse pensamento. Então já que lidam com coisas tão santas, a

imundície de suas próprias misérias não seja levada a sua obra: "Lavabo inter innocentes manus meas" (Sl. 25,6); comecem por lavar as mãos. O padre antes do ato divino onde consagra o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, lava as mãos e proclama que deseja viver na inocência e na pureza: "Munda-mini qui fertis vasa Domini." (Is. 52,11); tenham os corações puros e as almas castas...

O trabalho que fazem, o trabalho intelectual, repito, tem seus sacrifícios e suas fadigas, maiores do que as do artesão, que vai ao seu labor e ganha seu dia penosamente. Ele sofre no corpo, sem dúvida, mas tem o coração livre, o espírito desembaraçado; ganha seu pão com inteira liberdade de seu pensamento. A gleba à qual estão ligados, vocês que trabalham intelectualmente, não concede ao seu espírito o livre vôo; ela o escraviza, o acorrenta. Estão ligados a este arado que arrastam penosamente e com o qual traçam o sulco, um sulco muito frequentemente cheio de amarguras. Todo o ensino não é agradável; é preciso lutar contra as dificuldades, os espinhos, a má vontade, a incapacidade; é necessário soerguer essa massa inerte, que não quer nem avançar, nem recuar. Esse trabalho é penoso de outra maneira que o do artesão, que trabalha o ferro ou a madeira. Ainda uma vez, cuidem do cumprimento da sua tarefa; atendam-na delicadamente: a matéria que moldam é tão friável! O menor sopro contrário secaria tão rápido a planta que cultivam. Que Deus, que é todo luz, que o Verbo de Deus os dirija em essas coisas e os inspire! Que Ele habite em vocês e os conserve fiéis, constantemente fiéis a seus deveres de cristãos e de religiosos. Obedeçam, meus amigos, e um dia contarão aos anjos de Deus suas obras, que serão grandes e fecundas.

N O N A I N S T R U Ç Ã O

O C A M I N H O

Cada ordem religiosa tem sua missão a cumprir na Igreja. Aparece Francisco de Assis numa época de tormento, de formação. São Francisco de Assis reúne em torno dele alguns companheiros, medita sobre sua Regra, a apresenta para ser aprovada pela Santa Sé e começa sua Ordem. S. Francisco de Assis, segundo os desígnios de Deus, deveria simplesmente reunir um certo número de homens que tivessem o mesmo pensamento, deveria formar uma Congregação limitada a alguns indivíduos, deveria abrir o caminho da santidade só a algumas almas privilegiadas? Não, não era assim o pensamento de Deus para ele. Deus tinha enviado a S. Francisco de Assis, não só para fazer religiosos viver à sombra do claustro, das austeridades de Regra, mas para estender para fora esta vida que ele tinha vindo trazer, para acender esse fogo divino em todos os corações, por toda a terra. Sua obra devia tornar-se uma obra universal, que devia durar na terra, enquanto a Igreja continuasse sua marcha pelo mundo e ensina aos homens o amor à pobreza. Eis o destino de S. Francisco de Assis. Citei essa Ordem de preferência, porque os desígnios de Deus sobre ela aparecem de uma maneira mais clara. Assim todas as Ordens Religiosas têm tido um objetivo especial a cumprir no mundo. O amor às riquezas tinha sido o flagelo da Idade Média; um outro flagelo surgiu em seguida: o Protestantismo. Com o Protestantismo, o espírito de discussão e de incredulidade se apossou do mundo. Deus suscitou a Santo Inácio e seu vitorioso e glorioso exército para lutar contra as tendências filosóficas e reconduzir a Deus aqueles que o Protestantismo tendia a separar dele. Os Jesuitas têm feito como os Franciscanos: sua Regra não tem limitado sua ação aos membros ativos da Sociedade, mas tem espalhado em toda parte seu espírito; sem dúvida não de uma maneira tão positiva como a Regra dos Franciscanos, com sua Ordem Terceira; mas praticamente o espírito da Companhia de Jesus, o espírito de Santo Inácio tem tido uma influência grande sobre as massas, numa notável porção da Igreja, já que sua missão era a de proteger e defender a fé.

Sem nos comparar em nada com estas grandes Ordens, sem querer presumir nossas obras com referência às deles, de forma nenhuma, podemos, sim, dizer entretanto que o plano de Deus para nós não seria realizado

completamente, se limitássemos nossos projetos à prática exclusiva de nossas observâncias, se guardássemos exclusivamente nosso espírito, nossos ensinamentos só para os membros ativos da Congregação. Há sem dúvida, em nosso espírito, em nossos ensinamentos com que fazer o bem e a muitas almas; e esse bem será feito por aqueles dentre vocês, que forem fiéis ao bom Deus. Deus dará àqueles que lhe forem fiéis esta "via tuta", este caminho seguro, claro, límpido onde a alma nada tem a rebuscar, onde não há engano, onde se caminha de pé firme e acertadamente. Também durante este retiro, tiveram que dedicar-se mais a Deus; em suas meditações solitárias tiveram que se dar conta do que devem fazer por Deus; examinaram a consciência e discerniram os pontos nos quais tinham que aplicar uma reforma. Tiveram que examinar diante de Deus a vontade. Antes de nos separar é necessário ainda mais particularmente tomar esta resolução de ser bem fiéis a Deus, a fim de que estejam bem firmes, bem fundados na maneira de ir a Deus e de obter a assistência divina, que nos santificará e nos fará chegar ao nosso objetivo.

Este caminho, esta maneira de ir a Deus, é o Diretório. Mas esta prática fiel do Diretório, este destino especial que damos a nossos atos, a nossos pensamentos, sugerido por nosso Santo Fundador, basta? Não. É necessário que possamos fazer penetrar, de uma forma ou outra, esse espírito, essa maneira de ir ao bom Deus, nas almas que nos rodeiam. A Ordem Terceira de São Francisco que se destina à gente do mundo tem práticas, uma legislação como as da grande Ordem. Não que as práticas da Ordem Terceira sejam as da Regra inteira e absoluta da grande Ordem e que as mortificações e a pobreza sejam tão absolutas de um lado como no outro, mas é como uma espécie de irradiação desse grande sol da Regra Franciscana; cada pobre alma perdida nas trevas do mundo pode receber dela alguns raios de luz. Meus amigos, devemos desde agora ter os meios para chegar a alguma coisa semelhante.

Para poder fazer o bem em torno de nós, uma coisa é necessária sobre tudo: estabelecer bem o caminho em nós e para isso nos obrigar muito fielmente às práticas da Regra e da observância. Já fiz alguns regulamentos e recomendações: desses faremos mais. O Capítulo Geral que vai se reunir este ano pela primeira vez, estabelecerá os meios a assumir para submeter bem sua piedade e todos os seus atos ao bom Deus. Eu tenho um projeto: é que o Diretório se faça entre nós abertamente. Quando dois ou três de nós estivermos reunidos, um lembrará o pensamento da morte, fará a reta intenção, a seu momento repetirá a invocação, a aspiração a fazer no determinado instante. Essa vida comunitária nos atos da vida religiosa nos unirá bem mais uns aos outros; ela atrairá a graça de Deus; experimentaremos uma caridade maior; teremos a sensação de ser todos uma mesma família; teremos

também uma parte maior nas graças que Deus concede a nossos irmãos, nos seus bens espirituais; Nosso Senhor atenderá melhor nossa oração, já que ele disse que, quando dois ou três estivessem reunidos para pedir alguma coisa em seu nome, não importa o que, ele estaria no meio deles.

Assumiremos esse hábito a partir deste retiro. Atenderemos em voz alta nosso Diretório e nossa Regra, quando estivermos a sós, entre nós. Hoje não posso entrar em detalhes. Que isso me seja suficiente dizer esta manhã de uma maneira geral que praticaremos sempre nossa Regra abertamente, quando entre nós, quando viajarmos ou estando na sala comum, no recreio, em todos os lugares e todos os instantes, nos locais onde o silêncio não é guardado e naqueles onde deve sê-lo.

Eu lhes conjuro, aceitem essa graça, que lhes é oferecida, é uma graça imensa. Somos fracos quando abandonados a nós mesmos; ficamos muitas vezes em algo vago, numa indeterminação, que leva por vezes a nos desencorajar, e sempre a enfraquecer-nos. Temos aí um meio eficaz para nos sustentar e também, como eu disse, para ajudar à santificação dos outros. Estudaremos os meios a empregar para fazer penetrar melhor nosso espírito em nossos colégios e alunos; não quero dizer que não temos feito isto que tínhamos que fazer até agora. Mas certamente há algo ainda a fazer. É preciso que todos que tenham algum vínculo conosco, recebam algo das grandes graças que Deus quer nos comunicar.

Importa que as almas se unam neste mesmo pensamento: a vontade divina, cumprir a Vontade de Deus em todas as circunstâncias. Sempre voltaremos a isto: ensinar aos outros a fazê-la. Que cada um se ocupe um pouco com esse pensamento. Não podemos todos aplicá-lo de maneira idêntica. Se somos encarregados das crianças e dos pequenos, procuremos os meios de lhes ensinar a andar nesse caminho. Se estamos em contato com alunos maiores, será preciso empregar outros meios; existem, meios fáceis... Em toda a parte com os alunos, há algo a fazer pelo bom Deus... Não dêem muita atenção à repulsa de nosso século pelas coisas divinas; os maus não temem ir adiante, por que temermos fazer a obra de Deus? Não é necessário se expor, sem dúvida, não é preciso ser original. Nosso Santo Fundador não o queria, mas importa introduzir nossa vida na vida e nos hábitos dos que educamos, pois só então poderemos produzir um efeito real. Se formos santos, muito bem, mas é necessário que nossa santidade seja abundante, que tenha uma intensidade bem notável, para que ela, por si mesma, vá perfumar e influenciar as almas, que nos rodeiam, sem que façamos nada positivamente para isso e sem que as almas saibam dos meios que empregamos para nos santificar. É absolutamente necessário que assumamos certos expedientes com esse fim. Dos nossos colégios, das nossas obras, esses meios de solução passarão

a outros lugares. E se um dia, como eu espero, a Santa Igreja nos consinta ter uma Ordem Terceira, seus integrantes deverão viver conforme a nossa vida e os nossos costumes.

Meus amigos, acreditem na eficácia da nossa vida, no poder dos ensinamentos da Boa Madre. Qual não é a confiança e a simpatia que ela inspira. Acreditam que isso seja assim sem os desígnios particulares de Deus, a que a afeição e a confiança convirjam assim ao redor dela, ao redor de sua doutrina? Meus amigos, acreditam que essa doutrina não tenha uma grande influência sobre as almas? Que ela não será bem acolhida por todos? Eu lhes afirmo que sim. Somos os depositários de tesouros preciosos; não os deixemos se perder. Estamos mornos, dizia Tertuliano, numa terra ainda quente do Sangue de Jesus Cristo. Como encontrarão a força para domesticar, para submeter o universo?... Eu não direi palavras mais belas que as de Tertuliano, mas como me disseram em Roma vozes muito autorizadas, Deus tem desígnios extremamente grandes para esta obra; não se ve até onde ela pode ir e até onde Deus conduzirá esta primeira graça. Se o livro dos Exercícios de Santo Inácio tem podido realizar tanto bem, acreditam que o Diretório não o produzirá também um pouco? O que é o livro de Santo Inácio? Já viram um catecismo de verdades cristãs? No fundo os Exercícios espirituais não são outra coisa: as grandes verdades com aplicações práticas. Essas meditações muito simples têm tido uma eficácia bem grande; têm feito uma quantidade de conversões. Porém, mais uma vez, permitam-me dizer-lhes: que foi que escreveu Santo Inácio? É o que todos os Concílios, os Santos Padres, os teólogos tinham dito; ele não disse outra coisa, não disse nada mais do que isso. Mas, isso já é bem bonito, não é? Os Exercícios de Santo Inácio acarretam uma graça de um santo, de um grande número de santos dessa Sociedade, que está voltada para a defesa da Igreja com seu braço forte, com sua vontade de ferro.

Mas, meus amigos, será que a doutrina de São Francisco de Sales não trae também sua graça consigo? Será que a aplicação desta doutrina não tem produzido efeitos maravilhosos nas almas que têm sido fiéis? Será que este livrinho do Diretório não tem também um papel a cumprir no mundo? "Habent sua fata libelli." Estas páginas fizeram entrar tantas almas no céu; fizeram reinar uma paz tão profunda no seio das famílias cristãs; conduziram as almas a um tão elevado grau de união com a vontade de Deus; ensinaram a tantas almas dizer em cada encontro: "Senhor, vós tendes razão. O que estou experimentando, é da vossa mão que o recebo. É justo que eu aceite o sofrimento, já que vossa mão paternal o escolheu para mim; seja qual for meu so-

sofrimento, vindo de vós, me é bom. Daí que eu beije essa mão num ato de amor inefável; que eu sempre diga: "Fiat voluntas tua!"... Pois bem, o sofrimento e a aceitação do sofrimento como desejado por Deus, eis a base de toda a vida, sem exceção. Mais uma vez, meus amigos, por que o Diretório não será nosso livrinho, nossos exercícios principais? Por que não nos prenderíamos a ele com tanta devoção e confiança, como os Jesuítas fazem em relação ao livro dos Exercícios de Santo Inácio?

Ali há, repito, algo de bom para as almas. Eu o afirmo sem medo de me enganar. O Diretório convém à maioria das almas; o Diretório dirá às almas dóceis, dez vezes, cem vezes mais que os Exercícios espirituais de Santo Inácio. Apresso-me a dizer, toda comparação é falha e a gente muitas vezes periga fazer-se ridículo, quando se fala pelos interesses próprios. Mas eis um fato. Quem é que para fazer oração se serve dos Exercícios espirituais? Quantos são, enquanto vocês saibam? E, digam-me, quem pode fazê-la regularmente assim? Essa maneira de orar é sem dúvida excelente; é de um mérito perfeito; quem faz todos os dias as meditações de Santo Inácio é um grande santo. Mas eu afirmo que entre cem pessoas piedosas não encontrarão dez, entre mil não encontrarão quatro que possam sujeitar-se a essa maneira de meditar. Coloquem nas mãos deles o Diretório, quais são os sacerdotes que então não poderão fazer sua oração? Na verdade todos poderão fazê-la e todos a farão com prazer, felizes, sem problema por assim dizer. Sabem que S. Tomas compara a oração ao jardim, que é cuidado pelo jardineiro. O jardineiro rega seu jardim de três maneiras; ou por meio de um poço e então é muito penoso: ele é obrigado a tirar um a um cada balde de água e espalhá-la com a força dos braços; ou por meio de uma fonte, que corre no jardim, enquanto o empregado nada mais faz do que dirigi-la a fim de que ela leve suas próprias águas às plantas; ou em fim por meio da chuva, que alguns dias cai em grande abundância. O jardineiro nada tem que fazer que cruzar os braços e ve as plantas se reverdecer pela ação desta água, que lhe vem do céu. Os que se servem de métodos para fazer oração e que a fazem com a força do braço, esses puxam a água com a corda. Há muitos deles? Não. Acha-se alguns deles? Sim. Fazem bem? Não podem ter mais méritos. Mas se o jardineiro tem uma fonte à disposição, acreditam que os legumes não serão melhor irrigados, que sua terra não será mais fértil? E se em fim o céu lhe enviar uma chuva abundante, será assim que ele terá o maior resultado com menos esforço. Os meios dados por nosso Fundador é a fonte fecundante... é bem frequentemente a água que cai diretamente do céu. Segundo a Santa Igreja, a doutrina de nosso Santo Fundador é segura e eficaz: "Via tuta ac plana"; é o caminho aplainado,

no qual se pode andar com segurança, sem dificuldades, sem tropeços. O heroísmo não é comum; para ser herói não basta querer sê-lo. O Diretório nos ensina a fazer oração sem heroísmo, simples e facilmente.

Mais uma vez, não me censurem uma comparação, que é falha e não seria justa. Eu não comparo nada. Aceito o que o bem Deus nos dá; admiro como isso é bom e perfeito; admiro como Deus sabe se ajustar aos gostos, às aptidões diferentes; e como os diferentes meios dados por nosso Santo Fundador são certos, fáceis, como eles vêm ao auxílio de nossa miséria, da nossa fraqueza, da nossa imbecilidade. Agarremo-nos bem, pois, ao nosso Diretório, moldemo-nos segundo suas prescrições. Todas as vezes que nos encontrarmos juntos, dois ou três, faremos nossos exercícios ostensivamente e em voz alta. Apliquem-se depois a se servir do Diretório para formar na piedade vossos alunos, com os quais, de uma forma ou outra, têm contatos. Eu fiz a experiência, honestamente. Nas obras para meninas notei muitas vezes uma mudança completa desde que se experimentava um pouco do Diretório. Entre as Oblatas se começou a fazer o Diretório em voz alta: o efeito é muito bom. Meus amigos, vamos, pois, nos pôr à obra para que cheguemos a produzir o que Deus requer de nós; importa para tanto que nos entreguemos de todo nosso coração, de toda nossa vontade; é necessário que estejamos verdadeiramente determinados a nos dar a Deus, pelos meios que Deus nos dá y nos coloca nas mãos; esses meios, é necessário que os aceitemos, que os acolhamos generosamente, sem "barganhar" como diz São Francisco de Sales. Quem ataca primeiro, não pensa, não calcula; ele puxa para frente. Tem uma só finalidade, uma só determinação; lanza-se todo. Somos assim? Que cada um se examine, antes de receber a graça da absolvição, o que Deus lhe deu e o que fizemos; que cada um se ponha face aos princípios da vida religiosa, salesiana, aos do Diretório. E que então não encontremos nunca mais obstáculos em nós, dificuldades ou má vontade contra o bom Deus e contraria ao que ele quer de nós.

D É C I M A I N S T R U Ç Ã O

C O N C L U S Ã O D O R E T I R O

O fim, o objetivo de todos os nossos exercícios, de todos os sacramentos é Nosso Senhor na Santa Eucaristia. São Francisco de Sales disse positivamente: o sentido de todos os exercícios de piedade, o centro e o sol da vida espiritual, não é outro senão a Santa Comunhão, pois todos os exercícios se fazem seja em preparação à Comunhão, seja em ação de graças pela mesma: mortificações, orações, vigilância sobre si mesmo, todas essas coisas não têm outro fim senão o de melhor receber a Nosso Senhor. A Santa Comunhão é portanto o objetivo de todos os nossos esforços, de todos os nossos trabalhos na terra; ela é pois o céu da terra, já que tudo o que fazemos se relaciona com a Santa Comunhão e que ela própria é a recompensa suprema de nossos esforços, das virtudes que praticamos, assim como o céu é a recompensa suprema e infinita de nossa vida cristã e religiosa. Se, pois, eu tenho ainda uma palavra a lhes dizer, é sobre a Santa Comunhão que falarei e peço muito a Nosso Senhor que lhes faça compreender esta palavra.

Não lhes peço perdão, caros amigos, do retiro que lhes tenho feito. Algo de singular, de penoso se me impõe, quando tenho alguma coisa a lhes dizer, de tal maneira que não posso pensar nisso por antecipação. Os retiros que lhes faço me são muito duros, pois me encontro na impossibilidade absoluta de preparar o que quer que seja. Será porque não gosto de lhes falar? Não, certamente. Não devia me sentir tão à vontade em nenhuma outra parte senão com vocês. Sinto-me feliz ao dizer-lhes o que me vem à mente, ao coração. Será que não me sinto bem em casa com vocês? Não, creio ser bastante seu pai para não ter necessidade de estar cauteloso ou desconfiado, como quando a gente se dirige a estranhos ou pessoas que estão propensos a julgar ou a censurar. De toda minha alma, peço ao bom Deus que este retiro produza em vocês efeitos felizes. Se insisto tantas vezes neste pensamento é porque importa que estejam bem convencidos que é o retiro em si mesmo, que deve produzir os frutos do retiro; é a disposição a fazer bem os exercícios do retiro; é a fidelidade na observância que lhes dará o dom do retiro, que lhes dará o que terão de comunicar aos outros e o que o bom Deus reservou para vocês e que é imenso, eu sei. Esta noite nos encontramos juntos ao tabernáculo, perto do santo altar, da mesa santa, para que esses frutos do retiro sejam bem aplicados. Quero lhes indicar como pela mão o lugar onde

estão conservados os tesouros de misericórdia e das luzes divinas, que nos foram preparados em consequência de nossa fidelidade no retiro.

Compreendam bem a vida do Oblato de S. Francisco de Sales: verão que é uma vida toda eucarística. Na Eucaristia, o que permanece? As aparências do pão e do vinho; mas diz o catecismo que a substância do pão e vinho é transformada no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo. Pois bem, o que é o Oblato? Qual é a sua vida? Não é a sua vida oblação? Ele se chama Oblato; a consagração a Deus é o que faz, tal como foi ela o que fez Nosso Senhor. Não é como uma transubstanciação que se opera a cada instante através do Diretório, uma transubstanciação à vida sobrenatural? Venham a essa transubstanciação, que tem algo de análogo com aquela da Eucaristia; venham àquela pela Santa Comunhão. As Comunhões que fazem, produzem um efeito muito maior do que se tivessem permanecido no mundo. No trabalho, que segue a Comunhão, são as mãos do Salvador que trabalham pelas mãos de vocês; os olhos de vocês são transformados nos olhos do Salvador, atendendo sua tarefa, obedecendo; todo o ser de vocês é o Salvador, como em Nazaré, trabalhando, sofrendo. Não são palavras figuradas o que lhes digo ou figuras de eloquência, é a verdade, é doutrina. Sem dúvida, essa doutrina é para todos os cristãos, mas para os simples fiéis essa se dá acidentalmente, às vezes; para vocês essa deve ser a maneira de ser perpétua. Peçam ao Senhor que mude, que transfigure o trabalho de vocês no trabalho dele; a pessoa de vocês na dele; que as pulsações do coração de vocês sejam as do coração divino.

E nós, meus caríssimos padres, que temos a felicidade de subir o santo altar, lembremo-nos que a vítima não é simples; ela é dupla. Oferecem o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor e se oferecem também espiritualmente com ele e como ele. O sacrifício não é material, sem dúvida, mas se oferecem espiritualmente como hóstia com ele. Aprendam a fazer todas as suas tarefas na hora da santa missa; lá obterão e sobretudo durante o retiro, as graças e as luzes; e após o retiro, as lembranças, os complementos do retiro, o movimento impresso à alma durante o retiro. A santa missa é o lugar onde não há mais distâncias. Deus se fez homem; no altar ele se transforma em nós e nos transforma nele. Não há mais distância; as mãos de vocês são as dele; sua palavra é a palavra dele. A consagração se realiza pelas palavras que pronunciam; é ele que as pronuncia pela boca de vocês. Não há duas palavras ali, a dele e a sua; há uma só palavra; não há dois sacrifícios, há um só também. Digam-me que fusão é comparável a essa, a essa que se opera no momento da elevação; que distância existe entre vocês e Deus? Não há mais nenhuma. No último dia do retiro, nos sentimos bem ao nos encontrar diante do santo altar; encontrar-nos-emos sempre lá, na mais íntima união com Nosso Senhor. E se o bom Deus

permitisse por um segredo providencial que eu não pudesse falar-lhes como eu o teria desejado, venham todos no momento da consagração e quando tenham Jesus Cristo em suas mãos, quando ele tiver descido no altar, digam-lhe: Senhor Jesus, diga-me o que não entendi, repita-me o que não compreendi, complete o retiro; é na sua presença que desejo reencontrar as instruções, as bênçãos, as esperanças do retiro. O retiro se prolongará desse modo todo o ano com frutos infinitos. Enfim nos reencontraremos à noite na oração, aos pés de Nosso Senhor. Quando Nosso Senhor tinha percorrido Judéia com seus discípulos e estavam fatigados, os discípulos se reuniam em redor dele e lhe contavam o que tinham feito, os demônios que tinham expulsado, os doentes que tinham curado, os pobres a quem tinham anunciado a palavra de Deus. O bom Mestre palestrava com eles e eles esqueciam sua fadiga. Que a visita ao Santo Sacramento, a oração da noite seja o repouso da jornada, o descanso para nossas inquietudes, nossas agonias, para nossas dores. Venhamos aos pés do bom Mestre escutar suas consolações, seu encorajamento; este será o último eco do retiro: "Domine, quid faciemus?"

Um grande santo, S. Alfonso de Liguori, nos ensinou em suas páginas admiráveis o que era a palestra de um santo com o Santíssimo Sacramento do altar. Esta palestra íntima, quem deve compreender e praticá-lo melhor que nós, que somos a família de Nosso Senhor, que somos de casa, de sua intimidade? Que vida levamos nós? Combina com a dele? Nosso trabalho se parece com o dele? Nossas vistas estão conforme às suas? Sua glória, seu nome, o amor a sua Igreja estão em nossos corações? A intimidade mais completa e mais amena reina entre vocês e ele? Supram assim todos os dias deste ano o que faltar ao retiro, durante esse pequeno quarto de hora de repouso. Se não têm nada a dizer, fiquem lá e digam: Senhor estou aqui! "Fac, Domine!" Faça, Senhor! Minha alma sem coragem está presente: "Illumina faciem tuam super servum tuum". Seu servidor está nas trevas. Que a face do Senhor lhe apareça na calma, no esplendor de seu amor. E o coração de vocês se rejubilará; compreenderemos o que não tínhamos compreendido. E é então sobretudo que nosso retiro continuará, se aperfeiçoará.

Salvador Jesus, reúna todos os nossos corações na caridade mais absoluta; faça que não tenhamos senão um só coração com o seu; os mesmos interesses que os seus, o mesmo objetivo como o seu; que não tenhamos nenhum outro desejo que não seja sua glória e a propagação do seu amor; que não tenhamos em mãos outros meios, senão os que a santa obediência nos confia. Assim como é prisioneiro por amor no santo tabernáculo, ó Salvador Jesus, faça que nós também sejamos prisioneiros da divina vontade. Oh!, dizia São Paulo, que bem-aventurados são as correntes, que se carregam por Jesus e

como desejo os ver carregados delas e nelas amarrados. Que sejamos bem ligados ao Senhor, ô Divino Mestre. Que não nos separemos jamais, nem na vida, nem na morte; que sejamos sempre um com o Senhor por toda a eternidade. Aleluia! Aleluia!

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

1888

RETIRO GERAL DE 1889

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

O RETIRO

Entramos em retiro. Este retiro terá conseqüências muito importantes, devido ao tempo em que estamos, devido às necessidades da Igreja e às nossas necessidades particulares. É preciso então fazê-lo da maneira melhor que pudermos. É preciso que este seja um retiro verdadeiro, um retiro no qual cada um de nós perscrutemos nossa consciência de uma maneira séria, muito séria, para ver o que no passado alcançamos quanto à vida sobrenatural, quanto à fidelidade às práticas da vida religiosa; o que ganhamos no amor de Deus e de nossos irmãos, no amor a nossos deveres. É preciso ver também o que perdemos por nossas infidelidades.

Somos melhores desde o ano passado? Como temos cumprido todos nossos deveres da vida religiosa este ano? Como se têm realizado nossas confissões, nossas comunhões? Como temos ofertado o santo sacrifício da missa? Como temos cumprido os deveres tão graves do santo ministério? Como temos dado nossa classe? Como temos atendido nossas diferentes obras? Como temos praticado nosso Diretório? Temo-lo praticado em primeiro lugar... e com que disposições? Eis uma quantidade imensa de perguntas que precisamos nos fazer durante o retiro, das quais é necessário nos dar conta durante o retiro. Estamos tanto mais obrigados a fazer nosso retiro bem feito, pois os tempos são extremamente tempestuosos, perigosos portanto.

Há perigos no ar que respiramos por toda a parte, tanto fora como dentro. Fora: as máximas, os exemplos influem logo, se não cuidarmos do nosso próprio juízo e até de nossa fé. Dentro: nossas idéias não são sempre sãs, em harmonia com o que é melhor, com os princípios da vida religiosa; estamos muitas vezes em contradição com os sentimentos e as aspirações que deveríamos ter como religiosos. Façamos, pois, nosso exame detalhado sobre todas as questões que eu fiz, afim de que nos conheçamos bem diante do bom Deus, que não nos entreguemos a ilusões, que não recebamos injustamente o pão dos filhos de Deus, este pão que Deus nos dá em abundância; estas graças, estes auxílios, estas orações, estas inspirações divinas que ele nos dá prodigamente. E nós, em vez de aproveitar esse alimento, de nos saciar, de fortificar nossos membros, não o temos negligenciado, não

o temos calcado sob os pés, enquanto tantas outras almas estão tão absolutamente privadas dele? Uma outra consideração a acrescentar. Ainda que nós existamos já muito tempo, não deixa de ser verdade que nosso pequeno número, os poucos recursos de que dispomos até hoje, permitem bem dizer que nossa Congregação está ainda no início. Nosso começo se estende por muito tempo, sim. Se bem que então estejamos ainda no início, ainda que sejamos crianças, por motivo de circunstâncias especiais que conhecem, nos aprovaram em Roma; não nos vêem mais como crianças, mas como adultos, como de idade madura; e a última palavra que me disseram em Roma é esta: "Agora os Senhores têm cem anos de existência." Se em Roma nos consideram capazes de caminhar sozinhos, estamos obrigados a justificar essa opinião, essa confiança.

Observemos bem, caros Amigos. Somos nós, sou eu o Oblato da confiança do Santo Padre, da Santa Igreja? Pratico para isso meu Diretório, cumprio inteiramente as Constituições? Estou completamente dentro do quadro das disposições interiores que se exige de um santo religioso? Esta consideração, cream-me, não é sem valor. A Santa Igreja os envia; fá-los depositários de seus tesouros; deposita nas suas mãos uma coisa infinitamente preciosa, a doutrina da Boa Madre Maria de Sales, que nada mais é do que a doutrina explicada de nosso Santo Fundador. Quem recebeu esse depósito? Quem deve fazer valer essa base? Não são nossos vizinhos, não são estes ou aqueles religiosos, que valem dez vezes, cem vezes mais do que vocês. Não são os mais santos padres desta diocese ou de outra; são vocês, unicamente vocês.

Entre todas as Congregações que se abrigam sob o nome bendito de nosso Santo Fundador e que são dignos, em todos os sentidos, da veneração dos fiéis e da confiança da Igreja, não há nenhuma outra que recebeu o depósito que nos foi confiado. "Depositum custodi". (1 Tim. 6,20) Guardem o depósito. A quem São Paulo disse essa palavra? A um só de seus discípulos, a Timóteo: O que te confiei a ti, guarda-o bem. Depositum custodi. Aos outros eu posso ter confiado muitas coisas; mas é só a ti que encarreguei de meu depósito. "Ceteris in parabolis". Aos outros, disse Nosso Senhor, falei em parábolas; mas a vós, meus bem-amados, "omnia quaecumque audivi a Patre meo, nota feci vobis". (Jo 15,15) São os segredos de meu Pai que vos revelo. Não imagino nada, meus Amigos, não invento nada; ninguém no mundo pode contradizer o que digo. Portanto, vamos; ponhamo-nos com uma santa energia à obra a que o Santo Padre, a Santa Igreja nos consagraram. Esse tesouro frutificará em suas mãos ou então irá apodrecer no lenço escondido em algum canto do jardim. Tiremos dessas considerações algumas consequências: Eu, é que me dedico bem ao que devo fazer? Realizo plenamente a confiança da Santa Igreja?...

Recomendo-me às suas orações, meus queridos Amigos, afim de que eu exerça bem meu cargo. Mas esse depósito é pesado; pesa-me; eu não digo que me amedronta, porque essa palavra não está no vocabulário das coisas de Deus. Eu sinto que há uma distância infinita entre o que sou e o que deveria ser. E vocês também; não queiram esquecer o que são. Você é professor da quarta série; é isto, é aquilo; está encarregado do estudo, da disciplina. Está incumbido do material. Você se ocupa dos trabalhos manuais: está muito bem, mas em tudo isso e antes de tudo importa que sejam Oblatos. Poderia ser maçom e professor da quarta série: isso não é incompatível com os programas, ao contrário. O que vocês são mesmo? É religioso; e se espera que seja religioso e que atenda bem os deveres de cada um dos cargos, de cada um dos ofícios, que lhe serão confiados; e não cumprem bem esses cargos e ofícios, senão sob condição de ser um religioso perfeito e completo. Não passe superficialmente pelo cumprimento de seus deveres; compenetre-se bem do que é e do que deve ser... Fazemos nosso retiro para isso. Este retiro é pois extremamente sério; neste retiro é preciso que apelemos a nossa memória, a nossas recordações, nossa consciência, a nosso juízo. É preciso, como o Profeta, visitar Jerusalém: "Visitabo Jerusalem in lucernis"; é preciso visitar nossa alma em todos seus cantos e recantos; importa que nada passe despercebido. É necessário que eu examine tudo, que está no fundo do meu coração, para dizer tudo a meu confessor, todos os meus pecados... E os pecados dos religiosos são numerosos, meus Amigos: "Ubi non est lex, non est peccatum"; quanto mais a lei se estende, tanto mais ela se ramifica, mais observâncias há e mais também aumenta o número dos pecados, quando se negligencia a prática de todas essas observâncias.

Agora, por que não examinaria também durante o retiro o mal que tenha feito aos outros; essa é provavelmente a maior falta que tenha a censurar este ano. Em lugar de construir e de edificar, temos abalado, temos demolido. Crêem que isso não é nada? No inferno, há mais de um terço de religiosos condenados, que o serão em consequência desses nada que não percebem e que pouco a pouco fazem perder o respeito pela lei, a delicadeza da consciência, a fidelidade às obrigações por mínimas que sejam; destrói-se então também nos outros esse respeito pela lei de Deus, pela Igreja, pelos seus superiores. Abala-se tal ou tal alma, faz com que se torne má; a gente a corrompe. Quantas vocações, quantas boas obras estavam nos planos de Deus? Era uma coisa clara e manifesta; elas teriam atraído um grande número de almas: "Mandavit unicuique de proximo suo". Suas palavras, seu capricho, seu orgulho tem impedido a este ou aquele de cumprir seu dever, têm-no levado a viver

sua própria vida, a se tornar independente, após ter abandonado a delicadeza da graça, a desertar do caminho do dever, a entrar no caminho da perdição... Eis o maior pecado de todos. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, examinem-se bem durante o retiro; depois reparem. É um pecado que se tem de reparar. Tomem a resolução de não mais recair; e tomem também a resolução de reparar no caso de recair; de reparar bem visivelmente o mal que tiver feito. Reflitam bem no que acabo de dizer; cuidem de suas inclinações pessoais, seu capricho, das sugestões de seu amor próprio. Porque lhe agrada deixar este far-do, irá dizer a seu vizinho que faça o mesmo... Prestem bem atenção. Leam o Evangelho de uma ponta a outra. Encontram tudo no Evangelho? Encontram no Evangelho a razão e a natureza da constituição completa da Igreja e de cada Sacramento? Achem-no, se puderem. Todos os protestantes lhes provarão com o Evangelho na mão, que isso não está. Se raciocinam humanamente, não encontrarão isso no Evangelho. Assim também a razão humana dirá a todos os que não têm desejo de ver alguma coisa na Regra ou nas Constituições que isso aí, deveras, não está. Não é com razão humana que deve discutir isso; necessita-se a fé e é preciso aceitar o espírito que se busca para os inspirar. O que o Santo Padre me disse? E ele mo disse do alto da Santa Sé Apostólica; é como Papa que ele me falava, como chefe da Igreja: Estas coisas são verdadeiras; elas produzirão grandes frutos, sob a condição que o Senhor tenha religiosos devotados "usque ad effusionem sanguinis". Mas se, em lugar da fé, que lhes é solicitada, puserem ali seu juízo, isso pode produzir só aquilo. Estou obrigado a lhes dizer, a dizer à comunidade: cuidem de não se opor à vontade absoluta de Deus!

Então, meus Amigos, é preciso que façamos um bom retiro. Como iremos fazê-lo? Com uma grande pontualidade nos exercícios do retiro. Mais uma vez - e esta já deve ser a centésima vez que lho repito - os exercícios do retiro são sacramentais, que produzem a graça em nossas almas; é a água benta, o pão bento, o sal bento, é a oração, é o Pai Nosso, é, em uma palavra, todas estas coisas que se chamam sacramentais e que dão a graça, em consequência das disposições daqueles que os usam. Façamos este exercício tal como é, com qualquer disposição natural que seja; e se tivermos boa vontade, ele trará a graça consigo. Assim como é preciso receber a matéria e a forma do sacramento, para receber a graça sacramental, assim também é preciso ser fiel, pontual nos exercícios, que são a forma exterior do retiro, para ter a graça do retiro. Tenhamos fé nos exercícios do retiro: é o meio dado por Nosso Senhor, pela Santa Igreja, por nosso Santo Fundador. Sigam-nos com grande pontualidade. Vejam o que recomenda o regulamento do retiro. Que o silêncio seja bem

observado; que seja bem completo e absoluto. Mantenham-se no recolhimento. Não devem forçar o espírito, fatigar a imaginação pelos esforços contínuos. Vão ao retiro tranqüilamente, simplesmente, tanto para o exame como para a prática exterior do horário. Vamos aí simplesmente, como crianças vão ao seu Pai. Quanto às disposições interiores, isso depende do espírito de cada um e do que o bom Deus lhes der. Os que estiverem com fervor, está bem; será preciso que aproveitem as graças do bom Deus e a ajuda que lhes der. Se sintam repugnância, será melhor ainda; terão uma colheita mais abundante; os frutos serão mais garantidos e mais sãos. O retiro assim compreendido, assim praticado, não nos será uma carga intolerável. Se o bom Deus permite que alguém passe por provações, por grandes tentações, que o diga ao confessor com toda humildade e simplicidade e que se lembre que é o prelúdio de grandes graças, de luzes que virão certamente depois.

Vamos pedir a São Bernardo, cuja festa hoje celebramos, este Pai tão ameno, tão verdadeiro, tão firme na vida religiosa, algo das graças que o bom Deus lhe comunicou. Aqui levamos seu nome; por assim dizer, temos resuscitado seu culto por aqui; penetremo-nos de seu espírito; necessitamos sua ajuda. Invoquem-no algumas vezes hoje, como também nosso Santo Fundador e a Boa Madre Maria de Sales, para compreender bem o que acaba de lhes ser dito e pô-lo em prática.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

SEGUNDA INSTRUÇÃO

OS VOTOS RELIGIOSOS - A OBEDIÊNCIA

Sem dúvida, o estado religioso é uma forma, que não é absolutamente necessária à constituição da Igreja. Esta poderia muito bem existir sem as ordens religiosas. Ela começou com Nosso Senhor, os Apóstolos, os discípulos, as santas mulheres; e as Ordens Religiosas ainda não foram fundadas. É bem verdade que já na época quando vivia Nossa Senhora, havia cristãos reunidos no Monte Carmelo e viviam como religiosos. É verdade também que em Marselha, Santa Marta tinha estabelecido uma espécie de comunidade que se parecia muito com nossas obras para rapazes e moças. Mas a forma completa da vida religiosa não existia ainda; a legislação religiosa não estava ainda formulada; ela não constava como um artigo, um capítulo do Código da Santa Igreja. Mas certamente o estado religioso é absolutamente necessário, no tempo atual, à ação da Igreja. Nosso Santo Padre, o Papa no-lo disse, - eu estava lá com Padre Deshairs - para converter o mundo, nós precisamos religiosos, precisamos do estado religioso.

Em que consiste o estado religioso? Num vínculo que reúne um certo número de indivíduos sob leis especiais. Qual é esse vínculo? Chama-se votos religiosos, votos de pobreza, de obediência e de castidade. É a prática dos votos, que distingue os religiosos dos outros fiéis, que distingue aos religiosos dos padres, dos diáconos e de todos os outros membros da hierarquia eclesiástica. O que é o voto? Conforme as definições da teologia, o voto é a promessa feita a Deus de um bem maior; é a promessa de fazer algo, que é melhor do que a simples lei, ou então que está além do preceito comum. Uma vez assumido o compromisso, o voto obriga em consciência; é de alguma maneira uma extensão da lei natural, da lei divina, da lei positiva e eclesiástica. Se bem que a obrigação do voto seja tal, não se deve considerar o voto como uma solicitação desmedida de grande rigor, como um vínculo, duro e penoso, como um cargo difícil de levar. Não é assim o pensamento da Santa Igreja e de São Francisco de Sales. São Tomás nos mostra os votos como uma ajuda, um apoio, como uma espécie de estímulo, que nos ajuda a praticar mais perfeitamente a lei de Deus e a da Igreja. Importa muito que nos demos conta durante o retiro e vejamos, se realmente praticamos bem nossos votos. É necessário que os noviços examinem por sua parte, se fazem bem o que é preciso e se prepararam esse cumprimento fiel para o futuro. O voto dá às nossas ações um mérito todo particular.

Um ato feito em consequência do voto é mais perfeito que um ato feito "motu proprio". Uma penitência por devoção é menos meritória que a que é feita em consequência de um voto. O voto faz com que esta penitência se torna uma virtude extremamente recomendável a Deus. Aqueles que fazem os votos da vida religiosa - seguimos com a doutrina de São Tomás - constituem uma categoria especial. Há duas grandes categorias na Santa Igreja: a ordem episcopal e a ordem comum dos fiéis, na qual estão compreendidos os próprios padres. Bem, a ordem religiosa é uma ordem intermediária. E na sua administração, a Igreja ratifica essa distinção, porque põe nas mãos da mesma Congregação, os bispos e os religiosos. O estado religioso, abarcado pela ordem episcopal, constitui, pois, aos olhos da Igreja uma ordem especial, elevada na hierarquia católica. Isso deve nos levar a estimar muito o estado religioso. O religioso, de fato, não é um homem como outro qualquer; está ligado a Deus; pertence a Deus com corpo, alma e pensamento; doa-se espontaneamente a Deus para cumprir sua vontade. "Deo dedicatus". Somos consagrados a Deus e essa consagração é a consequência de nossos votos. É preciso portanto praticar bem nossos votos. E para praticá-los bem é necessário compreender a vida que temos que levar. Não precisamos levar a vida dos Capuchinhos ou dos Jesuítas. Pensem nos melhores religiosos; pensem nos mais antigos, nos Beneditinos; não temos que observar nossos votos da mesma maneira que eles observam os seus. E quando o Papa, quando a Santa Igreja autorizam as novas Ordens, eles dão seguramente um sentido novo e particular aos votos delas: é uma nova aplicação das leis do estado religioso. De outro modo a Santa Igreja autorizaria uma só Ordem religiosa.

Somos Oblatos e não outra coisa; não é preciso procurar em outro lugar, senão em nossas Constituições, em nosso espírito o que temos que fazer, pois - diz nosso Santo Fundador - tudo que tiramos de outro lugar "por bom que pareça ser e de fato o seja, não o seria para nós". Esse é um ponto capital, uma consideração de imensa importância. A vida religiosa consiste em práticas, que impõem deveres novos e dão direitos especiais. Eis um homem do mundo, casado, pai de família, que tem negócios a atender, que está sobrecarregado pela tarefa, que o cuidado de sua família requer. Se esse homem se põe a recitar o breviário, a ouvir duas missas por dia, a fazer duas horas de oração, uma longa leitura de piedade, dirão que esse homem é um santo? E eu que digo: é um miserável. Não cumpre seu dever; de que lhe serve todo o resto? Para ofender a Deus. Esse homem será um santo, se fizer suas orações quando puder, quando se aplicar de todo o coração, com todo o cuidado a seus afazeres, à direção de sua família, à educação de seus filhos. Um Oblato não será Oblato a não ser sob a condição de cumprir bem seus deveres de Oblato. Um

ótimo Jesuíta não seria um bom Oblato; assim como uma Visitandina não seria uma boa Visitandina, se levasse a vida de uma Carmelita, de uma santa Carmelita. Eu tinha uma parente Carmelita, que morreu no ano passado e que era uma santa; e ela me dizia: "Nossa Madre me aconselha a fazer oração assim, mas essa forma não me agrada. Eu tenho os conselhos do meu confessor, do meu diretor, que me parecem melhores e eu os sigo." Cada vez que eu a via, era uma linguagem parecida. E era uma santa. Suponha que uma Visitandina tenha a mesma linguagem e não será mais uma Visitandina. Quer ser um verdadeiro Oblato, um Doutor na vida religiosa? Tome o seu Diretório, suas Constituições; siga-os ao pé da letra. E o será, somente sob essa condição. A prática dos votos religiosos não é, pois, em toda parte a mesma. A pobreza dos Franciscanos não é nossa pobreza. Não só o Franciscano não tem nada; mas a própria comunidade não possui nada. O Franciscano caminha de pés descalços; tem cama dura; de outra maneira cumpriria ele seu voto de pobreza? Não. É necessário compreender bem essas coisas, porque cada Ordem religiosa tem uma interpretação particular dos votos. As grandes linhas são as mesmas, mas a aplicação prática destes votos, o espírito com o qual são observados não são de modo algum os mesmos.

Esta noite vou falar sobre o voto da obediência. A obediência entre os Oblatos não é como em outra parte. Não, e lho provarei por todo tipo de exemplos. A obediência em uma Ordem qualquer é de não faltar à Regra, de evitar simplesmente a desobediência ao Superior. Isso é suficiente para o Oblato? Quando a Igreja nos impõe o voto da obediência, nos impõe obedecer às Constituições, ao Diretório. Tomem as Constituições: a obediência deve ser simples, cordial; deve fazer abnegação do julgamento próprio. Leiam outras Constituições; as antigas Ordens não fazem abnegação de seu julgamento próprio. Que quer dizer isso? A Santa Igreja, instituindo novas Ordens, quer evitar novos males; ela prepara remédios eficazes para a sociedade; deseja aperfeiçoar mais aqueles, que abraçam a vida religiosa. Eis porque, enquanto o essencial dos votos permanece o mesmo, a aplicação varia. .

Leiam a Regra de Santo Agostinho e as Constituições de São Francisco de Sales. As Regras são muito mais amplas e gerais; as Constituições são muito mais explícitas e completas. Cada vez que a Igreja institui uma Ordem, há uma adição de deveres, de perfeição: a Igreja não aprova aquilo que todo o mundo já faz, o que já está aprovado.

Nossa obediência deve ser pronta, cordial; deve fazer abnegação do julgamento próprio. Se só obedecemos como a Carmelita, isso não é suficiente... Mas então, isso será muito difícil?... Entendamo-nos. É bem mais fácil obedecer completamente do que obedecer pela metade. É bem mais fácil nadar quando a água é profunda do que quando muito rasa; é mais cômodo ao pássaro voar

quando não há nenhum laço do que quando fica ainda com algum fio no pé. É bem mais fácil obedecer completamente à Regra do que se conformar mais ou menos. Tudo o que retarda e diminui a obediência cansa a vontade; a falta de cordialidade, que faz receber mal uma obediência, o julgamento próprio, o amor próprio: todos esses obstáculos são como um enxame de vespas, que voam ao nosso redor, ao redor de nossos olhos e de nossas idéias. Obedeçam completamente e se desembaraçarão imediatamente de toda responsabilidade, de toda volta atrás: está feito, não atormenta mais nada. Eu lhes conjuro pelo amor de Nosso Senhor, pelo amor que lhes tem: cheguem até lá. "Usquequo claudicetis in utraque parte?" Vocês também, até quando renguearão à direita ou à esquerda? Vão direito e firme. Como eu lhes dizia ultimamente, repetindo as palavras da Boa Madre: Sejam determinados na obediência. Então ela não lhes custará mais. Tomou-se o partido dela; a gente vai para frente; um pouco mais, um pouco menos, pouco importa. Roguem a Nosso Senhor que cheguem aí. É a obediência que faz ao verdadeiro religioso, que o torna verdadeiramente dependente, que o liga a Deus. Lamantamo-nos de não ter nada de Deus na oração; temos o coração árido e frio na santa Missa; as práticas da vida religiosa nos são pesadas, nos sufocam. Isso não é de estranhar; como Jeremias, nós estamos afogados nisto, na lama de nossa vontade própria, onde não nos sentimos bem, onde nos movemos dificilmente e donde se exalam emanções, que não nos deixam o coração sossegado. A Boa Madre dizia muitas vezes: "Dêem tudo por tudo." Tudo que podemos dar é tão pouco em comparação com tudo que recebermos. Dêem generosamente e verão o que receberem, o que acharem nas suas relações com seu Superior, na oração, nas suas confissões, verão tudo que tiverem.

A obediência é a fé nas coisas, que de maneira natural não se creria, não se faria. Os mistérios são verdades em que não se creria naturalmente; e, no entanto, sob esta apariência, sob esta fórmula de nada, está a verdade divina. Os sacramentos, naturalmente falando, não são nada; tenham fé e sob esses nadas acharão a Deus. Obedeçam; a obediência não é nada; tornar-se-á Deus em vocês. Ela se tornará luz, alegria inefável. Terão desde então a primeira recompensa de seus esforços. Será uma parte do céu, do qual desde já terão o gozo. Esse caminho não é somente o mais fácil, o mais seguro, mas é também o melhor recompensado. Ele nos faz felizes com pouco esforço. Obedecendo, dão um pouco de seu julgamento próprio. O que pesa isso? O que vale isso?... Em troca terão uma felicidade infinita, graças infinitas, o próprio céu aqui embaixo. Verão, quando tiverem a experiência da cura de almas, que as almas agraciadas por Deus sobre a terra, são as perfeitamente obedientes.

Eis pois todo nosso voto de obediência. Compreendam bem que não consiste somente em dizer como o soldado: "presente", ou como o empregado: "eis-me aqui". É preciso se dar a Deus; é o holocausto completo, absoluto. Tudo por Deus! Como querem que Deus não lhes pertenece, se vocês são totalmente dele? É o segredo dos segredos para gozar a Deus; é a chave a todas as felicidades da vida religiosa. Experimentem, meus queridos Amigos. O que pode detê-los? Por que vacilar? Não são bastante nobres? Não têm a energia para dizer a Deus: "Eu me dou ao Senhor; custe o que custar, não voltarei atrás"? "Eu me dou todo inteiro e por amor ao Senhor. Não olharei jamais donde vem a obediência, nem aonde vai." Reparem bem, meus queridos Amigos, que não lhes estou dizendo muitas coisas durante este retiro. Digo só uma e a retomo sob todas as suas facetas; repito-a continuamente, para que penetre melhor. Está tudo aí. Façam o que puderem para se convencer melhor, para chegar a essa obediência completa e ser santos religiosos e religiosos muito felizes. O olhar do bom Deus, seu olhar de amor, como diz nosso Santo Fundador, é para os pequenos, para aqueles que são completamente submissos à obediência.

O Senhor Arcebispo d'Albi - creio que seja ele - escreveu a propósito da Vida da Boa Madre: não se admira de ver a Deus, por assim dizer, preso à vontade da Boa Madre, pois ela mesma era tão fiel em lhe obedecer, já que a prática de toda sua vida era a obediência mais completa. Deus não fazia mais que lhe devolver o que ela lhe dava.

Entreguemo-nos bem à obediência durante este retiro. Entreguemo-nos e em seguida, ao primeiro exercício, que custar. Obediência aos Superiores, sejam quem forem. Somos dois em um mesmo empreendimento; há sempre uma certa dependência requerida pela Regra e pela razão; submetamo-nos, obedeçamos. Não procuremos até onde vai nossa obrigação; não vão consultar os tratados de teologia ou do Direito Canônico para isso. Esses tratados são bons, mas se referem àqueles para os quais foram feitos; não foram feitos para vocês. Meus Amigos, importa rezar uns pelos outros de todo o coração. Precisa-se pedir para nós e para todos nossos irmãos essa obediência que nosso Santo Fundador, que nosso Instituto nos solicita. Roguemos a Nosso Senhor que nos dê esse coração, essa compreensão da obediência completa. Para chegar aí, sem dúvida, custa; é necessário uma firme determinação. Logo que a obediência chega, é preciso dizer em seguida: "Deus o quer; Deus o ama; minha alma, pois, se dará por inteira. Ela se lançará toda na obediência, sem olhar à direita nem à esquerda." O dia em que a Santa Igreja encontrar em nós religiosos, que vão até lá, nesse dia o voto da Boa Madre será realizado e não só o voto da Boa Madre, mas o voto de todos os anjos do céu, o voto do Salvador, o plano da Santíssima Trindade. "Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra." Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

TERCEIRA INSTRUÇÃO

O MODO DE CONFESSAR

Segundo a Constituição, as obras que nos são confiadas são primeiramente as obras do santo ministério e da cura de almas, a cura de almas, que é feita ora pela direção espiritual, ora pela confissão. Para a direção e a confissão existem regras gerais, proporcionadas pela teologia, regras de prudência e de caridade comuns para todos; mas devemos ter também nossas regras particulares sobre esse assunto.

Todo o sacerdote, aprovado para atender a confissão, não pode, pelo simples fato de estar aprovado, exercer o santo ministério da confissão com tranquilidade de consciência. Apesar da aprovação do bispo, se ele é ignorante, se não sabe bem o tratado da penitência, os casos reservados da diocese na qual se encontra, os estatutos particulares que podem em uma diocese determinada, regulamentar o exercício do santo ministério, esse sacerdote não poderá atender a confissão. O conhecimento de todo isso lhe é absolutamente necessário ou será acusado de temeridade e poderá tornar-se culpável das mais graves faltas. Ter recebido o Sacramento da Ordem não basta para atender a confissão, também se deve saber a teologia, sobretudo a teologia moral. Que todos nossos confessores revisem de vez em quando os tratados da penitência, do decálogo, dos atos humanos, das leis, enfim os principais tratados da moral. Dessas matérias devem estar ao par. Bem sei que às vezes se faz uma triste objeção; os fiéis são tão ignorantes, sua fé é frequentemente tão fraca que o exercício da confissão fica limitado a bem pouca coisa. Há algo de verdade nessa objeção; mas pelo fato mesmo que os fiéis são mais ignorantes, não nos obriga a estar tanto mais prevenidos? Se muitas vezes não podemos esperar as disposições necessárias da parte do penitente, não será nossa tarefa supri-las? Foi dito que desde os Protestantes não houve mais uma Suma Teológica: teria sido uma obra útil, já que os Protestantes e seus sucessores impugnaram os princípios mesmos da fé e da religião. É um engano. Escutem certos clérigos, defensores de que se deve exigir pouca instrução hoje em dia, que ela é inútil: é um engano. O confessor deve saber tanto mais, quanto menos sabem e menos preparados estão os penitentes. Para atender a confissão então se deve ter a erudição absolutamente suficiente, a ciência exigida para o mais completo conhecimento do sacramento da penitência e o suficiente conhecimento dos principais tratados da moral: sobre as leis,

os atos humanos, especialmente sobre a consciência. No nosso tempo de seminário devíamos estudar esse tratado a fundo. Deve-se saber bem o que é a consciência segura e a consciência hesitante; o que pode modificar a consciência; o alcance da desculpa produzida pela ignorância. Deve-se entender bem a obrigação da lei, saber se ela está suficientemente promulgada com relação ao lugar e à pessoa. Deve-se saber quando e como agir no que tange à grande questão do probabilismo. Eu não sei se se pode confessar sete ou oito vezes alguém do mundo sem que essa pergunta volte. Se você nem sabe o que é o probabilismo, que serviço está prestando? Não pode absolver portanto sem saber o que está fazendo ou onde fica o limite de seus poderes. A absolvição não lhe corresponde. Dê-se conta de até onde chega a obrigação da lei para esta ou aquela pessoa e não deixe que ela aja fora da lei, fora da consciência que ela soube formar e que você mesmo deve ajudar a formar.

Deve-se possuir então o conhecimento teológico necessário; depois deve-se saber aplicar esse conhecimento teológico às pessoas, que se nos apresentam no sacramento da penitência. Deve-se saber agir conforme a idade, a condição, o sexo das pessoas. Deve-se saber o que é necessário segundo os diferentes estados, as diferentes condições. Não se atende a confissão de um sacerdote como a de um simples leigo, nem a de um religioso como a de um simples padre. Um médico, um professor, um magistrado não devem ser tratados da mesma maneira. Como entenderão os pecados de um magistrado, como poderão julgar das disposições dele sem conhecer seus deveres, suas obrigações?

Além dessas considerações gerais da teologia e da moral, fora dessa ciência prática que nos fará aplicar tal regra da teologia em tal caso e ponderar a gravidade desta ou aquela falta cometida em uma determinada situação, existem considerações especiais para nós. As grandes regras não bastam; nós somos Oblatos de São Francisco de Sales; como é que nós devemos atender a confissão?

Deve-se confessar, deve-se dirigir as almas conforme o espírito de São Francisco de Sales. Devemos ter um código, uma característica, uma maneira de agir particular; de outra forma, a gente não se confessaria conosco; iriam a outros. Se atendermos a confissão como todos os padres, como todos os outros religiosos, não vale a pena confessarmos e existirmos; para que? Mais uma vez, a Igreja só aprova uma Ordem, quando esta possui seu modo próprio de agir na Santa Igreja. Então, como é que um Oblato de São Francisco de Sales deverá atender a confissão?

1ª Primeira regra: No santo tribunal, devemos levar as almas a Deus e não atraí-las a nós mesmos.

Aliás levá-las a Deus é o meio mais seguro e mais eficaz de uni-las a nós mais particularmente, de ganhar sua confiança, de fazê-las avançar na virtude. Deve-se estar bem compenetrado desta verdade de que as almas estão aí para que as reconcilie inteiramente com Deus e as una intimamente a ele. É ministro de Deus para esse fim e deve estar atento só a esse fim, orando, praticando bem seu Diretório, elevando seu coração a Deus, unindo-se com ele, sobretudo no santo altar. Sem dúvida há uma porção de distinções a fazer e algumas providências a tomar. O confessor deve ganhar a confiança, a afeição de seu penitente e não lhe ficar estranho, de outro modo o penitente não se dirigiria mais a ele. Que se seja cordial ao atender os e as penitentes; que se os ame no bom Deus, como diz nosso Santo Fundador em alguma parte. Não sejamos rudos para com eles, mas compasivos, caridosos; compenetremo-nos bem de sua fraqueza e consideremo-la misericordiosamente; procuremos descobrir neles o que há de bom; se houver um pouquinho de fê, de boa vontade, uma pequena centelha, "scintilla", tomemos essa pequena centelha, reacendamos o amor a Deus nesse coração. Deve-se amar muito aos penitentes e amá-los, como digo, pelo bom Deus e no bom Deus. Sentir em si mesmo um pouco de afeição natural não é proibido; mas o que é terminantemente proibido é o que eu chamarei de paixão; é esse algo que agita, perturba, que faz perder a calma, a ordem; é não sei que sentimento que não deixa totalmente em paz e sossego, impressão má do coração que procura satisfação. Isso faz mal aos penitentes, sobretudo quando jovens ou crianças; representa um mal inaudito. É a ruína da alma deles. Em pouco tempo se os vê deslizar e tornar-se maus. Vieram procurar a vida no cálice do Senhor e acharam veneno. Oh, levemos bem as almas a Deus e só a ele!

O que eu digo sobre os jovens, digo-o com mais razão ainda sobre as moças e as mulheres. Cada vez que sentirem algo desse sentimento de paixão penetrar-lhe o coração, orem, tomem cuidado; que nada apareça ao exterior, e no interior cortem em seguida; não deixem nada no seu coração, na sua alma que possa alimentar essa impressão. Essa conduta é mui necessária, sobretudo para os confessores jovens, que não têm experiência ainda.

Será então que se recomenda manter-se como totalmente estranho a seus penitentes? Não, mais uma vez, amem-nos no bom Deus, na hora da santa Eucaristia, na santa Missa, atendendo fielmente suas observâncias por eles, jejuando por eles de vez em quando se for necessário, orando, mortificando-se. Eis o tipo de afeição permitido; qualquer outro é perigoso e mau. Tenham muito medo, meus Amigos, de tudo quanto cheira à paixão; tenham dela um pavor sem igual.

Matariam a alma que vem a vocês com toda confiança; dar-lhe-iam o golpe fatal. Assim como Job diz em seu livro: seria um desencadear de todos os ventos; a queda e a destruição de todo o edifício já levantado.

Além disso é evidente que, fora do santo tribunal, deve-se observar todas as regras da prudência, da modestia, da boa conversação. Suplico-lhes pelo amor de Deus, sejam extremamente reservados para com as mulheres e as moças. Um Oblato deve estar sempre como algo inibido perante uma mulher; deve observar-se; deve comportar-se de maneira tal que sua presença seja motivo de edificação. Verão mais tarde, quando tiverem bastante experiência das coisas do mundo; cada vez que se permitirem estar bem à vontade perante uma mulher ou uma moça, podem chocar ou pelo menos não a edificam e portanto lhe fazem mal. É uma lei que nosso Santo Fundador nos impõe; submetamo-nos siempre a ela. Você se permite estar à vontade; a mulher, a moça sente que isso não deveria ser assim; ela julga instintivamente que você não tenha o necessário, que não esteja à altura de sua vocação. Ela sempre quer ver em você o padre, o religioso; você perde a estima e a confiança dela.

2ª Uma segunda regra: Como se deve dirigir seus penitentes em suas obrigações para com seus superiores e seus iguais, para com o pai e a mãe, o marido ou a esposa e outros membros da família?

O confessor, diz São Liguori, deve sempre apoiar a lei e a autoridade. Deve ensinar às crianças a ser submissas para com o pai e a mãe; igualmente à mulher, a obediência a seu marido; como a cada um a obediência a quem se deve obedecer; e a todos se ensine a viver na união mais completa. Aliás é uma questão de justiça. A autoridade deve voltar a quem ela pertence. Jamais deve o confessor dar razão às crianças contra os pais, contra os irmãos ou irmãs mais velhos; à mulher contra o marido. Fora do caso onde houver pecado, infração flagrante da lei de Deus, deve-se sempre justificar a autoridade. E até no caso de pecado evidente, deve-se tentar desculpar tanto quanto for possível, fazer entender que é por ignorância, que se agiu assim, que não se deram conta, que pela delicadeza e oração se acabará reparando o mal. Que essa linha de conduta seja para vocês, meus Amigos, um dever sagrado. Que o Oblato sempre aja assim ao confessar.

Um confessor, que atuasse de outra maneira - não quero julgar nem mencionar ninguém - um confessor que desse razão a uma religiosa contra sua Superiora por exemplo, isso seria uma coisa abominável. Mais uma vez, se a Superiora, se o Superior mandou alguma coisa contra a lei de Deus, algo injusto, sem dúvida, não se deve aprová-lo, evidente; deve-se dizer: "É uma pena." Cerquem essa alma, que errou por descuido ou ignorância com mais respeito, mais afeição ainda que no passado. Sobretudo mantenham sempre a paz. De outro modo

fariam uma obra detestável. Abalariam a ordem. Nessas circunstâncias, meus Amigos, deve-se pacificar bem os corações e as vontades; devem buscar e fazer buscar pelos penitentes os meios para que dessa falta resulte um verdadeiro bem. Aí está nossa missão. Nós devemos, como dizia a Boa Madre, cumprir com a nossa missão, isto é ir até o fundo da Redenção, aplicar os últimos méritos do Salvador. Com essa falta deve produzir-se um bem que não teria sido produzido sem ela. "O felix culpa!" Isso é uma regra universal, da qual nunca devem desistir. Quando se atua de outro modo, três quartos do tempo será pela inspiração de Satanás que se age; ele é que procura sublevar aos inferiores contra os Superiores e semear a desordem. É aí então que ele reina; é ele então o maior superior e o senhor soberano. Lembrem-se bem deste documento: é dos mais sérios, como dizia nosso Santo Fundador.

Eu me resumo. Para atender bem a confissão, precisa-se a ciência teológica suficiente, o conhecimento absolutamente necessário do tratado da penitência e dos tratados da moral, sobretudo aqueles que eu cité. Além dos conhecimentos teológicos suficientes, deve-se conhecer os deveres das pessoas que se dirigem a vocês; deve-se saber apreciar até que ponto elas transgridem suas obrigações, tornando-se assim culpáveis. Adotemos este grande princípio de que o penitente vem até nós, separado de Deus e que devemos reconciliá-lo com Deus, derramar o amor a Deus no coração dele. Ora, dois amores não podem ocupar o mesmo coração; ninguém pode servir a dois senhores. É sacrilégio querer destronar a Deus; impor-se ao coração de seu penitente em vez e no lugar de Deus, à custa de Deus, é uma loucura e um crime! É uma conduta não menos funesta para com o penitente que dar-lhe razão contra seus Superiores ou aproveitar das dificuldades existentes entre Superiores e inferiores, até de igual para igual, para vocês tomar lugar e uma autoridade que cabem a outros. O Oblato confessor deve fazer com que a dificuldade desapareça e se transforme para o bem maior das almas; tomem a peito - mesmo que tenha havido uma real falta - desculpá-la, explicá-la e tirar proveito da mesma para o bem de seu penitente.

Eu lhes peço, meus Amigos, os obrigo em nome de Deus a sempre agir assim na administração do sacramento da penitência. Outros podem ter outros modos de agir; esses modos não só não seriam bons para nós, mas os reprovo absolutamente. Que o que eu lhes disse, seja seu código, a linha de conduta, da qual não se afastem nunca.

Q U A R T A I N S T R U Ç Ã O

A P O B R E Z A

Tenhamos muita coragem para que os exercícios de nosso retiro nos sostenham, para que o silêncio, a exatidão, o recolhimento interior sejam observados; e sobretudo não nos desencorajemos, seja qual for o estado interior de nossa alma. Mais uma vez o fruto de nosso retiro está unido à perseverância, à pontualidade nos diferentes exercícios. O retiro é a cruz sobre a qual N.S.J.C. está fixado e da qual ele não quer descer. Seus pés e suas mãos estão pregados; sua cabeça leva uma coroa de espinhos. Ele suporta tudo para pagar o resgate do mundo. Façamos bem a mesma coisa. Sejam bem delicados com relação ao dever, para oferecê-lo a Deus com a maior exatidão possível. O que fundamenta ao religioso é a pontualidade; nela há uma força incomparável. A pontualidade, a fidelidade une ao religioso com Deus; dá-lhe algo da força infinita, da energia todo-poderosa de Deus. Fiquem, pois, fiéis à graça do bom Deus na tormenta. Sejam bem convencidos de que não é necessário ir alhures para procurar as graças do retiro e que se pode encontrar dentro de casa própria tudo quanto é preciso para estar em paz. Esta noite, lhes direi algumas palavras sobre a pobreza.

Sabem bem os limites da observância da pobreza. O voto da pobreza faz com que o religioso está morto; estando morto, os bens terrestres tornam-se-lhe completamente alheios. Não lhe pertence mais o gozo de coisa alguma. Pode guardar a propriedade nua de seus bens, pois isso realmente é apenas um título; mas não tem mais o uso, nem a administração de seus bens. As regras da Igreja quanto a isso são muito claras. É só lerem atentamente as Constituições e verão a exposição nítida do que está proibido e permitido.

Reparem bem o que o Nosso Senhor diz nas Bem-aventuranças; não diz: "Bem-aventurados serão os pobres", mas "Bem-aventurados serão os pobres de espírito"; isso é aqueles que não se apegam às coisas da terra, aqueles que não procuram o gozo dessas coisas, que só as usam por necessidade e cujo coração se despojou delas: eis o significado da palavra "pobres de espírito"; (não é bem o sentido da palavra francesa "pauvres d'esprit"). O que dominará em nosso voto de pobreza não é exatamente a pobreza rigorosa: permitir-se-nos-á o uso de roupa comum, comida simples. Em outras comunidades, a prática da pobreza é muito mais dura em quanto à roupa, ao comer, ao dormir. O voto de vocês, sob esse aspecto, difere do delas; para compensar então deve ser mais

rigoroso por outro lado e mais severo. Um Capuchinho toma um trago - é um provérbio popular - cada vez que tiver a oportunidade para tanto; e isso não vai contra seu voto de pobreza, já que deve aceitar o que se lhe dá. Um religioso de austera observância pode dar-se e procurar-se algumas coisas, dentro do limite do permitido, evidente; não lhe está proibido amar um pouco aquilo de que gosta... Nosso desapego, menos rigoroso com respeito à intensidade, deve ser mais completo, mais absoluto. Não devemos possuir a mínima coisa, o menor apego; não devemos possuir medalha, imagem, objeto de devoção sem permissão expresso, sem estar prontos para abandoná-lo imediatamente. Nossas Constituições proibem-nos de emprestar, pedir emprestado qualquer coisa que seja, dar o menor presente sem permissão e receber o que quer que seja. Vêem que nossa prática de pobreza é algo bem delicado, bem constrangedor. Não podemos usar de qualquer coisa sem autorização, tocar sem permissão coisas que pertençam a outrem.

O espírito de nosso Instituto é então do desapego de tudo; não devemos nos apegar a isso ou aquilo; vêem que isso é verdadeiramente o "Beati pauperes spiritu", felizes aqueles com o desapego no coração. Isso era a pobreza de Nosso Senhor. Toda sua vida foi, no que diz respeito à pobreza exterior, igual à de todo o mundo. O sentido de nossa pobreza deve ser fazermos como Nosso Senhor, não nos apegar às coisas terrestres. Se não estivermos apegados a elas, não tentaremos procurá-las para nós. Um Oblato jamais deve procurar sua satisfação, jamais deve pensar em procurar-se alguma fantasia, algo que deleite seu gosto; sempre deve pedir licença. Está obrigado a isso em consciência; não deve pedir o que não for absolutamente necessário; e se seguir sua inclinação e não a necessidade de seu trabalho, peca contra seu voto.

Não creio, graças a Deus, que tenhamos muito para nos reprochar quanto a isso. Cuidemos bem para não seguir nossas inclinações, nossos desejos; não procurar, por exemplo, livros curiosos para nós, coisas que não seriam completamente necessárias. Tal objeto é simplesmente para contentamento nosso; não sendo necessário, devemos nos privar dele. Devemos ter muito cuidado. Em certos casos não equivocar-se é uma coisa bem delicada. Ao que estamos mais expostos e no que mais pecamos é o não respeitar suficientemente o que não nos pertence, o que não é de nosso uso e que pertence à comunidade, a Deus. Faltamos no cuidado desses bens da comunidade; parece-nos que podemos usá-los livremente. Não, o professor não está sem compromisso com seus livros, seus cadernos, suas penas; ele não pode esbanjar: "O governo é que paga; não há nada porque ter medo..." Isso não é religioso. Sendo verdadeiramente religiosos, estaremos extremamente atentos a não tomar, a não pedir nada em assuntos de nosso trabalho a não ser o absolutamente necessário. Teremos o máximo cuidado para não viver com folga demasiada, para ver se cuidamos bem de todas as

coisas, se não desperdicemos nada, se nada que é de nosso uso se perca ou se deteriore. Tudo isso, meus Amigos, é a condição absoluta para o cumprimento de nosso voto de pobreza; se nos relaxamos em alguma coisa destas, não nos admiremos se sentirmos alguma aridez em nosso coração ou em nossa alma. Cuidem, portanto, de não se apegar a nada; tenham o cuidado de poupar seu papel, seus livros, tudo quanto for de seu uso. Em viagem, nos gastos de todo o tipo, sejam pobres; tenham a intenção de não gastar mais do que os pobres; previnam todo gasto desnecessário.

A pobreza de Nosso Senhor era, sem dúvida, a mais perfeita: sua comida era simples, sua roupa modesta, seus móveis os mais comuns, tudo simplesmente primitivo; ele só possuía o absolutamente necessário. Eis o que ele fazia durante trinta e três anos, o que ele preferia, o que le amava. Vocês sejam assim. Amem a pobreza modesta e sábia, a pobreza todo interior que fará com que não nos permitiremos nada; que não nos buscaremos em nada; que aceitaremos simples e tranquilamente o que nos for dado. E quando alguma coisa nos fizer falta e sofrermos, nos lembraremos que carregamos a cruz do Salvador. Não procuraremos o gozo de coisa alguma; não nos procuraremos a nós mesmos, mas procuraremos a Deus. Durante o retiro, examinemos se não tenhamos alguma coisa de que usamos, da qual dispongamos sem licença; se não tenhamos algum rebusco em nossa comida ou em nossa roupa; se não estejamos levados a satisfazer nossos gostos, a procurar coisas que não são necessárias quanto a livros ou outras coisas de nosso uso; examinemos para cumprir efetivamente com nosso voto, para que este voto de pobreza atraia as bênçãos de Deus sobre nós, para que essas bênçãos não nos falem e que tenhamos o benefício delas.

O ano passado, o Capítulo Geral levantou muitas perguntas com relação ao voto da pobreza. Essas perguntas sempre podem ser resolvidas no espírito da Regra, com a licença dos Superiores. Mas reparem bem que se o permissão do Superior nos dispensa do voto, da rigorosa obrigação que nos estaria imposta, ele jamais nos dispensa da prática da virtude da pobreza e essa dispensa do Superior não nos dá o efeito do cumprimento do voto. Não carregamos o jugo, nem tampouco teremos seus frutos. Somos isentos da obrigação; isso não é vantajoso; somente a pobreza real, absolutamente livre de qualquer apego, obtém o prêmio, e como precisamos desse prêmio! Devemos tentar não perder nada de tudo que possamos aproveitar, graças ao voto da pobreza.

Que cada um se examine e veja o que o prenda, ao que ele esteja apegado, qual seu ídolo, semelhante ao pequeno ídolo que Raquel escondeu em sua mochila. Raquel quisera ser fiel a Deus; seguiu a seu esposo Jacob longe de sua pátria; dera tudo, tudo menos um pequeno ídolo de ouro, ao qual estava apegada, que tinha roubado de seu pai e que se tornou fonte de muitas provações. Vejamos se não temos nosso pequeno ídolo, escondido no fundo de nosso coração.

A experiência mostra que toda a comunidade que é pobre, se conserva fiel à observância e vive na regularidade e prosperidade; de outro modo, é uma pilha de pedras soltas que não demora em virar ruína. Mas uma comunidade que pratica bem a pobreza não pode perecer. "Considerate lilia agri". (Mt 6,28) Olhai os lírios do campo; não trabalham e se vestem mais magnificamente do que Salomão em todo o seu esplendor. Os passarinhos que não semeiam, nem colhem, são alimentados pelo Padre celeste. "Haec omnia adjicientur vobis". (Mt 6,33) Eis a doutrina na qual se deve acreditar e que devemos praticar eminentemente entre nós. Que haja pelo menos alguém que pratique bem o Evangelho, que acompanhe a Nosso Senhor na pregação dele, na cruz e até no túmulo.

Demorei-me mais, tratando desse voto, do que tinha pensado; ainda queria falar-lhes sobre a castidade; isso fica para amanhã. Repito-o: nunca faltará nada a uma comunidade que pratica bem a pobreza; ela jamais irá à falência; terá assegurado seu pão de cada dia. Deus fará milagres antes do que abandoná-la. São Caetano fundou sua Congregação sobre a pobreza absoluta: não tinha ingresso ou recurso algum, nem casa alguma. Sempre recomendava a seus religiosos a prática da pobreza mais absoluta. Os Anais da Ordem afirmam que o necessário jamais faltou à comunidade. Deus gosta da pobreza; cerca-a com cuidados mais especiais, mais específicos do que qualquer outra virtude. Um dia, Frei Léo perguntou a São Francisco de Assis como era possível que ele fosse tão santo. "Padre", - dizia-lhe - "oh, como se parece com N.S. J.C.! Como pôde chegar a esse ponto? Com que preces, com que mortificações obteve essa semelhança divina?" - "Só procurei uma coisa", respondeu o Santo, "ao querer seguir os passos do Senhor, me encontrei com sua pobreza que deu-me a mão e me disse: Segue-me! Seguí-a e achei a luz de Deus!"

Q U I N T A I N S T R U Ç Ã O

O M O D O D E C O N F E S S A R

Ontem, meus Amigos, dei-lhes as condições essenciais para o confessor. Comecei depois a falar-lhes sobre o que devia ser a especialidade do confessor Oblato. O maior poder da Igreja é aquele que se exerce no confessionário. Lá, as almas, as vontades estão nas mãos do padre. É claro que o poder concedido pelos outros sacramentos é grande; esses sacramentos dão ao padre uma grande influência sobre as almas, mas o meio mais potente e mais usual para conduzir as almas é a confissão.

Como é que se deve usar esse poder? Como se deve atender a confissão? Será que cada um pode seguir seu temperamento, suas idéias pessoais? No seminário não se nos ensinou assim. Davam-nos regras determinadas a ser seguidas na direção das almas. Cada Ordem, nesse ponto, tem sua maneira própria de agir. Os Padres Jesuítas têm sua maneira de confessar e dirigir as almas. Cada uma das outras Ordens também agem conforme seu espírito, a instrução e as regras de conduta, que lhes foram dadas. Pois, se somos chamados a fazer algum bem na Igreja, nós também devemos ter nosso modo especial para confessar e dirigir as almas. Compreendam-me bem. Não estou dizendo que faremos melhor do que os outros, que realizaremos maravilhas; mas somos chamados a fazer na Igreja de Deus o que os outros não fazem. Aí está a razão de nossa existência. O Oblato, chamado a ouvir a confissão, não se deve crer autorizado, por motivo de suas virtudes, de suas idéias, de seu caráter, a agir a seu modo, a governar as almas como bem lhe prouver. Ele é religioso; está atado; não deve afastar-se da linha que lhe foi traçada.

Olhem, as pessoas, que se dirigem aos Padres Jesuítas não admitem facilmente a direção dos outros; isso prova que os Padres Jesuítas têm um modo de dirigir que não é o dos outros e que esse modo é ensinado por eles a seus confessores. Eles dão uma palavra de ordem, uma instrução, um caminho para seguir àqueles que estão encarregados da confissão. Se, pois, somos chamados a confessar, dirigir as almas, nós também devemos ter um passo

marcado, um modo de agir e fazer. Mais uma vez, é para isso que a Igreja nos instituiu e a Igreja insiste nisso no primeiro lugar.

A Igreja conta conosco. De fato, não passa uma semana sem eu receber comunicações de Roma, afirmações que me dizem: "Coragem! É isso aí. É isso que se deve fazer!... É isso o que queremos." O Papa, sem dúvida, não me escreve nesses termos, mas é o tom que predomina em todas cartas que recebo das diferentes Congregações. Ainda ontem, recebi uma carta que me trouxe uma bênção todo especial do Papa, com a faculdade para os Oblatos se confessar uns aos outros em viagem, onde quer que estejam, sem outro permissão. Ele nos dá então uma jurisdição que, de certa maneira, se estende por todo o universo. Se Roma não confiasse em nós, se não tivéssemos nossa missão especial, por que se nos trataria assim? Isso aí é uma coisa extremamente importante; devem compreender-se bem disso. Este testemunho, repito, é extraordinário, sobretudo por ser dirigido a uma Congregação recém-nascida. Isso nos dá, como me disseram em Roma, cem anos de vida.

Deixem-se dirigir, meus Amigos, sejam pequenos, sejam crianças. A mim pessoalmente me custou trinta anos de resistência à condução da Boa Mãe: era uma mulher! E quando eu contava ao Papa tudo quanto me tinha passado, ele acreditava em tudo isso cem vezes mais do que eu... Também agora sinto a obrigação que pesa sobre mim: não é uma criança. Concorro, meus Amigos, que existem certas coisas que não entendem de saída, mas vocês têm garantias que lhes devem inspirar fé. Não se deixem repetir a vocês a palavra de Nosso Senhor aos Apóstolos: "O stulti et tardi corde ad credendum!" (Lc 24,25) Como são lerdos! Como não entendem nada do que se lhes anuncia! Tenham, pois, confiança! Um Oblato não deve confiar em si mesmo, em sua teologia, sua sabedoria, seu espírito próprio; mas, na direção, na sua maneira de dirigir as almas, deve confiar nos ensinamentos de São Francisco de Sales. Eis o caminho por onde haveremos de andar. Eis porque fomos escolhidos. A Igreja não precisa de nós se agirmos de outro modo.

Então, como deve proceder o O.S.F.S. no santo tribunal e na direção das almas? Leiam seu Diretório sobre a confissão e verão que disposições São Francisco de Sales quer naqueles que ouvem a confissão; saberão o que lhes pede. Ele pede que o confessor reze antes e depois da confissão. Jamais nos dispensemos disso. Antes, peçamos a luz do Espírito Santo, recorramos à fonte de toda graça e toda inspiração. Deve-se orar, não da boca para fora, mas profundamente, de modo que estejamos absorvidos na oração. Só diremos coisas boas às almas quando tivermos pedido a Deus o que se deve dizer-lhes. Vários religiosos jovens admiraram-se do problema que se faz antes de outorgar permissão de confessar. É que para confessar, deve-se possuir não só as condições exigidas pela teologia com relação ao saber; precisa-se bem outra coisa! De fato,

trata-se com o confessor como com o bom Deus. Aí vem uma alma ao confessor para escutar a voz de Deus, perguntar sobre o plano de Deus. Você não se preocupa e respondo o que lhe ocorre? Onde irá procurar o que lhe dizer? Quem é que o dará a você? Uma alma vem perguntar-lhe sobre os desígnios de Deus para com ela: quem os manifestará a você? Os fiéis agem assim; têm fé em nosso ministério. Acham-se obrigados em consciência a fazer o que o padre lhes disse. E é você que vai responder! O que é que isso vale? Então que o bom Deus esteja presente nisso. É indispensável ter a Deus dentro de si; importa estar penetrado, inundado por ele. O que acabo de dizer não são palavras de conselho. Apon-to-lhes uma situação sem saída, um dilema de que não se desviem.

Sim, primeiro é precisa a oração, a união com o bom Deus. Pois a confissão é a coisa mais santa que existe: ser o intermediário do bom Deus. O bom Deus não o quer escutar? Ele deve escutá-lo; é absolutamente necessário. O bom Deus deve estar em nós verdadeira e inteiramente. Compreendam bem isso. Portanto, estejam unidos com o bom Deus e rezem antes, durante e depois da confissão. Orem por esta ou aquela alma; encarreguem-se dela; peçam a ajuda do bom Deus, a luz do Espírito Santo; sem isso o que farão? "Sine me nihil potestis facere". (Jo 15,5) Tem que ter muita ousadia para agir de outra forma. Eu sou teólogo; tenho experiência; bem posso dar soluções fáceis. Não, não são fáceis, as soluções! Você é um grande teólogo; tem uma capacidade intelectual extraordinária; falta-lhe uma coisa essencial, se não tiver o dom da oração e da união com o bom Deus. O bom Deus, cedo ou tarde, lhe fará sentir a pequenez, a inutilidade de sua personalidade. Eu gostaria de dizer-lhe só isto durante o retiro: a oração, a oração!

Não é somente a oração que se precisa para administrar bem o sacramento da penitência; precisa-se ainda uma grande sabedoria. Não se deve decidir ao acaso sem saber com quem se está tratando. Na medida do possível, importa conhecer bem as pessoas que se dirigem a você. Deve-se ter este tato que faz com que não se seja brusco, nem meigo em demasia. Deve-se ter esta moderação que só a sabedoria pode dar. São Liguori recomenda ao confessor rezar amiúde a oração que Salomão fazia: "Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam ut mecum sit et mecum laboret". (2 Cro 1,10) Deve-se intervir somente com grande prudência; deve-se ter o cuidado de não se meter em coisas que não pertencem à confissão. Deve-se ensinar aos nossos penitentes a respeitar não só os preceitos da lei de Deus mas também a praticar o respeito e a obediência nas diferentes circunstâncias sociais onde se acham. Observem isso com a maior exatidão. Não dêem nunca razão ao inferior contra o Superior, pois isso é uma obra de Satanás, é uma coisa insensata. Quando o Superior está enganado, você não pode dizer, claro, que ele está com a razão; mas ensine que seja respeitado mesmo assim; desculpe-o. Reze e faça orar para que o bom Deus lhe dê o ne-

cessário; salvasgue a autoridade dele, então o bem surgirá do mal.

Eis o que deve ser nossa senha. Deve-se usar até das faltas cometidas para trazer de volta a paz, a caridade, o amor a Deus nas almas. Não será isso o cumprimento de uma das últimas palavras da Boa Madre, a saber que somos enviados para aplicar as graças da Redenção nos seus últimos confins.

A prudência: essa se necessita sobretudo nas questões delicadas, nas perguntas que se deve fazer às vezes. Deve-se sempre ter medo de escandalizar, de ensinar o mal às crianças. É muito difícil tratar as matérias do sexto mandamento. Pode-se perguntar aos garotos se não escutaram palavras levianas; falando-se sobre pensamentos maus, de modo geral não entendem; portanto não se deve começar por aí. Depois pergunte se essas palavras levianas causaram pensamentos maus. Se isso for admitido, vá mais longe e pergunte se não houve levandade nos atos, se foi sozinho ou com outros. Numa só palavra, ajude, facilite a acusação completa da falta, mas com toda a prudência imaginável. Quando tem que atender muitas confissões, nas vésperas das festas por exemplo, não se pode demorar; mas isso não dispensa de proceder com toda prudência. Aliás, essas confissões apuradas não bastam, tenho uma longa experiência quanto a isso. Nos primeiros tempos, eu podia dedicar muito tempo às moças; dediquei-me aí de todo meu coração. Durante todo o tempo em que eu estava na Visitação, cuidava bem das pensionistas. Não há nenhuma que não haja ficado boa cristã. Duas se desviaram por algum tempo do bom caminho; ora, uma delas agora é religiosa; a outra arrependeu-se de suas faltas e agora não sei nada de sua vida. Eu fazia com que a Boa Madre Rezasse; eu me ocupava dessas almas minuciosamente: dava-lhes conselhos, opiniões: eis o resultado. É por isso que eu desejo que haja entre nós muitos confessores, bons confessores; produziremos então frutos, teremos resultados; as almas sentir-se-ão secundadas, apoiadas, compreendidas. Não se deve meter aí nada de humano, pois se isso acontecer, não farão absolutamente nada. Procedam, portanto, com muita discrição e muita dedicação para com as almas.

Volto às perguntas a ser feitas. Para os meninos, para os jovens, é mais fácil; normalmente são sinceros; se, num primeiro momento, uma pergunta os surpreendeu, os perturbou, eles chegam bastante facilmente a dizer a verdade. Comecem pelas conversas para os garotos; mas isso afeta pouco ou nada as moças. Com elas, é melhor começar pelos maus pensamentos. Deve-se ajudá-las bem nessa acusação. Se se nota algo de dissimulação, o bom Deus, o Espírito Santo inspira o que se deve dizer nesse momento. Se se vê a criança como medrosa, com dificuldade para se expressar, isso indica amiúde uma saúde, um temperamento pouco sólido, uma cabeça não muito forte; aí importa cuidar de não arrombar nada, mas tentar chegar bem suavemente a completar a acusação.

Quando têm uma acusação suficiente, nunca se deve ir mais longe, em matéria dos temas delicados; passe-se a outras acusações. Ir mais longe seria de certa maneira, violar o pudor da alma que está diante de vocês. Limitem-se ao necessário e deixem para a alma a apreensão do pudor das faltas que possa ter cometido. Eu me lembro muito bem de um confessor que havia no seminário de Troyes; era um santo homem; era o ecônomo do seminário. Quando se ia a ele, notava-se imediatamente sua grande delicadeza, seu grande respeito para com seus penitentes; e esse sentimento despertava no coração deles, tanto um grande horror aos pecados, como uma confiança ilimitada para lhe abrir a alma. Portanto vão sempre receosos de adiantar-se demais; tomem a peito ser excessivamente delicados na maneira de que tratam as almas que estão diante de vocês. E quando está feita a acusação e lhes parece suficiente, quando foi expressa nos seus termos formais, contentem-se com isso.

Eu me lembro muito bem de um padre; bem posso falar sobre ele, pois não o podem conhecer. Ele pertence à Congregação que, em 1825, efetuava missões na França. Ele é um bom padre, dedicado e que pregava bem; mas uma das causas do pouco resultado de suas pregações, da ineficácia de sua dedicação, é que ele era insuportável na confissão; levava as perguntas até o último limite. É claro que ele não pensava agir mal, mas o resultado foi que muito poucas conversões feitas subsistiram. Tenham muita circunspeção, muita prudência sobretudo para as faltas abrangidas pelos sexto e nono mandamentos. A teologia recomenda-o expressamente. Suponha uma pessoa de vida pouco edificante que vem à confissão: está proibido ao confessor de deixar essa pessoa entrar nos detalhes de todas as faltas cometidas: "cui bono?" Que o penitente diga as circunstâncias que parecem agravar sua falta: está bem, deixem assim, sobretudo se essas circunstâncias parecem consideráveis, enormes; senão, fechem suavemente, de acordo com as circunstâncias, a boca de seu penitente e passem a outra coisa. Quando estiver em apuros com certos temas, eu poderia informar-lhes sobre algumas decisões que me foram dadas por autoridades muito competentes. Vi mui amiúde, particularmente, o Cardeal Gousset; ia visitá-lo cada vez que eu ia a Reims; ele era extremamente bom e mui a miúdo eu levava para ele casos muito difíceis dos quais me dava a solução. Não posso dar os detalhes aqui, entendem. Poderão pedir-me um conselho e lhes indicarei o caminho a seguir.

Nas coisas que concernem à caridade, necessita-se também muita prudência; escutem com paciência o que se lhes diz; elevem o coração a Deus. Lembrem-se dos grandes princípios da autoridade, do dever; compenetrem-se bem deles; respondam de modo a fazer sempre voltarem as "moscas à cesta", sossegando as objeções, de modo a sempre encorajar à obediência. Se o Superior quisesse coisas proibidas por um Superior de maior autoridade, ou então pela lei de Deus, a circunstância seria mais delicada, mais difícil. Tendria que se

orar bem e então escolher o meio que Deus indique mais conforme à caridade, à suavidade, para que a lei de Deus receba a razão, sem dar por isso uma nota desagradável à autoridade que se enganou. Sempre observem bem a hierarquia e mantenham unidas sempre muita prudência e a caridade.

Não lhes falarei mais tempo da prudência que se deve ter no santo tribunal, em suas interrogações, em seus conselhos, para que o tribunal de penitência não seja uma armadilha para o penitente ou a penitente e para o confessor. Que o confessor se revista de Deus como de um manto.

Logo que um confessor sentir para uma criança, para uma moça, para uma mulher, algo deste sentimento que eu chamarei de paixão...; defino este sentimento como algo que se sofre: "passio"; não é nós que o queremos, isso vem a nós sem nos dar conta e apesar de nós; isto se implanta no fundo de nosso ser; é uma bofetada de Satanás; a gente se aproximou um pouco demais do diabo, por descuido, e apanhou dele... Deve-se logo romper com Satanás; é preciso ser generoso. Não façam isso com esforços excessivos e grandes tensões de imaginação: elevam a alma a Deus e fiquem unidos com ele.

O demônio assumiu a forma de serpente para tentar a Eva. Outras vezes, tomou a forma de outros seres animados e vivos... Quando um confessor não se mantém bem unido a Deus, quando não tomo cuidado contra os sentimentos da natureza, as mulheres percebem muito bem isso; um certo número delas aparece então, não exatamente com más idéias... mas algumas não são tão adversas de provocar um pouco ao confessor, de tentar atraí-lo para si. Se elas supõem que ele já tem algum apego a esta ou àquela, falarão mal disso: será uma fofoca do outro mundo! Toda vez que se acharem em presença de alguém assim, não façam demais o que os velhos teólogos aconselhavam: "durius increpandae". Deixem bem de fazer isso; é isso que elas querem! Deixem dizer o que se lhes contar e respondam com uma palavrinha devota: "Preparou-se bem para a santa comunhão? É fiel em sua oração?" E vocês não parecem ter a menor suspeita do ardil que lhes está preparado. Que sucede? A pessoa recebe o que lhe corresponde. Retirar-se-á edificada... Vejam as cartas da Senhora de Sevigné; faz muito que essas distorções estão de moda. A Senhora de Sevigné se divertia muito em ver ao seu redor os grupos de amigas e conhecidas suas cativarem aos jovens sacerdotes e se esforçarem de lhes inspirar a afeição. Não eram mulheres más: a Senhora de Sevigné especialmente era uma pessoa muito honesta, a neta da Santa de Chantal. Ela comparava esses perigosos jogos de confessionário com as inocentes brincadeiras de sociedade.

Uma palavra sobre as coisas do amor próprio; as pessoas sensíveis, as mulheres suscetíveis, nervosas que se irritam... Deixem-nas falar, ajam com muita prudência e paciência, não temam de dar-lhes um pouco de razão, lamentar perante elas o que as incomodou; é o bom Deus que permitiu isso... Depois voltem a algum pensamento piedoso.

É claro que toda vez que têm uma comunidade para confessar, deve compenetrar-se bem do espírito dessa comunidade. Por exemplo, se confessam a Irmãs de caridade, devem compenetrar-se do espírito de S. Vicente de Paulo. Todos deveríamos ser um pouco sábios. Confessando a Irmãs de S. Vicente de Paulo, devem conhecer a vida da Senhorita Legras, a de S. Vicente de Paulo; deve-se meditar as virtudes, os trabalhos, a unção desse grande santo, sua confiança imensa em Deus. Assim prestar-se-ia grandes serviços. Mas não dirijam a Irmãs de Caridade como dirigem a Visitandinas; não pretendam submeter a religiosa à sua Superiora local da mesma forma como deveriam fazê-lo na Visitação; de fato, a Superiora local não é senão a Irmã primeira e nada mais. Ela deve ser amada, respeitada, obedecida, sem dúvida; mas não se ira prestar-lhe contas.

Existem numerosas Congregações de religiosas; importa ver qual o espírito delas; deve-se tentar conhecer de algum modo a historia de sua fundação; e às vezes não se vê coisas muito notáveis: um bom padre reúne algumas boas moças, eis o núcleo; o bom Deus abençoa esses humildes começos e tudo isso serve para sua glória.

Muito frequentemente somos chamados pelas Visitações. Devemos compreender o que é a Visitação, em que sentido devem ser dirigidas as religiosas da Visitação. Segundo as Constituições, a Superiora na Visitação, é o canal das graças que Deus manda às Irmãs. Toda Irmã que obedece perfeitamente, que obedece com todo o seu coração é uma verdadeira Visitandina; de outro modo, não é uma Visitandina. Eis as condições estabelecidas por S. Francisco de Sales; eis o sentido no qual a Igreja aprovou a Visitação como Ordem religiosa. Não podemos sair disso, senão faríamos mal. Mas então o ministério sacerdotal já não é mais nada na Visitação?... Essa objeção é ridícula. Receberam uma jurisdição universal ao receber o sacerdócio no dia da ordenação? Você é o Papa? Está revestido com algum tipo de infalibilidade? Observem bem que o padre e o povo cristão fazem parte da mesma categoria na Igreja; eles pertencem não à Igreja docente, mas à Igreja discente. O padre é uma ferramenta nas mãos da Igreja; trabalham esta ou aquela matéria, conforme sua especialização. Não são feitos para outra coisa. Não se usa um formão de marceneiro para talhar a pedra de Châtillon. Você, padre, é, pois, uma ferramenta na mão da Igreja; e a Igreja o preparou para esta ou aquela função. A Igreja o manda à Visitação; lá você não tem direção que dar; deveis contribuir à direção da Superiora e fazendo isso é que cumprirá com sua missão. Você, padre, não tem mais direitos do que um simples fiel na direção da casa, não mais direito que o porteiro. Você confessa Visitandinas, sempre dê razão à autoridade; se a própria direção precisa de uma pequena direção, que lhe seja dada! Não será nada então aquele que

Nosso Santo Fundador chama de Anjo de mosteiro? Os anjos tem almas para guardar, proteger, sustentar, encorajar; oferecem nossas orações, nossos sacrifícios, nossos atos meritórios a Deus; a ação deles é imensa. A ação do confessor da Visitação também é imensa e o bem que ele produz é maior do que em qualquer outro lugar. Sua ação entra no conjunto do movimento comum; é uma parte indispensável do sistema; e sem ele não é possível que uma Visitação vá bem. No tempo dos Jansenistas, quando os confessores da Visitação de Troyes se juntaram à causa dos heréticos, certamente exerceram pressão, levando a Visitação no seu séquito. Quando um bom confessor fica nas suas atribuições, o bem que faz é imenso, como dissemos, tanto quanto um mau confessor faz o mal. O confessor compreenda bem que para a direção das almas deve entender-se bem com a Superiora e ajudá-la; mas ela é que tem a própria direção religiosa da casa. O confessor da Visitação deve então instruir bem as que pretendem viver essa doutrina; deve ensinar-lhes a ir à Superiora com o maior respeito, com a mais inteira e cordial obediência, assim como as filhas vão a sua mãe com todo o coração. Então todo o mundo será feliz, verdadeiramente feliz, porque todos se encontrarão em seu lugar. E a ação e a autoridade do confessor será dez vezes, cem vezes mais real, do que se andasse repetindo: eu sou o senhor!

Quanta prudência e sabedoria a direção das almas exige! E creiamos mesmo que não seremos nada, senão quando não formos nada mais do que as Constituições marcam, do que a obediência indica; é a vida, é a garantia de toda obra durável! Vamos pedir ao bom Deus que nos compenetre de todos esses ensinamentos. Por motivo da hora, me é impossível emitir outras considerações, que também poderiam ser úteis. Quando alguma tentação se apodera da imaginação, importa resistir imediatamente, "principiis obsta". É necessário estar muito alerta, ser bem criancinha, bem simples. Ao confessar-se importa dizer tudo, com a candura e a simplicidade duma criança que diz o que acontece, os perigos que se corre, as faltas que se possa ter cometido. Quando o próprio confessor está seguro, afirma as almas que se dirigem a ele. Portanto confessemos-nos com muito candor e simplicidade. Ouvi um predicador de retiro pastoral terminar seu sermão sobre a confissão com estas palavras que guardei: "Meus prezados confessores, querem que seus penitentes se confessem bem, levem-nos a fazer o que vocês mesmos fazem." Todo o padre, de fato, confessar-se bem... Eu, lhes direi: Confessem-se como padres, confessem-se como Oblatos, dizendo tudo com simplicidade e candura, entregando, abandonado completamente a alma.

S E X T A I N S T R U Ç Ã O

A C A S T I D A D E

A glória do estado religioso é a castidade. A castidade absoluta era desconhecida pelos Antigos. O mundo pagão admirava-a entretanto e os Romanos aproximavam-se um pouco dela com a instituição das Vestais. Mas a castidade não se praticava realmente, a não ser em consequência do Evangelho, segundo o ensino de Nosso Senhor Jesus Cristo. O próprio Nosso Senhor disse que não fazia da continência um mandamento absoluto. "Qui habet aures audiendi audiat." Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. Nem todos podem alcançar isso; é só para os que a isso são chamados. Não se admirem então, meus Amigos, se a prática da castidade lhes custa algo. Nem se surpreendam se lhes custar muito. Ela é só para uma minoria: "Qui potest capere, capiat." (Mt. 19,12)

No entanto, o religioso se compromete por um voto seu à prática da castidade perfeita. Assume-a como um compromisso rigoroso; promete-a a Deus; deve doravante sacrificar todas suas inclinações para cumprir com seu voto. Esse voto da castidade é o poder da Igreja e do clero católico. Por isso a ímpia filosofia do século passado combatia o celibato eclesiástico e religioso; também os escritores incrédulos têm atacado por toda a parte a castidade e os bons costumes; e o grande meio da Maçonaria e dos Judeus de hoje é não só embaraçar a prática da castidade como também difamá-la. Quer-se perder e corromper as moças cristãs para impedir que sejam um dia mães de famílias cristãs.

Cada dia de Nossa Senhora, há uma espécie da palavra de ordem geral, oriunda da Maçonaria e que faz com que, por todos os lados, nos jornais, nas fábricas, nas conversas do povo, se espalham obscenidades e insânias contra a castidade e contra os bons costumes. É evidente que essa tática que se produz em Troyes, em Paris, em toda parte, é o efeito de uma palavra de ordem gerla. Existe, pois, uma guerra extremamente perigosa contra a castidade. Deve-se ter cuidado com essa situação que se nos cria; é perigosa. Um bom padre me dizia ultimamente: eu lhe asseguro que agora se deve ter muito cuidado, que se deve apelar para a fé, com tudo que se ouve, com tudo que se vê; às vezes a gente fica abalada e não se sabe mais até onde vai o dever.

O diabo não está tampouco alheio a essa luta. É uma coisa certa

que os espíritos infernais têm atualmente uma grande atividade junto às almas e as levam ao mal. Uma das características do demônio, da possessão do demônio, é a imoralidade, "libidinem"; e todas as possessões levam mais ou menos esse cunho. Acrescentem a essa ação do demônio a tendência de nossa natureza já propensa ao mal e entenderão a violência das tentações contra a castidade e o rigor das lutas que devem ser travadas. Às vezes surge a tentação de desespero, de dizer: é impossível! Não, "Deus impossibilia non jubet". Deus não pede nada de impossível. Deus chama os religiosos à prática da castidade perfeita; sua graça sempre estará à disposição para fazer praticar o que a natureza por si mesma não poderia realizar.

Agora vou emitir uma observação toda filosófica e baseada na experiência. Aqueles que sofrem as tentações mais violentas, mais desesperadoras, aqueles, se quiserem, receberão de Deus graças bem mais preciosas, uma missão bem maior do que os outros. A violência das tentações contra a castidade, quando vencidas, faz daqueles que as sofreram verdadeiros taumaturgos. Escutem-me bem; o que estou dizendo é verdade. Toda vitória difícil, depois de alcançada, dá a Deus em abundância; e exatamente, por causa das violentas tentações suportadas, graças muito mais numerosas e mais preciosas são dadas à alma que venceu. É preciso saber isso para nós mesmos e é preciso sabê-lo para as almas que devemos dirigir. Determinada alma está muito propensa ao mal; tem tentações violentas; dêem-lhe sua atenção; tentem sustê-la bem. Deus chama essa alma para fazer coisas incomparáveis; dá-lhe uma missão que jamais daria a uma outra. É uma verdadeira lei da natureza e da graça. Toda vez que há uma grande dificuldade para vencer, é porque existe aí um grande bem para se obter. Crianças elevam um bonecão de neve; amanhã o bonecão estará derretido. Um escultor talha o mármore de Paros; suponhamos que a estátua desapareça no meio de distúrbios e de revoluções, que ela seja enterrada; depois de mil anos, de dois mil anos, fosse achada e se tornaria famosa. A tentação é forte; tanto melhor. Estão a ponto de deixar-se levar pelo desânimo; um como terror invade sua alma; lembrem-se da verdade filosófica, matemática que eu acabo de anunciar. Quando tiverem ouvido confissões por muito tempo, quando tiverem acompanhado atentamente as almas, os Senhores verão, se o que digo é a verdade.

O religioso tentado não deve, pois, perder o ânimo. Nem tampouco se deve considerar que a inclinação da natureza perversa seja um obstáculo à vida religiosa. Eu sei bem que a teologia diz que não se deve admitir nas Ordens sagradas pessoas com tentações demasiadamente violentas. O próprio Pontifical recomenda isso. Mas uma coisa é um padre sozinho, isolado nas perigosas funções do santo ministério e outra coisa é um religioso que

pratica sua Regra, obedece a seus Superiores, que tem as graças da comunidade. Colocá-los no mesmo nível é uma maneira de pensar extremamente falsa, bem como julgar que uma vocação religiosa não é boa, porque se tem grandes tentações e grandes lutas. Eu direi àquele que é tentado: preste atenção às grandes graças que o esperam; está chamado a fazer o que nunca fará aquele que não é tentado; deve ser mais santo; deve converter mais almas. Isso, meus Amigos, não é imaginação, é experiência.

Então a tentação por si mesma não é uma coisa má. Teria eu a coragem de dizer que é algo excelente? Diria eu a palavra que ela é um dom de Deus? O Senhor deve levar uma pedra até o alto da catedral. O que fará o Senhor? É impossível. Tome um macaco, uma manivela e roldanas e vencerá todo obstáculo. Meus Amigos, a tentação é o macaco; ela tem a força da alavanca; o esforço que ela necessita, levanta as cargas mais pesadas. Mais uma vez, é uma verdade matemática. Calcula-se o resultado produzido pelo quadrado da distância.

Que razão tem nosso Santo Fundador quando diz: deixem o bom Deus agir na tentação. Não lhe peçam que ele mude alguma coisa; confiem-se somente à ajuda dele. Ele está com os Senhores; ele lhes pertence em qualquer estado que estiverem e enquanto se mantenham confiantes. Não murmurem, não reclamem contra as tentações. Tenham cuidado, sejam vigilantes, rezem; peçam o auxílio de Nossa Senhora, de seu Anjo, dos santos; mas, por favor, não digam nunca que a tentação é forte demais, que ela os afasta de sua vocação. Que longe está tudo isso da doutrina; são idéias da gente do mundo e de seu naturalismo! O grande meio, o meio mais poderoso para manter-se casto é certamente pertencer a Deus. De tudo isso tenho, meus Amigos, exemplos marcantes, exemplos numerosos: os Senhores entendem que não se pode citá-los em demasia. A violenta tentação num homem, numa mulher é sinal de uma grande anergia, de uma capacidade, de um grande desejo de fazer o bem. Aqueles que fazem o maior mal contra a santa virtude de pureza não são aqueles que são mais tentados, mas amiúde os que o são menos. O bom Deus sempre proporciona sua graça à medida da violência da tentação. Aconteceu-me, no exercício do santo ministério, que encontrei pobres crianças - um garoto, uma garota - anjos de inocência e simplicidade, que viviam num ambiente espantoso, com uma mãe que lhes dava o pior exemplo. Ambos vivem ainda; têm ficado bons cristãos e fiéis a seus deveres; muito bem se pode dizer que passaram pela água e pelo fogo! A tentação, então, não deve assustar; não é um mal e ela pode surtir um grande bem. Ela exige que a gente seja constante e generoso, que se recorra à oração e aos sacramentos. Sirvam-se dessa observação para consolar as almas tentadas que dirigem. Que a tentação seja

precisamente o ponto de apoio que os Senhores aproveitem para fazê-las chegar a algo de bom, de excelente. Lembrem-se que a tentação não é um obstáculo para a vida religiosa, para o voto da castidade; é, ao contrário, uma poderosa ajuda para a prática desse voto. A tentação bem combatida, levada a bom termo, produz na alma uma grande força e um grande poder.

O obstáculo mais sério ao voto da castidade então não é a tentação; é a moleza da vontade; é quando há em nós. em face ao perigoso, o "sim" e o "não", o "talvez", o "eu não sei"; é a fraqueza e a indecisão da vontade que aceita e não aceita, que fica incerta, que não sabe a quem vai abrir a porta, para a graça ou para Satanás; essa alma certamente cairá. São Bernardo dizia para seus religiosos: Queixais-vos das tentações; então não tendes uma alma viril; sois como uma mulher que gira como cata-vento, que se deixa levar por todas suas impressões; não sois filhos, mas "filiae delicatae". Por que viestes bater na porta deste mosteiro? Aqui não é um mosteiro de mulheres. Ele dizia ainda: o diabo, por mais velhaco que seja, por encarniçado que pareça, só pode abordar-vos a uma certa distância; não pode chegar até vós. Mas vós ides ao encontro dele. Como Dina, vos ides no meio dos Sichemitas, e como ela sereis presos e seqüestrados. Eu vou ver. dizia Dina, como se vestem as moças deste país, como elas dançam... Sua fraqueza lhe custou caro. Fazeis como ela. Não estão agindo como homens e é uma desonra!... Não se deve afrontar o perigo; deve-se fugir dele; é preciso afastar-se dele. É o primeiro meio. Para isso, se deve começar não se assustando; mas logo que se sinta a solicitação, se deve cortar rente e nunca pechinchar ou procurar um compromisso: "Domine, salva nos" (Mt 8,25); depois, importa apegar-se a algum outro pensamento que sirva de desvio e dissipe a má impressão. A fuga é o grande remédio e o grande preservativo: "Fugite a facie colubri". (Eccl. 21,2) A fuga é o grande remédio. Depois, se a tentação persistir, se ela se tornar forte demais, gritem a Deus, à Nossa Senhora; por que permitis tentações tão terríveis, a mim que tanto vos amo, a mim que vós amais?... Verão depois, meus Amigos, a vantagem que tirarão dessas lutas e da vitória. Eis no que tange às tentações que vêm de nós mesmos, de nossos sentidos, de nossa imaginação.

Mas a tentação pode surgir não só de nós mesmos, não só do demônio, como também das criaturas que nos cercam. Nesse caso, devemos ser fiéis no cumprimento das regras dadas pela Igreja ao clero, aos religiosos. Não sejam nunca familiares com uma mulher ou uma moça, nem em palavras, nem de outro modo: "Nugae in ore saecularis, nugae," São Bernardo diz, "in ore sacerdotis, blasphemiae". Uma palavra leviana na boca de um religioso é um escândalo, um sacrilégio, uma blasfêmia. Sejam extremamente reservados per-

ante as moças, as mulheres. Nunca estejam totalmente à vontade na presença delas; que sempre haja uma certa reserva no meio, a barreira da consciência, a do amor a Deus: isso os fará evitar grandes males e talvez a perda de sua vocação e de sua alma. É uma palavra da Sagrada Escritura, do Livro dos Reis: Amei-vos com um amor que ultrapassa aquele que se sente por uma mulher. Assim é o amor que devemos sentir por Deus. Devemos amá-lo mais que qualquer criatura, mesmo no casamento. Eis onde devemos chegar: eis o lugar que se deve dar a Deus em nosso coração.

Sigam essa regra e estarão seguros que a tentação não terá poder algum sobre um coração que pertence assim totalmente a Deus. Não deixem nunca o coração apegar-se a outrem que não seja ele. Esses tipos de apegos, diz a Sagrada Escritura em alguma parte, são chamas que queimam o coração, que o reduzem a cinzas, que lhe quitam toda sua vida, não deixando nada do que faz entender e amar a Deus.

A esse propósito, direi que nosso voto de castidade deve não somente fazer-nos evitar o mal: é o lado negativo; mas esse voto deve ter também seu lado positivo, que consiste em fazer-nos amar a Deus, em aspirar e respirar só por ele, em lhe dar generosamente o mais profundo de nosso coração, de nosso amor. Mas, dirão, isso é bom para mulheres. Essa delicadeza no sentimento não é para nós. Os homens não amam desse modo. Não se enganem, meus Amigos. O homem é bem mais sucetível ao amor do que a mulher. A mulher sempre tende um pouco a procurar-se nas suas afeições. A verdadeira e completa afeição é do homem; ela é mais profunda, ela é mais sincera; existe menos requinte, menos egoísmo. Os corações mais ardentes, mais generosos para com Deus têm sido corações de homem.

Lembre-mos, pois, que seu voto, para nós, Oblatos de São Francisco de Sales, não deve fazer evitar apenas o mal, mas que deve levar o coração a um amor ardente de Deus; não devemos mais senão viver por Deus, devemos nos consumir por ele. Onde acharão os meios para chegar à perfeita prática de seu voto de castidade? Na união de seu coração com o Coração de Nosso Senhor; na união de seu corpo com a Comunhão do Corpo e do Sangue dele. Unam-se intimamente ao Nosso Senhor, que não haja duas vontades, dois atos, duas vidas, mas uma completa e inteira comunhão. Digam ao Nosso Senhor, ao Deus da Eucaristia e da Comunhão, que se revele aos Senhores: "Senhor," dizia São Agostinho, "que eu me entenda e que eu vos entenda; que eu me entenda como vós me entendeis." Unam-se a Deus assim como o vapor se une ao ar, como a gota d'água se une à água do oceano. Que nosso coração se funda assim no Coração de Nosso Senhor. Eis o cumprimento de nosso voto de castidade.

Dito isso, eu volto aos meios práticos para se conservar a castidade negativa no meio das tentações e dos perigos. A abertura do coração para o confessor. Como a Sagrada Escritura diz, ato de revelar inteiramente sua ferida é uma condição absoluta para a cura. Se a tentação é violenta; se houve uma queda, por leve que seja, digam-na simplesmente, assim como Magdalena ao pé da cruz; ela apoia sua cabeça sobre os pés ensangüentados do Salvador; façam assim por uma confissão boa e sincera; não esperem que o mal crie raízes. Abram o coração imediatamente. Dirijam-se ao bom Deus com um reconhecimento completo, pronto, para que não subsista traço algum do mal na alma. Outra vez, não pensem que certas familiaridades, algum facilitar nas palavras, certa liberdade nas comunicações orais ou escritas sejam sem perigos e motivo de culpa. Que essas coisas lhes inspirem receio. Enquanto houver de humano, o humano leva à falta. Vós não amassais o pão com cinza e água; precisa-se farinha, diz São Bernardo; o pão amassado com cinza nunca será um pão que mantenha a vida: é pão de morte. O que é humano, o que vem dos sentidos, não pode dar a vida.

Guardem bem essas coisas na memória; ponham-nas em prática; então cumprirão bem com seu voto de castidade; seu coração aspirará e respirará somente pelo Esposo celestial: "Conversatio nostra in caelis est". (Fil.3,20) Assim terão as graças da castidade; realizarão os milagres da castidade no meio do mundo. O mundo curvar-se-á perante sua castidade; sentirá a presença de Deus.

Peçam à Nossa Senhora, à Rainha de toda pureza, para que seja guardiã de sua castidade. Quando a tentação vier bater à porta do coração, tomem cuidado, "tamquam a facie colubri". Que jamais saia de sua boca de religioso uma palavra indecente, uma expressão inconveniente, duvidosa, ambígua: essas coisas acarretam a justiça de Deus temível. O bom Deus se vinga desses atentados à castidade com catastrofes espantosas. É como a pequena faísca que provoca um imenso incêndio. Aí está a causa e a razão de muitas desgraças inexplicadas. Essas desgraças não são o efeito do azar, não, é uma lei inexorável. Feriram a Deus no coração, o ultrajaram no que lhe é mais caro. Ele retira dos Senhores a misericórdia e deixa apenas a justiça atuar. Cuidem, pois, de suas palavras, de seus olhares, de seus atos. Que nada no mundo ataque nos Senhores essa formosa virtude. A ruína da castidade seria a consequência duma fraqueza e com isso a perda da alma e do corpo, a perda do tempo e da eternidade

S É T I M A I N S T R U Ç Ã O

A O R A Ç Ã O P E L O S B E N F E I T O R E S

A D I R E Ç Ã O E S P I R I T U A L

O culto que acabamos de celebrar à intenção da Senhora Tousset e todos os outros nossos benfeitores nos lembra que não devemos ficar alheios àqueles que têm feito o bem para nós e que devemos rezar por eles. Em todas as Ordens religiosas é bastante comum celebrar o Ofício dos defuntos e recordar cada dia na Missa aos benfeitores, na oração pelos falecidos. Antigamente, esse costume dos mosteiros era bem acentuado. Morto o benfeitor por mais de 600, 700 anos, ainda se orava por ele, ainda se oferecia por ele o santo sacrificio e se cantava o Ofício dos defuntos. Nós não podemos realisar esses costumes e preces quotidianas; mas a Congregação não deve esquecer de orar por seus benfeitores; e será bom que cada ano, assim como temos feito até agora, seja celebrado um culto solene por todos os benfeitores falecidos. Seria bom que isso fosse feito em cada casa; será uma praxe excelente; quando fôr possível, se deverá convidar a essa celebração os parentes, a família dos benfeitores.

Havia na Visitação de Troyes uma freira muito boa. Ela tinha 94 ou 95 anos, essa Irmã de Treffort: quereis formar pessoas ingratas, dizia ela, fazei o bem para os religiosos. Meus Amigos, não deve ser possível que isso se diga de nós. Mostrem bem sua gratidão pelo que lhes for dado, sobretudo perante o bem Deus, sobretudo pelas almas do purgatório. É um dever e ao mesmo tempo um excelente negócio. São Bernardo dizia que a indiferença, a ingratidão secava e esgotava a fonte de graças. A ingratidão esgota a esmola, o benefício. Sejamos, pois, sempre bem agradecidos e Deus permitirá que achemos tudo que nos for preciso. Tudo quanto possuímos nos foi dado. Em Troyes, nossos principais benfeitores foram a Senhora Troussel, as Senhoritas Daigniez e de Malzine; em Macon, a antiga Superiora da Visitação, que nos deu muito dinheiro; em Saint-Ouen, o Senhor Legentil. Não posso enumerar todos eles. Nossos colégios, as capelas de nossos colégios não cresceram sozinhos como num campo. Será bom, no dia em que esse culto fúnebre for celebrado em nossas diversas casas, que os Padres e Irmãos comunhem

nas intenções dos benfeitores. E, no futuro, será bom que, no dia em que for celebrado aqui esse culto, todos os padres celebrem a missa pelos benfeitores.

Aqui, no colégio São Bernardo, quanto já foi gasto desde sua fundação? Se gastou no mínimo 800.000 francos. E se o Ecônomo adicionasse todas as contas pagas, eu creio que isso iria bem mais longe. Como surgiu tudo isso? Em Macom, em Saint-Ouen, em Morangis foi a mesma coisa. De onde veio? Da caridade, de algumas boas almas que têm dado por um lado e por outro, umas mais e outras menos. O segundo mosteiro de Paris deu muito, Reims, Metz em outra época e outros ainda: temos grandes dívidas para com esses benfeitores. Oremos, sejamos agradecidos. Mais uma vez, em todas as antigas Ordens Religiosas, a oração pelos defuntos era muito honrada. Um amigo de São Bernardo, São Malaquias pedia a Deus para poder morrer no dia em que se realizasse em Clairvaux a comemoração dos benfeitores defuntos. Esse dia se estava aproximando; ele não estava doente. Veio a Clairvaux e morreu quinze dias depois, enquanto se cantava as matinas de defuntos.

A respeito desse agradecimento para com as famílias dos benfeitores, eu lhes recomendo a maior benevolência, a maior caridade em suas relações com as famílias ora dos benfeitores, oras das crianças que estão educando. Há pouco, quando eu estava fazendo a barba, eu limpava minha navalha com as folhas de um livrinho, publicado há 40 ou 50 anos: é a vida de um certo número de alunos dos Padres Jesuítas, mortos de maneira edificante no colégio. Eu lia enquanto limpava e vi a carta de um Padre Jesuíta para a mãe de um pequeno defunto: fornecia-lhe detalhes sobre a morte da criança e eu admirava a delicadeza de sentimentos com a qual ele reconfortava a pobre mãe: Senhora, lhe dizia, seu querido anjinho estava doente desde algumas semanas apenas. Estávamos muito preocupados, no entanto o que o médico dizia não indicava que o menino querido estivesse tão perto de sua morte. O medo de perdê-lo, o desejo de vo-lo conservar, fez com que, há 4 ou 5 dias, no momento em que se dava a Benção do SS. Sacramento, eu tomei o querido filho no colo e levei-o ao pé do altar, para que lhe fosse aproximado o ostensório da cabeça. E aí, diante do bom Deus, lhe perguntei se ele queria ser curado. Respondeu-me que não queria orar para Deus lhe conceder essa graça. Não, ele me respondeu, o que eu quero é a vontade de Deus. Levei o pequeno doente de volta para sua cama... O Padre continua dando detalhes: alguns momentos antes de sua morte, lhe perguntei se queria ir para o paraíso e se temia o inferno. Oh, o inferno! Mas afinal, quando se cometeu faltas graves. Eu me confio à misericórdia de Deus. E ele me apertava em seus braços... Não, não, eu quero ir ao paraíso. E fazia seu ato de contrição de todo co-

ção. O querido pequeno não conheceu a agonia: ele deu sete ou oito suspiros e expirou: a gente diria que dormitava. Que linda morte, dizia o Padre ao concluir! Como eu gostaria de segui-lo!... Essas palavras, meus Amigos, são as que se diz para uma mãe; deve-se ter algo de mãe para falar assim. A gente deve ter-se colocado de verdade na situação de uma mãe. Eu lhes citei tudo isso para mostrar o quanto é necessário pôr um pouco de coração em suas relações com os pais, um pouco de verdadeira afeição para com os filhos deles. Com as famílias, mantenham uma boa harmonia, a compreensão, o espírito de união que não é outra coisa senão o espírito de caridade. Eu não estou dizendo que se deva mostrar sentimentos que não se tem no coração, dizer o que não se sente, o que não é verídico; mas quando for a verdade, deve-se manifestá-la sabiamente e prudentemente. Portanto, agradecimento para com nossos benfeitores, espírito de união e de santa caridade com as famílias de nossos alunos.

Esta manhã desejo lhes dizer alguma coisa sobre a direção espiritual. Dirige-se as almas pela confissão; já falei muito sobre isso. Dirige-se as almas também pelas comunicações mantidas com elas, por cartas, por conversações. Houve um século, o próximo passado, no qual a direção estava muito em voga; toda senhora da alta tinha um religioso como diretor. Fénelon, o próprio Bossuet, no século anterior, escreviam cartas de direção espiritual. As cartas de Bossuet para várias senhoras ou religiosas, suas palestras às Irmãs de Meaux ficaram famosas e são tratados completos sobre essa matéria. Muitas Congregações religiosas tratam da direção de homens e mulheres. Sem dúvida, isso não está mais tanto na moda quanto outrora: o mundo não é mais tão cristão; não deixa mais a mesma influência para a Igreja; o Padre tem só um pouco de atuação; a direção dos homens é pouca coisa e a das mulheres não tem muito alcance. No entanto ainda existe aí um grande bem para realizar. Como devemos actuar na direção espiritual?

Com os homens não há dificuldade. Fala-se-lhe ao coração e se os leva a Deus, à prática de seu dever: bastam algumas palavras. Toda vez que acharmos alguma confiança entre nossos penitentes, entre aqueles que temos que dirigir, guardemo-nos bem de desperdiçá-la, de apagar essa chama que leva até os Senhores. "Nolite spiritum extinguere", (1 Tess 5,19) pois é realmente o Espírito Santo que sopra aí. Anem aos jovens que vêm aos Senhores, os que lhes dão sua confiança. Queiram bem a alma deles; interessem-se pela pessoa deles; tentem dá-los a Deus. Farão um bem imenso para eles. Não se esqueçam nunca que estão preparando o futuro, a eternidade deles. A metade e as três quartas partes dos homens que valem alguma coisa, devem isso à

alguma amizade sincera e, pelo amor de Deus, a algum bom padre, a algum bom religioso, que os queria, que cuidava deles, que os sustinha e encorajava. Façam assim, meus Amigos, e façam-no porque amam ao bom Deus; sustentem essa alma de criança, de moço, que confia nos Senhores, que ficará forte graças aos Senhores. O padre, o religioso não deve ser apenas o homem do confessional. A confissão é o sacramento; mas esse sacramento, importa prepará-lo; deve-se fazê-lo frutificar.

Para realizar bem isso, é necessário ser profundamente religioso; é preciso ser bem piedoso, bem puro; não é necessário ternura, afeição mole e imprópria, que imediatamente lançaria sobre essas relações algo cheirando ao demônio, ao mal. Sejam inflexíveis quanto a isso; sejam generosos; não se poupem, para que nada parecido se apresente. Aonde levaria isso, se a gente agisse de modo natural? Onde chegaria um jovem professo que, possuído por um lindo fervor por realizar a direção espiritual de modo irrefletido, com o coração mole, com um juízo pouco seguro, com uma alma fraca? Na verdade, cometeria horrores, coisas que põem em jogo sua existência religiosa e da Congregação inteira. Não se esqueçam que estamos vivendo no meio de pessoas, que só esperam a oportunidade para difamar e esmagar os religiosos e os padres. Vejam o que se fez com Cîteaux. Não acontecera em Cîteaux a milésima parte do que está sendo feito diariamente em qualquer colégio, na primeira pensão que acharem. Estamos caminhando sobre brasas; estamos cercados por furiosos, que a qualquer custo, querem mandar voar tudo pelos ares. Vejam quanta cautela precisamos, e também quanta pureza de coração e quanta santidade. Mas com essa pureza e essa santidade, qual é o bem que não se possa fazer? Tenho um amigo meu, que morreu há pouco tempo. Ele morava em Romilly. Era aluno no seminário e tinha como Superior o Padre Fournerot que todo o mundo considerava como um santo. Ele mesmo me contava todo o bem que lhe fizera esse Padre Fournerot. Eu era um tanto arteiro, disse ele; um dia eu disse para meus botões: eu não valho muita coisa; se eu fosse falar com o Superior, certamente eu me tornaria melhor. Eu peço ao Superior uma entrevista. Em silêncio damos uma volta no jardim e caminhávamos já algum tempo sem que eu pudesse encontrar uma palavra para dizer. Acabada a volta, o Padre Fournerot olha para o céu: o tempo está bastante bom hoje, apesar da estação. Então, fixando em mim um olhar penetrante, acrescentou: Pois bem, meu amigo, quando você quiser, o tempo será bom em sua alma também, apesar do nevoeiro; quando você quiser... Eu estava convertido, meu amigo disse; essa palavra e esse olhar tinham transformado minha alma e completamente mudado.

Para exercer bem o ministério no meio das pessoas que os cercam, tentem os Senhores também ter um pouco de santidade e ser, se não um grande

santo, pelo menos um pequeno santo. Estejam bem unidos com o bom Deus e serão poderosos, terão o poder dos santos. Com essa fé, com essa força de Deus, farão um bem infinito aos jovens. Vejam o que se conta na vida de Ozanam sobre a influência exercida sobre ele por uma palavra que lhe diz um homem que ele quer e respeita; pelo exemplo dele, quando o vê um dia rezando o terço.

Um rigoroso dever nosso - entendam-me bem - um dos caracteres essenciais do apostolado das almas, é a não individualização e a não restrição de nossos cuidados, mas sua extensão para todos aqueles a quem os devemos; se os queremos ou não os queremos naturalmente, todos têm o mesmo direito; todos devem receber a mesma parte. Se, ao dirigir as almas, souberem se superar e dirigir-se com preferência àqueles que menos lhes agradem, farão um bem inaudito. A criança, que sente que se vem a ele, não por uma simpatia natural, mas por uma caridade e afeição real, entende que antes de tudo se procura o bem de sua alma; ela abre essa alma, se entrega com total confiança e os Senhores fazem dela o que quiserem. Se forem àquele a quem são atraídos naturalmente, se se limitarem a esse motivo, se seguirem essa razão, sua alma perderá todo o seu impulso, toda sua energia e não farão dessa criança senão um elemento mau. Sua afeição sendo humana, egoísta, Deus jamais estará aí. A própria criança sentirá em seguida que não a querem por ela, mas por si mesmos.

Com os homens, com os ex-alunos com quem tornamos a encontrar-nos, que vêm confessar-se conosco, nas opiniões, nos bons conselhos que lhes damos, atenhamo-nos geralmente às grandes linhas. Unamo-los sobretudo ao bom Deus; e não sejamos como triunfadores, atando-os primeiramente a nosso carro; não pretendamos lhes impor nossas idéias e formar um grupo isolado na Igreja. O Papa disse-me: Ide a França! Cumpriremos com essa missão que nos foi confiada, unindo as almas com o bom Deus e não conosco, com nosso sistema, nosso modo de pensar. Façamos o bem pelo bem, não por nós, para ganhar algum prêmio por nossos trabalhos. Trabalhem apenas para Nosso Senhor Jesus Cristo. Vamos generosa e retamente, sem mesquinhez e sem cálculo de interesse particular. Não procuremos atrair para nós por nós mas por Deus só. Todo o homem procura naturalmente ser alguma coisa, atrair para si: livremo-nos desse obstáculo e faremos um bem imenso. Isso pode custar, sem dúvida; mas se isso custar, será só ao amor próprio. Custa ver a outrem meter a mão na cozinha. Preferir-se-ia agir sozinho, salgar e apimentar a seu gosto. Isso não é todo o espírito de São Francisco de Sales. Olhem como se educa as moças na Visitação; estão na sua paróquia; vão se confessar natural e simplesmente com seu padre, seu vigário: seja este ou seja aquele, pouco lhes importa; elas vão direita, sincera e francamente; não existe mentalidade de grupo cerrado; somente há o desejo de pertencer a Deus e de servi-lo. Façamos as-

sim as coisas, propter Deum e por ele só. O que acabamos de dizer quanto aos homens, deve-se dizer também em relação às mulheres. A direção espiritual das mulheres é um ministério bastante difícil. Precisa-se uma delicadeza muito grande. E, muitas vezes, o que é feito, é inútil. Eu encontrei algumas vezes, muito raramente, boas cristãs, bem fiéis às prescrições de seu diretor: eu não faço isso, meu confessor mo proibiu. Ainda se acha, sem dúvida, algumas que falem e ajam assim, algumas que sejam sinceramente, francamente obedientes, que sigam uma linha de conduta bem determinada. Mas ao lado disso, quantas se encontra, as quais não vão direita e francamente! Escutem as palavras delas: eu confio no padre tal, no sacerdote tal; essa confiança é extrema... É o pai de minha alma, é tudo para mim. O bom padre a quem se diz isso, o crê e é convencido de que ele tenha a direção absoluta dessa vontade e desse coração. O Senhor tornará a encontrar essa digna penitente no ano seguinte, às vezes até oito ou quinze dias depois. Ela lhe confia uma nova descoberta e uma nova admiração: encontrei o Padre tal; no início eu tive alguma dificuldade para me acostumar a ele. Mas como chegou a meu coração o que ele me disse! Sua palavra é verdadeiramente um raio de luz; jamais diretor algum, jamais alguém me falou de uma maneira tão penetrante... O primeiro padre, o pai do coração, que se crê sempre o diretor único e favorito, manda cartas para sua dirigida; esgota-se em pregações, em protestos de dedicação. A boa fiel recebe isso; ela não ri disso, claro, embora isso já não seja o mais apropriado, mas o Padre é tão bom!... São Francisco de Sales dizia que se deve escrever cartas de direção para as mulheres com a ponta do canivete. Ele nem queria que se usasse um lápis para isso.

Não se fiem de nenhuma mulher, meus Amigos; não confiem em nada e em ninguém, só confiem em Deus. Essa pessoa dirigida pelo Senhor, lhe afirma que tem uma confiança absoluta no Senhor, que só confia no Senhor: está bem. Deixe-a dizer isso, se lhe fizer bem pensá-lo e dizê-lo. Ela está muito apegada ao Senhor: está bem; "non sunt durius increpandae". Deixe falar e acredite só no que é.

Mas então por que ocupar-se da direção das mulheres? É necessário, é uma parte muito importante do ministério que não se pode e nem se deve recusar. Mas se deve empreendê-la com uma grande sabedoria, com caridade, com um respeito soberano; têm, com efeito, diante de si uma alma que foi criada à imagem de Deus; uma alma, que além de seus defeitos possui virtudes reais.

Que os que são chamados a dirigir mulheres sejam religiosos de verdade e se portem como religiosos com elas. Eis a grande regra a atender.

Não existe outra. Não se deixem enganar; façam tudo pelo amor de Deus; levem sempre suas penitentes à virtude mais perfeita: é o único meio para chegar a alguma coisa. Lembrem-se de que estão encarregados não só do ministério de direção em relação às mulheres, às moças, como também podem ser chamados a dirigir religiosas, diretoras de pensionato, a dirigir aquelas que dirigem outras.

Sejam implacáveis, meus Amigos, toda vez que se encontrarem perante religiosas, que dirigem moças e, nessa direção, deixando-se levar a alguma afeição natural. Sejam implacáveis, não digo injustos. Eu nunca vi essas afeições resultar em proveito; é sempre a perda garantida, infalível da moça. Deve-se ter muito cuidado com isso. É preciso ser muito delicado no tratamento desse mal, muito delicado diante da criança, muito delicado perante a Irmã. Não digam as coisas de maneira brusca, inconsiderada: incendiariam talvez a casa. Avancem suavemente. Façam com que a Irmã, que a professora não se deixe levar a esse apego, enquanto for tempo, pois é bem mais fácil prevenir o mal do que saná-lo. Desenredem o novelo quando estiver enredado; e se houver quinze novelos, todos eles enredados uns com os outros... Como sair disso? Orem sobretudo e peçam para que o bom Deus aplique ele mesmo o remédio.

Eu tenho mais uma coisa séria, muito séria para lhes dizer: para a direção temos escritos da Boa Madre. Esses escritos da Boa Madre podem ser interpretados, explicados e aplicados de todo tipo de maneiras. Um primeiro qualquer encontrará aí o que quiser; um segundo, um terceiro acharão ainda outra coisa. Deve-se procurar o sentido das palavras da Boa Madre no sentido pleno do Evangelho, do que Nosso Senhor disse, do que a Igreja ensina. Desse modo, é a perfeição. Em Roma me disseram isso; é o que há de melhor. Agora, se toma os escritos da Boa Madre para a direção das almas numa ordem de idéias diferente, se quer procurar aí ensinamentos teológicos e místicos, está bem, se pode fazê-lo; mas para isso precauções imensas são necessárias; não se deve precipitar-se em interpretações mais ou menos arriscadas. Antes de tudo a Boa Madre pensava e falava como fala o Evangelho, como Nosso Senhor e a Santa Igreja falam. Se tomam os escritos da Boa Madre no sentido da vida mística, tenham cuidado com muitas coisas: com a imaginação, com o preconceito, com interpretações, que podem facilmente tornar-se errôneas. Não é muito fácil explicar bem o que gostaria de os fazer entender. Eu queria escrever isso, mas essas coisas não se escrevem...

Por exemplo, usam os escritos da Boa Madre; querem conduzir uma alma até a perfeição com esses escritos; prendem-se a essas coisas sobrenaturais, a essa dádiva particular de Deus, que para ela se encontrava às

vezes no caminho; não se comprometam com esse caminho a não ser com o sumo cuidado. Tomem como guia a Vida da Boa Madre. Digo-o perante Deus; eu não acredito que se possa admitir na Boa Madre caminhos sobrenaturais além dos que eu escrevi na Vida dela. Rezei bem; meditava bem perante o bom Deus as palavras que a Boa Madre me dizia durante quarenta anos. Fora do que eu disse, não acho prudente que a Congregação entrasse num outro terreno, a menos que seja algo completamente especial e extremamente seguro. Alguém vem e lhes diz: eu li os escritos da Boa Madre e eis o sentido que eu encontro... Escutem o que se lhes disser: se tudo que se lhes é dito, for perfeitamente conforme à sã doutrina, se a pessoa manifesta uma grande humildade, uma plena caridade - são essas as virtudes favoritas da Boa Madre - está bem, escutem e, precavendo-se com prudência, pois estão à margem de um precipício, ajudem essa alma a caminhar nesse caminho. Trata-se do fruto de uma graça toda particular de Nosso Senhor.

Desde que a Boa Madre escreveu, falou, muitas almas têm tentado entrar em seus caminhos sobrenaturais. Quantas delas chegaram? Poucas, muito poucas. Existem algumas que forçam a imaginação, que se cansam e não alcançam uma vontade mais decidida para fazer o bem: então não é verdadeiramente de Deus. Outras abusam das palavras da Boa Madre de maneira imprópria e fazem ela dizer o que jamais pensou. Mais uma vez, eu pensava escrever essas coisas; escrevê-las-ei talvez mais tarde, se eu puder. Entretanto era necessário lhes falar disso. Toda vez que encontrarem esses caminhos sobrenaturais, tomem cuidado, suspendam seu juízo, esperem que a prática das virtudes e o tempo lhes forneçam provas seguras. A Boa Madre Maria de Sales, quando bem entendida, é de um grande auxílio para as almas piedosas. Os que entram por esse caminho, se mantêm aí e caminham com ardor: é o verdadeiro caminho, é o Evangelho, é Nosso Senhor tal qual era, são seus intérpretes no sentido óbvio, é ele: a gente o reconhece. Todo mundo pode entrar por esse caminho, progredir com perfeita tranquilidade: é uma doutrina interior, perfeitamente segura; Roma a aprova inteiramente. Não foi achada uma letra para ser mudada na Vida da Boa Madre. Só uma palavra não foi aprovada, me disseram; mas ela não é vossa, acrescentou-se, ela é do médico de Lyon que opina sobre a realidade de um milagre. Eis a maneira segura, firme e prática de interpretar a Boa Madre: limitar-se ao que eu disse na Vida.

Interpretar as palavras da Boa Madre em outro nível, numa esfera mais elevada é coisa muito delicada e muito difícil. Não concordem imediatamente, não rechacem tampouco logo no início as aproximações, as aberturas neste sentido, que pode ser a verdade. "Nolite extinguere spiritum." (1 Tess 5,19) Poderão opinar sobre uma árvore apenas por suas frutas, logo que as sementes não são semelhantes às sementes comuns.

Afinal, podemos dizer sobre os escritos da Boa Madre o que São Jerônimo dizia sobre os escritos do Doutor Santo Hilário: percorrei suas obras com o pé leve e seguro, pois é um guia sempre seguro. Ele sempre caminha o bom caminho. Há a segurança de jamais se afastar do caminho direito com a Madre Maria de Sales; sua doutrina do Evangelho é a fé tradicional. Vivam essa vida e façam a outros vivê-la. É a verdadeira e segura doutrina.

Para a direção espiritual, assumam inteiramente seu espírito, suas devoções, sua maneira de ver quanto à Santa Igreja, quanto ao nosso Santo Padre o Papa, ao clero, aos padres. Na nova edição, não tínhamos trabalhado muito ainda; eu temia que essa doutrina da Madre Maria de Sales, assim exposta em plena luz, parecesse estranha a alguns e eu não disse tudo. Recolhi um grande número de palavras que ela disse sobre o sacerdócio, a missão do padre, a ação de Nosso Senhor nela, suas relações com a Santíssima Trindade. São coisas tão verdadeiras, tão marcantes, que poderão produzir muitíssimo bem e renovar o fervor de muitos padres. Acrescentarei alguma coisa no que concerne aos Oblatos. Eu falarei mais sobre sua origem. Eu mandarei esses dois capítulos a Roma. Corrigirei também alguns erros de datas, algumas inexatidões sem importância; mas não afetarei em nada o resto da Vida.

Apeguem-se bem a essas coisas e esse modo de ver, de agir, de falar e de instruir; isso é católico, tão verdadeiro. Quando eu estava com o Padre Deshairs no Vaticano, dizíamos: isso é estranho! Como todo isso é típico da Boa Madre, como tudo isso nos é familiar... Eu entrava onde estava o Cardeal Chigi e, no mesmo instante, saía Dom de Ségur. Reconhecendo-me, exclamou: Oh, o padre Brisson! Ele vem com a Madre Maria de Sales e com ela se tem tudo, se tem as chaves de todas as portas. O Cardeal disse por sua vez: Certamente todos estamos bem convosco e eu mais do que qualquer outro. Vossa Boa Madre é a filha de São Francisco de Sales que foi canonizado por meu tio-avô. Deveis dar-me um Diretório; ouvi tanto falar nele.

Nossa palestra tem demorado muito. Não perdemos nosso tempo, pois tratamos assuntos de suma importância. Que confessem um pouco como todo o mundo; não há muito mal nisso; mas não se deve dirigir as almas como todo o mundo. As pessoas vêm aos Senhores como a São Francisco de Sales. Quando se quer uma jóia, vai-se ao joalheiro e não a outro lugar; importa que possam dar exatamente o que se lhes vem pedir.

O I T A V A I N S T R U Ç Ã O

A C A R I D A D E

Continuemos com o retiro como o começamos: em silêncio, recolhidos, orando interiormente. Evitemos qualquer dissipação. Quando um retiro tem sido bem feito e no fim a dissipação invade, o que estava bem feito, se perde; as frutas não ficam mais na árvore; caem antes de madurar; não servem para nada. Mantenham sua boa vontade e coragem até o fim. Sejam fervorosos e generosos no último dia como no primeiro.

Esta noite, preciso falar-lhes sobre nosso quarto voto. Esse voto é mais essencial para os Oblatos do que todos os outros. É o voto de caridade. Primeiro, será que entendemos bem essa palavra: caridade? Em geral, essa palavra se entende como estar bem com todos, não maldizer, não difamar, não fazer sofrer demais aos outros. Partindo desse princípio, sucede que muitas pessoas se julgam caridosas, enquanto, na verdade, faltam à caridade. Existem pessoas que pensam não ser obrigadas a ser caridosas com seus Superiores. Os Superiores não contam. Não há muitos que, ao fazer o exame de consciência, admitem, que não têm sido caridosos para com seus Superiores. Nem se lembram disso. Pois bem, essa é a primeira das caridades.

Por que? Porque devem ser caridosos para com todos, sobretudo em relação a seus Superiores; eles têm mais direito à sua caridade do que qualquer outro. Não é um ato da mais alta dignidade olhar de longe aquele para com quem se pratica a caridade. A caridade não é, propriamente dito, uma esmola; a esmola é só uma pequena parte da caridade. O dever da caridade se refere primeiramente aos Superiores.

Os Superiores têm direito à sua caridade, primeiro porque são seu próximo; depois, porque têm mais direito do que os outros à sua compaixão e afeição. Muitos acreditam que o ser Superior na vida religiosa eleva acima dos outros. Isso está errado. O ser Superior é apenas um serviço. O Papa é apenas o servidor dos servidores de Deus, servus servorum Dei. Isso é a verdade no pleno sentido da palavra. Não há um religioso que esteja tão submetido quanto o Papa.

É necessário praticar a caridade para com os Superiores, porque eles têm um encargo, cujo exercício não é sempre agradável. Convém compadecê-los. Ser Superior é visto como algo agradável. O cargo é pesado; já se deve obedecer à Regra a gente mesmo e depois fazer com que os outros obe-

cam. Quem é verdadeiramente Superior não é o indivíduo, mas a Regra. A autoridade do Superior não vai além da Constituição. Somos obrigados a obedecer a ela como os demais, mais do que outros. Muitos não pensam faltar à caridade, quando fazem o cargo de Superior duro e penoso para aqueles que o exercem. Eu não estou falando em relação comigo. Claro, que ninguém me faz dura minha vida de Superior: nesse sentido eu não seria razoável, se me referisse a mim. Mas estou falando sobre todos os outros, os diretores de colégio, os Superiores de comunidade, sobre quem tem qualquer cargo de maior responsabilidade, uma incumbência a atender. Não consideram, então, o problema que tem. Pensam que ele está bastante recompensado pela honra que acompanha o cargo. Essa honra é uma fumaça. Aliás, não há nenhuma honra em ser o primeiro. Nosso Senhor foi quem disse: o primeiro será o último. (Mc 10,14)

Eis alguém encarregado de manter a ordem, a observância. Faltam à caridade para com ele. Destacam os defeitos dele. A consciência os acusaria certamente, se agissem assim com um inferior ou igual... Que pensem nisso e se acusem de qualquer falta de caridade para com o Superior. Essa conduta é tão contrária ao espírito de São Francisco de Sales, que ele diz expressamente que Deus vê os religiosos, que lhe pertencem, no coração de seu Superior. Qualquer outra porta lhes está fechada. É a porta da sala do banquete. Se estiverem em outro lugar, não serão reconhecidos: "Nescio vos". (Mt 25,12) Não são caridosos para com o Superior, que se esforça em conduzi-los, e admoestar os outros não é agradável; é bem mais difícil infligir uma advertência do que recebê-la. Vejam o que a Sagrada Escritura diz, do início até o fim. São Paulo, nas opiniões que ele formula sobre a vida cristã, recomenda que não se faça difícil o mandato para aqueles que o exercem, mas que se os cerque de atenções, de respeito e que se preste auxílio desse modo aos encarregados. Por outro lado a teologia nos diz que a falta de caridade para com um Superior é mais grave do que em relação com um igual. E isso é evidente. Isso acarreta mais a supressão da graça. A confiança nos Superiores é, conforme o espírito de Nosso Santo Fundador, a árvore da vida e a árvore da morte. Se tocarem ao Superior, tocarão a Nosso Senhor na menina do olho. Os Senhores faltam à caridade; cuidado, não ofendem a caridade apenas, mas também as virtudes de religião e justiça; atacam três virtudes ao mesmo tempo. E para dizer-lhes tudo o que penso, estou convencido de que isso é o maior pecado que um Oblato possa cometer, no que diz respeito a sua vocação. É a falta religiosa mais grave, a que Deus pune mais. Ele castiga na comunicação com o Superior, nessas boas relações que são o prazer da vida religiosa, que fazem dela uma vida tão feliz, tão boa, tão

frutífera. Tenham muito cuidado com isso. É o maior pecado dos Oblatos, a maior falta que possam cometer. Cuidem disso; confessem-se, se estão culpados e corrijam-se.

Nosso espírito é o de São Francisco de Sales, o da Visitação. Santa Joana de Chantal instava com São Francisco de Sales que fundasse padres, que tivessem esse espírito. E São Francisco de Sales respondia: Padres, isso é bem difícil! Pensei nisso, mas até agora só consegui formar um e meio. Por que? Pois os padres deste país são demasiadamente racionadores e não possuem a suficiente caridade. Sabem o resto da história e como, após a morte de São Francisco de Sales, a Santa Joana ajudou para a fundação dos Oblatos, que existiram um certo tempo. Então os Senhores são Oblatos para se conformar com sua Regra, com o padrão que São Francisco de Sales talhou. Ele teve apenas tempo para fundar a Visitação.

Na Visitação, a Superiora, a oficiante são respeitadas e obedecidas cada uma na sua função. Toda religiosa que não é submissa à sua Superiora, à sua oficiante é uma má religiosa: é uma peste. Em outra parte, em uma outra comunidade, se uma Irmã não concordar com a Superiora, se se permitir uma palavrinha contra ela, isso não será maravilhoso, é claro, mas - ela ainda possui uma parte nas graças da comunidade. Na Visitação, isso é impossível. A caridade, a obediência, a confiança para com a Superiora são condições essenciais... Mas há então uma quantidade de deveres para cumprir? Sim! Se fossem Cartuxos, passariam as noites de inverno numa igreja aberta a todos os ventos; ficariam três horas cantando o ofício; teriam as mãos e os pés frios; depois voltariam para deitar-se sobre uma esteira. Essas são as mortificações dos Cartuxos. Os Senhores fazem as mortificações de São Francisco de Sales. Isso rebaixará o caráter? Isso não será prova, ao contrário, que se tem meios, energia, força de vontade, nobreza de alma? Eu estou aqui; eu prometi observar a caridade; eu não faltarei com isso. aí está a verdadeira prova de ter caráter, virilidade. Nossa mortificação em particular é a caridade para com todos, notadamente em relação aos Superiores...

Sei bem que isso custa. Quando a gente é encarregada de nada especial, quando não se tem nenhuma responsabilidade, uma quantidade de coisas, de decisões dos Superiores ferem o juízo próprio, as idéias que a gente se formou sobre tal ou tal assunto. Eu não digo que não. Não digo que estejam errados com suas idéias, com seu juízo. Mas eu digo que não devem faltar à caridade para com os Superiores e que não devem vacilar em submeter seu juízo para fazer o que lhes foi dito que fizessem. Submeter seu juízo, que quer dizer isso? Será que devem mudar seu modo de ver e julgar e em seu foro interno adotar completamente a opinião de seu Superior?

Não, não é isso que se pede; seu Superior não é infalível e está sujeito a enganar-se. O que se deve fazer é deixar sua maneira de ver, seu juízo próprio e se submeter inteiramente e de bom grado à obediência dada.

Estamos entre nós, podemos falar francamente: isso nos faz muita falta. Outra vez, isso não é meu caso; mas que cada um se examine, nos detalhes de sua vida. Não temos essa caridade para com os Superiores; em tal encargo, em tal função, criticamos, julgamos, somos verdadeiros revolucionários. Ora, meus Amigos, para quem é religioso, ser revolucionário é uma coisa idiota e estúpida. É a revolução instituída, na qual todos se atacam, julgam e criticam. Por que não proceder francamente? Eis o caminho reto, o dever: é a obediência simples e silenciosa: eu obedeco. Portanto, caridade para com os Superiores. Sabem o que vale isso? Nosso Senhor vê o ato que fazem; esse ato muitas vezes é heróico para os Senhores. Pensam que passa despercebido para Deus? Nosso Senhor derramou seu sangue pelos Senhores; e os Senhores também lhe dão algumas gotas de seu sangue; crêem que as desprezará? Sejam, pois, caridosos. Que não se possa dizer de nós que não sejamos mais caridosos na vida religiosa que a gente no mundo. E no próprio mundo, nas famílias que conservaram os costumes cristãos, nas famílias antigas, jamais se fala sobre os amos como de inimigos. Confessem-se escrupulosamente das menores faltas que tiverem cometidas contra a caridade para com os Superiores.

A caridade entre iguais. Essa é menos difícil; estamos mais acostumados a nos cuidar disso. Bem nos damos conta quando faltamos à essa caridade. O espírito de São Francisco de Sales reclama tanto essa caridade, se baseia tanto nessa caridade que, em sua nova Ordem, ele queria apenas um voto, um só, o voto de caridade. Com efeito, esse voto obriga a tantos sacrifícios, faz-nos renunciar tanto a nós mesmos, tem tanto efeito sobre nossa vontade, que é impossível praticar bem a caridade para com o próximo sem tornar-se um santo. Por isso nosso Santo Fundador queria apenas um voto.

Sejam atentos em não ferir nossos irmãos, em não julgar mal deles em nosso coração, em não falar mal deles: "Tu quis es qui judicas?" (Rom. 14,4) Coloquem-se perante Deus, que julgará aos Senhores; ponham-se diante de sua consciência clara e nítida. Assim seremos sempre caridosos. É claro que se tem que fazer sacrifícios para chegar a isso; mas lembremo-nos que é nossa disciplina própria, nosso jejum, nosso dormir no duro. É isso nossa vida religiosa; é o verdadeiro exercício do Oblato, seu sacrifício, sua luta, seu sofrimento: a caridade.

O que arriscaremos todos nós ao fazer o voto de caridade durante este retiro com o consentimento de nosso confessor? Não o fazemos, claro,

in perpetuum, mas por três meses por exemplo. Treinar-nos-íamos por esse tempo na caridade; já vale a pena. Será que a caridade é coisa fútil? É uma prática de devoção sem importância? Entendamos que o exercício da caridade é um exercício dos mais importantes, fundamental, essencial para nossa vocação. Eu acho inútil desenvolver-lhes as razões sobre as quais se apoia esse dogma de caridade fraternal. Qual é o grande mandamento de Nosso Senhor? Depois de: "tu amarás o Senhor teu Deus", o que ele acrescentou? Ele acrescentou algo, que é o mandamento próprio dele, seu preceito: "tu amarás teu próximo como a ti mesmo", por amor de Deus. Nosso Senhor nos fez a honra de descer do céu; tomou um corpo e uma alma; veio entre nós ensinar-nos uma coisa, seu mandamento, a caridade para com o próximo. Na Ordem de Redenção, não nos enganemos quanto a isso, esse mandamento vem, por seu mérito, antes do mandamento de amar a Deus, pelo menos no sentido de que isso é o mandamento de Nosso Senhor. O amor a Deus, de certa maneira, será menos recompensado do que o amor aos homens. Deixem eu afirmar, meus Amigos, que o amor a Deus é menos meritório do que o amor ao próximo. Amar a Deus não é difícil; amar o próximo, pelo contrário, é muito difícil; isso exige um ato de vontade mais intenso, um sacrifício mais completo do que o amor a Deus.

Vejam como é difícil. Outrora, encontrava-se facilmente nas paróquias uma categoria de pessoas às quais se tinha dado o nome de devotas. É claro que não era a verdadeira devoção, a devoção como a entendia São Francisco de Sales. Em todo caso essas pessoas amavam a Nosso Senhor, se consumiam de amor por ele. Isso era de admirar? Não, mas afinal era um sentimento bom. O que é que se reprochava a essas devotas? Que não praticavam a caridade, que sua língua era má. E por isso eram detestadas. Vejam a diferença existente entre o amor a Deus e o amor ao próximo.

Outra vez, que a gente não se engane; nosso amor ao próximo nos obriga bem mais rigorosamente ainda do que o amor a Deus. O amor a Deus asseguradamente é que deve reinar antes de tudo em nosso coração; mas o amor ao próximo é um ponto não menos fundamental da vida religiosa; além disso, é um sacrifício, uma penitência que custa, que exige uma grande generosidade.

Será bom então, muito bom, pensar sobre o que acabamos de ouvir durante o retiro e tomar boas e fortes resoluções a esse respeito. Aqueles entre nós, que se sentirem atraídos, agirão bem ao fazer o voto de caridade, incluindo nele tudo: a caridade para com os Superiores, com os iguais e os inferiores. Não nos obrigamos a esse voto sob pena de pecado, mas por amor ao Nosso Senhor, por nossa vocação, com receio de desagradar a Deus, para

oferecer ao Nosso Senhor uma vida mais perfeita e que lhe seja então mais agradável, para mostrar-lhe que os Oblatos são generosos, que eles não querem levar uma vida religiosa de qualquer maneira, indecisa, infrutífera, mas ser verdadeiros religiosos, coerentes consigo mesmos, repletos de convicções decididas e enérgicas e verdadeiramente de acordo com sua vocação. Claro, que isso custa muito; haverá necessidade de muitas tentativas para se chegar a praticar este voto de maneira perfecta. No início talvez obtenham resultado uma vez em dez: isso já será algo; depois será uma vez em oito e assim por diante.

O que mais impressionou os juízes em Paris, nos depoimentos feitos no processo para a Boa Madre, foi quando eu disse que nunca achara nela o menor indício de falta de caridade. O Padre Pelgé, o Vigário Geral, quem presidia, ficou vivamente impressionado por essa afirmação: "Eis uma boa prova", ele acrescentou. "Podeis agora dizer tudo o que quiser, nada igualará o que acabais de dizer. A causa se julga nessa base. É heroísmo verídico."

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

N O N A I N S T R U Ç Ã O

N O S S O M O D O D E E N S I N A R ,

D E D A R C A T E Q U E S E E D E P R E G A R

Vamos concluir o retiro em Foicy. Será agradável para nós. Foicy faz recordar muito boas lembranças para alguns dos Senhores. Lá fizeram sua profissão; lá foram admitidos ao noviciado. Sempre recomendo muito o recolhimento durante este último dia. Tenham muito cuidado! Mais uma vez, o retiro é que faz o retiro. Os exercícios fielmente atendidos, um após o outro, ocasionam a graça e nos fornecem os materiais necessários para o edifício que devemos levantar durante o ano.

A missão do Oblato não é somente a direção espiritual, mas também a instrução: "Ite, docete omnes gentes". (Mt 28,19) Instruir é nossa missão. Instruimos de diferentes maneiras, dando aula, pela catequese e pregando. E nos imaginamos tão facilmente que dar aula é especialidade nossa e o fazemos de nosso modo, pensando que essa maneira naturalmente é a melhor que há. Isso não pode continuar assim. Não vale a pena formar uma Congregação, se cada um age de sua maneira, de seu modo. Então seria melhor que todos fôssemos vigários, capelões, professores e cada um faria como bem entender. Será que isso quer dizer que a uniformidade deve ser completa, que todo o mundo deve se parecer absolutamente, que não se deve considerar de nenhuma maneira os sentimentos próprios, as idéias próprias? "Alius sic, alius autem sic". (1 Cor 7,7) Que cada um siga, sem dúvida, seu talento, sua inspiração, sua idéia, seu modo de dizer e fazer numa certa medida, mas essas divergências sejam apenas detalhes; que todas essas maneiras de fazer e pensar sejam reguladas, alimentadas, inspiradas pelo espírito da Congregação. Serão então exatamente como galhos, pimpolhos tomados de um sujeito qualquer e enxertados sobre a árvore que lhes fornece a seiva e a força. Suponham um galhinho que plantam na terra; resseca-se; não cria raízes. Enxertem-no num sujeito vigoroso, que lhe dará seiva, o alimentará e produzirá frutos excelentes. Eis porque uma Congregação dá frutos, porque é um princípio único sobre o qual se prendem, se unem e vivem diferentes ramificações.

Ensinam; ora, para ensinar é preciso saber alguma coisa. Não se

ensina, quando não se sabe nada. Dão aula; não podem fazê-lo sem saber nada. Daí a absoluta necessidade de estudar. O primeiro ano em que estudava teologia, eu estava apavorado pelo que diziam os teólogos. Os teólogos criam casos de consciência espantosos para os que estudam. O médico é responsável pelas desgraças que sua ignorância provoca; o advogado responde em consciência pelas perdas de dinheiro, causadas por sua negligência, com relação a seus clientes. O Senhor é professor; foram-lhe confiadas crianças para as quais os pais se sacrificam; não está respondendo com sua dedicação ao que se tinha direito de esperar do Senhor; deve restituir aos pais. Eu sei bem que na prática isso seria bastante difícil. Mas não é menos verdade que cometeu uma injustiça para com os pais, que lhe deram seus filhos e que, conseqüentemente, o Senhor tem a obrigação de restituir; isso é o *ã-bê-cê* do tratado da justiça. Não são os Jansenistas nem rigoristas, que dizem isso; é São Liguori e todos os demais. Como quer dar aula se não sabe fazê-lo, se não está preparado? Cada aluno custa na média mil francos para seus pais, digamos. O Senhor tem vinte alunos, são vinte mil francos, que lhe são confiados, assim como se os entregaria a um banqueiro e o Senhor deixa dissipar-se por sua culpa. Depois virá queixar-se que está sem fé, sem amor a Nosso Senhor; o Senhor tem as condições requeridas para cumprir com a tarefa que lhe foi assinada?

Portanto, por razões de justiça, não pode dar aula, se não a preparou, se não fez os estudos suficientes; e quem considera uma aula como um picadeiro, ao qual se ata um cavalo, está equivocado. O cavalo caminha e dá sua volta mais ou menos. Mas se o professor agir como o cavalo e se considera a si mesmo como um animal de carga, aplicado em sua tarefa, esse não tem coração nem inteligência. O que ele faz é profundamente humilhante. O que lhes digo não é severo demais. Eu lhes digo o que São Paulo dizia: "*Ideo inter vos multi infirmi et imbecilles et dormiunt multi*". (1 Cor 11,30) Eis o motivo de seu sono e de sua fraqueza. É, pois, preciso estudar, é necessário seguir os programas; e a pura e simples razão disso tudo é a justiça para com as famílias dos alunos. Mais uma vez, os teólogos vão muito longe quanto a esse ponto. Releiam a teologia e verão. Não se pode eximir de pecado grave a um professor, que perde seu tempo. O autor antigo que estudei, chegava a contar as horas. Eu, certamente, não iria até lá. Não se pode medir uma obrigação moral em quilos ou números. Mas não deixa de ser verdade que existe aí uma obrigação grave, que acarreta facilmente um pecado mortal. Nenhum teólogo lhes dirá o contrário. Estão, pois, obrigados a trabalhar, a empregar bem seu tempo. Trabalhem de acordo com seu programa, com sua aula a dar. E lembrem-se de minhas palavras de hoje: um professor, que não estuda, se coloca numa situação de pecado: esse pecado facilmente se torna grave e é um pecado contra

a justiça, que, conseqüentemente, requer restituição.

O que lhes estou dizendo sobre o ensino na aula, digo mais ou menos da mesma forma sobre o ensino do catecismo, do ensino dado do alto do púlpito. Não é mais facilmente permitido dar catecismo e falar aos fiéis do alto do púlpito sem dominar o tema, do que dar aula em condições semelhantes. É preciso estudar para o catecismo. Deve-se seguir o método indicado; importa compenetrar-se bem do que se tem que fazer. Se são crianças, se deve explicar-lhes o texto do catecismo; deve-se usar os meios considerados os mais adequados para fazê-los aprender a recitar esse texto. É importante dar-lhes explicações nítidas, claras, ao alcance da inteligência delas. É bem mais difícil dar catecismo a crianças do que fazer um curso para adultos, até para gente instruída. Importa saber não só o que se quer dizer; mas se deve saber pô-lo ao alcance das crianças, fazê-lo entender por essas inteligências, que ainda não despertaram. É preciso tornar a doutrina interessante, misturá-la com anedotas, histórias, fatos, comparações, exemplos da Sagrada Escritura, da vida dos santos... Para dar bem catecismo é enorme a quantidade de coisas que se precisa saber. Está diante das crianças e não tem nada para dizer, o Senhor segue dizendo disparates, enquanto as crianças bocejam e não entendem nada. Se dá bem catecismo, os olhos deles se arregalam, o olhar diz que entendem, que compreendem.

Para dar bem catecismo é preciso saber bem a teologia, a Sagrada Escritura, para usar um sem-número de anedotas do Antigo e Novo Testamento, das palavras de Nosso Senhor, da doutrina dos Livros Sagrados. É preciso conhecer as coisas que estão acontecendo hoje, para prevenir as crianças contra tal doutrina falsa. Nada mais difícil do que dar catecismo às crianças. O homem mais inteligente, o mais capaz, o mais eloqüente é aquele que se fizer entender melhor pelas crianças; e ele dará tanto melhor catecismo, quanto melhor souber. O método, dado por nosso Santo Fundador aos padres, é excelente; não caducou. São Francisco de Sales o usou com muito êxito; ele formou os países, que se mantêm os mais firmes. Esse país, sem dúvida, sofreu a influência do mal como os outros; mas pode-se constatar que ali a fé está extremamente bem implantada. Dom de Orléans dizia que se se queria encontrar o acerto no juízo, a delicadeza nas maneiras, a suavidade da fé, era preciso ir à Savóia. Sobre isso ele disse coisas magníficas; ora, quem é que fez a Savóia o que ela é? Não foi São Francisco de Sales?

Falemos agora da pregação, das instruções a ser dadas do alto do púlpito. Devemos compenetrar-nos de uma verdade, uma verdade muito importante. Para pregar, cada um não deve limitar-se a tomar um livro de homilias e

repetir um sermão daí de qualquer maneira. Há uma primeira observação para fazer. Atualmente, não se deve mais, ou quase não mais fazer sermões. Suponham um dia de festa de padroeiro, uma grande festividade, bem, preguem um sermão. Fora disso, proibo-lhes fazê-lo. É relamente uma ação mal acertada? Hoje em dia ninguém escuta sermões. Quando fizerem, casualmente, uma pregação, cuidem de não anunciar o primeiro ponto, o segundo ponto. Seríamos insípidos para todos os ouvintes. Isso era bom outrora, para os predicadores de antes de Revolução, quando os ouvintes eram pessoas, que tinham feito seus estudos, sua teologia, assim como hoje em dia se estuda direito, e se tinha um grande prazer em perorar e desenvolver um sermão bem subdividido e bem erudito. Quem, hoje em dia, pode ouvir uma pregação? Eu assisti um dia a um sermão na igreja de São Nicolás para a sociedade das Damas de Caridade. Ao meu lado estava um padre respeitável, bastante original e arteiro, antigo pároco de São Pantaleão, o Padre Boulage. O pregador anunciou seus três pontos. Quando tinha terminado o primeiro, o Senhor Boulage se inclinou para mim e, olhando o relógio: Quanto dá, quando vai a um sermão de Caridade? - Quarenta tostões. - Eu dou apenas vinte tostões; não sou tão rico quanto o Senhor. Mas quer transmitir um bom conselho ao pregador? Vá dizer-lhe: Pregador, o Senhor acaba de anunciar três pontos; ora, eu dou mais vinte tostões, se forem só dois; e se quiser parar aí, até onde chegou com o primeiro ponto, eu ofereço quarenta tostões. Que se levante uma moção pública, verá que todo o mundo triplicará a oferta. Por mim, eu teria dado com prazer seis francos para não ouvir os dois últimos pontos. Anunciam seus pontos: a gente instruída antecipa a pregação do Senhor; os outros se aborrecem e dizem: como isso vai demorar! Fenelon não queria que se anunciasse alguma divisão; tinha razão. Isso quer dizer que um sermão não deve ter ordenação e seqüência? Não estou dizendo isso. Pelo contrário, tudo deve ser bem ordenado, bem subdividido. Mas cuidem bem de não expor antecipadamente sua mercadoria. Coordenem para si, mas não digam nada.

Outro conselho bem importante. Quando têm que fazer um sermão para uma obra beneficiente, por exemplo, organizem-se para não demorar meia hora no primeiro ponto, vinte minutos no segundo e quinze minutos no terceiro. Não se deve falar assim. É uma coisa mal acertada. Vejam as homilias dos Santos Padres, de São Crisóstomo, de São Bernardo. Duravam quinze, vinte, vinte e cinco minutos no máximo. Sabemos exatamente quanto duravam, pois as temos escritas. Por que ultrapassar esse limite? Vinte e cinco minutos no máximo, eis a regra. Eu estou falando dos sermões; no caso de uma instrução, o catecismo, uma conferência de retiro, poder-se-ia ir um pouquinho além disso... Mas cuidemos para não demorar.

É preciso suscitar interesse. O que dizem, seja escutado, lembrado por aqueles a quem é dirigido. Para isso, sirvam-se da Sagrada Escritura, da teologia, da vida dos santos, dos fatos edificantes, que recolhem. Isso é absolutamente necessário, quando se fala em público e se quer ser escutado. Mas tudo isso não se aprende por intuição; é preciso trabalhar, é necessário estudar. Todos devemos ter uma caixa na qual colocaremos folhas soltas - como as dos deveres dos estudantes de alunos - cada uma com seu título e ordenadas alfabeticamente. Poremos aí o que acharmos interessante em nossas leituras, em nossos estudos. Aparece um lindo pensamento sobre a fé, sobre a mortificação, sobre Nosso Senhor, sobre Nossa Senhora, então o transcrevem para a ficha, intitulada "fé", "mortificação", etc.... Se esse pensamento for um pouco longo e se não quiserem incomodar-se a transcrever tudo, tomem algumas palavras, algumas linhas, o sentido e remetam ao livro e à página na qual mais tarde poderão encontrá-lo facilmente.

Eu ouvi, outrora, com imenso prazer as palestras do Padre Gratry em Saint Etienne du Mont, dirigidas aos alunos das Escolas. Ele estava sentado a uma mesa, à sua frente tinha seus livros, um de Homero, outro de Newton; ele estava falando sobre as estrelas; sempre falava sobre as estrelas; ele escolhia um tema qualquer, usava suas notas, lia alguns extratos que ele marcara anteriormente nos livros que trouxera. Homero disse tal coisa, Newton disse outra... É claro, que não se pode fazer isso com todo o mundo; mas se pode fazer algo semelhante e que seja interessante para os ouvintes. Ora, o Padre Gratry era extremamente interessante; suas instruções tinham um encanto incomparável. Nós também falaremos de uma maneira interessante e nova, se recolhermos assim o que tivermos achado de novo e interessante em nosso caminho.

Eu vou contar-lhes mais uma anedota sobre o Padre Boulage. Ele tinha convidado um jovem sacerdote para pregar na festa paroquial. O pregador pregara um sermão bem estudado, bem articulado, bem acabado. Na sacristia, contava com elogios, pois estava seguro de ter falado muito bem. Diga-me, lhe diz o Padre Boulage, a quem falou? Mas Padre Vigário, a seus paroquianos. Aos paroquianos do século passado, mas não aos meus. Não entenderam nada do que falou. Era necessário, então, mudar sua introdução e evocar as almas e os corpos dos paroquianos de outrora. Devia-se dizer: Ó todos vós, que estais descansando sob as lajes mortuárias desta igreja, paroquianos de cem ou duzentos anos atrás, levantai-vos e vinde escutar a palavra de Deus. Isso teria sido muito bom; teriam ficado contentes. Falastes com uma linguagem, com idéias que, há cem anos, os teriam encantado. Falastes a meus paroquianos, que estavam embaixo da terra e não aos que estavam sentados nos bancos e que não compreendem mais nem vossa linguagem, nem vossas idéias. Resolvi, quando eu

vos convidar de novo, e eu estou vos convidando para o ano que vem, dirigir-vos não a meus paroquianos mortos mas aos vivos. Eu ouvi o sermão do pregador no ano seguinte; tinha aproveitado a lição e ele falava duma maneira interessante e prática às pessoas que estavam diante dele.

Ao pregar, deve-se usar livros de homilias? Sem dúvida, é bom ler nisso; isso fornece idéias. Façam seus sermões com essas idéias. Mas não apresentem ao pregar páginas de um livro de sermões. Tomem as idéias; arrumem-nas, acrescentem sua reflexão pessoal e o que tiverem achado de interessante em suas notas; de tudo isso façam uma amálgama que, se for bem digerida, bem adequada a seu auditório, fará com que os Senhores mantenham sua identidade e que despertem interesse.

No caso que se dedicam a trabalhos manuais, façam igualmente como eu digo; perscrutem, instruem-se, estudem; colherão muitas coisas interessantes que apontarão, que lhes serão úteis em seus próprios trabalhos, que os aperfeiçoarão e lhes servirão no futuro. Façam bem como estou dizendo; tenham suas fichas, não um caderno; um caderno aborrece; não se pode achar o que se procura. Eu comecei e jamais pude continuar. Na terceira página, eu achava o que eu escrevera, era tolo, estúpido, ridículo. Com folhas soltas, eu não teria tido a mesma tentação. Uma palavra encontrada nas anotações lembra o livro que se leu; isso desperta outras idéias; isso amplia os horizontes; a gente fica novo.

Eu perguntei a Dom Landriot como conseguiu que seus livros fossem tão interessantes, tão variados. Dê-me seu segredo, eu lhe disse; deve possuir uma biblioteca bastante considerável. Eu não tenho outra biblioteca do que a do Arcebispado; mas venha, eu vou lhe mostrar minha verdadeira biblioteca. Num escritório diminuto me mostrou um móvel pequeno: eis minha biblioteca, disse. Abriu uma caixinha que estava nesse móvel: eis como eu trabalho. Eis a palavra "liberdade": tenho algo que dizer ou escrever sobre a liberdade, aqui eu acho tudo o que li sobre essa idéia; isso é minha fonte de inspiração; outras idéias aparecem e três quartos de minha tarefa estão feitos... Convido-os, meus Amigos, a fazer o mesmo. Como seu Pai e Superior lhes peço que o façam por obediência. Comecem modestamente, com algumas folhas de papel. Seu tesouro irá aumentando pouco a pouco.

Vamos tomar, então, a resolução de não desperdiçar nosso tempo, de trabalhar para nossa instrução. Pediremos a Nosso Senhor que queira deixar tornarmo-nos um pouco instruídos. Recebemos uma missão, que exige isso. Tentemos cumprir dignamente os desejos de nosso Santo Fundador.

I N S T R U Ç Ã O D E C O N C L U S Ã O

A E D I F I C A Ç Ã O D O P R Ó X I M O

"Euntes docete omnes gentes." (Mt 28,19) Essa é a última recomendação de Nosso Senhor para os Apóstolos antes de voltar para o céu. Eu creio, meus Amigos, que devemos aplicar essas palavras a nós, ao sair de nosso retiro. Vamos instruir todos aqueles com quem nos encontrarmos. Instruam-nos como lhes disse durante o retiro, pelo conhecimento, pela doutrina; instruam-nos também pela boa influência que exercerem em redor dos Senhores, pelo exemplo que derem: "docete omnes". Os fiéis com quem não chegamos a falar uma palavra sequer, um aluno ao qual não diremos nada, todas as pessoas que nos vêem apenas ao passar, e são muitas, como podem julgar-nos? À essa ordem de coisas apliquemos a palavra de Nosso Senhor e aproveitemo-la; preguemos e ensinemos pelo bom exemplo. Esse bom exemplo não deve ser o resultado de um cálculo, de um controle passageiro sobre si mesmo. "Regnum Dei intra vos est". (Lc 17,21) O poder, o reino de Deus se efetua primeiramente em nós, intra; é preciso, como o nosso Santo Fundador diz, que sua virtude superabunde nos Senhores mesmos, que ela seja muito fielmente praticada nos Senhores mesmos, para que possa penetrar todo nosso ser e assim passar a edificar o próximo.

Sejamos os que edificam em nossos colégios. Será que sempre edificamos? Pensamos que os alunos nos imitarão e eles darão como desculpa: eu faço como Padre Fulano. Eles são superficiais, distraídos, muito bem, mas isso observam com muito acerto. Não se enganam ao nosso respeito. Propo-nham-se, portanto: serei tão piedoso que me tornarei um santo. Será apenas uma boa prática a mais, isso que lhes estou indicando? Não, meus Amigos, nos é uma obrigação rigorosa, visto que Nosso Senhor nos confiou, nos assinou a santificação das almas. Devemos santificá-las e tentar fazê-lo eficazmente, usando os meios que estão ao nosso alcance.

No fim do retiro tomaremos então a resolução de edificar nossos alunos, não tanto pelo que dissermos, pelo que fizemos, pelo que aparentarmos, quanto pelo que formos. A uma criança se deve dizer cinquenta vezes a mesma coisa; para um homem, tanta repetição não é necessária. Quando ele precisar formar uma opinião sobre nós, não necessitará uma quantidade de palavras nossas; ele estabelecerá sua opinião sobre bases bem mais seguras

e que não o enganarão nunca. Ele não olhará tanto o que tivermos dito ou feito, mas antes o que somos realmente; e a gente sempre revela, quer queira quer não, o que se é. Sejamos, pois, meus Amigos, santos religiosos.

Existe, no entanto, uma regra externa que é preciso seguir para edificar o próximo, nossos alunos. Seu porte, sua maneira de ser devem edificá-los. Será que para isso devem sujeitar-se a medições meticulosas e perscrutar-se? Não, mas alguns defeitos devem ser evitados cuidadosamente: o relaxamento, pôr as mãos nos bolsos, passar a mão pelo rosto ou pelo cabelo, ter atitudes mundanas, descuidadas. Todas essas coisas são nada, me dirão: são de suma importância. Sejam sempre bem dignos durante o recreio, na aula. Que seu procedimento seja correto, em uníssono com seu interior. Devem viver na presença de Deus; têm Deus em si: que sua conduta traduza a consciência que têm dessa presença.

"Nihil nisi grave, religione plenum prae se ferant", diz o Concílio de Trento, com referência aos clérigos. Revistamo-nos bem dessa ponderação em todo o nosso ser e que ela nos preceda. Na aula, na capela, cuídem bem de nunca se apoiar, a menos que estejam doentes. Guardem as mãos unidas: isso contribui para o recolhimento e para a atenção: isso edifica os alunos e lhes mostra como é que se deve orar. Jamais cruzem as pernas ou os pés. Quando caminhando, não se inclinem à esquerda nem à direita; não se apoiem numa atitude mais ou menos descuidada e vazia.

Edifiquem seus alunos também por suas palavras, evidentemente não com uma pregação contínua, mas por essa boa conversação que exhale o bom perfume de Jesus Cristo, lançando alguma boa palavra, sabia, discreta e amavelmente.

Edifiquem o próximo no meio do qual se encontram. Nas férias ou em alguma reunião fora de casa, apresentem sempre um cunho acentuado de modéstia, de simplicidade, de desembaraço. Sejam muito humildes, sem fazer nada que o revele exteriormente. Quando se é verdadeiramente humilde e mortificado, leva-se isso consigo: é um perfume que se espalha e aromatiza.

Em todas suas relações com o próximo, edifiquem-no bem. Edifiquem-no em suas cartas. Não se deve escrever como o faz a gente do mundo. Deve-se escrever sabia e razoavelmente; não se deve pregar, se não for conveniente; mas não se deve dizer nada sem a devida prudência e sabedoria, à imitação do nosso bem-aventurado Pai. Sejamos a perfeita imagem de São Francisco de Sales e, como ele, levemos por toda parte o bom perfume de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Estamos reunidos aqui, em Foicy, no lugar onde o cristianismo começou em Troyes e estamos reunidos no momento em que o cristianismo pare-

ce acabar em Troyes. O cristianismo está acabando do ponto de vista político, ideológico e quanto às disposições e às virtudes dos cristãos; são cristãos quase apenas de nome; não se compreende mais as coisas da fé; não se sabe mais o que é a mortificação. Somos obrigados a educar as crianças com uma dose de cristianismo tão reduzida que ela apenas é percebida. Nosso Senhor, a Providência nos reúne aqui como os primeiros discípulos, como São Paulo, São Savínio, para que nós convertamos o mundo assim como eles o converteram outrora. Isso é ainda mais difícil agora que naquele tempo. Não temos mais a santidade, o fervor, o zelo dos primeiros apóstolos.

A conclusão a tirar é necessitarmos ser os verdadeiros filhos da Santa Igreja, os verdadeiros filhos de São Savínio. Devemos reencontrar a coragem, a energia, a fé que os primeiros apóstolos tinham; temos o mesmo encargo a realizar; o mundo está aí diante de nós para que o convertamos. A tarefa é talvez ainda mais difícil do que naquele então. São Savínio ia pregar na praça pública; se os Senhores fossem fazê-lo, a polícia os prenderia e boa gente não faria caso dos Senhores e os denunciaria.

O que é que pode salvar o mundo, a não ser os religiosos? Quem é que trará de volta a fé, se nós não o fizermos? Nós, padres, nós, religiosos?... Nós sobretudo, que existimos exclusivamente para trabalhar nesse campo, esse campo que está aí perante nós, árido, ressecado, queimado pelo vento impetuoso.

Tenhamos, pois, mais fé ainda, se for possível, mais zelo, mais amor por Nosso Senhor do que tinham São Savínio e os primeiros apóstolos. O Evangelho há de ser reeditado, dizia a Boa Madre, há de ser reimpresso nas almas. O que é o Oblato de São Francisco de Sales, senão aquele que deve consagrar-se inteiramente a essa reimpressão? Como eu gostaria, meus Amigos, que esses pensamentos germinassem no seu coração; que cada um considere o que estou dizendo com referência pessoal a ele, como um chamamento especial de Deus a ser emissário de sua verdade, de seu santo amor: Deus me chama; não sou eu o amo; não tenho que limitar eu seus desígnios para mim. Que Nosso Senhor o faça entender aos Senhores todos. Não sejam mais crianças; não sejam indiferentes; sejam apóstolos como São Pedro e São Savínio. Que isso seja perfeitamente assimilado pelos Senhores, perfeitamente decidido. Os Senhores têm uma missão de Deus a cumprir, missão que ele lhes deu no seu amor; cumpram com as obrigações que essa missão lhes impõe. Dêem-se a Deus nesse sentido, por meio do Diretório, dando catecismo, pregando, dando aula, dedicando-se a trabalhos manuais. Se Nosso Senhor aparecesse agora lhes dissesse o que está preservado em sua Vontade eterna para cada um dos Senhores, quantas almas lhe designou a santificar, a consolar, a salvar,

ficariam surpresos e talvez assustados. Como fazer para cumprir com o programa que deve levar a cada de um de nós para o céu? Como fazer para salvar tantas almas e com que meios? Com que meios, meus Amigos? É muito simples. Pela oração, pela missa, pelas comunhões recebidas, numa palavra: por seu Diretório, pela obediência e o sofrimento. Nosso Senhor não salvou o mundo unicamente por suas predicacões, salvou-o pelas mortificações de sua vida, pelos sofrimentos de sua paixão, com seu sangue e sua morte.

Eu lhes suplico, pelo amor de Nosso Senhor, compreendam bem que devem edificar, que devem ser os apóstolos desta hora e deste momento; que não podem ficar ociosos no seu rincão. A colheita os reclama; não podem se eximir sem faltar a todos seus deveres, sem comprometer sua salvação eterna. Pensem nisso; reflitam nisso; digam-se: eu respondo pelos desígnios de apostolado que Deus tem tido para mim; pedir-me-á que lhe preste contas. Importa que eu possa corresponder a isso pela observância fiel, pela fé, pela coragem na luta e na provação. Leiam qualquer livro de teologia. Em São Tomás, verão a eficácia do sofrimento; verão esse comentário da doutrina de São Paulo, isto é, que Nosso Senhor redimiui virtual e eficazmente a todo o homem. Mas será que o sangue dele consegue esse resultado divino? Não, já que há quem se perdem. Ora, quem é que aplica esse sangue de Nosso Senhor? Nosso Senhor vive e atua em seus sacramentos, em sua Igreja, mas através de quem ele age? Por seus padres sobretudo, por seus religiosos: através deles é que consuma a Redenção do mundo. Se, ao subir para o céu, Nosso Senhor não tivesse deixado seus Apóstolos na terra, se não tivesse deixado sua Igreja, quem teria sido salvo? Portanto, nos desígnios de Deus, na previsão de Deus, somos destinados a aplicar o sangue de Nosso Senhor, a completar o que falta à sua paixão para salvar as almas.

Se não pensamos nisso, não estamos com a verdade, somos seres fortuitos, sentinelas perdidas, que não têm finalidade; não fazemos nada, nada esperamos. E, enquanto isso, o reino de Satanás aumenta. Dirige-se-nos, a nós clérigos e padres de Jesus Cristo, uma crítica bem merecida: a de não trabalharmos o bastante. Enquanto o dono do campo dormia, o inimigo veio e semeou o joio. Se o dono estivesse alerta, se estivesse disposto a lutar, marchar, o inimigo não teria aparecido. Se os padres estivessem dominados pela idéia do zelo pela salvação das almas, o desejo de edificá-las, de não scandalizá-las, o inimigo não seria o dono e seus estragos no campo do pai de família não seriam tão grandes. Sim, meus Amigos, sejamos homens de Deus e saiamos desta capela como missionários, como os Apóstolos, após terem recebido o Espírito Santo. Repito-lhes as palavras que o Santo Padre o Papa me disse: Eu vos mando para França; ireis alhures também. Ide encontrar

bispos... Enganei-me muito por não ter coragem de continuar o que eu começara. Começai pelo Arcebispo de Cambrai, ide a Bordeaux. a Marselha. Visitai todos os bispos; dizei-lhes o que eu vos estou dizendo. Eu gosto de vosso Instituto; tendes imensos serviços para prestar. Sede religiosos fiéis, generosos, dedicados usque ad effusionem sanguinis... Esse é o religioso tal como se precisa. Agora ide e lembrai-vos que estais trabalhando com o Papa e que o Papa está convosco... O ano seguinte, eu não tinha ido visitar os bispos, como o Papa me dissera. Ele me reprochou isso. Quando o Papa manda fazer algo, deve-se fazê-lo... Ora, eu não pude cumprir com essa ordem do Santo Padre; as circunstâncias foram mais fortes do que minha vontade... Eu gostaria de ter a força, a energia necessária para impressionar suas mentes, para tocar seus corações. Não posso fazer mais. Peçam ao Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, durante a missa, que ele acenda nos Senhores o fogo sagrado do apostolado; que ele os faça entender o que o Santo Padre o Papa quer de nós. Digam decididamente: Sim, eu quero seguir o Salvador aonde ele me chamar; eu quero seguir o Salvador e responder a seus desejos, a suas intenções.

Peçam isso, em seguida, durante a exposição do Santíssimo; rezem a São Salvínio e essa extensa série de almas santas que se têm sucedido neste mosteiro. Eram santas religiosas; edificavam o mundo com suas esmolas, com seu amor pela regra; daqui mesmo partiram para o céu. Agora mesmo elas os vêem; estão olhando para nós; estão felizes de ver-nos trabalhar sobre este chão que elas pisaram; estão cheias de anelos por ver-nos aplicados, como elas, em cumprir a santa Vontade de Deus.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

Fim do retiro de 1889.

1890

R E T I R O A N U A L D E 1 8 9 0

P R I M E I R A I N S T R U Ç Ã O

REALIZAR APAIXONADAMENTE BEM O SEU TRABALHO

Já é hora que o religioso comece a se santificar a si mesmo. Ora, um dos maiores meios de santificação que temos é o zelo em nosso trabalho. Em alguma parte São Francisco diz: importa que se atenda seu trabalho apaixonadamente bem. Ademais, quem trabalha nesse sentido, fica assegurado de estar cumprindo a Vontade de Deus, de empregar os meios mais eficazes contra o desânimo, as tentações, as mil dificuldades que se encontram no caminho. Ao atender apaixonadamente bem o trabalho, seja qual for, coopera-se na obra de Deus. Nosso Senhor disse-o: Meu Pai trabalha constantemente e eu trabalho com ele. (Jo 5,17) Ora, o que Deus faz, é feito com perfeição, é feito apaixonadamente, pois a Vontade de Deus é enérgica, sempre quer alcançar seus propósitos.

Temos, sem dúvida, muitos meios para nos santificar: nossos votos, a oração, o Diretório; mas eu creio que a todos esses meios devemos acrescentar este que lhes estou indicando. Na prática, talvez seja ele um dos mais fáceis. No importa o que fizerem, se se dedicam a fazê-lo bem, obterão certamente um resultado que os encorajará. Por dentro estarão tranquilos, pois estarão certos de estar no seu lugar e que Deus está contente dos Senhores.

Esse zelo do qual estou falando não é tão comum assim. A gente se acostuma a fazer seu trabalho mais ou menos. Após algum tempo esse cargo torna-se uma carga da qual se procura livrar-se ou de uma ou de outra maneira. Ora, a constância na ocupação é prova de muita boa vontade, de um grande amor por Deus. O zelo de amor, dizem as Escrituras, é duro como o inferno, nada lhe resiste. Apegando-se ao trabalho, empregando todo o zelo de seu amor por trabalhar de maneira melhor possível na obra de Nosso Senhor, a gente se tornará forte como a morte e dura como o inferno: nada poderá resistir.

Isso aí é um precioso ponto de apoio, o ponto de apoio exterior mais forte, mais agradável, mais seguro. Em outras Congregações, se encora-

jam pelos êxitos que se possa ter, pelos estudos realizados: são bons esses motivos, louváveis; não sempre se relacionam essencialmente às obras que se atende. Em nosso caso, é preciso encontrar nas obras, que atendemos, toda a substância necessária para alimentar nossa vida interior; o zelo é que nos dará esse alimento, o zelo que desenvolvemos em relação ao que Deus nos pede. Eu sei muito bem que, como disse alguém da Antigüidade, "assueta vilesunt". Mas olhem para os santos. Será que São Vicente de Paulo, que costumava fazer uma longa meditação, se cansou de meditar longamente todos os dias? Será que ficou enjoado? Ele hauria nessa oração uma vida nova; achava nela fontes que ainda não encontrara. Olhem nosso Santo Fundador, como sobressai no zelo em fazer bem tudo quanto fazia, no falar, no instruir; ele era bispo, trabalhava pela palavra. Durante toda sua vida, São Francisco da Sales cultivava essa arte da palavra. Tinha fundado uma academia para que os outros falassem tão bem quanto ele. Ele era bispo, tinha que dirigir sua diocese; reunia seus padres em sínodos para instruí-los; enviava suas ordens muito notáveis. Tinha uma casa; era para governá-la. Ali, tudo estava perfeitamente organizado e ordenado até nos últimos detalhes. Ali, encontrava a Deus, como em todo o resto, Deus em sua obra; cooperava com Deus. Quando se trabalha com Deus, não se pode fazê-lo friamente, com indiferença. Também São Francisco de Sales estava cheio de zelo e podia dizer: "Zelus domus tuae comedit me". (Jo 2,47) O zelo no que eu faço com Deus, me devora. Ao trabalhar assim, não apenas realizam suas ações com Nosso Senhor, assim como o Diretório o quer, mas o fazem também com o maior amor que lhes é possível, para que sua ação provenha de um coração, de uma vontade, de uma afeição que agrade a Deus e que granjee sua benevolência em relação ao que fazem.

Nosso Santo Fundador fundou a Visitação. Basta entrar num mosteiro da Visitação para ver que ali tudo se faz apaixonadamente bem. A ordem, a economia, a pobreza, tudo é magnificamente cuidado, pois as Irmãs têm um cuidado especial por esse documento de nosso Santo Fundador: Atendam seu encargo apaixonadamente bem. Como eu gostaria que Nosso Senhor colocasse no coração de cada um o eco desse pensamento. Essa maneira de agir deve ser o distintivo dos Oblatos. Eu não estou dizendo que com isso pretendemos fazer melhor do que todo o mundo; mas eu digo que importa esforçar-nos e fazer apaixonadamente bem tudo o que temos que fazer. E para isso, deve-se cuidar ao máximo do estudo, do trabalho, da oração.

Damos aula: como a gente pode se santificar com as aulas! Os maiores santos foram professores. Olhem, entre outros, São Tomás de Aquino. Estes últimos anos, foram canonizados varios santos professores. Como davam

as aulas? Apaixonadamente bem. O professor que ensina com esse amor cuidadoso, está seguro de obter êxito; mas esses êxitos serão a menor recompensa por seu trabalho e seu zelo. A santificação pessoal surgirá daí necessariamente e de um modo todo especial. A gente está agindo muito intimamente ligada a Deus, ao Espírito Santo que é Aquele que ilumina a todo homem, que vem a este mundo. Eu gostaria que Nosso Senhor lhes desse durante este retiro esse zelo, que faz com que a gente se afeioe às coisas a ser feitas, não por ser agradáveis em si, mas porque amamos Aquele que delas nos encarregou, Aquele que é sumamente amável. E Nosso Senhor nos concede realizar perfeitamente o que fazemos para ele.

Estou repetindo muitas vezes a mesma coisa; mas é que desejo que isso seja o distintivo todo particular do Instituto: a simplicidade, diria quase a ingenuidade, essa compreensão reta e justa que permite alcançar com precisão o objetivo proposto, que não o ultrapassa, mas que perfaz a coisa tão completa, tão inteira, tão sinceramente que todos dizem: está bem!, que todos a apreciam, todos a aprovam.

Então que não haja entre nós, na prática, essa indiferença que faz com que se passe de uma coisa para outra; nada prende, nada liga, nada entusiasma. Fica-se parecido com fantoches que hoje se movem e amanhã param ou fazem qualquer outra coisa. Onde está o "apaixonadamente bem" em um fantoche?

O confessor, o diretor espiritual se dá a seus alunos a suas almas. Ele cumpre apaixonadamente bem com sua tarefa. Eu lhes asseguro que não é possível promover a um aluno se não se leva consigo o desejo de fazer bem, conforme Deus. É necessário ocupar-se dos alunos; é preciso preocupar-se por eles, desejar-lhes vivamente o bem, a perfeição. Mas, Padre, isso que estais pedindo, não é possível. Haveria demais para fazer, se fosse necessário cuidar assim de cada um deles. Eu digo que, quando se tem no fundo do coração esse desejo verdadeiro e real, Nosso Senhor compensa a insuficiência de forças. Quando encontra a um professor, a um diretor espiritual disposto a fazer o máximo de bem possível, Deus intervém na tarefa e o bem se realiza. Olhem como isso nos mantém alerta, qualquer que seja o encargo que nos é confiado.

O Senhor cuida dos estudantes. Essa vigilância é algo árido, amargo. Seu encargo o chama a isso, a obediência lho impõe, deve empregar os meios que lhe foram indicados para conseguir realizar sua vigilância e atendê-la bem. Nas relações com o mundo, aplique-se a fazer bem, a ser cabal, correto, coerente com seu estado e fará o bem nas almas com as quais tiver contato, de perto ou de longe.

Em todas as outras situações, deve ser a mesma coisa. Nos trabalhos manuais, deve-se ter sempre o desejo, a vontade de realizar bem para o Nosso Senhor o que se faz. Precisa-se trabalhar para ele e com ele. Realize seu encargo, seu trabalho com esse amor, não só ao próprio Deus, mas à coisa que o ocupa, que é coisa de Deus; coisa da obediência.

Se o retiro realizasse isso em cada um de nós, meus Amigos, que renovação, que vida nova nos acarretaria! Que confortador seria nosso aspecto e que estado mais cabal, mais conforme às aspirações da Santa Igreja! É isso o que Nosso Senhor espera de nós; é o que o próximo nos pede.

Sempre repito a mesma coisa: que isso mesmo seja nosso distintivo, seja qual for nossa ocupação. Uma coisa bem feita, com amor sobrenatural, com esse gosto e essa atração por Deus que lhes peço, suscita interesse e entusiasmo; evita-se a negligência nos menores detalhes; pouco a pouco se obtém êxito: a tarefa realizada "cum amore" acaba sempre bem feita. Uma comunidade na qual tudo é feito assim, um conjunto de pessoas operando assim, seria, neste mundo, sem dúvida, a perfeição, o ideal. Para chegar a isso, precisamos muita graça, porque isso comprovará que somos religiosos completos. Um santo é um herói; com efeito, praticou as virtudes morais e cívicas num grau heróico. Não seremos realmente santos, a não ser que apliquemos essa perfeição a tudo que fizermos e essa perfeição é verdadeiramente heroísmo. O Senhor trabalha como carpinteiro, é pedreiro, ocupa-se com as ciências, estuda, é autor de livros, trabalha na cura de almas, qualquer que seja o campo de sua atividade, pouco importa, trabalhem com essas disposições e serão perfeitos.

Peçam ardentemente a Nosso Senhor essa graça, que brilhava de maneira tão radiosa em São Francisco de Sales, em Santa Joana de Chantal, a graça de fazer tudo caprichadamente, tudo cuidadosamente, tanto em sua maneira de falar, quanto em suas relações com o mundo e no que interessa a casa, numa palavra só, a graça de fazer apaixonadamente bem tudo quanto fizerem.

Não sejam como máquinas, que enquanto se engrenam na roda motora, funcionam chiando, param em vez de girar, porque estão mal engraxadas, mal calibradas, mal denteadas: não correspondem às que devem impulsionar. Recebam para cada coisa o impulso de Deus e ajam em consequência do movimento que dele receberam. Sem dúvida, é necessário o "corações ao alto" no seu espírito, mas o espírito não é o suficiente; importa elevar tudo a Deus: os braços, as mãos, a inteligência; deve-se subir a Deus com tudo. Não se deve calcular, medir com Deus; a matemática não é de aplicação em relação a ele. Não se deve fazer contas, não se deve dizer: irei até lá e

não mais adiante. Nosso Santo Fundador não quer frialdade para com Deus. Ele quer que o coração se dirija a Deus não só pela ação, mas também com afeto e amor.

Estou prendendo aos Senhores por muito tempo esta noite. Estou lhes pregando sobre um tema bastante árido. Sem dúvida, não há nada nisso de que se entusiasmar; a gente não se pode inflamar diante de um pedaço de gelo. Mas compreendam-me bem. Através disso seremos Oblatos, seremos os filhos de São Francisco de Sales.

Qual será o resultado desse modo de agir apaixonadamente bem? O resultado é certo, eu disse, mas também será durável. Semeem a caridade. A caridade não se esfria. Olhem São Francisco de Sales em Chablais. Foi necessária a Revolução de hoje para apagar a fê nesse país que ele evangelizou. Foi necessária nada menos do que a atividade diabólica dos judeus, dos Maçons para destruir a obra que São Francisco de Sales fundara ali com tanto êxito, devotando-se a isso apaixonadamente bem.

A que a Visitação de Troyes deve a reputação bem merecida da qual ela goza no Instituto? A sua perfeita observância, à união dos corações, à solicitude apaixonada que a Boa Madre tinha para fazer observar a regra, para fazer com que suas filhas penetrassem no espírito do Instituto. Ela não só o dizia, como também se dedicava a isso com tanto carinho; ela o pedia às Irmãs com tanto cuidado, que fez dessa casa um verdadeiro céu, o paraíso na terra, pois o paraíso é a Vontade de Deus. Ela quisera apaixonadamente bem tudo quanto fazia; ela dera tudo o que se precisava, todo seu zelo, todo seu ardor para fazer amar as coisas da regra e da obediência. Peçam com fervor essa graça, meus Amigos; dêem grande importância ao que acabo de lhes dizer esta noite. Que isso seja o vínculo entre nós, nossa força e nosso apresentação; que cada um de nós examine esta noite a consciência perante Nosso Senhor e que se proponha realizar apaixonadamente bem seu trabalho.

São Bernardo diz que Deus, depois de criados nossos primeiros pais, os colocou no paraíso terrestre para trabalhar e cultivar. Ora, esse trabalho estava tão bem feito, o paraíso terrestre estava decorado com tanto gosto por nossos primeiros pais, que Deus vinha cada dia a passeio no jardim, ad auram post meridiem. (Gn 3,8) Ele vinha, claro, por Adão e Eva, mas vinha também para contemplar o fruto desse trabalho que fizeram com tanta solicitude.

Façamos como o inocente Adão; trabalhemos tão apaixonadamente bem que Deus desça e se compraza em contemplar nossas obras.

Perguntou-se a Leão X qual era seu recreio mais apreciado. Ele respondeu: ir ver os pintores que trabalham no meu palácio, porque trabalham com paixão, com o imenso desejo de caprichar... De fato, ali é que gostava de ir às vezes por muito tempo. Também Nosso Senhor é assim. Queremos fazê-lo participar de nossa tarefa, fazê-lo viver conosco? Desempenhem-nos apaixonadamente bem de nosso trabalho. Ele virá então passear em nosso jardim, em nossa aula; ele passará pela sala de estudo quando a supervisarmos bem; ele gostará de observar-nos em nossos trabalhos. Pensaremos nisso, meus prezados Amigos, oraremos, pediremos fervorosamente ao Nosso Santo Fundador, à Boa Madre para que compreendamos bem essas coisas; então mereceremos as visitas divinas, seremos cercados e sustentados por essa divina presença; seremos então verdadeiros religiosos, no pleno sentido da palavra.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

SEGUNDA PALESTRA

TENHAM MUITA CORAGEM!

São Francisco de Sales costumava dizer uma palavra semelhante a esta: Tenham muita coragem! Essa palavra deve ter muita importância para nós, pois na boca de nosso Santo Fundador significava muito. Tenham muita coragem! Pois, de fato, uma boa coragem se conserva sempre, em qualquer circunstância e é uma prova convincente de vigor de espírito. Necessita-se uma grande energia para manter sempre na mesma altura sua resistência, sua atividade e o reto juízo. Faremos muito bem em meditar essa palavra de São Francisco de Sales durante o retiro. E assim como ontem lhes dizia que devíamos atender apaixonadamente bem nosso trabalho, hoje lhes diria: Tenham muita coragem em todas as circunstâncias da vida; e essa coragem será o testemunho de ser um verdadeiro Oblato de São Francisco de Sales.

Por certo é necessária uma grande força de espírito para conservar a coragem no meio dos trabalhos, que formam a ocupação habitual de nossa vida. As mesmas coisas voltam sempre de novo. É uma luta contínua que se deve enfrentar contra esse tipo de opressão: retomar amiúde o mesmo ponto, constantemente. Precisa-se muita coragem; e não deixaremos de usar os meios, que já lhes indico.

É necessária muita coragem nas ocupações de todos os dias para suportar a provação, quer venha dos outros, quer que venha de nós mesmos; é precisa coragem para agglentar um caráter totalmente oposto ao nosso. Se a gente se encontrasse uma vez só frente à semelhante dificuldade, não seria muito difícil; mas quando essas renúncias se multiplicam, quando essa pressão se torna constante, é certamente urgente ter muita coragem para conservar a alma tranqüila, serena, com boa vontade para com o próximo e em relação à obediência.

Quanta injustiça! Eu não digo, entre nós, mas no mundo. Julga-se mal dos Senhores, seus atos são mal interpretados: isso vem de fora, mas amiúde entra para dentro. Tal opinião, que foi formulada longe, um belo dia aparece; e isso cria ao redor de nós um tipo de ambiente, no qual se torna difícil respirar e viver. Essa dificuldade não faz senão aumentar consequentemente as más disposições resultantes da impiedade universal, da ação diabólica que se exerce até sobre os próprios governos. É necessária uma grande energia para não perder o ânimo. Tenham, pois, muita coragem!

Tenham muita coragem, vivendo na obediência: a obediência é dura. É tão dura, que o mundo, que só podia ser resgatado por um imenso sacrifício, foi redimido pela obediência apenas. É necessário ter muita coragem para submeter constantemente a vontade e o juízo, para dizer sempre "sim", sem um "talvez" ou "no entanto", como diz nosso Santo Fundador.

Tenham muita coragem na tentação. A tentação vem, quer do demônio, quer de nós mesmos. Nossa vida não está estabelecida sobre rocha, nem mesmo sobre terra firme. Somos viandantes; a Sagrada Escritura diz que nossa vida se leva como sobre ondas. Ao longo do caminho existem todas as provações, todos os perigos possíveis. Esses perigos e essas provações são as tentações, que assaltam cada um de nós. Quem não for tentado pelo orgulho, o será pela sensualidade. Quem não for tentado pela sensualidade, o será contra a caridade. A tentação, assim diz o santo homem Jó, é o pão de cada dia do homem, que anda por este mundo. Ela é, por assim dizer, os elementos de nossa vida: Vita hominis tentatio sempiterna. Ora, como superar-se-á a tentação? Os teólogos, os Padres da vida espiritual deram indicações por meio das quais se pode vencer as tentações. São numerosas. Não me consta que São Francisco de Sales indica muitos meios; mas um ele menciona constantemente: tenham muita coragem! Não os deixem abater na luta; na tentação, multipliquem os apelos para Deus. E, mesmo que a queda tenha seguido à tentação, mais ainda naquele momento, tenham muita coragem de olhar para Deus com confiança, com amor.

Muitos imaginam que a tentação é um obstáculo para o bem, sobretudo um obstáculo para a vocação religiosa. Eis dois enganos profundos. O bem não existirá nas almas a não ser à medida da tentação. Eu declaro que, em meu longo ministério, não achei santidade salvo na tentação e somente aí. Suponhamos um homem do mundo, que seja cristão: acreditam os Senhores que ele só tenha tentações de fora? Que não tenha tentações dez vezes mais fortes de dentro de si mesmo? Isso é elementar. O que é que São Paulo diz? Virtus in infirmitate perficitur. (2 Cor 12,9) Os Senhores têm tentações; será que disso concluirão que não podem fazer nada de bem? Pelo contrário, sem tentações é impossível realizar bem algum. Podem ser religiosos com tentações? Digo-lhes que sem tentações lhes é impossível ser religiosos, entendam-me bem, verdadeiramente religiosos, religiosos firmemente constituídos. O que é que São Paulo diz ainda? Com que compara a vida cristã e com mais razão ainda a vida religiosa? Com um combate, com uma luta no estádio, na arena. Ele mesmo, que fora levado duas vezes ao terceiro céu em alguns momentos na sua vida, que fora tão beneficiado por Deus, vejam o que ele diz em sua epístola. (cf. 2 Cor 12,2) Ora, tudo isso acaba pela tenta-

ção mais difícil de suportar. Ele roga a Deus que o livre dela: Basta-te a minha graça, foi-lhe respondido, nam virtus in infirmitate perficitur. (2 Cor 12,9) Isso é o que São Francisco diz em alguma parte: que sabem os que não são tentados? Os maiores teólogos, São Liguori cuja doutrina é tão amena, São Liguori que propagou essa admirável doutrina do probabilismo, que ajuda tanto no exercício do santo ministério, que dá uma regra tão completa, tão satisfatória nos casos difíceis, São Liguori sofreu grandes tentações. Vejam a vida dele. O que é que faz que São Liguori ensinou tão bem o que se precisa fazer para lutar, que ele forneceu meios tão seguros para alcançar a vitória? Ele estudara tudo isso nele mesmo; sabia o que se precisava fazer; ele se deu conta disso.

Pois então, na tentação, sobretudo na tentação, tenham muita coragem. Tenham muita coragem na primeira luta, na segunda, na centésima, na milésima e sempre. Façam a Deus o pedido que lhe fazia São Paulo, se assim quiserem. Se Deus não os julgar capazes de vencer a tentação, afastá-la-á; se os achar capazes, responder-lhes-á assim como respondeu a São Paulo.

Tenham muita coragem, mesmo depois da queda. Isso não quer dizer que a queda seja uma coisa boa e que não deva ser lamentada: a queda é um mal, uma desgraça; mas isso se pode reparar. Não se pode repará-la antes, depois é que se pode. Dirige-se um olhar contrito, confiante e de amor a Deus, e essa olhada lhe é tão agradável, que alguns santos disseram que esse olhar devolvia à alma não só sua primeira inocência, mas também um aumento de forças. Será que São Pedro, após sua negação, foi menos querido ao Coração de Nosso Senhor? E, entre as duas irmãs, que viviam na casa de Lázaro, qual era que o Salvador amava mais? Não era aquela que ele mais perdoara?

Coragem então, mesmo após a queda, coragem para apresentar a Deus um coração arrependido e todo renovado em suas primeiras boas disposições! Mas, qual é o meio para adquirir essa boa coragem tão necessária? Nosso santo Fundador nos dá no Diretório um excelente meio, isto é, olhar para Deus na provação pela qual passamos. Se tivermos que lutar com relação à caridade, se encontrarmos ingratidão, má vontade, difamações, injustiças, consideremos a cruz de Nosso Senhor, observemos o que ele sofreu durante sua paixão. Fixemos a olhada nele; e o olhar que ele nos dirigirá, bem como diz nosso Santo Fundador, nos ajudará, nos confortará. Eis o meio, que o Diretório fornece. Outro meio bem seguro, bem firme e certo é a obediência. Nesse sentido, o religioso goza de um imenso privilégio: não é responsável pelos seus atos. Toda vez que um religioso faz algo por obediência, o faz bem, muito bem. Qual o homem do mundo, o padre secular que pode dizer:

tudo que eu faço, está bem? Só um homem pôde, Nosso Senhor: quis ex vobis arguet me? (Jo 8,46) O religioso pode responder como Nosso Senhor, quando executa a obediência: o que eu faço está bem, muito bem, excelente. Toda a minha vida não é senão uma seqüência de atos muito bons. Como é que não teria coragem, já que realizo somente atos perfeitos? A obediência fiel conduz a isso.

Suponhamos um religioso que tenha escrúpulos, angústias. Ele vai falar com seu Superior, seu Mestre de noviços. Revela-lhes sua confusão. Seu Superior lhe diz: Vá à Mesa Santa; suba ao altar. Que segurança, que firmeza para o religioso, que doravante pode ir com a consciência serena! É fácil ter coragem quando apoiado e sustido assim, quando não existe responsabilidade pelo que se faz.

Usemos, então, em nossos dizeres esta palavra, assim como se dizia nos tempos de São Paulo: Tenham muita coragem, e façamos apaixonadamente bem tudo o que fizermos. O bom ânimo gera em nós a paz, a serenidade; ele nos dá uma grande força. O cristão, o padre até, vacilam amiúde em suas boas resoluções; suas convicções, às vezes, se parecem a um monte de areia, que se achata e assume as formas, que se lhe dá. O religioso é algo seguro, sólido, que resiste a tudo, que se mantém apesar de toda força contrária. Esforcemo-nos para ser assim e Deus nos dará a graça de ser seus verdadeiros servidores, e os servidores da época, na qual nos toca viver.

Vejam, meus prezados Amigos, como o apostolado se torna difícil. O que é que ele produz, quero dizer a palavra, o ministério da pregação? Por exemplo: anteontem, domingo, havia duas pessoas para assistir a missa na igreja de Saint-Parres: uma mulher e um menino. Não está mal pensar que a mulher era a empregada do padre e que o garoto era um coroinha. Eis os fatos; e isso deve provavelmente ocorrer em outros lugares da diocese. O que a palavra fará então? A quem dirigir-se-á? Vai-se envolver a imprensa? Não há muitos leitores que leiam os bons jornais ou os bons livros. E, no entanto, essas são almas que Deus quer salvar. É necessário achar os meios para salvá-las. Fala-se do zelo pelas almas. É muito bonito; mas onde estão essas almas? Aonde vão procurá-las? Eis, caros Amigos, a época na qual viemos parar: eis o momento em que Deus nos mandou ao mundo: é a época da abstenção de todo o culto, de todo o ofício religioso. Qual será o meio de chegar a essas almas?

O meio é fornecido por São Francisco de Sales. Consiste em santificarmo-nos pessoalmente. É pelo bom exemplo, é pelo bom perfume de Jesus Cristo que temos alguma chance de ser bem-sucedidos junto a pessoas que não têm mais dogma, nem moral, pelo menos bem pouco, se já sobrou algo. Só esse

bom perfume de Jesus Cristo pode ser eficiente. O perfume se impõe, impressiona o olfato, faz sentir-se, a gente o experimenta. Viram o que acontecia com os Romanos, quando o combate se tornava perigoso. Tinham um meio infalível para vencer o inimigo: formavam o esquadrão cerrado, o "testudo". Todos os soldados punham seu escudo acima da cabeça, para formar assim um teto impenetrável aos dardos, às flechas e às pedras. Quando uma unidade do exército formava o esquadrão cerrado, passava impenetrável e saía sã e salva. Unamos nossos esforços, nossas vontades. Uma comunidade bem compacta, bem unida pela caridade, é impenetrável. Nossa situação é assim; nossa comunidade está unida; eu agradeço a Deus cada dia por isso. Continuemos e acentuemos essa união cada vez mais e seremos invulneráveis.

A palavra de nosso Santo Fundador era também a da Boa Madre. Ela dizia muitas vezes: é necessário ter coragem. E sua oração acompanhava normalmente essa palavra: a gente saía confortado, fortalecido, animado. Peçam isso com fervor durante o retiro. Que Nosso Senhor nos trate verdadeiramente como amigos; que nos dê o que vimos buscar junto a ele neste retiro: a força, a coragem, a união das vontades. Os meios são dele; a ele pertencem; recebam o que ele lhes der. Mas eu não tenho nada. Fique com esse nada; adore esse nada. O nada realiza coisas muito grandes. O retiro age por si mesmo; não nos esqueçamos disso. Quando os Israelitas tinham passado pelo deserto, chegaram à terra prometida.

Peçam, então, à Boa Madre que sejam seus verdadeiros filhos, fundados, de verdade, no espírito dela, no seu modo de ser; desta forma lá encontraremos no céu, onde seremos recompensados à medida de nosso coração, de nossa coragem, do amor e do espaço que tivermos dado a Deus no coração.

TERCEIRA INSTRUÇÃO

CAPRICHAR E DEIXAR QUE FALEM

Certamente mais que um dos Senhores estão passando seu retiro na secura e na aridez. É importante entender bem que o retiro vivido assim, pode ser um bom e até excelente retiro. Não é que os Israelitas, nos quarenta anos de deserto, recebiam mais provas de solicitude, de ternura? Não eram cercados de mais cuidados do que depois de ter chegado à terra prometida?

Estejam conformes, então, por estar assim no deserto, na escuridão, por não ter nada de satisfação para a natureza. Essa escuridão, essa aridez são fecundas; serão muito eficazes nos Senhores.

O que lhes estou dizendo agora, não é apenas para os Senhores, é também para os que os Senhores têm que dirigir. Lembrem essa lição. A alma deve estimar o trabalho que Deus opera nela na hora de secura e de aridez. Que os Senhores ajam exatamente assim na direção das almas e que as pessoas que dirigem, entendam bem que uma alma, passando por esse estado de aridez habitual, pode ser muito apreciada perante Deus e considerada entre as maiores do paraíso. Isso vale sobretudo para os tempos de retiro. Salvo talvez algumas almas que Deus privilegiou para colocá-las imediatamente sobre o Monte Tabor, - por certo existem algumas - a maioria das almas faz seu retiro antes no deserto do que sobre o Tabor.

A ação de Deus na alma é profunda; não a vêem; mas ela age poderosamente para desprendê-los de si mesmos, para ensinar-lhes o pouco caso que se deve fazer dos meios humanos, para contarem com e se apoiarem em Deus apenas, e isso com toda confiança. Toda vez em que sua alma responder a Deus e acolher a Vontade divina, então tem realmente a Deus dentro de si; está verdadeira e intimamente unida a ele. Isso lhe custou; chegou aí a custo de trabalhos e lutas; ela pode estar segura de realmente ter achado a Deus e não ter-se enganado, como abraçando a criatura em vez do Criador. Esse estado de secura pois, é bom, muito bom, já que une poderosamente a Deus. Dir-lhes-ei que a Irmã Genoveva nunca fez seus retiros de outro modo e era uma grande santa. Eu, facilmente, considerava isso na Visitação como um indício de vocação, como um sinal da ação de Deus numa alma.

Não esqueçam essa lição. É extremamente importante entendê-la bem, tanto para sua conduta pessoal como para a salvação das almas; e também, ampliando o círculo, para explicar mui amiúde a conduta da Providência no go-

verno da Igreja. Deus age, dispensando muitas vezes a ajuda mais ou menos inteligente dos homens.

Então, qualquer que seja o estado de sua alma no retiro, agradeçam a Deus, bendigam-no e estejam unidos a ele onde os puser. E, se estiverem na aridez absoluta, pensem ainda assim que estão efetuando um retiro muito bom, um retiro excelente. Somos os filhos do Nosso Senhor; compete a ele dar-nos o alimento, o ar, a vida, quando e como lhe prouver. Recebemos tudo isso de suas mãos. Não nos cabe a nós dizer: Veja o que me falta! Ele sabe melhor do que nós e escolhe como Pai exatamente o que precisamos. Essa é uma doutrina, meus Amigos, que é essencialmente a de São Francisco de Sales e a da Boa Madre Maria de Sales; é uma doutrina, cuja aplicação se encontra na vida de todos os santos. Coragem, pois, e muita fidelidade. Que todos os exercícios do retiro, embora feitos sem satisfação e atração sensíveis, nos sejam algo precioso, algo sagrado; a mão de Deus agarra nossa alma; é como um sacramento da graça divina.

Mais uma vez, aproveitam o que lhes estou dizendo para a direção das almas; é nessa condição que as almas avançam realmente no caminho. É um grande engano crer que se deva, durante os retiros, forçar a imaginação, impor violentas lutas à vontade, cansar a mente com meditações profundas e prolongadas. Isso é uma coisa mal acertada; não gosto de dizê-lo, mas o digo, porque nunca vi esse modo de agir servir para algo. Depois disso chegam as tentações e, às vezes, os desânimos e as derrotas. Uma caldeira a vapor superaquecida explode e mata aqueles que estiverem ao seu redor. Entendam bem a profunda sabedoria da doutrina de São Francisco de Sales.

Estejam, pois, contentos com o que Deus lhes der no retiro, com o que ele quiser lhes conceder. Humilhem-se perante ele por não ter fervor, por não saber corresponder às graças dele; nada melhor; é justo. Mas não digam: Não tenho nada! Deus não me dá nada! Eu não fiz retiro algum!...

Nas duas primeiras palestras, eu pretendia dar a cada Padre da Congregação um bom conselho e, como diz nosso Santo Fundador, fornecer-lhe uma recomendação que, como ponto de apoio, possa e deva sempre ter presente para sua conduta pessoal. Vamos tomar, então, como lema, primeiramente: Fazer apaixonadamente bem o que temos que fazer; em segundo lugar: Coragem! A recomendação que apresento hoje concerne antes à comunidade, à direção que a mesma deve seguir. A recomendação é esta: Fazer bem e deixar que falem! Que isso seja o lema de todas nossas obras.

O que é fazer bem? Será ter a vontade de fazer bem? Muita gente, tendo a vontade de fazer bem, acaba fazendo mal... Fazer bem é agir conforme a Vontade de Deus, segundo a obediência. Faz-se sempre bem quando a gente obedece à Vontade de Deus; e toda vez em que não agirem conforme a obediência,

nunca fazem bem, mesmo que tenham a vontade de agir bem.

Fazer bem... Existe uma particularidade, que não deve lhes ter escapado. São Francisco de Sales apoia e funda o bem sobre a lei. Ele dá a lei como norma do bem. Recomenda que nos edifiquemos, sem dúvida, pelo que os outros fazem como bem, mas jamais nos dá o exemplo dos outros como motivo e razão de nossos atos. Ele nos diz: Edifiquem-se; mas jamais diz: Façam como os outros! Leiam suas obras, jamais acharão essa palavra, essa idéia. Jamais nos dirá: Façam como este ou aquele santo. Não! Com efeito, os Senhores têm as graças desse santo? Ao querer fazer como ele e imitá-lo nisto ou naquilo, não acertarão. Mas São Francisco de Sales coloca a lei como motivo, como razão da atividade dos Senhores, que se torna um ato de obediência. Eis o que a lei diz; conseqüentemente eis aí o bem; façam-no. Animem-se com o apreço que possam ter pelas virtudes de seus irmãos; animem-se com o exemplo deles; que isso eleve, que isso os sustenha, muito bem; mas em última instância, não é por isso que praticarão a virtude, que farão bem. Fã-lo-ão, porque se trata da lei e da obediência à Vontade de Deus.

É uma doutrina profunda, essa de São Francisco de Sales. Cada alma em particular possui sua graça peculiar. Bem como ninguém tem o mesmo rosto, ninguém tampouco encara a Deus do mesmo modo, ninguém possui graças idênticas; existe um caminho particular para cada um. A santidade consiste em caminhar exatamente na via que é própria nossa, na qual Deus nos colocou. E a obediência é, que nos põe em contato com Deus para saber dele cada passo que tivermos que dar em nosso caminho. O religioso deve marcar bem o passo da obediência. A obediência, aliás, não quita a iniciativa pessoal. O religioso Fulano gosta do estudo; ele pode muito bem manifestar sua atração e submetê-la à obediência. Beltrano tem queda e talento para a pregação; Vado praedicare, essa propensão vem de Deus; se esse pendor provém verdadeiramente de Deus, a obediência o ratificará. A obediência, ou melhor a autoridade dos Superiores não está para desempenhar o papel de apagador de todas as luzes que Deus suscita.

Sempre se fará bem, então, em seguir a obediência; e seguramente o bem será feito, segundo tudo quanto Deus quer e deseja de cada um de nós. Entendam bem essa doutrina. Admitido essa, podem aplicar esse princípio a qualquer tipo de encargos, que se lhes puder dar, de missões das quais puderem ser encarregados. Sempre o bem será feito à medida da obediência mais ou menos completa que tiverem despendido.

E deixar que falem... É certo que, como acontece a qualquer Congregação iniciante, estamos na mira: objeto de observação minuciosa, ora para a edificação de certas almas, "in aedificationem", ora para a ressurreição, ou a queda também, "in resurrectionem et ruinam multorum". (cf. Lc. 2,34) Podemos aplicar a nós a profecia do velho Simeão.

O Senhor é Diretor de um colégio? Faça o que o Superior lhe disse e descanse! Meus Amigos, se os Jesuítas, quando iniciaram seu apostolado, não tivessem deixado que falassem, o que teria sido deles? Se os Cartuxos não tivessem deixado que falassem, desde há 800 anos, tudo o que se inventou dizer contra eles, haveria, hoje em dia, algum rasto da Cartuxa? "Nenhum jota" (cf. Mt. 5,18) desapareceu da regra de São Bruno ou foi acrescido, assim também com o Ofício deles. Quem não quer deixar que falem, se deixa inibir; aquele que se impressiona com o que se murmura em seu redor, se deixa desfazer e não sobrará nada de sua obra.

Neste momento, eu o proclamo perante Deus, como seu intérprete diante dos Senhores, intérprete fiel e completo, o que eu lhes digo, o que as Constituições indicam, o que o Diretório ensina, o que o Costumeyro - que teremos mais tarde e que virá a seu tempo - lhes dirá para fazer, pois bem, todas essas coisas devem ficar, devem permanecer intocáveis. Deixem que falem! Já se diz bastante, sobretudo hoje em dia! Deixem que falem!...

Mas quem é que deve deixar falar? Suponhamos um religioso que critica sua Regra ou seus Superiores, que acha que fazer de outro modo seria melhor. A esse não se deve deixar falar, é preciso lembrar-lhe a obediência. Os Senhores não deixem nunca dizer essas coisas entre si, e isso é caridade. Eis um Padre de espírito exaltado, de cabeça esquentada; pode ter dito disparates por dentro e para fora... Talvez esteja doente? Então tenham muito dó dele; alguma febre o está molestando: tratam de fazê-lo dormir, de fazê-lo guardar a cama; dêem-lhe camomila!... Mas não está doente, ele está muito bem de saúde: cerquem-no com caridade, com carinho; o Superior proporcione algum lenitivo... se for o caso, um traguinho o reanimará e o levará de volta ao bom caminho e ao bom juízo... Mas aquele tampouco não se deve deixar falar...

No que toca às pessoas estranhas à Congregação, sejam quem forem, a coisa é outra. Nesse caso, façam bem os Senhores e deixem-nas falar. Deixem que fale todo o mundo, menos o Santo Padre. O Papa nos disse que fizéssemos bem; porque a Santa Igreja inteira, ao aprovar-nos, nos disse: Está bem!

Mas não há orgulho e presunção nessas palavras? Não é nos ter por invulneráveis, por gente superiores a todos? De maneira alguma. Todo o mundo pode atacar-nos, quando violarmos nossas Constituições, quando não praticarmos o Diretório, quando não agirmos conforme Nosso Senhor e a obediência, quando fizermos mal. Mas quando fazemos bem, ninguém tem direito de falar. E se se falar, seremos inabaláveis como um rochedo e deixaremos que falem, mantendo-nos fiéis à obediência. Olhem a Visitação! Certamente é uma das flores mais formosas do jardim da Santa Igreja. Se outrora, após a morte do Santo Fundador, a Visitação não tivesse deixado todo o mundo falar, até seus melhores amigos,

até as pessoas mais santas e os bispos mais eruditos, se ela tivesse aceito esta reforma desse, aquela reforma de um outro, não teria sobrado nada dela.

Pratiquem bem, pois, a observância, seu Diretório; sejam fiéis à obediência e depois, deixem que se fale.

Dêem-se conta, meus Amigos, quanto essa doutrina nos obriga a ser verdadeiramente religiosos. Como nossa vida deve ser imaculada, nossa conduta sem nenhum conceito humano, por mais leve que seja: fazer bem e deixar que falem!

Se a gente se queixa tanto hoje em dia, que tudo está convulsionado, que tudo vem para baixo: instituições, governos. tudo ameaça desmoronar... Por quê? Porque não há mais resistência, baseada em princípios, nenhuma firmeza apoia contra os abalos e impulsionamentos, impulsionamentos esses, que vêm de um lado e do outro. Daí a gente se afasta de Deus; não há mais base e tudo desaba.

Seja o que for o que se diz e se faz ao nosso redor, permaneçamos firmemente apegados a nossos princípios. Todo o mundo sabe a resposta ao Papa, como dizem, dada pelo Superior dos Jesuítas um pouco antes da cassação deles no século XVIII. Talvez, dizia o Pontífice, se a Companhia de Jesus concordasse em fazer algumas modificações em suas Constituições, isso poderia apaziguar a algazarra que se levantou por toda a parte contra ela. O General respondeu com nobreza: "Sint ut sunt, aut non sint." (Sejam como são, ou não sejam.)

Vamos pretender que fazemos melhor do que os demais? Certo que não. Mas constatamos que Deus nos deu a graça de nos apoiar sobre um fundamento inabalável. Estamos consolidados sobre a doutrina de São Francisco de Sales; e sabem que Pio IX dizia dele, que se poderia chamá-lo o Doutor Infalível. E, ao apoiar-nos e firmar-nos nessa doutrina, estamos seguros de entender e interpretá-la bem, porque temos como guia a Boa Madre Maria de Sales, que é, na opinião dos Doutores que eu vi em Roma, a intérprete mais fiel e completa da doutrina de seu Santo Fundador.

Eis porque devemos ficar firmes, inatacáveis, sólidos como o rochedo. Somos donos do verdadeiro, do seguro. Compete a nós guardá-lo zelosamente, não deixar afrouxar nada; incumbência nossa é fazer bem e deixar que falem. A conclusão prática do retiro, pois, será para cada um de nós: firmar-nos, fortalecer nossa vontade no cumprimento da obra divina, penetrar mais e mais na graça de Deus, que nos é dada. Seremos fortes, enquanto caminhando nessa direção e alimentando-nos mais e mais dessa doutrina, que é nossa, esforçando-nos a pô-la em prática o mais possível, sem nos preocupar do que se possa dizer e fazer ao nosso redor. Importa chegarmos a poder dizer ao Nosso Senhor cada dia: Aqui estou! Venho a Vós, porque estou convencido que é assim a vossa Vontade. Assim seja.

Q U A R T A I N S T R U Ç Ã O

R E V I S T A M - S E D E J E S U S C R I S T O

Não me parece mal começar esta noite falando mal um pouco de meu próximo. O que me foi contado é tão extraordinário! E... já trinta, quarenta vezes me esqueço de tratá-lo.

Contaram-me que havia noviços, pretendentes, que achavam como uma coisa rara e até lhes indigna, que se os fizesse supervisionar salas de estudo em nossos colégios.

Onde está, pois, a palavra de São Paulo: "Induimini Jesum Christum"? (Rom. 13,14) Queixam-se de supervisionar salas de estudo? Enquanto os Escribas e os Fariseus, os Príncipes dos sacerdotes se pavoneavam em Jerusalém, no meio do templo, o que fazia Nosso Senhor? Onde estava ele? Tinha sua idade talvez: 20, 24, 25 anos... O que fazia? Obedecia à Virgem Santa e a São José. Erat subditus illis. (Lc. 2,51) O manto com o qual se cubrem, não se parece em nada com aquele que o Salvador vestia... Aliás, era uma roupa, um traje de operário: não seria digno dos Senhores!

Semelhantes sentimentos merecem apenas uma qualificação. Falta - deixem-me dizê-lho - falta bom senso! Colocam-se um pouquinho abaixo da média mais baixa de juízo.

Ad quid venisti?... (Mt. 26,50) Que se pense nisso. Eu lhes declaro que, para religiosos, essa reflexão possui algo de bem estranho. Será preciso repetir-lhes pela milésima vez o que já lhes tenha dito tantas vezes? Nos séculos X e XI, na abadia beneditina de Vallombreuse, uma nova categoria teve que ser criada, uma classe de religiosos, que ainda não existiam, os Irmãos leigos ou conversos, porque todos os que havia como fidalgos, príncipes, homens inteligentes e distinguidos, entre aqueles, que vinham para a abadia, rogavam que se os empregasse exclusivamente para lavar louça, cozinhar, arrumar e limpar a roupa de seus Irmãos. Era um privilégio que ambicionavam se reservar. Foi necessário ceder e então foi criada a classe, a ordem dos Irmãos-conversos.

Estou feliz por ter dito uma palavrinha sobre isso. Fazia questão disso. Talvez não me expressasse tão bem, quanto eu queria; não importa. O essencial é que seja dito. É uma observação geral, que se faz em toda parte. Todos aqueles que têm uma inteligência privilegiada, um coração nobre, nobreza de nascimento também, sempre procuram as ocupações humildes numa comuni-

dade. Exercem-nas com alegria, porque sentem que fazem algo para os outros. Não se faz para eles como se fazia, quando estavam no mundo; são eles que fazem e se dedicam aos demais. Querer que alguém se dedique a nós? Não nos rebaixemos até lá. Induite Dominum nostrum Jesum Christum. (Rom. 13,14)

Revistam-se de Jesus Cristo em toda sua vida exterior, fazendo-o presente em todos os atos que realizarem, até na roupa com a qual se vestem. A roupa que usamos, essa que vamos dar-lhe em seguida, meu prezado Amigo, a Igreja a chama uma roupa de honra e glória. Com efeito, a batina cobre, afirmo-o aqui e ninguém poderá desmenti-lo, ela cobre o que há de mais elevado em virtude, inteligência, santidade; é evidente. Exemplo... Eis uma batina branca nos ombros de Pio IX... Lembrem agora outra personagem que vivia não longe dele - eu não estou fazendo política - o rei da Itália da época. Vejam que diferença e que contraste! Por um lado, quanta dignidade! Por outro, quantos horrores morais, quantas baixezas! Eu estou falando dos mortos. Digo também que as virtudes que são tão lindas sob a batina, são igualmente muito lindas, quando acompanhadas de outra roupa. Eu estou falando em geral.

Quando vestem a batina de manhã, que seja para os Senhores, segundo a expressão litúrgica, como a veste e a roupa de Nosso Senhor. Em toda a parte ela acarreta em seu redor respeito, fé e devoção. Servir-lhes-á de proteção, de garantia contra todo o mal, que anda pelo mundo.

É preciso, pois, usar o hábito religioso com sumo respeito. Quando o vestem, levem-no a seus lábios e beijem-no com devoção; é um objeto santificado pelas orações da Igreja. Usem-no decentemente, convenientemente, de maneira apropriada: são importantes essas coisas. É claro, que a recomendação que lhes estou dando com isso, exige cuidados, um certo trabalho, um certo incômodo; aceitem-no; sejam cuidadosos com vossa roupa, para sempre usá-la honrosamente: é sinal de que são mandatários da Santa Igreja, do estado religioso, de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sejam simples no seu proceder, de um relacionamento fluente com todos, observando o que Nosso Santo Fundador recomenda, em tantos lugares de suas cartas, em seu Regulamento de Pádua. Releiam esse Regulamento de vez em quando. Amdem-se bem a isso no seu exterior, em todas suas relações com o próximo, com os estranhos e com seus irmãos: isso é sábio, tão admirável num jovem de vinte anos.

Revistam-se de Jesus Cristo em todo o seu exterior, à mesa, nas conversações, em seu porte. Respeitem-se em toda a parte e observem a atitude, que corresponde à atividade que realizarem. Um santo religioso dizia:

Encontro a Deus mais no refeitório do que em qualquer outro lugar. Aí, com efeito, nos santificaremos primeiro ao procurar imitá-lo, mas ademais ele mesmo dará, comunicará à comida comum, com a qual nos saciamos, graças divinas de batismo, de renovação de nossa alma. Tenham, pois, muito respeito, muita fé na ação do Salvador nos Senhores, quando à mesa.

Ontem, eu lhes repeti o convite a ter coragem, a esperar no Senhor: *Sustine Dominum et viriliter age*. (S. 26,14) A força da alma não consiste apenas em esforços generosos; é preciso continuar com esses esforços generosos, importa perseverar. O retiro é, certamente, um tempo de trabalho intenso, de marcha forçada, em tempo um que o tempo bom e a brisa amena não estão sempre à disposição. Existem também as intempéries de nossa alma, as oscilações entre o bem-estar moral e a miséria dentro de nós mesmos. Esperem firmemente no Senhor. Que sempre seja ele que manda, em qualquer momento, sobretudo nos momentos mais difíceis, no desânimo, quando o tempo estiver mau. Os discípulos tinham trabalhado a noite toda. Lutaram contra a perigosa tempestade. Na manhã vêm aparecer ao longe uma visão sobre as águas. Um fantasma! O discípulo bem-amado, como o fez mais tarde, após a ressurreição, reconhece imediatamente a Nosso Senhor: "*Dominus est!*" (Jn. 21,7) Era o Senhor no meio das ondas da tempestade: Por que não têm mais coragem? *Dominus est*. É o Senhor! Durante o retiro, o Senhor está sempre presente!

Sejamos bem fiéis no silêncio, nos exercícios; aí está a condição para possuir ao Senhor. De outro modo, o retiro seria pouca coisa, não seria mesmo nada. Pelo contrário, tornar-se-ia até uma pedra de tropeço (1 P. 2,7), uma tentação, o abuso das graças. Ora, o abuso das graças sempre acarreta uma sanção. O retiro é o sopro do Espírito Santo em nossa alma. Sejam bem atentos a observar o horário. *Sustinete Dominum* (S. 26,14), atendam ao Senhor, independentemente da forma sob a qual se lhes apresenta.

São Paulo dizia aos primeiros cristãos: *Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo: Induimini Dominum Jesus Christum* (Rom.13,14), e lhes lembra todas as graças que receberam no batismo, nos sermões sagrados, na palavra do Evangelho. Jesus Cristo é de quem se revestiram então; ele é de quem é preciso sempre se revestir. Eis o que São Paulo recomenda a todos os cristãos, quem quer que sejam ou onde que estejam; seu primeiro ato logo na manhã, sua contínua ação o dia todo deve ser o revestir-se de Jesus Cristo. Nosso Fundador, comentando com sua graça habitual essas palavras "revestir-se de Jesus Cristo", nos explica que, quando aparecermos diante de Deus, revestidos, envoltos dos méritos de Jesus Cristo, onde quer que estejamos e seja o

que for que estivermos fazendo, o Pai verá, olhando-nos, apenas esse manto, sentirá apenas o perfume da roupa do divino Esaú, e esse bom cheiro será aceito por ele.

Revistam-se, pois, de Nosso Senhor, meus Amigos; revistam-se bem dele em suas orações, no santo sacrifício da missa, para que o Pai veja aí apenas seu filho bem-amado: Hic est filius meus dilectus, ipsum audite! (Lc. 9,35) Sim, e que todos aqueles que assistem à missa, escutem bem o padre e se unam a ele. A oração que ele formula em seu coração e recita bem alto, para que nos unamos a ele, rezem-na bem com ele para que recebam dele e com ele, nesse momento, a palavra interior, que ilumina, a palavra da oração de Jesus Cristo, que sobe ao seu Pai da parte dos Senhores.

Revistam-se de Nosso Senhor na missa e também na santa comunhão. Ao levá-lo da Mesa Santa, envolvam-se nele como num manto e que, ao olhá-los, a gente perceba apenas esse manto divino. Entre todas minhas lembranças da Boa Madre, aquela que me permanece a mais vivamente presente é a Boa Madre depois da santa comunhão. Seu rosto estava como transfigurado e todo sumerso em Deus: todo seu ser falava de Deus. Estava revestida de, totalmente absor-ta em Nosso Senhor Jesus Cristo. Que assim seja conosco, meus Amigos, e que a santa comunhão e a santa missa nos revistam de Jesus Cristo não só por dentro como também por fora. Isto se vê e se observa.

Que isso aconteça em nós, meus Amigos. Não é uma recomendação vaga que estou expressando. Não, porque precisamente aí se encontra nossa obra; aí é que experimentaremos um pouco de influência, pela santidade, pela dignidade, pela divindade com a qual rodearão todo seu ser ao revestir-se de Jesus Cristo. Não podem imaginar a impressão que um bom e santo padre causa, um religioso modesto, visto ao rezar na igreja ou celebrando a santa missa. Não o sabem... ou antes sim, o sabem muito bem. Jamais encontrei um padre santo, um religioso santo, sem que esse efeito se desse. E esse efeito é produzido no povo cristão, mas também no meio dos indiferentes, até às vezes entre os que se opõem a nós. Para isso, o que é que se deve fazer exteriormente? Nada. Ponham por dentro o fogo divino, a amor santo, e irradiará então por todo nosso ser. Suscitará em nós a vida de Jesus Cristo; comunicar-se-á, propagar-se-á para fora nas almas. Esse, meus Amigos, deve ser nosso modo forte de pregar; e ninguém resistirá ou se escapará. Não será mais a natureza que fala em nós, em nossa pobre pessoa, isolada, sozinha defronte de todo o mundo e como que arrebatada ao terceiro céu (cf. 2 Cor.12,2); será o próprio Nosso Senhor, do qual estaremos revestidos, que agirá e falará em nosso lugar.

Se tivessem visto a Boa Madre, sempre tão simples, tão natural! Se tivessem visto nosso Santo Fundador, fazendo-se tudo para todos; se tivessem visto a Nosso Senhor mesmo, comendo com os publicanos, com pessoas de má vida, como diziam os Fariseus! E Nosso Senhor, não era ele o bom Deus sobre a terra? Sua vida exterior era muito simples, enquanto sua união com Deus Pai era contínua...

Então, revistam-se bem de Nosso Senhor durante a santa missa e a santa comunhão, na igreja, durante a oração e as funções do santo ministério, em tudo o que se relaciona com o culto e a honra de Deus. Não é que a Santa Igreja nos faz vestir roupas especiais para a missa, o ofício, a oração pública, a administração dos sacramentos? Ela quer, então, que estejamos vestidos diferentemente dos outros homens. E essa vestimenta sagrada não é outra coisa senão o símbolo de Jesus Cristo, de quem devemos, pois, nos revestir, quem devemos dar às almas, e quem quer agir por meio de nós. Devemos dar-nos conta disso. *Circumda vestimentum tuum et sequire me.* (At. 12,8) Lembremos sempre isso.

Revistam-se de Nosso Senhor nos cargos, nas funções que a obediência lhes confiar; que se possa ver e sentir ao Salvador, falando e agindo nos Senhores, pelo respeito que demonstrarem para com o próximo, pelo despreendimento de si mesmos, pela prática constante da mortificação. Verão como isso lhes ocasionará felicidade e como Deus, talvez, dará graças notáveis às almas, às quais se dirigem.

Revistam-se de Jesus Cristo, finalmente, nas atitudes de oração, em seu porte na igreja. Eu recomendo muito que, na igreja, todos os Oblatos se portem da mesma maneira. Os soldados devem obedecer às ordens recebidas. É preciso ajoelhar-se bem normal e convenientemente; não cruzar um pé sobre o outro; não apoiar-se com os cotovelos sobre o genuflexório. Era uma regra no seminário menor não apoiar-se durante a missa, e éramos apenas crianças. Se a gente está doente, fraco, cansado, é outra coisa; mas nesse caso, é bom pedir licença. Que se junte as mãos simplesmente, sem rigidez, assim como as imagens de pessoas que se vê esculpidas sobre os túmulos; que se junte as mãos como São Francisco de Sales costumava fazê-lo. Manteremos o corpo direito, a cabeça um pouquinho inclinada para a frente, numa atitude de recolhimento e de oração. Então todo o mundo os reconhecerá, o bom Deus no primeiro lugar, pois lhe aparecerão todo revestidos de Nosso Senhor. Levaremos essa impressão por onde formos. Não foi isso o que São Francisco de Assis dizia ao Frei Léo? Frei Léo, vamos pregar! E percorriam as ruas da cidade e pregavam sem dizer uma só palavra, tão só pelo aspec-

to de sua atitude de pobreza e recolhimento. Meu caro Amigo, vamos bendizer-lhe o santo hábito religioso e o Senhor passa a vesti-lo. Receba-o agradecido. Tem usado honrosamente outro traje, o indumento de devoção e sacrifício pela pátria. Está entrando num outro ambiente, onde lhe será pedida uma dedicação ainda maior, e até nos detalhes mais íntimos da vida. Aqui também terá exercícios para fazer, mas não será mais só de tal a tal hora; será de manhã até a noite e da noite até a manhã; e deve-se fazê-los sem aborrecimento, com gosto, generosamente e, como diz nosso Bem-aventurado Pai, alegremente. Receba, vista a vestimenta de Nosso Senhor; deposite fé no seu traje religioso; ele será bendito e acarretará gracia divina.

O hábito religioso faz parte dos sacramentais, isso é, dos objetos que, pelo efeito das orações da Igreja, ocasionam graças, segundo as disposições das pessoas, que os usam. Tenha muita fé e traje com respeito o santo uniforme. Lembrem o manto de Elias, que fazia profecias e que aproximava de Deus. Eliseu vai a seu pai Elias, subindo ao céu: Pater mi, pater mi..., fiat in me duplex spiritus tuus. (2 Rs 2,9.12) Reclamava sua dupla herança. Elias deixou cair seu manto que o discípulo recolheu. Usou-o, cruzou o rio de pé enxuto e profetizava. Profetizarão os Senhores também, não no sentido, é claro, de anunciar o futuro, mas no sentido de dar o Salvador às almas, mesmo antes de abrir a boca; profetizarão pelo seu porte simples e modesto, pela vestimenta que levarão e que os revestirá de Nosso Senhor; anunciarão a palavra dele; tocarão os corações. Esse traje santificado e santificante será o prelúdio da vestimenta gloriosa, que lhes será dada no último dia, para o reino eterno, nos séculos dos séculos com Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Rei divino. Amém.

Q U I N T A I N S T R U Ç Ã O

S E J A M C O N S T A N T E S

Que cada um se esforce ao máximo para que o retiro seja concluído perfectamente bem. No último dia de um retiro, à última hora, é comum que a gente se deixa distrair facilmente por experimentar um certo cansaço. A gente se sente como o aluno, que, na véspera das férias, fica tentado da sacudir o jugo um pouco cedo demais. Esforcem-se por terminar o retiro com coragem e empenho; e, enquanto não acabarem os momentos do retiro, sejam fiéis. Nosso Senhor também é fiel, ele não se deixa superar. Dar-lhes-á bem mais generosamente; receberão bem mais amplamente os efeitos das graças do retiro.

O que lhes estou dizendo agora, meus Amigos, é de grande importância. É como um frasco com perfume; se não for fechado a tempo, ou também se for aberto antes do tempo de usá-lo, todo o perfume se evapora; que todo o mundo, então, tenha cuidado até amanhã depois da solenidade final.

Eu gostaria muito que, domingo, os Senhores ficassem aqui, no São Bernardo, para podermos confraternizar um pouco. Não temos podido ver-nos durante o retiro; domingo, o dia em que Nosso Senhor difunde a alegria, passaremos o dia todos juntos.

Meus caros Amigos, vão fazer os votos perpétuos. (No fim desta instrução, os Padre Gitaud, Pernin, Rougelot, Cazeaux e Mariat pronunciaram seus votos perpétuos.) Esses são verdadeiramente seus votos. A Igreja espera dos Senhores uma promessa e um compromisso definitivos. Como no dia de seu subdiaconato, vão dar um passo irrevogável. Não têm por que temer ao dar esse passo. Não vão pôr o pé num terreno desconhecido; sabem qual é o caminho que vão ter que percorrer; sabem quais os combates a travar; numa palavra, sabem o que Nosso Senhor lhes vai pedir. Seu amor profundo, sua graça já lhes devem ter falado amiúde ao coração; e muitas vezes têm ouvido a voz dele clara e nitidamente.

Os votos são uma grande felicidade nesta vida terrestre, pois nossa vontade é inconstante, volúvel, até que seja fixada pelas circunstâncias ou por um voto irrevogável. Nossos pensamentos, nossas impressões, nossas intenções, nossas decisões podem variar; e isso não é uma

circunstância feliz. O homem mais feliz é o homem constante; entrou num caminho, onde não há voltas.

Vão se dar ao bom Deus; o bom Deus, conseqüentemente, em troca, se dá aos Senhores. Deus os empregará doravante como coisa sua. Expresso-me mal: Vos autem dixi amicos. (Jo. 15,15) Assumi-lo-ão como sua única partilha. É um contrato que vão assinar em seguida e que será eterno. No céu, isso não mudará. O lugar que se vão reservar lá, segundo São Tomás, será muito lindo, muito achegado ao Salvador. Não afirma ele no Evangelho que o voluntariamente pobre, que deixou tudo para seguir Jesus Cristo, estará sentado ao lado dele, julgando as doze tribos de Israel? (Mt. 19, 28) Existem dois tipos de fiéis na terra e dois tipos de bem-aventurados no céu. Os religiosos pertencem à primeira ordem. E desde já Nosso Senhor dá ao verdadeiro religioso segurança e paz. Não sofre mais o peso da vida; nem tampouco o de si mesmo, nem de sua vida temporal ou material, já que a comunidade o livra disso. Daí é livre: não há ninguém mais livre do que ele. Faz o que quer, de manhã até a noite. O religioso é o homem - o único aqui embaixo - que possa fazer o que quer da manhã até a noite. Ofereceu sua vontade a Deus, e desde então, todo o que Deus quer e permite, torna-se vontade dele, dele, o religioso, e torna-se objeto da sua afeição. É tudo o que ele quer; é tudo o que ele ama.

Não são palavras vazias, que lhes estou dizendo; os Senhores mesmos o experimentarão. Dêem tudo por tudo, dizia a Boa Madre. Recebe-se tudo, quando não se pechincha, quando não se hesita, bem como dizia São Francisco de Sales. Acostumem-se a isso durante o noviciado, durante os votos temporários. para que, no momento dos votos perpétuos, sua alma se encontre numa estabilidade bem segura.

Existe uma coisa bem notável. A vida religiosa, dizemos, é uma aliança, um contrato entre Deus e a alma do religioso. As Escrituras também são as atas de um pacto, de um contrato entre Deus e sua criatura. Existem dois testamentos, o Antigo e o Novo. Observem como, no Antigo testamento, existe uma unidade completa, absoluta. Considerem o Antigo Testamento desde o paraíso terrestre e sigam o curso das épocas até Jesus Cristo. Reparem o contrato entre Deus e o povo judeu, que se desenrola sem cessar. Deus é sempre fiel. Quando o povo falta com a palavra dada e viola o contrato, é castigado. O Novo Testamento sucede ao Antigo, para o qual era a preparação. Aquele coroa este. Completa-se e se confirma no Sangue de Jesus Cristo. E encontramos ali a mesma idéia, a mesma unidade; o mesmo plano se desenvolve, nos Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos, nas Epístolas, até a Apocalypse, que é a conclusão, já que abra para o céu.

Não há nada que se contradiga em ambos Testamentos; é um todo, um conjunto perfeito. Assim também a vida religiosa. É um Testamento estabelecido, assinado. Os termos do contrato são cuidadosamente ponderados. Nosso Senhor será fiel às suas promessas; importa que cumpramos com as nossas. Ele não se desmentirá. A vida religiosa também é um todo completo; é a vida perfeita, sem falha e sem esmorecimento; é só segui-la passo a passo. No dia em que o religioso professa, se vá sem medo; não há nada para temer; não há nada para desejar além disso. Tudo está completo; tudo seguro. Nada prevalecerá contra esse testamento, esse contrato.

O bom religioso sabe disso. Tem dentro de si uma certeza tão grande, tão completa que não se preocupa em nada por seu futuro, nem por sua salvação. Ele está seguro, com efeito, do contrato celebrado com o bom Deus; e essa segurança o torna de alguma forma invulnerável com relação à eternidade. Se, entretanto, lhe acontecer que comete faltas? O bom Deus, que o tomou para si, se encarregará de eliminá-las, de reparar as lacunas...

Entrareis, pois, meus prezados Amigos, em essa vida de segurança e certeza, completamente apoiados na palavra dada, de Jesus Cristo. Eu não estou exagerando; esse é o verdadeiro sentido, a palavra derradeira sobre a vida religiosa; eis o que se experimenta ao praticar bem sua vida religiosa.

Mas não nos esqueçamos que é imprescindível à nossa vontade uma condição essencial: a constância. Sejam constantes! Essa é a palavra que tomaremos hoje por texto e lema desta instrução: Constantes estote! De fato, não é permitido olhar para trás, quando se põe a mão no arado. (Lc. 9,62) O que aconteceu com a mulher de Lot após ter-se virado para Sodoma? (Gn. 19,26) Nossa determinação deve ser tal que não voltamos nunca para trás. Encararão tudo como bom religioso e não considerem nunca o mundo com pena de tê-lo deixado. Pelo contrário: Ibunt de virtute in virtutem. (S. 83,8) E por virtude deve ser entendida não apenas a prática da própria virtude, mas também o dom que Deus nos faz, com o qual ele nos enriquece a cada passo do caminho da felicidade e pelo qual ele aumenta sempre o valor de seu tesouro para o céu.

A constância... Nada mais recomendado pelas Escrituras. Elas nos fornecem em cada página exemplos impressionantes de constância. Olhem Abraão e sua fé inabalável em constância; ou os Patriarcas, constantes na fé e na esperança; também os Profetas, constantes na espera pelo Messias e na obediência à Lei divina. Constantes estote, nos diz a santa

liturgia às vésperas de Natal, videbitis auxilium Dei (2 Cr 20,17); e nos diz também: Mane videbitis gloriam ejus super vos. (Ex. 16,7) Essa constância, em cada ato de virtude que se apresenta, nos proporciona o auxílio de Deus. Ela é como uma aurora que, precedendo o próprio ato, antes mesmo que apareça o clarão do novo dia, faz resplandecer a glória de Deus em nós e por nós. Mane videbitis gloriam Dei.

Estimulem-se bem a essa constância. Toda vez que se sentirem enfraquecidos ou com pouco ânimo, importa lembrar-se as promessas feitas, promessas de honra: Senhor, eu fico no meu posto, com o auxílio de vossa graça! Peçam a constância em suas orações. Dêem-se conta de que, em última instância, a constância é que faz o santo. Olhem São Francisco de Sales, desde a primeira infância até a morte. Observem São Vicente de Paulo. A Igreja nos diz sobre ele numa leitura de seu ofício, que ele sempre era constante em relação consigo mesmo, semper sibi constans; não enfraquecia nunca. A Boa Madre foi um modelo de constância desde os tempos de Soyhières até seu último suspiro.

Tal é, meus caros Amigos, o espírito do ato, do contrato, que vão celebrar com Deus. Leram na Sagrada Escritura o que se observava, quando o Senhor queria fazer um pacto especial com seu povo. Os Patriarcas levantavam uma pedra em testemunho do acordo recíproco: lapis testimonii. (Gn. 28,22) Noé sai da Arca; ergue um altar em testemunho. (Gn.8, 20) Josué faz entrar o povo de Deus na terra prometida; o Jordão separa suas águas e lhes abre caminho. Josué, por ordem de Deus, manda colocar doze enormes pedras do fundo do rio no lugar onde as águas se retiraram e depois disso mandou colocar outras doze pedras, também sacadas do leito do rio, no lugar onde acamparam naquele mesmo dia na terra prometida. (Js. 4,3.8.9) Observem bem essas doze pedras do fundo das águas do rio Jordão; é que o pacto com Deus seja fundado na humildade. Não digam convencidos ao bom Deus: Eu vos prometo que farei isso ou aquilo..., mas digam-lhe humildemente: Eu desejo... e mediante vossa graça, eu prometo, mas eu não posso alcançá-lo sem vosso auxílio.

O religioso deve ser humilde. Isso não significa que deve pensar que seja menos capaz do que os demais; não, mas basta reconhecer que por si mesmo, por sua própria vontade, não é e não pode nada, vapor ad modicum parens (Tg 4,14). Como é que essa vontade tão fraca conseguirá cumprir com semelhantes promessas? Pela humildade. Estando bem convencidos de que por nós mesmos não somos nada; operando com temor e tremor (Tb 13,6); desconfiando de nós mesmos e rogando humildemente a Deus para

nos ajudar. Se rezamos bem humildemente; se celebramos a missa, conservando-nos bem pequenos; esmagando, como dizia São Bernardo, o que sobra de nós mesmos embaixo dos pés; na direção das almas, não pretendendo nada e deixando o bom Deus ser tudo; se, na pregação, nas instruções que damos aos fiéis, às crianças, desconfiamos de nós mesmos, se não contamos por nada conosco mesmos mas unicamente com Deus, então o Espírito Santo, a Bem-aventurada Virgem, nossa Mãe, nossos santos Padroeiros nos ajudarão; se, na confissão, em todos os atos do santo ministério, tentamos compenetrar-nos do espírito de São Francisco de Sales. se tentamos fazer como ele teria feito, falar como ele teria falado, então não estaremos mais sozinhos e abandonados a nós mesmos; possuiremos a graça da estabilidade, a graça das graças.

O grande meio para conseguir a constância é, pois, sermos humildes, gostarmos de nos considerar como nada perante Nosso Senhor, nada também diante dos homens e nada ainda a nossos próprios olhos. Quem se crê um homem de talento, bem capaz, quem é pretencioso, não chega a nada, pois Deus mesmo abandona ao homem convencido e orgulhoso. Pelo contrário, o homem de proceder simples, humilde, modesto; o religioso que se comporta assim tem valor, pois entende seu papel. Deus está com ele.

A humildade, esse fundo tão formoso sobre o qual nós apoiamos toda nossa vida religiosa, esse amor intenso pelo bom Deus, que nos leva a fazer tudo em nome dele, por ele e como pela mão dele, essa humildade vale tanto que recompensa ser constantes no esforço para adquiri-la: constantès estote. Repito-o, o bom Deus estará presente: Mane videbitis gloriam Dei (Ex. 16,7). Ele os atenderá no início de seus suspiros; nem os deixará terminar; ajuda-los-á em tudo quanto fizerem; protege-los-á em todos os perigos.

Meus Amigos, Nosso Senhor, certamente, tem desígnios providenciais para a Congregação. As provas se multiplicam dia após dia, quase diria hora após hora. Têm a subida honra de ser chamados a fazer parte de uma obra tão privilegiada por Nosso Senhor. Estão associados a uma milícia de seleção de Deus e para a qual Deus, certamente, prepara muitos triunfos. Já aqueles Padres, que os antecederam, tiveram lutas e êxitos. Os Senhores mesmos já trabalharam, lutaram muitas vezes; foram provados; isso não os deteve e vêm pedir ao Senhor que os acolha para sempre em seu serviço. Nossa oração se une à dos Senhores. Vão ficar ainda mais queridos para cada um de nossos padres. Trabalharemos juntos com um entusiasmo todo novo. Nosso Senhor abençoará essa união já tão boa e tão agradável; graças a ele, creio ter hoje motivo para agradecer-lhe a caridade, que

visivelmente nos une todos os corações. Que sua graça, pois, e suas bênçãos mais abundantes desçam sobre os Senhores; que essas se reflitam sobre nossos padres mais jovens; que as mesmas dêem muita coragem àqueles que os seguem imediatamente; que as graças sejam tais que atraem atrás dos Senhores outras almas numerosas, fortes, constantes. Amém.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

S E X T A I N S T R U Ç Ã O

FIDELIDADE ÀS GRAÇAS DO NOVICIADO E DA PROFISSÃO

Hoje é um grande dia para os Senhores, meus caros Amigos. (Profissão do Padre Riton e do Irmão Léger Wolf. Três entradas no noviciado) Estão se aproximando agora do santo altar para se oferecer ao bom Deus. É um grande dia para nós também, pois vêm aumentar nossas fileiras, trazer auxílio à nossa debilidade, engrandecer o número de operários de São Francisco de Sales. E, por fim, é uma grande alegria para nossa Santa Mãe a Igreja, que precisa, neste momento, de consolo, conforto e ajuda; não é que sua coragem esteja falhando, porque ela tem em si mesma promessas eternas...

No momento da morte de Jesus Cristo, a Igreja estava composta de um número muito reduzido de pessoas; ela não tem nada que temer e não tem por que contar suas forças (cf. Lc. 14,31). Os que a seguem, chegam à imortalidade; aqueles que a deixam, vão para a miséria, o opróbrio, a morte eterna. Mas a Igreja é Mãe. Não quer ver que seus filhos pereçam e deseja ardentemente recolhê-los ao seu redor; e os chora quando se perdem: Rachel plorans filios suos et noluit consolari quia non sunt. (Jr. 31,15; Mt. 2,18) É Raquel que chora por seus filhos e não admite ser consolada, porque já não existem.

Ao vir a nós esta noite, meus Amigos, esperam encontrar aqui alguma coisa melhor do que tinham até hoje. Por nossa parte também, esperamos que sua fidelidade ao bom Deus seja maior, que seus esforços sejam mais generosos e constantes. A Santa Igreja vê nos Senhores ajudantes no combate, corações dedicados; ela tampouco seja enganada em sua confiança. Meus filhos, venham dar o primeiro passo no caminho que os deve levar para o céu e que deve conduzir com os Senhores um grande número de almas, que Deus lhes mandará. E ele conta com os Senhores para levá-las a ele.

O bom Deus, que os chama a entrar nessa milícia santa, vai permitir-lhes ser tão fiéis às inspirações santas da vida espiritual, às luzes, às graças freqüentes, algumas vezes inesperadas, mas sempre de um valor infinito! Quando, no meio dos desertos americanos, o garimpeiro recolhe penosamente o precioso metal, a menor parcela do valioso metal; não creiam que vai achar lingotes de ouro embaixo de seus pés; no meio da a-

reia amontoada, acha de vez em quando algumas palhetas, algumas pepitas de ouro, que aparecem no fundo da água barrenta, onde lavou os grãos de areia. Custa um trabalho imenso para recolher essas valiosas parcelas. Pois bem, essa é a graça do noviciado, graça que, por suas correções constantes remedia nossas pequenas insuficiências e que nos induz a pequenos atos de generosidade. Essa graça, se a aproveitarem, dar-lhes-á imensas riquezas, fornecer-lhes-á todos os dons de Deus, colocar-lhes-á nas mãos o talento (cf. Mt. 25,20), com o qual se resgata o mundo inteiro. Essa pequena graça, esse bom gesto de um coração caridoso, esse ato de dedicação, de fiel observância, esse capricho ao fazer cuidadosamente o que for indicado, acreditam talvez que seja pouca coisa? É tudo, absolutamente tudo. O que é a vida? Uma seqüência de pulsações do coração. No momento em que o coração pára e deixa de bater..., está aí a morte!

É assim a vida do noviciado: a seqüência, a série de acolhimentos de Deus; se forem fiéis às graças, têm a vida e a saúde. Se impedirem ou se alguma coisa lhes impedir o coração bater, sua vida religiosa se torna doente; deve-se apurar para achar o meio de recuperá-la. Mas essas são coisas bem finas, delicadas, aprimoradas. Que um religioso clausurado, que uma Visitandina observe isso e o entenda, está bem, mas os homens em geral se contentam "grosso modo"! São homens, é verdade; mas querem tornar-se religiosos, santos? O que faziam São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo, Santo Afonso de Liguori, tudo o que nos toca de mais perto? A vida deles será que foi outra coisa do que uma fidelidade constante às graças de Deus? Todos eles chegaram a isso. E a Boa Madre, o que é que a tornou santa? Não foi com os sofrimentos do martírio que se santificou; não foi nos campos de batalha que expôs sua vida, curando os soldados feridos. Santificou-se por uma fidelidade constante à graça nas coisas pequenas; não se trata de uma alma sem energia; pelo contrário, para se chegar a isso, deve-se despendar uma quantidade incomparável de energia. O Padre Beneditino, secretário de Dom Mermillod, me dizia que a doutrina de São Francisco de Sales é certamente a ginástica mais enérgica e mais eficaz de todas, as que os Padres da vida espiritual aplicaram. Durante todo o noviciado, então, tenham a alma bem atenta à graça de Deus. De outro modo, não farão quase nada. Não são bagatelas!

Volto a minha comparação. Montes de areia cercam-nos. Os Senhores buscam ouro. Tomam um punhado de areia e olham bem: nada! Um segundo punhado: três grãozinhos de ouro. Dirão que se deve jogar fora essa areia? Somarão um grão incomparável ao recolher essas minúcias. É muito difícil? Não. Recolherão pouca - digamos muita - graça de Deus, procurando ser encontrados

atentos e alertas, quando ele vier. Receberão, então, abundantes graças de iluminação, de boas inspirações, de fiel desempenho, de força, de energia. Entreguem-se totalmente à ação do Espírito Santo. Que sua mão não languesça, que seu coração não afrouxe; os combates do Senhor exigem uma santidade, isso é uma vigilância constante e perpétua. Si scires donum Dei! (Jo. 4,10) Se soubessem o que Nosso Senhor dá às almas, que são vigilantes assim! Como ele é bom depois dos dias de tentação, de dificuldades, quando a provação foi forte, quando algum tormento moral nos veio penalizar o coração! Si scires donum Dei! Entendam o que é possuir o dom de Deus, já que com esse se recebe tanto!...

Que sua resolução para o noviciado seja, pois, a de ser fiel à graça de Deus: Nolite extinguere Spiritum! (1 Ts. 5,19) Não a apaguem, dizem as Escrituras, nada mais! Olhem o profeta Elias sobre o monte Horeb. Ecce Dominus transit (1 Rs. 19,11), diz-lhe uma voz. O Senhor vai passar. Primeiro é um vento forte, uma tempestade que se desencadeia: Spiritus grandis et fortis, subvertens montes et conterens petras... Eis o Senhor!, exclama o profeta. Não!, responde-lhe a voz, non in commotione Dominus! Vê um grande fogo, está por se ajoelhar: não! não é o Senhor, non in igne Dominus. Ouve então algo como o sopro suave de uma respiração humana, sibilis aurae tenuis. (1 Rs. 19,12) Era o Senhor... O bom Deus não se encontra no barulho, no que brilha; mas no recolhimento e no silêncio, ouvem como um sopro suave: É o Senhor todo inteiro...

Se fossem Cartuxos, lhes diria: Meus filhos, preparem-se bem para levar uma vida de solidão completa. As quatro paredes de sua cela serão todo seu horizonte; só sairão daí para ir morar no cemitério. Cada dia se comunicarão apenas com seu Superior. O refeitório lhes será aberto duas vezes por semana apenas. Prepararão sua comida em suas celas, às 10 e às 6 horas: será uma refeição bastante leve; sua cama será dura, sua roupa grosseira. Deverão ficar acordados cada noite das 10 horas até a uma e meia ou as duas horas de madrugada, e isso sem excluir o tempo mais rigoroso do inverno... Mas não são Cartuxos; o que vão fazer, então, para preencher seu dia? Qual será o sol que guiará seus passos? É este: a fidelidade aos exercícios do noviciado, a fidelidade às graças do noviciado.

Meus caros Amigos, os Senhores vão fazer a profissão, isto é, vão dar mais um passo; vão começar de verdade sua vida religiosa; vão se comprometer a observar os votos de pobreza, de castidade, de obediência. Já deviam observá-los durante o noviciado, como acabo de dizer. Ao fazer seu noviciado, devem ter entendido e praticado todas essas coisas. A profissão religiosa não lhes trará nada especial para fazer, pois o noviciado

é realmente o começo da vida religiosa. O que já têm feito, é o que vão fazer. Continuarão suas práticas de humildade, de obediência... Já têm obedecido continuamente ao seu Mestre de noviços...

Além disso, vão entrar na vida ativa e apostólica, a vida apostólica do ensino, da educação da juventude. Essa vida é certamente muito importante nos dias atuais. Esse é o único meio que se nos apresenta para preservar as jovens almas da contaminação do século e de uma perda quase segura. Ô meus Amigos, quanta fé, quanta coragem, quanto espírito religioso supõe essa obra! Quem poderá realizar essas coisas, a não ser aquele que pertence inteiramente a Deus e que vive em íntima união com ele? Assumam esse cargo com dignidade. O religioso não é como o homem do campo que cava a terra ou como aquele que manobra ferramentas de operário; este trabalha no terrestre e no humano. Bendito seja, se o faz sob os olhos de Deus! O religioso que educa a criança, que cuida do estudo, que dá aula, primeiramente pertence a Deus, com todo seu coração e toda sua alma, já que realiza uma obra divina e depois pertence à obediência, que lhe dita como se deve fazer. Sim, ele trabalha no divino; não é Deus que nos criou e que nos forma? E aquele que trabalha para educar a juventude, para instruir e formá-la, coopera com Deus e pode-se dizer que sua obra é toda divina, pois Deus também acompanha a atuação dele. Não é o homem que consegue levar o homem a Deus; só Deus pode conduzir ao homem a si. Por isso, é importante dar-se ao trabalho com respeito, obediência, com uma confiança ilimitada nos meios indicados; com essa dependência de Deus, do Senhor que guia e faz tudo prosperar. Entrem nessa arena de caridade e farão o bem. Requer-se muitas coisas para ser digno de ensinar a palavra de Deus; conhecimento, santidade são indispensáveis para que a palavra ensinada seja acolhida eficazmente. Importa que aquele que ensina, goste e faça gostar do dever. Vão prometer ser Oblatos; quanto à sua intenção, é para sempre, eternamente; encarreguem-se, pois, do que é necessário.

Nossa missão consiste em ir por toda a terra, representando Nosso Senhor, dizia a Boa Madre. Será necessário, que se o veja ainda, caminhando sobre a terra, dizia ela. Com efeito, a missão dele não acabou. Parto (Jo 16,7), disse Nosso Senhor para seus Apóstolos; mas voltarei a vós (Jo 16,16) e estarei convosco usque ad consummationem saeculi (Mt. 28,20). Ajudamos-vos, Senhor, a continuar vossa vida aqui embaixo; devemos ser vosso rosto, vossos atos, vossas palavras... (Nossos Padres que estão longe, nas Missões, pedem encarecidamente auxílio) e ajuda. Mas, dizem sempre, mandai-nos santos! A nós a missão de ajudar as almas, de conduzi-las aonde o Nosso Senhor as quer. Quantas exigências implica o cumprimento desse encargo! Deve-se dizer uma

palavra cheia de Deus; não falemos sem motivo, só por falar e não ponhamos a nós mesmos em nossas palavras. O coração seja tão puro, a intenção tão reta, que só Deus apareça; que ele resplandeça livremente e se estabeleça diretamente nessa alma.

Coragem, meus Amigos! O que Deus iniciou, no-lo continuará. (cf. Fl. 1,6) A graça, até hoje, nunca nos faltou; ser-nos-á continuada. Mas ficam com medo; querem recuar, voltar para trás... Vão adiante, vão, filhinhos! Lembrem sua infância e a proteção com a qual seus bons pais os cercavam; os cuidados que lhes davam, os perigos dos quais os faziam escapar. Será que o bom Deus não é seu Pai, assim como é Pai de todo o homem, o Pai de cada alma em particular?

A Boa Madre me disse que aqueles, que entram nesse caminho, estariam seguros de cumprir a Vontade de Deus, que os mesmos seriam muito mais santos e capazes de animar muitos outros. Dizia-me: não são eles que cuidarão das obras, o bom Deus mesmo delas cuidará. O que há de mais consolador do que isso? O bom Deus assume as obrigações dos Senhores, seus votos, seus encargos; toma-los-á inteiramente a seu cargo e lhes dará a graça, a força para realizar tudo bem. Ele solicita dos Senhores a determinação necessária para fazer o que dos Senhores espera. As promessas dele, até hoje, sempre se têm cumprido. O que o bom Deus fez para nós todos é tão visível, desde o dia em que, pela primeira vez, fomos admitidos como noviços. O finado Dom Ravinet, de boa, agradável e santa memória, nos dizia: Sois apenas um grão de mostarda, totalmente despercebido; breve será uma árvore, uma grande árvore, que estenderá seus longos galhos, nos quais os filhos de Deus virão se refugiar. (cf. Mt. 13,32) Olhem, a profecia do bom e santo bispo e as promessas da Boa Madre se realizaram. O mundo, em muitos lugares, já possui Oblatos, Oblatos, que realizam a obra de Deus de uma maneira bem especial, sem auxílio, sem ajuda, nas posições mais avançadas da Igreja, nas regiões mais difíceis e mais abandonadas. O bom Deus está onde eles estão; ele os leva nas mãos.

Acabam de fazer seu retiro, meus Amigos; este retiro foi uma manifestação da ação divina sobre cada uma das almas da comunidade. Não, não considerem como um nada ou como pouca coisa esse espírito de simplicidade, de infância espiritual, de santa ingenuidade, que os fez acolher o bom Deus tal como ele se lhes deu durante o retiro. Ponham bem alto no coração as palavras que ele mesmo lhes disse, como aquelas que ouviram, vindo de fora, da boca de quem lhes falava. Será pouca coisa o dom dessa caridade inteira e completa, que hoje une todas suas almas, todos seus corações, que faz esse "cor unum", essa "anima una" (At. 4,32), que vem do amor, nutrido pelo mesmo fogo? É o verdadeiro amor divino, a caridade serena e suave, que

exala a de Nosso Senhor. Profetizou-se sobre Nosso Senhor: Ele não apagará a mecha que ainda fumege; não quebrará o canço rachado. Não disputará, não elevará a sua voz, ninguém ouvirá sua voz nas praças públicas. (Mt.12, 19) Será nada tampouco essa suavidade, essa mansidão para com as pessoas, que nos cercam? Nem tampouco o trabalho, no qual cada um põe a mão, além de suas forças? Olhem o que aconteceu aos seus antecessores. Recuaram diante do quê? Nada os deteve: penas trabalhos, contradições, cansaços. Isso não é uma graça de menos importância e despercebida do bom Deus; só ele pode proporcionar essa constância e essa força: Dominus virtus mea et adiutorium meum. (S. 45,2)

São essas as coisas que vão fazer na família, em que estão entrando, meus caros Amigos. Não sejam membros degenerados. Pelo contrário, renovem essa família pelo complemento de sua juventude e de tudo quanto Deus lhes dá de força, de vontade, de energia. Lembrem como tudo, o que Jesus fazia, era grande e completo, assim como tudo o que Deus faz.

O Salvador Jesus passa perto do lago de Genesaré. Lança seu olhar a dois irmãos, que estão lá trabalhando no barco com um pai já idoso e que desde muitos anos ganhavam com essa pesca seu pão duro e penoso. Lança um único olhar a ambos irmãos: Venite! (Mt. 4,19) E eles vêm e o seguem. Deixam suas redes e o pai. Só o olhar de Jesus, com o tom da palavra pronunciada, lhes penetrou no fundo da alma. Sim, Senhor, eis-me aqui, pois me chamastes.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

Fim do retiro de 1890 (segunda feira, 18 de agosto - sábado, 23 de agosto)

1891

RETIRO ANUAL DE 1891

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

O CAMINHO

Limitamos a um número reduzido os exercícios deste retiro para, de algum modo, dar mais solenidade e mais peso às instruções que tenho para lhes dar; mais solenidade, pois me estou dirigindo sobretudo aos Superiores de nossas diversas casas; mais peso, pois desejo que estas instruções sejam a base de suas instruções aos Padres e Irmãos, no meio dos quais se encontram.

Toda a Congregação religiosa tem necessariamente um carisma especial, em que se baseia e que ela explora: é a parte do campo do Pai de família, a qual lhe é confiada. Entre as pessoas do mundo comercial, na indústria, no ramo bancário, se encontram ocupações variadas: uns cuidam de uma coisa, outras de outra; todos têm uma única meta: ganhar dinheiro.

Toda Comunidade também tem uma meta: ganhar almas para Deus, estender o Reino de Nosso Senhor, ajudar, confortar, difundir a Santa Igreja. Em toda a parte, onde os operários do Evangelho se empenham, o modo de obrar não é o mesmo, pois, nesse caso, uma única Congregação seria suficiente. Cada Instituto, então, possui seu talento particular, que lhe foi confiado, um carisma especial a explorar.

O que lhes vou dizer hoje, meus Amigos, parece bem necessário. Nosso talento especial, nosso carisma particular é o espírito da Boa Madre Maria de Sales, que não é outro do que o espírito de São Francisco de Sales. Se existimos, é graças ao que Deus revelou a essa santa religiosa. Esse espírito é nossa herança, o particular nosso, o próprio muito nosso. É extremamente acertado sabermos muito bem o que é esse dom e conhecermos seu alcance... Digo isso, porque a Boa Madre começa a ser conhecida numa quantidade de lugares. Um certo número de eclesiásticos compreenderam algo de suas idéias tão relevantes e às vezes sublimes; saborearam a doutrina dela: alguns se maravilham grandemente dos ensinamentos, das idéias dela. E, numa palavra, a Boa Madre começa a ser conhecida e a adquirir autoridade. Em Roma, Dom Zitelli me disse: Não podeis imaginar que influência a

Madre Maria de Sales é chamada a exercer na Igreja...

É, pois, muito necessário verificar o verdadeiro sentido das palavras da Boa Madre e explicitar bem em que consiste o espírito dela. Estou fazendo isso hoje. A veneração à Boa Madre se espalha; fala-se sobre sua doutrina; é muito oportuno estabelecer os termos para não ultrapassar alguns limites além dos quais a prudência estaria falhando e a teologia talvez perigando.

Observemos desde já que a Boa Madre jamais escreveu para o público; nunca publicou livros; nunca enunciou uma palavra de uma doutrina propriamente dita. Seus únicos escritos são respostas a algumas pessoas, que solicitavam conselhos e o que se chama suas cartas ao Padre Regnouf.

Nas suas respostas aos que lhe fizeram perguntas, dizia simplesmente o que pensava; sempre respondia clara e brevemente, em consonância com a doutrina de São Francisco de Sales. Todas essas respostas não nos manifestam nenhuma visão completamente pessoal; ela nunca expressou "um só i" (cfr. Mt. 5,18) fora das idéias universalmente aceitas e as quais todo o mundo conhece. Por que a Boa Madre agia assim? Não sei, mas é motivo porque lhe estou agradecido. Teria sido um trabalho demasiado para os canonistas do Processo de Beatificação, que teria acarretado problemas e demoras, se tivesse escrito de outro modo, de uma maneira mais destacada e mais original.

Existe também, entre os escritos da Boa Madre, o que se chama as cartas ao Padre Regnouf. Não são exatamente cartas, é sua prestação de contas a seu confessor, o Padre Regnouf, e um pouco a mim também, por algum tempo.

Nesse escrito muito íntimo, a Boa Madre presta contas de sua consciência. Não pretende expressar uma doutrina e muito menos ainda ensinar: Eis o que creio, o que vi, o que senti... Ao prestar contas, obedecia ao seu Superior, o Bispo de Friburgo e Lausanne. Esse, no tempo do noviciado dela, a mandara prestar contas de tudo o que se dava nela; ela cumpria essa ordem pontualmente até sua morte. Estando ausente o confessor, ela lhe prestava conta por escrito e é a uma doença prolongada do Padre Regnouf, que devemos essas cartas. Assim se pôde conservar muita coisa bonita e boa.

E isso, repito, é tudo o que a Boa Madre escreveu.

As Irmãs da Visitação de Paris e Troyes, edificadas pelas palavras da Boa Madre durante sua estadia no meio delas, recolhiam com muito respeito e apontavam cuidadosamente tudo que ela dizia. Mas os Senhores sabem como as religiosas recolhem e anotam essas coisas: A Boa Madre

disse isso, disse aquilo... E se acreditou, sem dúvida, reproduzir fielmente sua palavra e sua idéia; talvez sim; também outra vez, talvez não seja bem assim seu pensamento... É muito certo que boas religiosas, não tendo estudado filosofia nem teologia, apenas podem captar e dificilmente reproduzir a rigor absoluto, o que tem características de raciocínio e especulações doutrinárias. Então, algumas páginas que as Irmãs espalharam e publicaram, merecem sem dúvida nosso respeito, mas a gente não se pode basear nisso para estudar a doutrina da Boa Madre. Esta jamais soube o que a faziam dizer; e, se tivesse sabido, teria estado muito contrariada. Quando dissera algo a uma Irmã e se lhe pedia depois alguma explicação em comunidade, se negava a responder. Entendereis mais tarde, ela dizia.

Não tenho o caderno escrito pelas Irmãs da Visitação de Paris. Mas me indicaram particularmente dois detalhes. A Boa Madre teria dito: Aquelas que não querem prestar contas à Superiora, irão para o inferno!... E em outra parte ela diz, parece, algo contra a direção da parte do confessor. Esses dois pontos, considerando sobretudo o Decreto que acaba de ser promulgado, podem parecer um pouco inoportunos... Mas, primeiramente, ambos são bastante anteriores ao Decreto, que é de 1890. E, também me dei conta... O contexto mostra muito claramente que o sentido exato das palavras da Boa Madre não é precisamente aquele que se gostaria de fazê-la dizer. Ela não diz, de maneira alguma, que a Visitandina, que não presta contas à Superiora, irá para o inferno; ela diz que a falta de abertura de coração para uma religiosa é a chave do inferno... Se é a chave, não é o próprio inferno... Tem-se a chave da cadeia na mão, não por isso se está na prisão. Eu estou convencido que a Boa Madre, falando a uma Irmã, cujos defeitos e tendências ela bem conhecia, pode ter-lhe dito: Se não prestais contas e ficais reservada, um dia podereis ir para o inferno. Isso não é, certamente, a mesma coisa que dizer a toda uma comunidade e de modo geral: Aquelas, que não prestarem contas, irão para o inferno! A Boa Madre nunca o disse e nem pensou nisso.

Quanto à direção espiritual do confessor, a Boa Madre sempre dizia e repetia, que, o que diz respeito à consciência, deve ser manifestado ao confessor e o que concerne à vida religiosa, é assunto da Superiora.

Isso dito, voltemos ao que, muito impropriamente, é chamada de cartas da Boa Madre e eu deploro esse título. É, pois, sua prestação de contas ao seu confessor ausente e enfermo e não se trata, de maneira alguma, de instruções de cunho doutrinário. O que haveria de estranho e quais seriam as conclusões a se tirar, se a Boa Madre, ou uma alma piedosa qualquer, ao prestar contas a seu confessor, parece não dizer as coisas sempre com a máxima precisão ou em termos rigorosamente teológicos. A mais não se

justifica basear-se numa prestação de contas ao confessor para extrair daí uma fórmula completa de doutrina. A doutrina da Boa Madre era a de São Francisco de Sales.

Eu insisto nisso, meus Amigos, porque vários padres alheios à Congregação, já começaram a pregar a doutrina da Boa Madre e isso, não obstante, com muitos resultados edificantes. Muita gente fala sobre ela; muitas almas querem procurar aí seu alimento. É, pois, muito oportuno determinar com precisão o que é verdadeiramente sua doutrina; e, repito-o, essa doutrina é exatamente a de seu Santo Fundador, São Francisco de Sales.

A Boa Madre era dotada de uma inteligência muito notável. Eu podia observar isso durante quarenta anos, durante os quais a via quase todos os dias; ouvia ela falar; via ela agir. Ela tinha por confidente, por amigo de alma, entre outros, o Padre Beaussier. Era um santo padre. Apreciava acima de tudo as cartas da Boa Madre; tinha-as copiado de joelhos; com elas alimentava sua alma e seu coração. Mas às vezes, quando queria tirar daí certas conclusões, que não eram corretas, que não correspondiam ao pensamento da Boa Madre, quando queria elevar uma pequena construção fora do edifício, isso aborrecia a Boa Madre. Ela me disse um dia, em 1871, quando o padre Beaussier viera visitá-la em Troyes: Como o padre Beaussier me cansa!... Estou lhes dizendo isso, meus Amigos, para que captem bem como se deve encarar a questão.

Nas suas orações, a Boa Madre recebia muitas coisas e acho realmente que isso vinha do bom Deus. As primeiras vezes, falei sobre isso com o padre Chevalier: A Madre Maria de Sales sempre fala em nome do bom Deus; deve-se dar-lhe crédito? Estais livre de crê-la ou não, ele me respondeu... É uma coisa bem certa, que é uma santa religiosa e que às vezes dispõe de conhecimentos, que parecem vir de Deus... Por exemplo, o padre Sébille, o professor de dogma, que não quer mais visitá-la; está convencido que ela viu todos seus pecados e não se atreve mais comparecer diante dela...

Meus Amigos, eis uma palavra que a Boa Madre me repetia cem vezes, mil vezes: O que o bom Deus me dá, é o resultado da Caridade divina. Por algo é que ele me dá isso. Conseqüentemente, tereis o resultado do resultado. Tereis a luz em conseqüência da graça, que me é transmitida. Será vosso dom, o dom confiado a vossas mãos. O dom que Deus a mim me deu é pessoal. O fato que eu recebi essas graças do bom Deus, não prova que outro as receberá como eu. O bom Deus me manda luzes, graças; algum efeito há de surgir disso. Vós é que o fareis frutificar. Participareis, sem dúvida, até certa altura, mas a própria coisa não será entregue a vossas mãos. O primeiro dom é intransmissível... É uma palavra que aflorava muitas vezes aos lábios da

Boa Madre e em suas cartas: o Caminho. O que é, então, o Caminho? O que é estar no Caminho?

Algumas Senhoras piedosas, ao ler os escritos, ao ler a vida da Boa Madre, acham que é uma coisa muito bonita, o Caminho... Imaginam o Caminho como uma série de favores muito extraordinários, que conferem à alma um raro grau de perfeição, uma santidade incomparável. Nessa hipótese, o Caminho seria uma espécie de dom extraordinário de Deus, outorgado a certas almas, elevando-as a um estado de santidade e dignidade singulares, maiores que as concedidas aos fiéis comuns.

Acho, meus Amigos, que a Boa Madre nunca entendeu as coisas assim e vou-lhes dar o motivo por quê. Se o Caminho é assim, como se distingue, se esta ou aquela alma está no Caminho? Quais serão os sinais disso? Pois afinal, necessariamente haverá sinais... Bem, uma pessoa com a cabeça mais ou menos esquentada, que se crê no Caminho e que lhe vem dizer: eu estou em tal ou tal estado... Recebam respeitosamente as afirmações dela; escutem-na; digam-lhe que reze bem; rezem bem os Senhores mesmos; pensem e julguem isso do ponto de vista teológico e sobretudo prático. Com efeito, o grande princípio é este: Ex fructibus eorum cognoscetis eos. (Mt.7,16.20) Eis a sabedoria profunda da teologia... Essa alma, que lhe fez essas importantes confidências, será que está realmente num estado de santidade, de fidelidade, que corresponde às graças que ela julga receber? Primeiramente examinem a vida exterior: o exterior das religiosas sobretudo, lhes revelará as disposições interiores. São submissas, humildes, obedientes à sua Regra e sua Superiora, perfeitamente caridosas, verdadeiramente mortificadas? Se uma dessas condições faltar, atenção! Talvez haja alguma coisa verdadeira, no que lhe dizem, mas não tudo é verídico.

Quando se vem relatar-lhes estados extraordinários; quando se lhes diz, por exemplo, que a alma experimenta coisas como as que a vida da Boa Madre conta, indaguem-me um pouco esse assunto!... Quem é que está diante dos Senhores? Uma pessoa, que sempre se conservou fiel ao bom Deus... Bem. Tenho sempre uma certa prevenção, se não foi assim... Sei muito bem que Deus concedeu grandes graças a São Paulo, Santo Agostinho, Santa Madalena. Ele pode dar grandes graças depois de grandes pecados. Mas isso, na prática, não é frequente. Por que se fala tanto sobre São Paulo, Santo Agostinho, Santa Madalena?... Exatamente porque é extraordinário e raro ver pecadores num lugar tão alto; porque, normalmente, o bom Deus não escolhe, como intérpretes e executores extraordinários das determinações de sua Vontade diante dos homens, almas já manchadas por grandes pecados. Quando alguém me vem dizer: eu me pareço com a Boa Madre,... eu examino, quando se vem confessar, se a vida se parece à da Boa Madre; se a dessa é inocen-

te, fiel, generosa como a desta... Importa muita cautela. Não se deve, a partir de alguns sintomas, concluir rápido demais que uma alma seja beneficiada por caminhos extraordinários. Convém desconfiar desta expressão "o Caminho", quando entendida assim. Seria alguma coisa perigosa. Navegar-se-ia sobre águas totalmente desconhecidas.

Qual é, então, a verdadeira definição do Caminho?

O Caminho é simplesmente a união de nossa vontade com a Vontade de Deus, a união de nosso coração ao Coração divino. É a união de todo nosso ser a Nosso Senhor, por nossos atos, nossas decisões, nossos sentimentos e afetos, nosso coração. Todos que aceitam trabalhar para isso com todo o seu coração, estão no Caminho, ao qual se refere a Boa Madre Maria de Sales. Os que não vão nesse sentido, não sei donde eles vêm... A obediência, sobretudo para a alma religiosa, é, pois, a condição essencial do Caminho, já que a obediência é a expressão da Vontade de Deus...

Mas Deus me comunicou esta ou aquela luz, este ou aquele favor... Deus é o mestre. Receba os dons dele humildemente e agradecidamente. Mas se o Senhor, religioso, concluir disso que possa fazer qualquer coisa, fora da obediência, se coloca fora da lei de Deus. Como poderá, então, estar no Caminho?... É súdito e se estabelece Superior?... Quia non sum sicut ceteri hominum (Lc 18,11)...: exatamente como o Fariseu no Evangelho! Está bem perto do abismo e roça a ilusão... O protestante não se crê justificado apenas por sua fé? E o Jansenismo, não é também a justificação sem consideração das obras?...

Sim, meus Amigos, a verdadeira definição do Caminho é esta: a união com o bom Deus, a união da vontade e do coração; aceitando de bom grado o que Deus quer e dá; amando com amor de complacência tudo o que vem de Deus ou o que ele permite. Procurem na vida da Boa Madre Maria de Sales, se há outra coisa. Ego sum via! (Jo 14,6) A personalidade de Nosso Senhor, com quem se quer ficar intimamente unido, eis todo o Caminho. E então cumprimos a Vontade dele, amamos o que ele ama... Eis todo o Caminho. Não é um privilégio particular, extraordinário, que recai casualmente sobre esta ou aquela pessoa, para confirmá-la em graças.

É o meu desejo que isso seja o fundo da doutrina dos Oblatos. Amar o que Nosso Senhor ama, eis o Caminho. Que outros tenham outras idéias sobre isso; são livres. Que acreditem no que preferirem; desde que tudo seja correto e não tenha inconveniências, está bem. Mas que se cuidem! Para nós essa é a doutrina que devemos segurar com relação ao Caminho; e ela está e permanece bem fundada.

O Caminho, entendido assim e praticado assim, é certamente uma das doutrinas mais confortantes que se possa encontrar e seus frutos podem ser admiráveis. Os dons são às vezes muito palpáveis; nossos padres missionários no-lo repetem constantemente. O padre de la Charie acaba de pregar, aqui em Troyes, o retiro das obras. Quatrocentas jovens operárias fizeram esse retiro e o concluíram com uma fervorosa comunhão. E, no entanto, a maioria dessas moças não têm em casa o exemplo da fé e da virtude... É o ambiente comum do trabalho, na indústria e no comércio. Como explicar que quatrocentas moças chegam uma semana inteira e cansadas de uma jornada dura de trabalho, com uma vontade bem intencionada, com o desejo de amar melhor a bom Deus e de servi-lo melhor. A comunhão de clausura foi um espetáculo muito confortador. Deus estava presente, fazia-se sentir, podia-se vê-lo de verdade... O pároco de São João me repetia isso vinte vezes durante o retiro.

Nossos padres, que trabalham nas missões, têm uma grande fé no Caminho, assim entendido. Dizem todos a mesma coisa em suas cartas, em seus diálogos, quando voltam de suas missões: Eu entendi completamente o Caminho, do qual a Boa Madre fala. Creio que estou nele, que avanço por aí... Como a gente se sente ajudada e apoiada nessa união de todos os atos e de todos os momentos com o bom Deus! Que paz e que gozo na alma!

Voltando ao que lhes dizia no início, eu desejo que os Senhores todos também entendam bem o Caminho da Boa Madre. É o carisma que ela nos legou, nossa doutrina, nossa propriedade, nossa vida. Seja o que for o que lhes diga lá fora sobre o Caminho, seja o que for o que se escreva, manter-se-ão sempre dentro dos limites da santa doutrina que lhes tracei. Essa carisma, pois, é um fundo que nos é posto nas mãos. Será preciso valorizá-lo em nós e nos outros. Que nos compenetremos bem dessas instruções divinas durante estes poucos dias de retiro. Estes dias benditos devem ser para cada um de nós uma preparação à vida e ao estado, dos quais temos falado; uma preparação para entrar bem no Caminho e para segui-lo valentemente. Impregnemo-nos dessa doutrina para compreendê-la e para fazê-la compreendida pelas almas que Deus nos enviar. Assim seja!

S E G U N D A I N S T R U Ç Ã O

C O M O F A Z E R O S R E T I R O S ?

Na instrução de ontem, eu lhes disse o que se deve entender pela palavra Caminho: Ego sum via. (Jo 14,6) Expunha-lhes o perigo que havia ao supor que o Caminho era um estado constituído, completo e acabado de saída, com graças e favores particulares e extraordinárias, os quais Deus concedia a certas almas e que dava ao feliz preferido um cunho especial, alguma coisa distinta... Mostrava-lhes em algumas palavras o perigo de uma semelhante doutrina, que teoricamente se aproxima do erro e que pode tornar-se desastrosa na prática. O Camino sobre o qual a Boa Madre fala, entendido no seu verdadeiro sentido, é certamente bem diferente e desejável de forma totalmente distinta: a união de nossa vontade à Vontade de Deus, a união de nosso coração ao Coração de Deus. Queremos o que Deus quer e exatamente onde Deus o prefere. A alma, que entrou nesse caminho, quer isso decidida e eficazmente. Está garantidamente no caminho da santidade. Toda vez que uma alma estiver resignada a cumprir inteiramente com a Vontade de Deus, a depender totalmente da Vontade de Deus, ela leva sobre a terra a vida dos Bem-aventurados no céu. A Boa Madre, ao dizer coisas tão lindas para encorajar a entrada no caminho, não se engana. Notarão isso, meus Amigos. Toda a alma, que toma generosamente essa resolução e fica fiel, é uma alma, que se pode considerar predestinada. Certamente receberá ajuda toda particular de Deus, em qualquer circunstâncias em que se encontra, seja o que for a função a exercer. Se Deus a quer enriquecer com dons naturais e especiais, ela possui todo o necessário para corresponder a tanto: Si scires donum Dei! (Jo 4,10) Ela o entende e o adivinha.

O que eu disse ontem, não era para os desviar de entrar no Caminho. Quis explicar-lhes qual era o risco, que se corria, não encarando o Caminho na devida forma: a união da vontade e do coração do homem com a Vontade e o Coração de Deus. Essas, repito-lhes, são as duas condições seguras da santidade.

Não saberia encorajá-los demasiadamente a entrar no Caminho, meus Amigos..... O que têm que fazer para isso? Nada mais do que os mandamentos de Deus e da Igreja, suas Constituições e seu Diretório. Estejam dispostos no seu interior a sempre acolher a Vontade de Deus, seja como for; dispostos a comunicar-se com Deus e apoiar-se nele em todo o tipo

de coisas e circunstâncias. Não é uma lição de teologia, meus Amigos, que lhes estou dando, é uma indicação, ou antes um caminho certo que lhes abro e que devem seguir para alcançar a meta que procuramos. Tantos quantos somos, todos devemos entrar nesse caminho, para que façamos entrarem os outros. É a isso que somos chamados. Notem, aliás, que toda vez em que uma alma se resolve a isso e entra generosamente nessa maneira de agir, opera-se nela uma real transformação e sua santidade se consolida, não uma santidade que opere milagres, claro, mas a verdadeira e profunda santidade. Esse é o bom e santo religioso, que atende pontualmente a observância, que pratica perfeitamente a caridade para com o próximo, a humildade, a mortificação e todas as virtudes, que perfazem o cortejo do amor. Pediremos à Boa Madre Maria de Sales que nos dê a compreensão e a prática dessas coisas.

Hoje, meus Amigos, quero dizer-lhes uma palavra sobre nossos retiros. Este ano não fizemos, como nos anos anteriores, um retiro geral. Normalmente, as comunidades de homens, de padres, não realizam retiros gerais. Eles têm seu Capítulo Geral cada seis ou dez anos e isso serve como retiro geral. Olhem aos Jesuítas, as Ordens antigas, que não costumam fazê-lo. A Congregação começa a estender-se e breve nos será impossível reunir um tão grande número de religiosos. Isso, aliás, não seria conforme nosso voto de pobreza. Devemos lembrar-nos que o voto de pobreza obriga a quem a pronunciou, é claro; mas obriga igualmente a própria comunidade, a casa onde vive o religioso, que fez o voto de pobreza.

Devemos pensar nisso. O Superior demasiado bonachão, que desse fácil demais licenças para fazer gastos no tocante à pobreza, estaria culpável por ir redondamente contra as intenções da Santa Igreja, que quer a prática da pobreza nas suas comunidades. Os Padres Jesuítas não permitem viagens de lazer, além das viagens obrigatórias para o serviço da Sociedade, ou também para uma saída absolutamente necessária. Fora disso, o Superior se considera obrigado a observar ele mesmo e fazer os outros observar estritamente o voto da pobreza e a evitar gastos inúteis para viagens. Entremos, nós também, nesse modo de ver e agir com relação a nossos retiros e façamos como os religiosos, que fazem seu retiro em particular.

O clero secular, esse sim, deve ter retiros gerais. O Bispo tem a obrigação de garantir, cada ano, que cada um de seus sacerdotes tenha feito seu retiro. Ele observa essa regra. Cada ano, promulga uma ordem relativa ao retiro pastoral e dá assim o meio a seu clero para se revigorar pelos exercícios espirituais. Para o pobre padre de nossas regiões sem religião, que durante um ano todo pregava cada domingo para as paredes e os

bancos de sua igreja, é um verdadeiro prazer ouvir boas palavras, dirigidas a ele mesmo. Eu sempre me impressionava, participando dos retiros eclesiásticos. É sempre uma grande honra e um grande conforto para o pregador. Não se pode achar um auditório mais inteligente, mais benevolente, mais simpático do que uma assistência de padres. É uma das mais lindas lembranças da vida. Um retiro geral para o clero das paróquias é, pois, uma coisa bela e santa.

Aqui, para nós, isso se torna cada vez menos possível. Um dos principais motivos, conforme acabo de dizer, é o gasto considerável, ocasionado pelas viagens. Além disso, será um retiro geral tão necessário para o padre religioso, para o Oblato de São Francisco de Sales como para o padre secular?

O religioso tem sua Regra a cumprir fielmente, dia após dia, hora após hora. Para ele, tudo está aí. Tem sua Regra e suas Constituições, tem seu Diretório: que os pratique! Eis todo o sermão que ele precisa. Que medite durante o retiro essas santas prescrições e que se alimente delas: eis todas as meditações, todas as instruções do retiro. Encontra-las-á por si mesmo, se tiver boa vontade... É um homem de vida interior e de recolhimento? Quando entra em relação com os demais, é caridoso, benéfico, ardente de zelo para a salvação das almas? Eis o que ele deve aos demais, enquanto a si mesmo deve o recolhimento do coração.

No futuro, portanto, faremos normalmente nossos retiros anuais no recolhimento; chamaremos isso, como na Visitação, de recolhimentos... O retiro anual é essencial para o Oblato de São Francisco de Sales, assim como para qualquer religioso e para todo cristão fervoroso. Aliás, nossas Constituições nos prescrevem formalmente cinco ou dez dias de recolhimento por ano: é uma obrigação para nós.

Como realizaremos nosso recolhimento? Com o método de São Francisco de Sales. Em geral, dedicaremos a isso cinco dias; isso parece mais prático do que dez dias, que resultariam talvez um pouco longos; a gente poderia cansar-se. Pode-se facilmente escolher mais de cinco dias com um retiro pregado, no qual há mais variação e se ouve coisas novas, que despertam a atenção; mas, em geral, cinco dias bastam para um recolhimento. No primeiro dia do retiro se recomenda conservar a alma no recolhimento junto ao bom Deus. Nesse primeiro dia se deve ler todo o Diretório e os exercícios indicados pelo regulamento do retiro, e isso da maneira melhor possível. Importa que seja como um dia de fidelidade, uma jornada perfeita, fazendo cuidadosamente suas direções de intenção, empenhando-se em fazer todos os exercícios do dia o mais amorosa e perfeitamente possível,

tomando ao pé da letra todas as prescrições e recomendações. E que o fundamento, sobre o qual apoiaremos tudo isso, seja a confiança, o abandono à Vontade de Deus. Nosso Senhor disse para seus Apóstolos: Venite seorsum in desertum locum et requiescite pusillum. (Mc 6,31) Assim nosso primeiro dia de recolhimento.

No segundo dia, deve-se examinar a consciência, seria e profundamente, segundo o método de São Francisco de Sales. Deve-se repassar os mandamentos de Deus e da Igreja, nossas Constituições e nossos votos, nosso Diretório, nossos deveres de estado, nossas paixões pessoais, as diversas circunstâncias perigosas ou delicadas, nas quais estivemos, os diferentes ministérios que tivemos que desempenhar. Deve-se pensar, ver, dizer de si para si: Como tenho cumprido mal as promessas, feitas a Deus! Quero ser mais fiel no futuro. Depois se deve preparar uma confissão clara e concisa, que deve ser feita com muita humildade... Eis a principal ocupação dos segundo e terceiro dias, enquanto se continua sendo tão fiel quanto possível a seu Diretório.

São Francisco de Sales diz que a alma purificada pelo sacramento - e mesmo já antes de receber o sacramento, pelo ato de contrição - é sustentada e alimentada ao mesmo tempo, de maneira que pode encontrar em si mesma a força para suportar todas as provações, as dificuldades, as tentações que possam surgir adiante.

Após a confissão, pode-se pensar nas dificuldades experimentadas com o próximo. Toma-se resoluções a respeito disso. Fortifica-se a alma pela oração. A gente se mantém exterior e interiormente na paz e união com Nosso Senhor. Pensa-se com ele nas ocupações de cada dia, nos alunos, nos penitentes, na missão que a obediência nos confiou. Prepara-se com o bom Deus todo o necessário para o ano que vai começar. Acumula-se as provisões, como o pai de família, que guarda suas colheitas no celeiro para poder, quando chegue o dia, distribuí-las a cada um. E tudo isso deve ser feito num espírito de íntima união com Deus.

O quarto dia também é dedicado a essa mesma ocupação de preparar o ano vindouro com o bom Deus. O quinto dia é consagrado ao repouso, no agradecimento pelas graças recebidas e na confiança filial na ajuda que Deus nos prepara. É o grande dia das bênçãos de Deus para nossa alma, doravante purificada e cheia de generosas e santas resoluções.

Assumam esse método, meus Amigos, e ensinem-no àqueles que os Senhores induzirem a realizar retiros.

Acrescentemos a isso que se deve ler cada dia algo de São Francisco de Sales e de nossos santos escritos; aliás, no regulamento dos

exercícios, isso sempre consta. Deve-se ler algumas páginas do Evangelho, dos Atos dos Apóstolos. Se o Senhor é pregador, missionário, leia especialmente os Atos dos Apóstolos. Encontrará aí coisas que tocarão admiravelmente sua alma, lições de zelo, de coragem e confiança no bom Deus. Que exemplos, os de São Paulo em suas pregações e seus sofrimentos! Leiam e releiam páginas até sabê-las de cor e pô-las em prática. Leiam o Evangelho de São João, as epístolas dele, as de São Paulo e muitas outras páginas...

Então essa palavra de Deus lhes dará um alimento substancioso à alma; tudo, nos Senhores, será impregnado de Deus e de sua graça, não para originar efeitos extraordinários, sem dúvida, mas para gerar, no entanto, efeitos notáveis nos Senhores e nos outros. Terão aprendido como se deve fazer no seu ministério; estarão iniciados nas maneiras de ter êxito no seu estado, seu ofício, por assim dizer; terão a direção do verdadeiro caminho a seguir. Terão nisso um apoio para suportar todas as provas; estão preparados para agir mui acertadamente nesta ou naquela circunstância. Escrevam, então, entre suas anotações alguns dos pensamentos, que lhes ocorram; ou então, anotem-nos, num código próprio, no seu Diário, para sempre tê-los consigo; na tentação, a leitura dessas palavras os reconfortará.

É obrigação nossa fazer assim o retiro; para nós, é a única maneira de fazê-lo bem. Para nós, que certamente temos fé, que acreditamos no paraíso e no inferno, no purgatório; cuja vida normalmente não está carregada de faltas muito graves, não precisamos de tantas meditações e considerações. Se tivemos a infelicidade de ofender gravemente ao bom Deus no passado, suscitemos a contrição e mantenhamo-nos nesse sentimento; mas somos capazes disso nós mesmos, com a graça de Deus; e para chegar a isso, não vamos fazer aparatosas e profundas ponderações, pois somos pessoas pequeninhas e bem simples. Tentaremos reconhecer bem a infelicidade que tivemos por ofender ao bom Deus, e a necessidade que experimentamos de não ofendê-lo mais. Tudo isso nós mesmos conseguimos fazer e temos condições para tanto por nós mesmos, com a graça de Deus. Não é assunto de livros, de teólogos ou de pregadores.

E depois, dêem-se conta do que perderam no ano que acaba de passar, como também do que ganharam. Eis o retiro. É assim que devemos agir e assim que cada um de nós está obrigado a fazer. Aqueles de nossos padres, que não estão aqui, deverão fazer seu retiro assim, este ano mesmo.

Assim como é o dever do Superior de cada casa resguardar para cada religioso a possibilidade de observar seus votos, da mesma forma é

o estrito dever de cada Superior possibilitar a cada religioso efetuar assim cada ano seu retiro. Conseqüentemente, cada Superior deverá induzir cada um dos religiosos a fazer o recolhimento, conforme o método que acaba de indicar. Não deixará que espíritos inquietos ou pouco criteriosos perambularem em outras considerações ou outros caminhos. Cada Superior - e isto é uma rigorosa obrigação das Constituições - deve preocupar-se, pois, dos retiros de cada um; que instrua sobre os meios; se for preciso, que indique as leituras a fazer e lembre o método que lhes recomendei.

O Superior tem o dever de dar-se conta, se o religioso cumpre bem com as obrigações do retiro, se ele se confessa e com quem? O Superior de cada casa deve encontrar o momento propício e adequado para cada um de seus religiosos. Pode proporcionar o recolhimento a dois ou três deles juntos, se achar melhor. Se uma comunidade é muito pequena, ele pode organizar o retiro de todos juntos, se julgar por bem; mas que seja sempre um verdadeiro recolhimento.

Se ele tiver algumas observações e recomendações úteis, pode dar uma ou duas instruções pequenas; mas não deve dar ou fazer dar um retiro pregado. Com efeito, cada pregador possui suas idéias próprias; ele mandará os religiosos presentes fazerem o retiro, como ele entender... Então, quem será o mestre entre nosotros? A Regra é que ensina. E ela diz que o Superior está aí apenas para cuidar que as Constituições sejam bem observadas. O Superior não pode tomar decisões, que desviem, por pouco - que seja, o sentido da Regra. Ele deve ater-se à letra, observá-la ele mesmo e fazê-la observar pelos demais. Não pode interpretá-la a seu modo. Pode dispensar dela em alguns casos previstos, por tempo limitado; mas, repito, não pode interpretar a Regra; de outro modo, se faria de mestre, e Nosso Senhor quer ser chamado só ele o Mestre: Quia magister vester unus est Christus. (cf. Mt 23,8)

Quando a Regra, quando as Constituições falaram, deve-se fazer ao pé da letra o que dizem; ninguém tem o direito de interpretá-las desta ou daquela maneira. Definir o sentido do texto das Constituições é competência apenas do Capítulo Geral; e para que uma modificação feita por ele, seja autêntica, é necessária a confirmação da Santa Sê. Até lá, a gente deve restringir-se ao texto: Nil innovetur, nisi quod traditum est.

Esse é o papel do Superior de cada casa. Está bem definido e o Superior tem absoluta obrigação de cumpri-lo. É responsável disso perante Deus. Responderá por isso, se os retiros forem realizados duma maneira indevida, assim como responderia, se não se realizassem de forma alguma. Os Superiores devem orar muito durante os retiros; que os tenham em mente

com seriedade durante a santa missa e perante o bem Deus.

Não me demorarei muito, meus prezados Amigos; quero acrescentar umas palavras, já que estamos falando em retiros, sobre a direção das almas.

Devemos ouvir a confissão e devemos também dirigir as almas que a Providência nos manda e que a obediência nos confia. Para essas almas, que nos vêm pedir a confissão ou direção espiritual, devemos ter regras para levá-las, de maneira prática, à união com a Vontade de Deus, para que possam receber a plenitude das graças que Deus lhes reservou. Devemos ensinar-lhes; importa ajudá-las a seguir e amar a Vontade de Deus e os desígnios da Providência para com elas.

A recomendação principal que farei aos Superiores e àqueles que levam a fazer retiros é a oração pelos participantes do retiro. Outro dever essencial para nós é orar pelas almas que temos que dirigir e confessar... Importa, em geral, orar por todas as almas, que vêm aos Senhores, sim... Mas deve-se orar por cada uma em particular? Sim, se for possível; mas se os Senhores têm uma função bastante trabalhosa, ser-lhes-á muito difícil ter esta ou aquela alma especialmente presente nos pensamentos. O que devem fazer é nunca entrar no confessionário sem ter orado pelas almas, que se vão dirigir aos Senhores...

A confissão é um exercício muito frutífero; obriga a manter-nos continuamente em oração. É assim que se deve fazer, meus Amigos, para ser um bom confessor... Todo o operário que, fora do momento exato de seu trabalho, não pensa nesse, não se apegá, nunca se torna um bom operário. Um professor, que sobe a cátedra sem preparação, dá sua aula, valha o que valer; se seus alunos o escutem ou não, pouco lhe importa: seu curso se faz. Crêem os Senhores que os alunos dele serão aprovados? Claro que não... O Senhor começa a ouvir confissões assim, negligentemente, sem preparação, sem oração pelas almas, que vêm ao Senhor, crê que terá êxito? Certo que não!

Para ganhar as almas para Deus no confessionário, se faz necessária uma preparação, algo tem que fazer, algo indispensável. Quando o tiverem experimentado, verão. O que se deve fazer antes e sobretudo é orar por essas almas. Rezem antes de entrar no confessionário; orem sobretudo durante todo o tempo, que estiverem no confessionário, enquanto atenderem as confissões ou receberem confidências de seus penitentes ou dirigidos. Pleiteiem e encarreguem-se da causa deles perante Deus... Então terão luzes; Deus colocará nos seus lábios o que convém dizer a essas almas.

Como ouvia a confissão o Santo Cura de Ars? Era um santo, sem dúvida. Mas também, olhem como ele orava pelos seus penitentes e, consequentemente, que luzes recebia de Deus para a direção deles. Um bom Padre contou-me que fora visitá-lo. Confessou-se... Eu apenas ouvia o que ele dizia... não entendia uma palavra de sua lição de moral, mas eu respirava a custo pela emoção, consciente de estar aos pés de um santo. De repente, ele pãra e me diz - e isso ouvi bem claramente! - Fizestes tal pecado, com tal idade, em tal e tal circunstância e não o confessastes claramente. Era verdade; eu esquecera esse pecado há muito tempo. Donde o Cura de Ars hauria seu conhecimento e sua luz na confissão? Da sua santidade, sem dúvida; mas também das contínuas orações que fazia pelos seus penitentes. Ouçamos as confissões conforme esse método de rezar muito pelos que vêm a nós; esse era o método de São Francisco de Sales, era o de São Bernardo e de todos os santos. O método dos santos é o acertado, dá resultados. Que os Oblatos jamais ouçam, pois, a confissão sem rezar muito pelos seus penitentes, antes, durante e também depois da confissão. A confissão assim atendida, produzirá todos os efeitos enumerados pelos teólogos. Tudo quanto eles indicam, será inteiramente cumprido na alma, que desde então terá a força de resistir à tentação, de afastar-se da ocasião, de fazer todo o possível para manter-se fiel a Deus.

Notem bem, meus Amigos, que eu acabo de dar-lhes o meio de se tornar santos também. O método que lhes recomendo acarreta importantes efeitos para as almas, mas, ao mesmo tempo, os obriga a se santificar os Senhores mesmos. Uma coisa está intimamente relacionada com a outra. Eu vi nestes dias - ontem - excelentes e piedosas pessoas de Villeneuve-au-Chemin. Eu tinha dito ao Padre Lambey que me trouxesse duas ou três dessas boas moças da antigaparáquia do Padre Cardot. Eu as interrogava e elas me contavam como o Vigário fazia, como ele falava na oração da noite; sobretudo como ele orava pelos seus paroquianos e como fazia orarem. Eu verifiquei que o Padre Cardot realizara uma coisa muito boa, algo muito sólido, muito sério na sua paráquia, além do seu empenho, trabalhando com o bom Deus, pensando perante Deus nas almas de seus paroquianos, cuidando assim de cada uma dessas almas em particular e tentando conseguir de Deus, que cada uma visse bem o que ele quer, que cada uma recebesse pelo menos uma parte das graças que ele reservou para elas e uma parte dos auxílios, dos quais precisam com urgência. Eu dizia com meus botões: quanto bem foi feito e se continua fazendo nessa paróquia; eis o fruto de tanto suor, de tantos trabalhos, de tantas orações. Fiquei emocionado ao pensar nesse santo homem. Eu compreendia que a santidade do padre produz

nas almas dos fiéis que dirige; e compreendi ainda que poder tem a oração pelas almas, no que se refere à santificação do padre.

Meus Amigso, dediquem-se, pois, muito seriamente a essa obra capital do ministério sacerdotal e religioso: a direção das almas. Assim é que conduzem as almas a Deus; dirigem-nas por um caminho difícil, levando-as pela mão. O caminho é rude e resvaladiço, sem dúvida, mas no fim se encontra o céu. Existem muitos passos em falso no caminho dessa pobre alma; se a abandonarem, cairá no abismo e estará perdida para sempre. Ampará-la significa a eterna salvação para ela. A confissão, a direção espiritual... isso não se deve considerar como uma tarefa vulgar, um ofício, uma sobrecarga aborrecida e cansativa e que, afinal, não adianta muita coisa....

Olhem a Boa Madre... Observem quanto lhe custava uma alma a ser livrada do pecado, a ser trazida de volta à vida cristã. Olhem o que fazia para a salvação dessas almas perante o bom Deus. De alguma maneira, se identificava com as almas, confiadas a ela; rodeava-as com seus cuidados, suas orações, suas mortificações, sua afeituosa dedicação, e sempre tinha êxito.

Façamos assim nas missões e nas pregações de retiros, nas obras, na confissão dos alunos, das pessoas de fora, nas vésperas de grandes festas... Mas, naqueles dias, a gente está tão apurada; tem-se quatro vezes mais que fazer do que se pode; como a gente se arruma? Formulem-se bem as intenções gerais; mantêm-se o coração bem unido a Deus; ora-se a ele pelo penitente grande e pequeno, que aí se encontra; e durante todo o tempo, que a confissão durar, se renova a união da vontade e do coração com a Vontade divina. Volta-se a isso, no dia seguinte, na oração, na santa missa; volta-se a isso nos dias seguintes; e todas as vezes, que a gente se lembre, renova-se a oração...

Meus Amigos, eu não deveria dizer isto; não se deve falar sobre si mesmo... Mas, é verdade, absoluta verdade, e por isso é que o vou dizer para os Senhores. Jamais orei por um dos meus penitentes ou por uma de minhas penitentes, sem que o bom Deus lhe tenha dado sinais particulares de proteção..., sem que lhes tenha concedido luzes muito especiais. Façam assim. Rezem melhor do que eu e o bom Deus os escutará ainda melhor do que a mim. Será que isso quer dizer que todas as pessoas, cujas confissões ouvirem, se tornarão santas todas elas? Infelizmente não!... Mas todas pelas quais tiverem orado, ao exercer o santo ministério da confissão, perceberão o efeito de graça particular e especial. E todos os padres, que agirem assim, obterão do bom Deus consolações ainda maiores do que as

que eu obtive. O bom Deus os escutará melhor do que a mim, porque orarão melhor do que eu.

Na véspera das grandes festas, os Senhores estão sobrecarregados de ocupações, estão contundidos e cansadíssimos... Ofereçam isso pelas almas, que vêm aos Senhores. De vez em quando, lancem um olhar para o bom Deus; a alma de seu penitente experimentará o efeito dessa oferenda, desse olhar. Ela não irá embora sem ter sentido que o bom Deus dera luzes e graças para ela ao confessor. E essas mesmas graças se transmitirão infalivelmente à alma que fora objeto da solicitude e da oração dos Senhores.

Lembrem-se dessas almas, repito, no santo sacrifício da missa, no ofício, na oração. Não sabem o que dizer, o que fazer na oração? Talvez tomem sua Imitação para lhes ajudar a achar uma idéia, um sentimento... A Imitação é um livro muito bom... Não! Não tomem um livro... Pelo menos, tomem um livro que fala e vive: Meu Deus, eis uma alma tentada e bem fraca, salvai-a! Ajudai-a a levantar-se!... Eis essa criança, preservai-a, meu Deus; abençoai-a, para que vos conheça melhor e que vos faça conhecer pelo demais!... Quando tiverem feito isso durante sua oração, acham que terão perdido tempo? Eu, por mim, acho que o bom Deus lhes poderia dizer o que disse a Santo Tomás: Bene scripsisti de me, Thoma, quid vis ut faciam tibi?

Realizaram bem o assunto do bom Deus, e o assunto das almas; e, ao mesmo tempo, cumpriram com o seu. Fazem fortuna com a miséria de outrem, como os Israelitas, que se enriqueceram com os despojos e as misérias do Egito... Rezem por esta ou aquela alma em perigo ou ameaçada de perder a fé; a miséria dela enriquecerá a dos Senhores, enquanto o bom Deus enriquecerá essa alma pelo fruto do trabalho dos Senhores.

TERCEIRA INSTRUÇÃO

CAPRICHAR APAIXONADAMENTE

A ordem e a simplicidade são duas características particulares, que se encontram em tudo que São Francisco de Sales fez. Tudo é simples, natural, perfeitamente ordenado. Quando São Francisco de Sales fala, quando se cita algumas palavras dele, é alguma coisa perfeita. Todo o mundo encontra aí o que há de melhor para dizer ou fazer...

Quando se vai visitar o berço de São Francisco de Sales, a casa paterna em Thorens, pode-se ver os móveis antigos; a casa está mais ou menos como na época do santo. E já aparecem a ordem e a simplicidade, que encontramos em toda a vida dele; isso chama a atenção à primeira vista.

Entrem num mosteiro da Visitação; os Senhores encontrarão essa mesma ordem, essa mesma simplicidade, essa harmonia em tudo, que os rodeia. Prestem atenção às próprias Visitandinas, seja em que país for, todas têm o mesmo porte, os mesmos modos, eu diria quase, as mesmas feições.

Nós também, meus caros Amigos, devemos ser um pouco assim. Algumas vezes, já recebi elogios sobre isso: quando se viu um Oblato, viu-se todos eles. Apliquemo-nos a realizar bem e definitivamente em nós o que se encontra na Visitação: os mesmos modos, a mesma aparência, pois a vida interior é a mesma.

Esta noite, quero dizer-lhes o que se deve fazer para que essa harmonia, essa ordem, essa característica sejam encontradas em todos nós. O princípio que fez a São Francisco de Sales e suas Filhas da Visitação tão notavelmente ordenados em toda sua conduta, o princípio que São Francisco de Sales expressou tantas vezes, ao qual assemelhou inteiramente sua conduta e que impôs a seus filhos espirituais, é este: cada um deve cumprir apaixonadamente bem com seu cargo, com seu dever. Por conseguinte, para cada ação a gente deve propor-se não só agir bem, mas agir muito bem, imitando ao bom Deus, que, ao agir, age com toda a perfeição. É, pois, perfeitamente razoável, agindo, agirmos na relação mais íntima possível com a Vontade dele, com a qual ele quer que seja feito. Ele deve ser nosso modelo.

Eis, pois, qual deve ser nosso cunho próprio, para nós, Oblatos: fazer como Nosso Senhor fazia. Apeguemo-nos bem a essa idéia; e que seja nosso princípio, como o era de São Francisco de Sales. Caprichemos, esme-

remos com perfeição, apliquemo-nos apaixonadamente bem ao que é do nosso cargo, do nosso dever do momento, à imitação do Nosso Senhor.

Entremos nos detalhes.

Primeiro, as relações com Deus.

O dever diário dos Senhores é tomar os pensamentos do Diretório e realizar bem sua oração, celebrar bem a missa, etc... Aceitem, cada manhã, o desafio de fazer perfeita e apaixonadamente bem tudo isso, na base do seu Diretório, que é o meio principal e infalível.

De manhã, desde o momento de acordar-se, acostumem-se a lançar toda sua alma em Deus, aproveitando os pensamentos, que o Diretório sugere; facam-no com boa vontade, com perfeição, começando assim sua oração e sua preparação à santa missa.

Celebram a missa: celebrem-na muito bem, perfeitamente bem; apliquem-se de maneira toda especial a isso. Mantenham-se recolhidos ao vestir-se; vistam-se, assumindo os belos pensamentos do Diretório. Que se perceba na sua maneira de vestir-se para a missa que o Senhor é Oblato de São Francisco de Sales, isto é um homem, que quer fazer todas as coisas absolutamente bem feitas, sobretudo essa última. Que não haja nada de negligência tampouco nos seus modos, como ajudante de missa. Que seja algo completo, bem decoroso, "bene facientes". (cf. Mc 7,37) Esse modo de agir, meus Amigos, exerce uma influência enorme sobre os fiéis.

Celebrem a santa missa, respeitando bem todas as cerimônias, as inclinações de cabeça, os gestos, as genuflexões. Façam tudo isso atenta e devotamente, apaixonadamente bem. Fiquem direitos; tracem os sinais de cruz bem como deve ser e como prescrevem as rubricas e não rotinariamente ou segundo o temperamento pessoal, rápido ou lento demais, nem afetada, nem relaxadamente. Que sua mão perfaça bem o sinal da cruz, como indicado, sobre si mesmo como sobre os objetos e as oblatas, como deve ser e muito cuidadosamente. Deve-se ter essa atenção, sobretudo em todas as coisas do bom Deus. Para o santo ofício, tome seu tempo e reze-o pausadamente e com todo o devido respeito, na medida que é capaz. Considere-se, então, como encarregado de uma missão divina; dê-se conta de que está fazendo aqui o ofício dos anjos e bem-aventurados. Reze cuidadosamente seu ofício, sem omitir nada por negligência. Reze-o completa, seria e piedosamente, com muita perfeição... Reze-o apaixonadamente bem; o ofício não é pouca coisa.

Os Trapistas jejuam até meio-dia para cumprir bem, para cumprir melhor sua Regra e a Vontade de Deus. Para atingir essa meta, vivem numa

mortificação contínua. Quanto aos Senhores, tomaram café... Sem dúvida, têm bastantes outros meios para pagar por seu café e pelo que devem dar à natureza, através de uma fidelidade mais generosa em todos os seus atos. São Francisco de Sales afirma que, particularmente no que diz respeito ao serviço de Deus, é preciso um espírito sério, devoto, humilde, submisso e seriamente piedoso. Toda a vez que o Senhor tem que falar com Deus e orar, deve colocar-se na presença dele e ficar recolhido e devotamente atento.

O Senhor tem que fazer uma palestra. Assuma as mesmas disposições. Prepare cuidadosamente uma coisa completa, algo seguro. Prepare o desenvolvimento doutrinal, pois é preciso dar doutrina; prepare as aplicações morais, que se tiram daí. Que suas instruções, que até sua catequese sejam feitas com cuidado, ordenadamente e com gosto. O Senhor não imagina as graças que Deus liga a essa preparação, essa ordenação, essa pontualidade.

O que faz que o mundo siga bem na sua rota? É a ordem, é a pontualidade absolutamente fiel. É nisso que consiste a harmonia do universo.

Na ocasião do meu jubileu, me encontrei com um antigo professor, cujo nome não menciono. Não é um homem extraordinariamente brilhante; seus talentos não são lá muito grandes. Mas é um homem admiravelmente exato e pontual; deseja fazer muito bem tudo o que empreende: é a maneira dele, é a paixão dele... Faz maravilhas em sua paróquia. Celebra a missa com muita dignidade e sempre à hora exata. Fala quando convém e acertadamente. Não deixa de criar em seu redor todo o decoro, que corresponde ao sacerdócio: os fiéis gostam disso e todo o mundo o quer bem e confia nele. A que ele deve esse êxito, essa influência feliz? Unicamente porque faz tudo com exatidão e pontualidade, tão bem quanto pode. O bom Deus liga ao ministério dele graças sensíveis. Ele tem mais êxito do que muitos outros, que o superam em talentos.

Meus Amigos, em tudo que têm que fazer, tenham o desejo, a vontade expressa de fazer apaixonadamente bem, do que estão encarregados, tanto nas relações com Deus, quanto nas relações com o próximo. Essa é nossa segunda consideração.

Toda vez que um professor prepara bem sua aula, que toma a peito sua tarefa, que ensina com amor, com dedicação, com o desejo de caprichar e de caprichar muito, ele exerce primeiramente muitas e preciosas virtudes: a caridade, a obediência, a mortificação, etc... E Deus, com

quem ele tem comungado íntima e espiritualmente, abençoa e fecunda o trabalho dele. É preciso levar por toda a parte esse desejo de caprichar, de caprichar muito, nas aulas, na vigilância; e deve-se anelar a fazer o melhor possível com todos seus alunos e com cada um em particular.

O nosso desafio, então, será a palavra de São Francisco de Sales: fazer tudo muito bem, perfeitamente bem, apaixonadamente bem. Todo o mundo o sabe, é claro; mas nem todo o mundo o faz. Olhem se os Senhores mesmos o compreenderam bem até agora. Reparem se não têm nada a se reprochar em relação com cada aluno em particular ou com referência à direção do colégio, no que toca à economia e ao espírito de pobreza, com relação ainda ao programa de estudos. O Senhor está encarregado de dar uma aula, mas não depende apenas do Diretor do colégio; em muitos aspectos o Senhor depende do Prefeito dos estudos. Sigam apaixonadamente bem as recomendações dele... Isso, que eu saiba, pouco tem sido feito até hoje! Os Senhores dependem do Prefeito de disciplina, que está encarregado da ordem na casa, da disciplina, da conduta: uma quantidade de assuntos dependem dele. Em tudo sejam "bene facientes", fazendo bem o que requerem dos Senhores, fazendo-o apaixonadamente bem e não de qualquer maneira como para livrar-se.. Não o façam só à força de sua vontade, mas dediquem-se inteiramente; façam-no de bom grado, com espírito religioso, com fé, praticando eficazmente sua obediência religiosa. Falhamos em muitas coisas para com o próximo. Isso tem sido o mais custoso este ano. Quanto aos estudos, vários tem havido a ser repreendidos; e, em matéria de disciplina, muitos.

Para desfazer-se de uma incumbência, que lhe parece enjoada, um noviço dirá: Meu noviciado antes de tudo! Com o resto não tenho nada que ver. Se é noviço antes de tudo e se é noviço bom e perfeito, deve antes de tudo cumprir com o encargo que a obediência lhe confia; deve fazer apaixonadamente bem o que lhe for dito e ordenado e não cumprir as coisas da obediência com negligência e pela metade.

Esse "bene facientes" vale para todos. Isso dá luz e claridade à alma. Coloquem-se frente ao que lhes é pedido, diante da ordem que lhes é dada, em frente da obediência legítima, perante a Vontade expressa de Deus; e rendam-se sem contestação alguma, entreguem-se com toda a atenção, toda a boa vontade, toda a solicitude, todo o afeto possíveis; empenhem aí todos os seus esforços, toda a sua generosidade, toda a sua paixão.

Estendam esse legado de São Francisco de Sales a todas suas relações com o próximo e ajam assim com todas as pessoas, com as quais têm contato. Uma comunidade, que opera nesse sentido, é uma comunidade admirável.

Meus Amigos, o que lhes digo, não é uma utopia. Com meus próprios olhos, eu o via realizado na Visitação de Troyes na época da Boa Madre. Mas, dirão talvez, essas são mulheres!... Para elas é fácil!... Não, meus Amigos, não sabem o que significa dirigir mulheres! Prefiro antes tratar com os Senhores do que com mulheres. O homem geralmente é mais inteligente, mais sincero, mais simples; é mais fácil dirigir uma comunidade de homens do que uma comunidade de mulheres. Pois bem, entre mulheres, na Visitação de Troyes, eu via isso, esse "bene faciens", posto em prática para com todos e em toda a oportunidade: está aí a santidade, meus Amigos, aí se encontra a perfeição.

E, finalmente, devemos caprichar, "bene facientes", com relação a nós mesmos. Observemos que temos aí, em nossas mãos, um meio valioso de santificação, "bene facientes", para nós mesmos, em tudo e sempre.

Levantamo-nos ao primeiro sinal. Lancemos nossa alma totalmente em Deus. Oremos ao vestir-nos; façamos religiosamente nossa faxina, nossa cama e fiquemos bem unidos ao Salvador, tratando de tudo isso. Meu Deus, qual é agora vossa vontade para comigo? Estais me olhando do alto do céu; aqui na terra, estais no meu coração... Qual é o pensamento, o sentimento de vosso Coração em relação comigo? Senhor, que quereis que eu faça? (At 9,6) Exatamente o que estou fazendo. Então estou realizando uma ação boa. Devo fazê-la bem, "bene faciens". É um ato, querido por Deus e, conseqüentemente, de uma dignidade suprema.

Os Senhores têm que barbear-se; certamente não é agradável; façamo-lo nesse espírito. E por que não dizer aqui também a palavra de São Francisco de Sales: fazê-lo apaixonadamente bem? Não é a obediência que praticamos, pelo menos o que está na ordem das coisas, o que é conveniente? Pois temos que fazer a barba, já que não podemos deixá-la crescer... Ocupar-nos com essas considerações, com esses pensamentos é tão bom quanto orar, tão bom quanto ter revelações, já que é fazer a Vontade de Deus.

Ao vestir-nos, tenhamos muito respeito; conservemos a roupa sempre limpa: isso custa. É preciso escovar a batina; deve-se cuidar dela; devemos ter cuidado, para que não tenha rasgão, nem mancha. Não respeitemos menos vossa veste eclesiástica, dizia São Gregório de Nazianzeno, do que respeitáreis a túnica de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ao honrar aquela, honram a Vontade de Deus, que quer que a vistais e que vo-la deu como a roupa apropriada para a vossa condição. Olhem a túnica sem costuras do Salvador: ele a levava sem manchas, sem pó nem rasgaduras. Era a túnica

de um Deus. Vistam-se como um Deus. Não é que a Escritura diz: Ego dixi: dii estis et filii Excelsi omnes? (S 81,6) Trate sua batina com muito respeito e cuidado; e nisso também seja "bene faciens".

Procedam bem e convenientemente em casa como na igreja, privada e publicamente. Na igreja, mantenham o corpo direito; não se apoiem sobre os cotovelos, a não ser em caso de doença. Não cruzem as pernas: "bene faciens". Às vezes, ouço que as moças das Obras comentam: Padre Fulano veio celebrar a missa na capela; a gente vê que não é Oblato! Que o andar dos Senhores na rua seja simples e não afetado, distraído, mundano, raro ou estranho. A Boa Madre dizia: Ver-se-á novamente o Salvador, caminhando sobre a terra. Eis o modelo que devemos ter sempre diante dos olhos.

Estejam sempre atentos à modéstia exterior: através disso se exerce uma influência enorme sobre o próximo. Suas relações com o mundo exterior devem ser uma verdadeira pregação. Isso se recomendava constantemente no seminário: Quando um padre visita um de seus paroquianos, suas palavras, seu andar, seu porte devem revelar realmente o sacerdote. Ele deve induzir a conversação a algum pensamento bom e cristão; e sempre quando possível, deve dizer umas palavras edificantes, uma palavrinha, que faça bem. Nós, ajamos sempre assim, "bene facientes". No entanto não se deve assumir ares de pregador às tortas e às direitas. Conservemos sempre bem nossa dignidade. Que as pessoas com quem estamos em contato, se sintam induzidas à confiança, ao respeito, à veneração, a esse sentimento que faz com que se honre a Nosso Senhor na pessoa de seu sacerdote.

Em todas as demais relações nossas com o mundo, devemos observar fielmente o que a Regra e as Constituições prescrevem. Jamais falemos mal dos outros religiosos; não expressemos juízos desfavoráveis sobre esse ou aquele; falemos sobre o próximo apenas com afeto e caridade. Devemos cuidar muito de nós mesmos, quando no meio do mundo, e isso também deve ser feito apaixonadamente bem. Evitemos, finalmente, a procura de nós mesmos, e a presunção, que faz ridículo.

A vida de um Oblato, entendida assim, produz certamente efeitos incomparáveis na Santa Igreja. O bom Deus age em tudo quanto fizermos; mostra-se presente; nosso trabalho não é estéril; a mão de Deus opera conosco.

Tomemos, pois, a firme resolução de fazer apaixonadamente bem tudo que fizermos, para honrar a Deus Pai, que age conosco, para honrar ao Filho, cuja imagem devemos realizar no meio do mundo, para honrar ao Espírito Santo, que nos anima e vivifica com sua graça. Esse propósito do retiro não é uma resolução vaga, já que se estende a tudo, concentra

tudo nesse grande princípio condutor e vivificador de nossa vida.

Mais umas palavras.

Observem como a doutrina de nosso Santo Fundador é apropriada para todo o mundo: as pessoas da mais alta sociedade como as humildes e pobres, os religiosos e os leigos, todo o mundo o aprecia e gosta dele. Está bem e deve ser assim. Tomem alguma coisa preciosa, ouro por exemplo: ouro tem valor. Para adquiri-lo, custa. Para se comprar uma jóia, deve-se gastar muito mais dinheiro do que para conseguir uma pedra ou um pedaço de madeira; mas também, o que se adquire é lindo e tem um grande valor. O que é? O "bene faciens", fazer bem tudo, tudo. Os garimpeiros se esforçam muito para achar algumas pepitas, e são bem pequenas! Não se recolhem muitas juntas; estão escondidas no meio de matérias alheias, areia, rocha. Custa trabalho e perseverança para juntar um talento, um lingote... Vamos a isso. Entre os banqueiros, não existem pequenos lucros. Especulam sobre um centavo, sobre um meio centavo; e, sendo hábeis e perseverantes, ganham milhões com isso.

Dêem-se conta de que o trabalho, ao qual eles dedicam a vida, é extenso, lento, impertinente, enjoado. Fazem-no para ficar ricos, apesar do aborrecimento e do cansaço. E nós, trabalhando por Deus e pelo seu santo amor, perderíamos a coragem? Apliquemo-nos a isso totalmente, apesar das dificuldades e da relutância que experimentarmos.

Repito: durante mais de quarenta anos, durante quase um meio século, eu tinha esse espectáculo diante dos olhos. E a mão de Deus estava aí, visivelmente presente; era um proceder de certa maneira divino, como uma emanção de Deus. Qui bene facit, ex Deo est. (cf. Mc 7,37; Jo 1,12)

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

Q U A R T A I N S T R U C C I Õ N

S E R M O S T R A B A L H A D O R E S

Na Igreja de Deus, cada Ordem, cada Instituto Religioso chega a seu tempo. San Francisco de Assis, São Domingo travaram as últimas batalhas contra o paganismo atrasado. Esforçaram-se para reformar os costumes de uma sociedade ainda meio pagã. Em muitas regiões, apesar do cristianismo superficial, quase não se compreendia mais nem o amor de Deus, nem a necessidade de observar a lei divina que se desconhecia e ignorava, vivendo-se apenas cobiçando os bens terrestres. Mais tarde vieram outras Ordens, cada uma aparecendo a seu tempo. Segundo a Providência, os Jesuítas se confrontaram com o Protestantismo. Sei que seria completamente ridículo dizer que nós também viemos a nosso tempo como todas essas grandes Ordens e dar-nos assim uma importância que não temos. Todo o mundo nos considera uma das cem pequenas Congregações, que pulularam nestes últimos anos e cuja multiplicidade confirma de fato nossas necessidades religiosas. Todas essas Congregações têm mais ou menos a mesma finalidade, o mesmo caráter. Como somos tantas, parece que queremos gabar-nos um pouco e elevar-nos acima dos outros, ao atribuir-nos uma missão especial... Entretanto, meus caros Amigos, se é verdade que a Boa Madre disse - e eu o creio com toda a minha alma - os Oblatos de São Francisco de Sales são chamados a fazer alguma coisa no mundo e na Igreja; receberam uma missão, que corresponde às necessidades de nosso tempo.

O que é que move o mundo no dia de hoje? O que é que se está preparando na sociedade? Qual é a preocupação geral? Qual é a palavra de ordem, à qual se obedece? Não é como no tempo das Cruzadas, quando todos queriam ser guerreiros para ir buscar o túmulo de Cristo. Não é tampouco como no tempo das grandes heresias, quando todos discutiam os dogmas. Hoje só se fala em trabalho e em trabalhadores. Não se pensa a não ser na organização do trabalho. Devemos ver nisso uma disposição da Providência. A que chegarão todas essas agitações, reivindicações, greves, organizações sindicais, tentativas de regulamentação? Não sabemos; só Deus sabe. O certo é que esse elemento do trabalho adquire cada dia uma força e um poder maiores. Há uma massa compacta de trabalhadores, que sempre aumenta; a força do partido operário vai se duplicando, quadruplicando cada dia. A grande questão hoje não é mais o Protestantismo; não é mais este ou aquele ponto da civilização cristã; é o trabalho, a organização do trabalho.

Creio - e não me engano quanto a isso - que a idéia da Boa Mãe era, que os Oblatos, criados agora, devem agir exatamente e têm um papel a cumprir neste grande problema do trabalho e dos trabalhadores. Devem exercer uma influência benéfica, devem agir. Que influência exercerão? Qual será sua ação? Deus o sabe. Mas nós também sabemos que, para correspondermos à época que estamos vivendo e para servirmos atualmente de maneira útil a Santa Igreja, devemos ter contato com os trabalhadores, devemos ser trabalhadores nós mesmos.

Para tornar-se operário, deve-se aprender uma profissão. Para tornar-se marceneiro, deve-se trabalhar numa marcenaria; para ficar serralheiro, a gente vai a uma serralheria; para ser joalheiro ou ourives, a gente se dirige a um ourives ou joalheiro para aprender o ofício. Nós também devemos exercer-nos para trabalhar, até manualmente, se as circunstâncias oferecem a oportunidade e se Deus e a obediência nos chamam a isso.

Os Oblatos, eu acabo de dizê-lo aos Senhores, estão destinados a uma grande missão no trabalho, para aproximar-se mais dos trabalhadores e exercer uma influência salutar sobre eles. Nada inspirará tanta confiança como esse exemplo de trabalho.

Quando o Senhor Bispo do Cabo escrevia ao Santo Padre para este confiar-nos uma Missão com o caráter de Prefeitura Apostólica, o principal motivo que ele dava como reforço ao seu pedido era, segundo dizia, que os Oblatos de São Francisco de Sales não só são homens, que rezam e pregam, mas também trabalhadores que cultivam a terra, que edificam casas, que ensinam aos pobres indígenas, pelo seu exemplo, a fazer o mesmo e os afastam assim de seus costumes de indolência e inação.

Quando, no século XIII, Hugues de Payns fundou em Troyes a Ordem do Templo, os cavaleiros agarraram nas suas espadas e juraram ser soldados de Jesus Cristo. Nós, Oblatos, ponhamos generosamente também a mão na obra. Vamos ver qual a obra.

Existem no mundo, repito, certas fases, certos movimentos, certos impulsos, que solicitam ser dirigidos e bem conduzidos. Várias vezes falei sobre essas coisas com o antigo Nuncio, Dom Czacki, depois Cardeal. Encontrei-o várias vezes em Paris e Roma. A Igreja, ainda hoje, dizia ele, deve ir ao encontro do povo; se necessário, deve saltar decididamente no lodo da rua, com o risco de ser salpicada de barro, para poder alcançar essa pobre gente e ganhá-la. A Igreja mesma deve pôr-se à frente do movimento para dirigi-la... Essa não é uma pretensão ridícula. E a idéia, que lhes estou expressando, é de importância capital. Todos os filósofos, todos os historiadores vêem e observam esses períodos, essas evoluções. Hoje em dia, essa

evolução se concentra no sentido do trabalho. Na ordem estabelecida por Deus, se o mundo deve curar-se de seu mal, será pelo trabalho que realiza. Se grandes e salutares acontecimentos se dão, é o poder do trabalho, que os operará, será através da ação dos trabalhadores.

Será então que devemos ir a um clube de trabalhadores e discursar em cima do palco? Faríamos bem pouca coisa. Mas devemos pôr-nos a trabalhar nós mesmos: essa é a primeira e principal coisa a fazer. O Cardeal Czacki me dizia ainda: Que vossos religiosos sejam trabalhadores; e, se for necessário, que enverguem o macacão para trabalhar, que o vistam. Usarão a batina para celebrar a missa e o macacão depois para trabalhar: isso será muito lindo e muito bom. No dia de hoje, meus Amigos, a vida é dura para o trabalhador; é bom que o padre, que o religioso venha fraternalmente se associar à sua fadiga e seu labor.

Devemos inspirar-nos nesses pensamentos e jamais recuar perante o próprio trabalho manual, quando se nos apresentar. Não é uma coisa tão extraordinária e estranha! Não por isso nossa vocação será abalada; ficaremos assim na prática da pobreza e da humildade e cada um estará bem certo de se santificar. A primeira comunidade religiosa do cristianismo nascida não foi a santa casa de Nazaré, na qual todos trabalhavam com as mãos para ganhar a vida?

Todos nós, pois, temos que trabalhar. Que tipo de trabalho? Aplicamo-nos, como eu dizia, a algum trabalho manual, se a ocasião se apresentar, se a pobreza, o desejo de prestar serviços à comunidade, as circunstâncias, a obediência, às vezes, a saúde o pedirem. Mas nosso encargo comum e principal para nós, padres encarregados de pregar, confessar, dirigir as almas, de ensinar... será necessariamente o trabalho intelectual, o estudo, mais penoso do que o trabalho manual.

Um eclesiástico, um religioso destinado ao santo ministério estão obrigados a saber teologia: é imprescindível, pois, estudá-la. Decidimos que cada religioso deve se dedicar aos estudos teológicos pelo menos três horas por semana: é uma decisão do Capítulo Geral, que tem força de lei. Cada um terá seu questionário junto com seu caderno de teologia; nesse caderno, deverá responder às perguntas feitas. Com que extensão? De que modo? A comissão própria, presidida pelo Reverendíssimo Padre Lambert, informará aos Senhores. O caderno será entregue ao Padre Lambert de três em três ou de seis em seis meses. Ou antes, cada um terá dois cadernos e usará um, enquanto o outro estiver nas mãos dos examinadores.

Mãos a essa obra. A Congregação só viverá, trabalhando; obterá graças sobrenaturais, interiores, somente na medida de seu trabalho e não

obterá graças de outro modo. Cada um tratará cuidadosamente as perguntas indicadas. Assim, meus Amigos, não virão mais nos recriminar por não sabermos teologia, por não termos estudado teologia... Nunca apresentei ninguém às Ordenações sem ter recebido elogios depois. Uma vez até, se admitiu à Ordenação, contra meu parecer, a um postulante que não me parecia saber suficientemente a teologia. Era o motivo que eu dava para não apresentá-lo. Ele sabe mais disso do que os meus seminaristas!, disse o Bispo de Troyes, que quisera interrogá-lo pessoalmente. O próprio Dom Cortet disse isso.

Não haverá mais razão de nos dirigir essa repreensão, quando nos tivermos aplicado aos estudos teológicos, desde nosso ingresso na vida religiosa até a morte. Só então teremos terminado nosso curso de teologia. Pelo menos três horas por semana. Aqueles que frequentam os cursos de teologia preparatórios às Ordenações terão suas perguntas especiais.

Cada um estudará teologia. E não é para se limitar a estudar os simples tratados elementares; é preciso aprofundar as questões; é preciso estudar a teologia aplicada particularmente a este ou aquele assunto, que se deve abordar na pregação, na catequese; um determinado ponto que se topou na confissão ou na direção de almas. O campo é certamente muito vasto. E não se deve descuidar certas questões da atualidade, ou também as que se prestam à discussão. Que seu curso de teologia seja o mais completo possível; não só, repito, elementar e abreviado, mas completo, detalhado; consultem aos grandes autores, quando for o caso. Que seu estudo de teologia seja também vivido e prático. O Senhor tem uma questão do catecismo a tratar, um assunto doutrinário para uma instrução, um sermão sobre uma matéria que não aprofundou,... estude esse ponto da doutrina a fundo nos autores, na Suma de Santo Tomás. Em geral, as catequese, os cursos de instrução religiosa não encontram interesse. Isso porque não foram suficientemente preparados. Experimentam tratar e explicar a outros um problema que talvez nunca tenham entendido e que não seja nada claro aos Senhores mesmos.

A pregação. O Oblato deve pregar como se deve pregar, sendo Oblato de São Francisco de Sales. Não preguem como os vigários de cidade grande... Não, retiro minhas palavras!... Não preguem como um determinado vigário de cidade grande, o qual a gente me mencionou e que passava parte de seu tempo na leitura de novelas, para conhecer melhor a vida mundana e poder interessar mais seus ouvintes. Preguem como pregava São Francisco de Sales. Cada vez que subia ao púlpito, se o escutava, havia um verdadeiro interesse; sua palavra produzia frutos; convertia ou consolidava. Para alcançar esse fim, é preciso assumir o método dele e para isso trabalhar muito.

O método antigo e habitual, a forma clássica e costumeira de sermão pomposo, em dois ou três pontos, bem anunciados, divididos, subdivididos, esse método pode ser bom como esquema de instrução, como linha conductora para desenvolver bem e equilibradamente o pensamento do sermão. Mas, por favor, apliquemos aí um pouco de inteligência e juízo. Deixemos de lado as formas superadas, as divisões demasiadamente requintadas, as considerações, que já não têm nada que ver com nossos costumes. Leiam e estudem a Bourdaloue; mas se pretendessem simplesmente repetir o mais lindo sermão de Bourdaloue, hoje em dia ninguém entenderia nada.

Deixem-se formar segundo o método que, tantas vezes, lhes tenho indicado. Falem verdadeiramente aos ouvintes, que estão diante dos Senhores e que olham para os Senhores. Digam-lhes exatamente o que eles precisam, que lhes digam. O que lhes estou ensinando agora, meus Amigos, é o que sempre me dizia e repetia Dom Mermillod, que era mestre na arte de falar. Cabe a nossos pregadores agora fazer todo o possível para adaptar-se a esse método e servir-se da fonte abundante, que lhes é aberta. Isso requer um grande trabalho, sim, mas um lindo e interessante trabalho.

A propósito, meu lembro o conselho que lhes tenho dado muitas vezes: as notas escritas sobre folhas soltas e ordenadas alfabeticamente numa caixa de papelão. Mas para isso é preciso trabalhar, e muito. É preciso trabalhar em tudo quanto devem fazer. Têm uma aula para dar: preparem a fundo cada uma das matérias que devem ensinar. Cada professor deve tomar a peito para seus alunos um ensino sólido, já não digo de sábio, no entanto profundo e que revele uma formação adquirida seriamente e sobretudo um ensino prático. O Senhor é um sábio para si antes de tudo? Claro, mas é preciso sê-lo também e sobretudo para seus alunos. Preparem bem suas aulas. Olhem a seus alunos; conheçam-nos bem, de maneira que possam cativá-los. Suponha que um é mais inteligente do que os demais; ele exige mais do que o que dão aos outros. Dêem-lhe mais e não o deixem carente. Um outro tem muita imaginação; aproveitem exatamente essa imaginação para cativá-lo; mas para isso, evidente, será preciso pensarem e trabalharem muito e tentarem, recomeçando sem parar. Não creio que se possa dar uma aula, qualquer que seja, sem tê-la bem preparada, seja uma aula da primeira, da segunda, da terceira ou até da quarta série. Preparem através do estudo o interesse com que derem as suas aulas e pela colheita diária e incessante de suas notas. Sempre acrescentem alguma coisa nova, algum acontecimento interessante, a explicação de uma palavra, algo que lhes tiver tocado no fundo do coração.

Eu me lembro de um Bispo de Troyes, Dom Coeur, que era um prega-

dor eloquente e famoso. Eu ia visitá-lo algumas vezes, no entanto não era muito meu amigo, pois achava que eu gostava demais da liturgia romana. Um dia lhe tocou pregar e o encontrei muito atormentado, muito agitado, doente. O que é que isso vos faz, quando ides subir ao púlpito?, me pergunta de repente. A mim, continuou sem esperar minha resposta, isso me arde!... Nós deveríamos ter um pouco daquela sensação, quando vamos dar aula: isso deveria arder-nos... É preciso, pelo menos, quando se vai à aula, ter-se preparado e ter alguma coisa para dizer; e no que se diz, não passar a vários metros acima da cabeça dos alunos, mas deve-se falar conforme a capacidade deles. Toda vez que nos interessarmos na nossa aula, interessaremos nossos alunos. E para isso, o assunto deve ser preparado cuidadosamente; é preciso trabalhar.

Somos diretores espirituais. Aí também é preciso trabalhar? Sim, meus Amigos, pois não temos só a missão de representar nosso Senhor sem fazer nada pessoalmente, mas temos uma missão de uma atividade muito intensa y real sobre as almas que Deus nos manda e é preciso trabalhar muito para cumprir essa tarefa. Como se deve trabalhar? Que significa a direção para o Oblato de San Francisco de Sales?...

Os Senhores têm um certo número de penitentes, homens e mulheres. Procurem saber com prudência se existe entre eles alguma alma idônea para ser dirigida, que poderá aplicar em sua vida algumas de nossas práticas religiosas: pensamentos da presença de Deus, direção de intenção, fidelidade ao dever do momento presente, cumprir apaixonadamente bem o dever, oração simples e afeituosa... Vão achar alguns; formá-los-ão para isso pouco a pouco. Isso lhes exigirá mais tempo, mais trabalho, sem dúvida; isso será exatamente o trabalho da direção espiritual.

Os religiosos são religiosos para assemelhar a si as almas que Deus lhes manda e que aceitam ser dirigidas nesse sentido. Não somos empreiteiros, que amanha a terra mal e mal por conta do dono, pelo qual trabalham. Devemos ter uma influência verdadeira sobre as almas, que vêm a nós. In funiculis Adam traham eos, in vinculis caritatis. (Os 11,4) (Eu os segurava com laços humanos, com laços de amor...) É o Adão regenerador, o Pai de família, que nos traz e nos confia essas almas. Atrai-as aos Senhores com os laços de uma confiança santa e todo espiritual; vêm aos Senhores, porque são religiosos; apegam-se à doutrina dos Senhores; elas irão mais longe... Gostariam de obedecer às mesmas leis, às quais os Senhores obedecem e que dirigem aos Senhores. É muito estranho que isso não se compreenda. Todos os bons padres, todos os bons religiosos o compreendem e o sabem. Cumpram sua tarefa com essas almas, que se confiam aos Senhores e que a

própria Providência lhes concedeu. É essa a incumbência dos Senhores.

Isso para as almas consideradas isoladamente. Mas haverá casos, em que essas almas, mais numerosas, poderão ser agrupadas, unidas prudente e discretamente numa pequena associação. Poderão, então, levá-las bem mais eficazmente à prática do Diretório e dos outros meios de São Francisco de Sales. Eis então o que faremos para essas almas. Não tomaremos muitas delas no início. Não se trata de juntar uma massa de gente boa, para que nos sigam e escoltem e para arregimentá-las sob nossa direção. Não se deve fazer propaganda e tocar a chamada para reunir quanto mais gente possível, como uma multidão que se convidasse para um espetáculo, que desperta a curiosidade; ou que se convidasse para jantar e, terminada a janta, se cumprimentasse educadamente e cada um volta para casa. Não! Comecem primeiro com uma, duas, três almas e assim por diante, selecionando entre os que Deus lhes mandar, de maneira a ter algo sólido. Não vão rápido demais. Façam fazer um pouco de noviciado preparatório; sem noviciado não há vida religiosa e tampouco haveria coesão, sobre uma base séria. Então, teremos assim uma Terceira-Ordem? Sim! e a faremos aprovar por Roma, quando existir. Mas já se deve começar a estabelecer alguma coisa. Se houver apenas um projeto no ar, o rótulo, e se for pedir em Roma: Que se aprove isso!... Que se assine... Roma quererá abrir a porta e inspecionar e verificar todos os rótulos. E se não encontrar nada atrás do rótulo, não aprovará nada!

Então, cada um de nós deve considerar-se obrigado a procurar entre as pessoas, cuja confissão atende, aquelas suscetíveis a direção; e entre as que dirige, aquelas que possam ser agrupadas, unidas numa associação de São Francisco de Sales. Trabalhemos um pouco para nós, meus Amigos. Não estamos, pois, obrigados a trabalhar por conta dos Beneditinos, dos Jesuítas, etc... Se existem almas que Deus destina a seguir o caminho dos Jesuítas e dos Beneditinos, em geral, Deus não no-las mandará a nós e permitirá que elas sejam entregues aos cuidados dos Jesuítas ou dos Beneditinos. Quanto àquelas que Deus nos manda, normalmente é para que as conduzamos por nosso caminho. Cuidemos bem do nosso mundo; dirijamos bem nossa oficina. Devemos tentar acrescentar a todos esse trabalhos mencionados o trabalho manual, o trabalho material.

Em que medida? O trabalho manual também esteja dependente da obediência. O trabalho manual é a tarefa comum dos Irmãos. Seria muito desejável termos um certo número de Irmãos, que compreendam bem sua missão. Em algumas Congregações, os Irmãos formam a parte mais fiel e mais santa da comunidade. Para ser Irmão, bom Irmão, é preciso ter quatro vezes, dez vezes mais fidelidade do que para ser Padre,... porque parece que o bom Deus pou-

pa a seu sacerdote e tem mais paciência com ele. Muitas vezes, quando os Irmãos receberam uma graça e a deixam de lado, Deus se retira...

Eu desejaria muito - e isso era a aspiração da Boa Madre - que todos nossos Padres tivessem um pouco, mais ou menos, que trabalhar manualmente e que cuidar do "criado", como ela gostava de dizer. Os Cartuxos fazem isso. Quanto a nossos Padres, que têm que dar aula, pregar, ouvir confissões, dirigir as almas, é muito difícil importuná-los e sobrecarregá-los de trabalhos manuais propriamente ditos. Mas que aqueles que podem, tentem trabalhar algum pouco. Que sujeitem o trabalho à obediência e isso será muito bom. A que deve chegar o trabalho, seja o que for? Tem como resultado a conservação, o desenvolvimento e o aumento dos recursos da comunidade na ordem temporal e na ordem espiritual; e o bem produzido por aqueles que trabalham beneficia todos.

Sendo homens, todos devemos trabalhar - é a lei - uns manualmente, outros nas ocupações do ensino, da pregação, das obras do santo ministério. Todo o mundo deve trabalhar. Os Beneditinos trabalham; os Cartuxos trabalham. O Cartuxo não desperdiça um minuto de seu tempo; depois de cantar o ofício, trabalha com as mãos, produz. Nenhuma comunidade, nenhuma Congregação não pode ter êxito, si seus membros não estejam animados por esse espírito! De fato, se há comunidades dessa forma pouco acauteladas, não têm êxito. Que cada um tenha isso presente na mente e no coração: trabalhar para a Congregação.

Apliquemo-nos a dar aulas bem dadas e veremos aumentar o número de nossos alunos; nossos alunos terão êxito; com isso ganharemos amigos; acarretaremos simpatias, afeições para com a Congregação. Aqueles que virem a nós, apreciarão nossas maneiras de agir e pensar, nossos princípios; apagar-se-ão a isso; muitas almas entrarão no caminho por onde nós andamos. Somente o trabalho manual favorece a prosperidade de uma Comunidade. Esse interesse seja real e prático; deve estar presente em nossos pensamentos, nossos afetos, no detalhe de cada um de nossos atos. Não faremos isso com um cerrado egoísmo grupal, mas com um afeto sincero e agradecido para com a Congregação que, muito pelo contrário, ampliará nossas idéias e intenções. A Congregação é uma Mãe de família; devemos amá-la como uma mãe e ela deve ser tudo para nós sobre a terra.

Que cada um trabalhe, pois, nesse sentido, realizando o bem material e o bem espiritual da Congregação. E também, por nossa fidelidade e santidade pessoais, trabalhemos em assegurar seu espírito religioso, em atrair sobre ela as graças e bênçãos de Deus. Repitamos em cada momento do dia: Deus está comigo em tudo o que faço; Pater meus usque operatur, (Jo5,17)

meu Pai continua agindo até agora, meu Pai do Céu realiza o bem da Congregação; Ele quer que ela chegue aos seus fins. Et ego operor, eu ajo também (Jo 5,17), eu também quero obrar com Deus.

Trabalhando assim, estamos em nosso lugar. Sejam quais forem os acontecimentos que possam dar-se, fiquemos em nosso lugar... E entenderemos, amaremos, abençoaremos esses acontecimentos. Olhem como seremos felizes em nosso lugar de trabalhadores. Deus ama tanto o trabalho que, às vezes, até parece abençoar o trabalho dos maus. Não é que os maus têm êxito, quando são verdadeiramente gente de trabalho?

Se formos trabalhadores, seremos bem aceitos; compreender-se-nos-á, amar-se-nos-á. Estaremos em voga, voga aliás, que sempre tem existido. Deus colocara a Adão no paraíso terrestre para trabalhar, cuidar e cultivar esse jardim; era a primeira meta: Ut operatur et custodiret illum. (Gn 2,15) Estaremos verdadeiramente na vocação, na qual Deus nos quer, estaremos completamente de acordo com a ordem divina, segundo a Vontade da Providência.

Peçam à Boa Madre, que lhes dê o amor pelo trabalho, pelo trabalho durante toda sua vida e até o dia de sua morte; que nunca fiquem ociosos, mas sempre trabalhando em uma coisa útil. Quando as Irmãs da Visitação faziam trabalhinhos inúteis, obras de fantasia, a Boa Madre às vezes os tomava e os jogava no fogo. Deus não fez nada de inútil, mas enfeitou as coisas úteis para torná-las agradáveis.

Dediquemo-nos ao trabalho, meus prezados Amigos; consideremo-nos homens de trabalho; sustentemo-nos pelos trabalhos tão numerosos, tão difíceis, aos quais nossa vocação nos chama.

Q U I N T A I N S T R U Ç Ã O

O S T R Ê S V O T O S

Durante estes dias de retiro, tenho chamado sua atenção a alguns pontos importantes que se deve considerar como a base do Instituto. Mas de-
frontamos com um grande obstáculo para realizar bem as coisas que tenho dito. Bossuet, no fim de sua carreira, depois de ter ensinado tão eloquentemente os deveres aos reis, aos grandes, aos religiosos, a todos, lançava uma olha-
da sobre tudo o que defendera e especialmente sobre o que solicitara dos ou-
tros e exclamava: Ah! Existe um grande inimigo das solicitações que vos fiz: é-nos indicado pelo Apóstolo São João. São as três concupiscências, que estão no homem: a concupiscência da carne, a cobiça dos olhos e o orgulho da vida. Esses inimigos são, pela sua própria natureza, os adversários mais fortes e mais difíceis de vencer, tentando impedir que cumpramos com o que vos pedi.

E, com efeito, seu último sermão - algumas notas - é para nos di-
zer que o inimigo do bem, o inimigo máximo da alma humana, são essas três con-
cupiscências. Ele dá de cada uma uma noção sucinta, muito viva; fornece uma espécie de descrição de cada um desses três inimigos; mostra até que ponto são poderosos para destruir totalmente o que se refere à lei de Deus, à Igreja, aos religiosos...

Esses últimos, diz ele, lutam eficazmente contra o inimigo com seus três votos. O orgulho é combatido e vencido pelo voto de obediência. A concupiscência da carne pelo voto de castidade e a cobiça dos olhos pelo voto de pobreza.

Vou dizer algumas palavras sobre essas três idéias. Isso é bem oportuno, pois nossos Padres vão emitir seus votos religiosos e alguns vão enfilei-
rar-se para sempre sob a bandeira de São Francisco de Sales e caminhar na linha da frente para lutar com valor nos combates do Nosso Senhor, na vida religiosa.

O orgulho da vida. Hoje em dia, cada um quer ser independente: Non serviam! (Jr. 2,20) (Não servirei!) Essa palavra se ouve em toda a parte. Satanás a disse primeiro; os filhos de Satanás repetem-na depois de seu pai. Os filhos de Deus deixam-se levar demais a falar nesse sentido: Non serviam! O amor próprio, o orgulho, o ceder às fantasias, às vezes vão longe, muito longe, até o pecado. Que o voto de obediência apague em nós essa chama da ini-
quidade! O orgulho da vida jamais produz alguma coisa boa. Não naufraguemos;

mas apanhemos a mão, que se nos estende em socorro.

Entreguem, pois, a Deus o voto de uma obediência perpétua; a obediência é boa, quando completa, quando não se pechincha. A Boa Madre dizia que devemos obedecer decididamente.

A obediência sempre deve ser simples e direita, inteira e incondicional, sem tardança; é muito difícil. Se os Senhores pudessem experimentar, veriam que a dificuldade diminui pouco a pouco: sua obediência se torna agradável e doce; dar-lhes-ia tranquilidade e segurança. Obedeçam decididamente. O homem decidido a alguma coisa se lança à mesma imediatamente, sem demora. Quando não se é determinado, se vacila, procura-se onde fica melhor. Quando não estamos determinados a obedecer, sentimos dentro de nós a sensação de que o que nós queremos vale mais talvez do que o que outros querem que façamos; e essa sensação é muito difícil de superar. Tenhamos fé na virtude de obediência, nas graças da vida religiosa; obedeçamos sempre decididamente. Ajamos, enfrentando nossa vontade e obteremos um resultado muito melhor do que o perseguido com nossa vontade própria.

O religioso, que obedece sobrenaturalmente está acima da natureza e se une ao mesmo Deus; e é Deus quem age. Entreguem-se inteira e absolutamente ao que a obediência lhes pede. Obterão assim muito melhor e muito mais perfeitamente o que desejarem alcançar, já que o próprio Deus aos Senhores o dará. Será porque o Superior é mais inteligente? Será que lhes pede obedecer, porque quer usar meios melhores do que os dos Senhores? Não, os meios, naturalmente, são os dos Senhores, de acordo; os Senhores, naturalmente, estão com a razão. Mas estão decididos a obedecer; que concordem, pois, em não ter razão, que perdam sua razão perante a obediência, perante a palavra de Deus e fazem um ato de mérito infinito. Aquele que vai ao martírio é um herói. Os Senhores vão ao martírio de sua vontade própria; também ganharão o céu; isso é a maior recompensa que Deus possa oferecer. E Deus abençoa essa obediência dos Senhores.

Sei muito bem que a obediência, assim entendida, é uma coisa extraordinária. É o que se vê na vida dos santos. Leiamos a vida dos santos; não a lemos suficientemente; leiam a vida dos Padres do deserto; leiam os Anais de Citeaux, leiam São Bernardo; lembrem-se dos ensinamentos de São Jerônimo. Era um dogma para todos que se obtém todo o poder através da obediência e que por ela se executam as coisas melhor e em condições mais favoráveis.

Quando Nosso Senhor reunia os Apóstolos, dizia-lhes: O reino dos céus se parece com o grão de mostarda, com o fermento, com o grão de trigo. Senhor, diziam os Apóstolos, sempre nos falais em parábolas; não as entendemos. O sentido que Nosso Senhor dava a esses símbolos era justamente que se devia renunciar ao juízo próprio, às maneiras próprias de ver, às idéias formadas

sobre isto ou aquilo. Todo o poder doutrinário foi dado ao Salvador para ensinar aos homens. Devia-se acreditá-lo. Vendo aos Apóstolos entender isso com tanta dificuldade, não é de se admirar que a nós nos custe tanto entendê-lo.

Obedeçam e Deus unirá a essa difícil obediência uma graça ilimitada e infinita.

Vê-se os religiosos praticando a pobreza, a castidade; a gente os vê praticando a obediência em certas coisas; mas a obediência completa, inteira é muito rara. Para isso é necessária uma grande coragem; exercitem-se; não digo: cumpram isso logo à primeira, façam tudo perfeitamente desde já; mas lhes digo: exercitem-se, pratiquem, façam atos de renúncia.

A cobiça dos olhos. O amor às riquezas é combatido pela pobreza. Sejam sempre pobres. Apreciem e queiram bem isso; que encontrem gosto em privar-se um pouco. Não ter nada para si é duro à natureza. Façamo-nos pobres pelo amor a Nosso Senhor. Vivamos não a pobreza de sua vida pública, da época de pregar, quando não tinha onde descansar a cabeça, mas a pobreza de Nazaré, onde vivia do trabalho de suas mãos, onde não sobrava nada, onde faltavam muitas coisas. Se, pelo amor dele, fizermos muitas pequenas práticas para imitá-lo, lhe seremos agradáveis. Não nos vestiremos inteiramente a nosso gosto; não almoçaremos como desejaríamos; nossas celas não serão muito confortáveis; no recreio, sofreremos muitas pequenas submissões; durante todo o dia, guardaremos o silêncio, causa de mortificação constante... É preciso acolher com amor toda a variedade dessas pequenas práticas que sempre encontramos no cumprimento de nosso voto de pobreza. Sejam delicados ao pedir permissos ou dispensas quanto à pobreza. Submetam-se, é uma garantia, que Nosso Senhor está com os Senhores, que está presente no que fazem, que Ele trabalha com os Senhores.

São Francisco de Assis quase não deu outra regra para seus religiosos a não ser a pobreza; a pobreza sozinha faz ao religioso completo. A família do pobre de Assis tornou-se numerosa como as estrelas do firmamento, como os grãos de areia do mar. Não há uma Ordem que tenha tido mais filhos do que a Ordem do Pobre São Francisco.

Pratiquem atenta e cuidadosamente tudo o que a pobreza requer. O Padre Normand, na Grande Cartuxa, recolhia com um cuidado incomparável algumas groselhas sobre uma folha de papel. Vejam como esses religiosos são ridículos, dirá alguém que não pensa... Eu as recolho com cuidado por amor à santa pobreza, dizia o santo Cartuxo.

A concupiscência da carne encontra um remédio na prática do voto de castidade. Esse voto tão sereno é valioso, talha logo toda a tentação, toda a sugestão. Supera, domina até as pulsações do coração e dá a alma toda a Deus. Beati mundi corde, quoniam ipsi Deum videbunt. (Mt.5,8) Apenas os que têm o coração puro, os castos, verão Deus completamente, não só no céu, mas já sobre a terra. Por um lado, pois, encontramos no voto de castidade uma soberana proteção e por outro um gozo imenso, infinito. A castidade, sem dúvida, assim como a obediência, é muito difícil. Deve-se saber que se terá grandes lutas que enfrentar, sobretudo certas imaginações, certos temperamentos, certas naturezas. Significa isso que essas naturezas não são chamadas a fazer o voto de castidade? Longe disso. Minha experiência, já antiga, me prova que as lutas contrárias, que as inclinações para o mal não indicam em nada que não se seja chamado à castidade. Pelo contrário, estou convencido que os chamados por Deus a fazer esse voto, são muito mais tentados que os outros. Deus o permite, sem dúvida, para que o voto seja mais meritório: Juge sacrificium. (Dn. 11,31) (Holocausto perpétuo) A castidade dessas almas é um sacrifício que não se apaga, nem de manhã, nem à tarde, nem de dia, nem de noite, é um sacrifício constante, juge sacrificium. Acrescento logo que a castidade não é sempre tão difícil, graças a Deus, claro; a oferenda não é sempre tão laboriosa. Mas, mesmo nessas circunstâncias, é preciso ser vigilante e prudente: a brasa se esconde debaixo da cinza, o fogo pode acender-se. Tenhamos sempre muito cuidado e cuide-mos para afastar tudo quanto possa ser perigoso e aumentar a tentação. Fazer esse voto, pois, é coisa boa; de uma só vez se talha a tentação. A coisa fica definitivamente decidida. Os Senhores põem um muro entre si e o inimigo. Ser-lhes-á mais fácil não passar para o outro lado e ficar onde estão.

Portanto, se sua castidade for custosa, se provocar angústias, não se desanimem. O Coração todo inteiro de Deus responderá ao apelo desesperado que lhe fizerem. É o amor de um Pai, que acorre à voz do seu filho, que passa a ajudá-lo. Damos-lhe a oportunidade de se manifestar, de se fazer sentir como Deus; e isso tanto mais, quanto mais forte e terrível foi a tentação.

Não se desanimem; mas não facilitem a tentação. Não procurem lutar corpo a corpo com o mal: as lutas heróicas de alguns santos não são para nós. Não buscamos a luta e não ficamos contentes dela, pois as Escrituras nos dizem: Quasi a facie colubri fuge peccatum. (Eccl.21,2) (Foge do pecado, como se foge de uma serpente.) Tenham cuidado de sua mente, de seus sentidos, de seu coração, para que não se metam rumo ao declive mau, para que não sigam o impulso, provocado pela natureza. Uma vez mais, não há por que temer, nem desanimar-se pelas tentações. Lembremos as palavras de São Paulo: Ter Dominum rogaui. (2 Cor.12.8) Três vezes roguei ao Senhor para me apartar da tentação; pe-

di-o amiúde, muitas vezes; ter Dominum rogavi. Mas o Senhor me respondeu: Sufficit tibi gratia mea, nam virtus in infirmitate perficitur. (2 Cor.12,9)
A virtude se fortalece e aumenta na tentação. As almas que fizeram o voto de castidade se assemelharam com São João. Descansam junto ao Coração do Salvador. São anjos em corpos mortais. Como os anjos, estão aí perante Deus, adorando-o. Sim, que esse voto de castidade seja a homenagem dos Senhores a Deus e o objeto de um amor todo particular, todo especial.

Seus votos, portanto, meus Amigos, vão ser para os Senhores o meio para superar o grande obstáculo que o pecado original lhes deixou. É a resposta a toda sugestão do demônio; é uma arma para repelir cada tentação. Então não digam jamais: Non serviam (Jer.2,20) (Não servirei), mas: Eu quero servir-vos sempre, meu Deus! Não serão fracos, mas fortes, pela força divina; e o demônio do orgulho não terá nada para ganhar com os Senhores. Quando para os Senhores os dias desta terra estiverem passados, quando não tiverem mais nada que fazer com as coisas de aqui embaixo, lançarão uma olhada para sua cruz, bendirão a Deus e lhe agradecerão por ter estabelecido entre os Senhores e o mundo, entre os Senhores e o pecado, uma barreira insuperável; sua alma ficará contente; verão o mal que tiverem evitado e o bem praticado, graças aos seus votos; bendirão essas correntes. Dirão o que São Paulo dizia aos primeiros fiéis: desejo para vós todas as ataduras que eu mesmo levo; são os vínculos de Jesus Cristo, que me assemelham a Ele.

Vamos rezar bem pelos Senhores, meus Amigos, e os Senhores também orarão por nós. O fervor dos Senhores fará que revivam nossos corações esfriados. Tenham coragem; peçam a Deus que lhes dê a graça dos votos. Todos nossos Padres mais idosos sentem-se hoje renovados, rejuvenecidos em sua fé, em sua vida religiosa, no zelo pelas almas, no amor por Nosso Senhor. Rezem por todos nós, para que, depois deste retiro, Deus nos considere dignos de trabalhar cada vez mais em sua obra. Que lance um olhar de amor sobre todos nós, aos quais fez herdeiros de seu trabalho, de seus suores, de seus sofrimentos; que nos dê do céu a grande recompensa, que nos espera. Assim seja.

Fim do retiro geral de 1891.

1892

RETIRO GERAL DE 1892

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

A SANTIDADE

A condição essencial de todo o sucesso espiritual, em todos os tempos, sempre tem sido a santidade do ministro da palavra ou do ministro da graça. Não é necessário citar exemplos. É um fato comum e de todos os dias, que a santidade do padre, do religioso opera de uma maneira bem evidente, e que o santo tem bem mais sucesso junto às almas do que aquele que é indiferente ou bom assim-assim. Quanto vale o homem, tanto vale a coisa; não se façam ilusão a respeito disso. Ninguém, sem dúvida, se propõe fazer mal ou até ser um padre, um religioso indiferente; mas, na prática, muitas vezes se aje, como se tivesse feito esse propósito, como se tivesse por princípio não se incomodar, aceitando o tempo como se apresenta, como as coisas pelo que valem e deixar correr a vida. Uma conduta destas é uma grande temeridade e covardia. Mas esse é o perigo no qual vivemos e que nos é quase impossível de evitar. É muito difícil de conservar nossa alma inteiramente livre dessas misérias, difícil de conservar nossa vocação em toda sua plenitude e bem difícil também de conservar o desejo de agir em tudo e completamente segundo a vontade de Deus. Por outro lado, deve-se observar que a ação do padre, do religioso, em geral se torna menos viva; eles têm muito menos influência; realmente, a verdade diminui entre os homens; a ação da graça parece mais fraca; as vontades são menos dóceis, e se o padre e o religioso não agissem com um acréscimo de energia, de fé, de santidade, está quase certo que sua ação seria imperceptível e nula. Somos, pois, todos abrigados a nos tornar santos. No começo deste retiro, é este o enfoque frente ao qual é necessário nos situar. Nem mais, nem menos: é necessário que nos tornemos santos. É preciso que nos tornemos santos, como o deseja São Francisco de Sales, como o quer a Boa Madre, como o pedem as nossas Constituições. A santidade assim entendida e compreendida opera por si mesma grandes coisas. Todo santo é um herói. A Igreja só canoniza virtudes heróicas. E mesmo além dos santos canonizados, há heróis, grandes heróis. No momento atual há no mundo almas santas, isto é heróicas. O que custa, de fato, a santidade e também o que é que ela vale?

O que ela custa? Primeiramente requer de nós uma atenção contínua sobre nós mesmos. Vigiai e orai. (Mt. 26,41) É necessário que tenhamos o olho sempre aberto sobre nós mesmos e que, ininterruptamente, tenhamos esta consciência, esta convicção de que devemos nos tornar santos; e não somente lá de vez em quando, mas nosso fervor deve ser contínuo. Necessita-se, pois, uma atenção permanente, contínua em todas as nossas ações, em tudo o que fazemos. Se há negligência, se não pensamos mais na santidade, nossa alma se enfraquece e perde a coragem; e daí que somos obrigados a fazer esforços maiores para recuperar o tempo perdido. Quando nossa alma recebeu de Deus alguma coisa mais particular, num dia de festa por exemplo, quando tem alguma consolação, tudo parece ir bem. Mas logo vêm os dias de tentação, de aridez, às vezes mesmo de uma vontade renegada. Então nossa alma se enfraquece, a coragem e a energia se dissipam e a tentação periga se tornar a dona. É, pois, necessário assumir a atenção, ter a vigilância como companheiras inseparáveis da nossa vida. Esse deve ser nosso pensamento fixo. É uma necessidade para nós e é preciso que simplesmente não consigamos nos separar dele. Talvez não me explique bem, mas peço a Deus que lhes faça compreender o que quero lhes dizer, que lhes faça compreender que não é necessário empreender nenhuma ação, sem a vontade constante e firme de empenhar toda a nossa inteligência e todo o nosso coração para fazê-la bem e sermos santos. Quem são os que têm sucesso numa arte, numa profissão? Não são aqueles que empenham toda a sua vontade, aqueles que sonham constantemente com sua arte e que se aplicam a ela com todos os seus esforços? Isso é necessário para alcançar bom êxito. Além da atenção é necessário o sacrifício. Jamais poderão chegar a se liberar dos seus defeitos e praticar as virtudes, sobretudo aquelas que são contrárias ao seu caráter, ao seu temperamento, sem esforço. Em cada ação, como diz o Diretório, se precisa aceitar a pena e a dificuldade que nela se encerram e assim constituem um contrapeso a nossos afetos desviados e nossas inclinações culpáveis. É necessário aceitar tudo isso como para reparar nossas faltas por amor à Santa Vontade de Deus. Essa aceitação da Vontade de Deus é o meio mais eficaz de santificação, que possamos empregar. Nossa santidade não deve consistir em grandes atos, mas se encontra em todos os detalhes da nossa vida; consiste em ninharias. Uma vontade que se mantém sempre, uma energia que não se afrouxa, uma força, uma coragem que aceitam as cruzes assim como vêm, sem querer lhes arrancar os pregos, sem mesmo tirar a inscrição, é isso o que nos fará santos. Queiramos bem a cruz, como a amava Santo André: Ó boa Cruz! Então, tanto sacrifício como vigilância com a intenção de nos tornar santos! É o que a santidade custa.

E o que ela vale? O que produz?

O que não faremos, sendo santos? O que se faz hoje em dia no mundo? Qual o resultado de tantos esforços?... Os resultados são mínimos.

Isso não depende, sem dúvida, de má vontade dos representantes de Deus, longe disso. Mas por que tanto trabalho e tão pouco resultado? Isso tem a ver com a má vontade daqueles a quem a gente se dirige. Os religiosos devem ser santos, para ser eficientes e poder vencer essa má vontade a força da santidade. Começemos este retiro; santifiquemos este retiro por uma grande fidelidade, com muita exatidão em todos os nossos exercícios. Repito frequentemente: é o retiro por si mesmo, que faz o retiro. Não temos importantes resoluções a tomar, atos generosos a fazer; nossa santidade é o que fazemos durante a jornada, o que fazemos continuamente. Façamo-lo, pois, com muita atenção, em espírito de sacrifício. Encontrarão nessa doutrina, posta em prática, verdadeiramente um maná escondido. Esse maná não terá um gosto igual para todos, mas seu gosto é particular, diferente de um para outro; alimentará a alma dos Senhores segundo a precisão e as inclinações espirituais, segundo a atração interior e de acordo também com as necessidades exteriores e as de sua vocação. Esse maná será de todos os instantes e de todos os minutos. Repito, não somos gente má; temos todos boa vontade. Nenhum de nós quer agir por meios puramente humanos. Todos tendemos, no fundo, a fazer a Vontade de Deus. Expressemos-lo, pois, enquanto estamos juntos: o que nos falta é este anelo vivo e premente de santidade, sobre o qual lhes falo, é a vontade constante e eficaz que se esforce para nos tornar santos. Esquecemos o que é necessário fazer sem parar, para chegar lá; nosso coração não bate sempre e sem descanso em uníssono com esse desejo de santidade. O mesmo está em nós frequentemente em estado latente. Somos santos, um pouco como está no catecismo, pois todos somos chamados à santidade, i. é conforme o que se encontra no capítulo da comunhão dos santos. Seguimos passo por passo nosso trotezinho e nossas intenções são mais ou menos puras, mais ou menos elevadas. Quantos dentre os Senhores se têm dito este ano a todo momento do dia: É imprescindível que eu faça todas as minhas ações de forma a me tornar santo? Não muitos. E eu, que lhes falo, sou o primeiro. Conheço-me e não posso dizer que tenha feito isso. É, pois, necessário que todos o façam; temos que sair da rotina. Sem dúvida, não se pode dizer que caímos no fosso, mas seguimos o trilho da rotina espiritual; nossa maneira de fazer e de agir está longe de ser pensado, não refletimos demasiado no fim para o qual nos encaminhamos. Entretanto estamos obrigados em consciência a chegar lá pelos motivos que vou lhes apresentar.

Temos boa vontade, mas não temos sempre o "Corações ao alto".

A prova é que não nos fixamos fielmente em observar este ou aquele ponto da Regra. No noviciado, na comunidade, no tempo de silêncio, não se saberá reter uma palavra, que queima na língua; deixar-se-á escapar esta ou aquela prática de mortificação; passar-se-á de lado. Todos temos de meditar muito nisso; nossa vida não é a dos santos. E a prova é que quase não pensamos em nos tornar santos. Quando os Senhores têm que dar aula ou pregar, ao preparar seu sermão, pensam nisso? Pensam também em santificar-se? É esse o motivo condutor de sua vida, o anelo constante de sua alma? Falhamos muito nisso. Nossa vida não é suficientemente sobrenatural, dirigida por motivos duradouros. Falta coesão, falta solidez. É um monte de areia. Pode-se construir um edifício sobre um monte de areia? Não, constrói-se sobre a pedra. Por isso nossa vida tem alguma coisa instável, não tem base firme. Procuremos, pois, tornar-nos santos e façamos para isso o que é necessário. A Boa Madre dizia que era necessário que fôssemos determinados. Quem é uma pessoa determinada, não olha à direita nem à esquerda, só olha o fim que persegue. Seja trabalhando, seja rezando, será que há em nós a vontade consciente e absoluta de agir exatamente, como Deus prefere? Ao sofrer, temos a vontade de aceitar o sofrimento com confiança e para a santificação de nossa alma? Não é a nossa vida composta de uma série de elementos que não se combinam entre si, que não são da mesma natureza e não se ligam? É como se quisesse aliar vidro com um metal, com ouro. Não conseguirão misturar jamais vidro de nossa vontade própria, por mais brilhante que pareça, com o ouro da caridade e do amor de Deus. A santidade, assim entendida, operará em nós muita paz, uma grande facilidade para as coisas de Deus; a santidade terá assim um efeito imenso nas almas, com as quais tivermos contato. Olhem a todos os santos. Olhem São Francisco de Sales. Como tem grande influência no seu século e nas almas que vêm depois dele e que formam em seu seguimento uma como imensa família. Sua influência se estende por toda parte. Por que essa ação tão potente, tão vigorosa e sobre tantas almas? Porque era um grande santo. Suprimam a página da história eclesiástica onde se trata de São Francisco de Sales e tanta coisa bela e boa, que vêm, hoje não existiria. Não estaríamos vivendo nós mesmos no mundo? E tanta coisa boa que hoje se faz no clero, nos seminários, em tantas comunidades religiosas, que se inspiram em São Francisco de Sales, a que o devemos? À santidade dele. A Irmã Maria Genoveva me falava frequentemente sobre Francisco de Sales; ela dizia que a atuação dele seria mais manifesta agora do que quando na terra; que a operosidade dele seria muita mais viva e profunda; é nós, que devemos recolher essa herança e participar nessas coisas. Não dizia Nosso Senhor mesmo aos seus Apóstolos: Vós fareis coisas maiores

do que eu? (Jo. 14,12) E acrescenta este pensamento bem particular: Santifico-me por eles. (Jo. 17,19) Quando Deus ocupa uma alma religiosa, ele aí se santifica mais, i.é o ato divino em extensão maior, e alcança para nós e em nós um vigor mais intenso. Deus, se posso falar assim, é mais em nós do que sem nós! Santifico-me por eles, faço que por causa deles e neles minha graça é mais ativa e mais potente. Nós, com nossa vidinha toda indifferente, estamos muito longe disso. Deus deve ser mais santo por nós!...

Compreendam bem o que quero dizer; não falo sobre a santidade essencial de Deus, de sua natureza substancial e divina que não pode mudar; mas sobre a ação exterior que ele exerce para fora. Está aí a palavra de Deus. É, pois, uma grande obrigação, uma grande necessidade sermos santos e santos de outro modo do que o ensinado no capítulo da comunhão dos santos. No paraíso seremos santos, mas não esperemos o paraíso para começar a sê-lo; sejamos santos desde já. Preparemo-nos não só para ir para o céu, mas para ocupar lá um bom lugar, para estar acima da massa, no meio dos anjos e acima de muitos deles; pois São Tomás afirma que os padres santos, os religiosos santos estarão acima das plêiades angélicas, as quais por seu grau de santidade serão inferiores àqueles. Mas será que cada um tem uma graça, uma luz, um dom especial para elevar-se assim a tanta altura de santidade? Pois bem, São Francisco de Sales, a Boa Madre, São Vicente de Paulo! Mas esses dons não são para nós. Respondo incisivamente. O padre comum talvez não tenha esse recurso, possa ter grandes dificuldades para chegar lá, possa enganar-se e talvez também enganar um pouco aos outros, na direção que lhes dá, pois está entregue a si mesmo. O religioso, por pequeno que seja em inteligência, em dom da graça ou da natureza ou em qualidades pessoais, quando age conforme a sua Regra, segundo as observâncias religiosas é completa e perfeitamente um santo. Pode-se aplicar a ele as palavras, que a Escritura diz da mulher sábia, fiel, devotada, sensata: Non est immutatio eruditae animae. (sic) Na alma dele não há tampouco fraqueza ou inconstância. Fazendo assim, estamos certos de alcançar a mais elevada santidade.

Durante o retiro vamos nos persuadir dessa verdade, dessa doutrina, que devemos demonstrar, observando fielmente a obediência, nossas Constituições, nosso Diretório; e quando a Santa Igreja diz que São Francisco de Sales abriu um caminho seguro e fácil para chegar à santidade, "viam planam ac tutam", ela não se engana. O Diretório é um caminho seguro, simples e fácil para cumprir a Vontade de Deus e, por conseguinte, para tornar-nos santos.

Acompanho aos Senhores repetidas vezes. Peço a Deus, à Boa Madre, que lhes dêem esta convicção profunda, que é necessário que sejam santos.

Deus merece bem isso. Olhem o que fez por nós. Observem o que quer fazer de nós. Por que os escolheu para ser Oblatos? Por que não os escolheu para uma outra Congregação? Deus tem, em relação conosco, uma vontade muito determinada, uma determinação boa, misericordiosa, cheia de caridade, de amor; quer-nos nesse caminho certo e fácil; temos a Deus continuamente conosco. Cada manhã nos colocamos na presença dele, estamos em união com ele e aí permanecemos todo o dia. Está conosco de maneira indivisa; não é nosso Salvador de modo geral, mas em particular e para cada ato... Fazemos profissão, pelo nosso Diretório, de não abandonar ao Salvador, de estar sempre com ele, em companhia íntima, por um ato perpétuo de nossa vontade. Por que Deus nos escolheu a nós para essa vida, entre tantos outros? Quantos valem mais do que nós e que não têm essa vocação tão especial, que nos deve ser tão cara!

Que faremos para agradecer a Deus? Se não somos santos?... Se não nos esforçamos generosamente por avançar no caminho em que nos chama?... Nada de mediocridade, fraqueza ou banalidade. Se avançamos indiferentes sem outro fim do que viver despreocupadamente, não chegamos a nada. É necessário sair disso. Está muito enganado quem faz uma diferença entre a vida no céu e a na terra. A vida daqui embaixo se continua no céu, como ela começou. Para os infelizes condenados é bem assim; continuam como começaram; para os eleitos da mesma forma, é o céu a união com Deus desde agora. Vivamos, pois, desde já como se estivéssemos no céu. *Conversatio nostra in caelis est* (Fil. 3,20), nossa convivência, i.é o costume de nossa vida, o que fazemos todos os dias, não deve ser feito diferentemente do que faríamos no céu. Seremos os mesmos no céu como aqui embaixo, com nossa inteligência, nosso coração, nossa vontade. Não se está mais no mesmo país, mas a gente é a mesma pessoa. É preciso que um Oblato de São Francisco de Sales seja um santo, no pleno sentido da palavra, um santo que merece ser canonizado, que merece o amor de Deus, como já estivesse no céu. Para que fim é necessário agir assim? Para distinguir-se? Longe disso. Nosso papel na Igreja é o dos recém-chegados, de servidores, de criados dos outros. É necessário que nossa vida, nossa vontade esteja em perfeita harmonia e contínua fidelidade com a Vontade de Deus.

Ponhamo-nos sob a proteção da Boa Madre Maria de Sales. Em gratidão pelo que devo a ela, o que quero reconhecer e testemunhar diante dos Senhores, me cabe afirmar que as palavras dela cada vez mais se justificam; o poder dela perante Deus parece cada vez mais experimentado pelas almas, que a ela se dirigem, porque ela vai ao encontro do que precisam e, tanto pelo espírito como pela letra, se manifesta inteiramente conforme o Evangelho, do que ela é explicação radiante e aplicação fecunda. Com a Boa Ma-

dre Maria de Sales, os verdadeiros pensamentos, os atos, a Vontade do Salvador nos são explicados, são postos ao nosso alcance, sob nossos olhos e em nosso coração. Invoquem-na para que, nesse espírito, nos ajude a fazer nosso retiro.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

S E G U N D A I N S T R U Ç Ã O

A P E N I T Ê N C I A

A condição essencial da santidade é a mortificação, e a perfeição da mortificação é a penitência. Levar uma vida mortificada é excelente, levar uma vida penitente é muito mais perfeito; e como nosso Santo Fundador deseja que alcancemos a perfeição maior, é muito conveniente e mesmo necessário entrar nesse caminho de mortificação e da penitência. É a penitência, que fez a Santa Madalena tão agradável a Nosso Senhor. O que a Igreja canta em honra de São Luiz Gonzaga, o que ela nos faz dizer sobre ele na oração: "não tendo seguido ao inocente, imitemo-lo na penitência", mostra como a Igreja estima a verdadeira penitência. A mesma leva a alma a sentimentos, que são extremamente agradáveis a Deus, tanto mais que esses sentimentos respondem à primeira de todas as exigências divinas, a s. a justiça de Deus. A vida penitente, seguramente, é que mais nos aproxima de Deus. Não há como enganar-se; todos os que fazem muita coisa na Igreja, os que têm uma grande influência sobre as almas, devem isso a sua vida penitente. Perdemos, há algumas semanas, um amigo nosso, o Senhor Bourbonne, capelão da Visitação de Paris; freqüentemente eu tinha contato com ele. O Padre Bourbonne fez grandes e lindas coisas; reconduziu um grande número de almas a Deus; dirigiu muitas delas nos caminhos da mais elevada perfeição; era o diretor de muitas almas. A que devia essa influência? A sua vida penitente, austera e dura. Eu o vi na última vez que veio a Troyes. Ele ia à Visitação. O que é que Deus faz de vós agora, perguntei, apertando-lhe a mão. Ah, respondeu-me, não sei bem; tento fazer alguma coisa para ele; levo uma vida penitente. Fala-se muito sobre o Senhor Harmel; qual a vida do Senhor Harmel? Fui vê-lo, vi a cama dele, ele dorme no seu caixão mortuário; jejua todos os dias; quando tem alguma conferência a dar, se prepara com o acoite. O Cura de Ars atraía as almas, seguramente não por sua eloquência, nem por orações demoradas, pois passava sua vida inteira no confessional e no ensino do catecismo. Mas o Cura de Ars levava uma vida penitente. Podemos nós fazer igual penitência? Não, não é assim o espírito de nossa Regra; não estamos nas condições requeridas para praticar a penitência dessa forma. Temos de trabalhar, de lecionar, de dirigir as almas; é pelos nossos afazeres de todos os dias que devemos fazer penitência. E a penitência que podemos fazer assim, em mérito, pode equivaler a um ato herói-

co. O que é que Deus diz? E o que pede o Diretório? Devemos oferecer a Deus todas as nossas ações e com essas toda a dificuldade e mortificação, que nelas se encontram. É preciso aceitar tudo isso em espírito de penitência. Essa palavrinha, essa idéiazinha encerra uma filosofia muito elevada. Essa intenção, fielmente assumida, nos assenta na vida penitente. É assim como e com que devemos fazer penitência. Façamos, pois, penitência com esse pensamento do Diretório, nas disposições indicadas pelo mesmo. Não nos limitemos a uma vida mortificada, mas avancemos à vida penitente.

Examinemos nosso coração. Quem é que não tem necessidade de penitência? Não devo nada à Justiça divina. Quem pode dizer isso? Ninguém entre nós, certamente, está em condições de dizer isso a Deus e ninguém pode dizer com Jesus Cristo: Quem de vós me acusará de pecado? (Jo.8,46) É justo, pois, que façamos penitência. Mas se nos pomos generosamente a fazer penitência, saibamos que não só satisfazemos à Justiça de Deus, mas também nos santificamos; estaremos no caminho verdadeiro, no caminho seguro onde não podemos nos enganar. Uma alma religiosa, que tem esse espírito de penitência, mantém um recolhimento profundo; ela está com Deus e, por conseguinte, sempre está na altura do que tem a fazer; sempre põe o pé no terreno apropriado. Deus, a quem ela leva consigo, se faz sentir; opera nela de uma maneira todo particular.

Como fazer penitência

Como fazer penitência? Primeiro se pratica a penitência para com o próximo. Os Senhores, que são professores, façam penitência através de seus alunos. Têm uma aula difícil; seus alunos têm um caráter relaxado; a cada momento é necessário incitá-los; eles os levam à impaciência. Tratem a seus alunos em espírito de penitência; façam penitência através deles. É Deus que permitiu isso. Lembrem-se que não cai uma folha de uma árvore sem que Deus o permita. Deus, pois, permitiu essa situação. Quando, sob as maldições de Semei e os companheiros deste, Davi seguia seu caminho, dizia aos que o acompanhavam e que queriam castigar aqueles miseráveis: Deixa-o amaldiçoar. Se o Senhor lhe ordenou que me amaldiçoasse... (2 Sam.16,10) Digam e pensem os Senhores também a mesma coisa. O que eles fazem, tem a ver com seu mau caráter, com sua idade; isso vem também da pouca estima que têm pelos Senhores, do espírito de vingança: os Senhores talvez os tenham irritado uma vez e eles lhes guardam rancor; pouco importa. Acolham a situação, seja qual for o motivo que a originou, em espírito de penitência. Não estou dizendo, entendam bem, que devam se submeter aos caprichos de seus alunos ou que não seja necessário tentar formar o caráter deles, mas digo que os Senhores, interiormente, façam penitência por meio de tudo aquilo, aceitando-o como uma coisa que verdadeiramente mereceram. "Por minha culpa."

As faltas cometidas por mim reclamam de Deus uma penitência: aí está ela.

Façam penitência através dos alunos aos que acompanham. É uma grande penitência a de ser vigia. Há algumas vezes noviços em São Bernardo, que se consideram humilhados por vigilar aos alunos. Façam a vigilância em São Bernardo; vão. Em outra parte talvez os mandassem fazer bem outra coisa. Na Cartuxa, os fariam esvaziar as latrinas. Digam-me, carregar os baldes lhes custaria menos? Aceitemos, pois, de bom grado nosso turno de vigilância em espírito de penitência. Têm que fazer penitência por suas faltas. Não podem ser verdadeiramente religiosos se não estão nestas condições de equidade, de justiça para com Deus, se não lhe pagaram suas dívidas. Estão condenados a isso, mas é também ao mesmo que deverão sua justificação, sua santidade; não se olvidem disso. Por favor, frente a essa humilhação, a essa contrariedade, a essa amargura, sejam penitentes. Quando se inclinam diante de Deus, reconhecendo-se culpados, tudo lhes torna fonte de grandes méritos.

Santo Inácio, mártir, escreveu que estava rodeado de dez leopardos "quorum malitia doctrina mea" (cuja maldade uma lição para mim), dizia ele. Ela me mostra até onde devo ser paciente, humilde e submeter-me; para mim é um meio excelente de fazer penitência e de mortificar-me. No que toca à vigilância, lhes direi que respeitem a seus alunos. Todos os santos professores que conheci, respeitavam a seus alunos. O venerável Senhor Auger, que era um santo homem, mas que ao mesmo tempo era muito mordaz e sabia, quando necessário, tirar flechas, que não erravam o alvo, o Senhor Auger, pois, era tão caridoso que, com sua mordacidade, não feria ninguém. Respeitava muitíssimo todos os seus alunos. Será que era porque tinha ilusões sobre este ou aquele aluno ou acreditava que ele mesmo tinha menos talento do que eles? Não desconhecia sua superioridade. Seu motivo era mais elevado. Era um homem penitente; procurava sobretudo, em toda ocasião, santificar sua alma e o fazia, particularmente, respeitando seus alunos.

Façam penitência através de seus alunos e façam penitência com todas as outras pessoas com as quais têm contato. Reconheçam nisso a vontade ou a permissão de Deus e, se necessário, digam como Santo Inácio: "quorum malitia doctrina mea" (a maldade deles, uma lição para mim). Devo ir com eles até onde eles vão; não fico na metade do caminho. E o farei não pela virtude de paciência, mas pela virtude de penitência. Sim, de penitência. Não somos penitentes. Olhem, os livros que se faz agora falam pouco sobre a penitência. Nos livrinhos devocionais, cinza ou azuis, que nos inundam, não há nunca o capítulo da penitência. Badala-se muito o mês de Maria, o mês das flores; é muito bonito, mas a Quaresma desapareceu. As famílias cristãs não sabem mais da penitência, menos ainda se sabe dela devidamente

no mundo; saber-se-á dançar para os pobres, mas não se saberá mais fazer penitência. O bom Padre Capuchinho, que revisou nossas Constituições, reclamou contra isso mui vivamente e inseriu em nossas Constituições um capítulo sobre a penitência. Deu-nos a obrigação de fazer penitência e de pregar a penitência. A mesma, tal como lhes indico, é tão agradável, tão prazeroso ao Coração de Nosso Senhor; essa disposição de aceitar toda a renúncia para obter o perdão de nossas faltas favorece muito para que nosso coração e o dele se aproximem.

Façam penitência por meio dos diversos acontecimentos da vida, através das dificuldades e das provações. Quantas vezes fui edificado ao ver a paciência e a penitência de certas almas privilegiadas no meio das adversidades. Há alguns anos, estive em Roma no mosteiro da Visitação. Já se tiveram apoderado da metade do mosteiro e se aprontavam para tomar o resto. E essas bravas filhas me diziam sem emoção: Sem isso não seríamos as esposas de Nosso Senhor, que durante sua vida não tinha onde repousar a cabeça. E não diziam palavra amarga alguma contra os que as perseguiam.

Sejamos penitentes em relação conosco, suportando-nos a nós mesmos e trabalhando em nós próprios. Em nossas misérias, nossas fraquezas, nossos desânimos é difícil, às vezes muito difícil; precisa-se ter caridade e paciência para consigo mesmo. Nosso Santo Fundador quer que se aceite as imperfeições da alma com espírito de penitência, mesmo seus defeitos, sua falta de inteligência ou de memória. Humilhemo-nos segundo os desígnios de Deus, se sua mão não se abriu totalmente em relação conosco. Pratiquemos a penitência, aceitando o fato de ser tentado. É dura a tentação; é humilhante, desalentadora; ela incomoda e não nos deixa em paz. O que superará a tentação? A luta? Nem sempre; a própria luta até provoca às vezes a tentação. O que supera a tentação é o coração penitente. "Um coração arrependido e humilhado, ó Deus, não haveis de desprezar". (S. 50,19) Façamos, pois, penitência através das tentações. Muitas vezes teremos a ocasião para tanto; humilhemo-nos, aceitando da mão de Deus essa indigência. A maior parte das tentações provêm de nossas infidelidades para com Deus, dos maus hábitos adquiridos. Suportar com paciência as moléstias do corpo, as doenças e os sofrimentos, isso pertence ao Antigo Testamento. Jô o fazia sobre sua estremeira. A lei cristã vai mais longe; a doutrina religiosa, particularmente, vai mais longe. Temos merecido essas penas e esses sofrimentos: reconheçamo-lo e com isso façamos penitência por nossos pecados. Mas que pecados, então, cometi para ser provado tanto? Não podem julgar a Deus. Mereceram bem outras coisas; e o que Deus lhes envia, é sempre muito bom. Escutem as ra-

zões da teologia: não resistam, são incapazes de satisfazer à Justiça divina e de justificar-se. Uma vez que Deus se contenta com o pouco que lhes envia, sofram-no de bom grado em espírito de penitência.

Sejamos, enfim, penitentes nos atos particulares de penitência. Nossa Regra pede algumas penitências, algo disso em cada refeição: não nos esqueçamos. Essa prática acarreta graças. É um verdadeiro sacramental. Ela nos ocasiona o perdão de nossas faltas; trar-nos-á também a graça de muita pontualidade, de muita fidelidade às nossas obrigações. Ajudar-nos-á no domínio da sensualidade e da gula. Quando há alguma coisa que não agrada na comida ou em nosso vestuário e quando nos falta algo entre nossos poucos móveis, de maneira que nos vemos obrigados a nos privar disto ou aquilo, por que não tomar isso em espírito de penitência? Sem isso não nos podemos tornar santos. Necessita-se disso. Nosso Santo Fundador quer que nos tornemos santos, no que fazemos necessariamente. Toda a nossa penitência está incluída nestas palavras: sofrer santamente o que sofremos necessariamente. Sigamos a Santa Madalena penitente. Tomemos a penitência a peito; pratiquemos bem todas as nossa penitências e as que Deus nos envia e as que nos são impostas por via sacramental.

Se Deus dá a todos nós esta graça de compreender bem essa doutrina da penitência e de nos dedicar bem a ela, estaremos no bom e verdadeiro caminho. Tornar-nos-emos santos religiosos.

TERCEIRA INSTRUÇÃO

A TENTACÃO

São Jerônimo, narrando a vida de Santo Antônio, conta que os religiosos vieram visitar a este para perguntar-lhe o segredo da vitória nos combates contra os demônios. E o santo respondeu: Há vários meios: a oração, a mortificação e sobretudo uma grande desconfiança de si mesmo. Esses são os meios principais de evitar e superar as tentações. A tentação é um assunto bastante extenso. No Apocalipse se afirma que a tentação chegou a se estender sobre toda a superfície da terra. (cf. Ap. 12,19) Isso quer dizer que não há homens, que não sejam tentados, nem virtude que não seja exercitada por combates travados contra a tentação e nem faltas ou pecados, que não sejam aconselhados, sugeridos pela mesma.

Falar-lhes sobre a tentação é, pois, algo muito vasto e bastante impreciso. Portanto, a partir do Evangelho, vejo que se pode classificar a tentação sob três aspectos. O primeiro: "Se és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães". (Mt. 4,3) É a tentação da sensualidade. Esta é a que começa primeiro na vida do homem. Nossas tentações como crianças eram sempre tentações da sensualidade; as tentações da juventude continuam ainda tentações da sensualidade. "Ordena que estas pedras se tornem pães". Não é que os desejos, que invadem o coração do jovem e em relação com todo o objeto que se apresenta, não é que suas inclinações lhe dizem em todas as circunstâncias, que ele pode gozar: "Ordena que estas pedras se tornem pães"? Não é a tentação que se desprende de todas as coisas, que nos rodeiam: contentar seu conforto, satisfazer seus gostos, suas más inclinações? Todas essas sugestões, que se sucedem e se repetem, não é que retomam as palavras do tentador: "Ordena que estas pedras se tornem pães"? Por que essa coisa aí não seria conquista tua, por que não te pertenceria? Goza-a! Esta tentação não se limita ao período da juventude; até aumenta no decorrer dos anos e se torna mais forte nos primeiros tempos da idade viril. Aí está um combate muito sério e a tal ponto sério, que a virtude de muitos sucumbe e a vocação de não poucos...

Que fazer contra a tentação da sensualidade? Quando ela reveste a forma de gula, basta fazer atos contrários; importa encontrar o meio de mortificar o gosto, de desfazer excessos do apetito sensual. Deus no-lo deu para o bem, para a conservação de nossa saúde e de nossa vida. Convém empenhar-se sem demora. O homem sem controle, mais tarde, se deixa desviar a excessos violentos, cujos germes, muitas vezes, eram visíveis na criança. Todo o homem é mais ou

menos sensual; é necessário, portanto, vigiar os apetites e as cobiças de nossa natureza. Ao grande meio da oração acrescentem a mortificação material e física, uma vez que a paixão nos leva a algo material. Mortifiquemo-nos. O jejum não é possível a todos; as grandes privações nem sempre são praticáveis tampouco. O heróico não está ao alcance de todos. E, além disso, sempre convém desconfiar um pouco dessas mortificações heróicas, que depois, às vezes, deixam cair mais fundo ainda. Quanto a nós, não tentamos esmagar o inimigo de uma só vez; destruí-lo-emos pouco a pouco. Dão-nos uma coisa para comer, que não nos agrada demasiado; comê-lo-emos generosamente com o fim de obter de Deus a vitória. Somos obri-dos, em nome da medicina, a tomar um remédio desagradável; tomem-no com a intenção de combater em si a sensualidade. Sobretudo dediquem-se ao toque da prática do Diretório nas pequenas coisas. Tenham cuidado de nunca satisfazer totalmente seu gosto; moderem a natureza, quando ela quer cobrar toda a satisfação. Todas estas práticas, das quais algumas lhes custarão muito, trarão o apaziguamento da tentação e lhes proporcionarão a graça. Somos todos expostos a isso, mas sobretudo nossos missionários, que nem sempre têm o necessário, que às vezes sofrem penúria por diversos dias e que então têm a necessidade de se reconfortar e que por isso mesmo caem mais facilmente no excesso da sensualidade. Não é uma coisa sem importância. Deve-se fazer o que fez Nosso Senhor na tentação. Não transformou as pedras em pães. "Não só de pão vive o homem", respondeu ao demônio, "mas de toda palavra que procede da boca de Deus". (Mt. 4,4) Dirijam-se a Nosso Senhor e rezem. Sei bem que não estamos em condições de ter grandes tentações nesse sentido, mas contudo as teremos. Pode-se contar com isso; necessário se faz orar e ser vigilante para nos manter dentro dos limites da prudência e da virtude religiosa. Cuidemos de nunca mudar as pedras em pães. Tomem as coisas tais quais são e não à medida que nos possam oferecer satisfações. A oração, repito, é pois uma ajuda poderosa. Lembrem o que fez a Irmã Maria Genoveva e a graça que obteve um dia para um pobre padre, bom ademais, que recaia todos os dias em seus hábitos de embriaguez, costumes inveterados, que tinham o caráter todo particular de gula rebuscada. Em condições semelhantes, por que não rezamos à Irmã Maria Genoveva para que venha em nossa ajuda? Fê-lo uma vez e pode fazê-lo ainda. Esta tentação da sensualidade pode nos atacar sob outro aspecto também. Os maus desejos do coração podem nos dizer: "Ordena que estas pedras se tornem pães". Figuras perigosas podem vir passar diante de nossa imaginação e invitar nosso coração ao mal. O que para os Senhores deve ser pedra, quererá apresentar-se-lhes como algo para o uso dos Senhores. Sobretudo nesse ponto, meus Amigos, precisa-se muita vigilância, muita prudência. É imprescindível ser um bom navegador; é necessário conduzir bem nosso barco, evitar os recifes e sondar ao redor do navio

com extrema prudência. Vigilemos todos os nossos sentidos, nossos olhos, nosso coração. Essa tentação não se pode afastar senão pela oração, o jejum e a abstinência. Sem dúvida, não quero dizer com isso um jejum rigoroso, a privação de todo o alimento, mas quero dizer a abstinência das satisfações mais ou menos perigosas, dos olhares desregrados e curiosos, dos pensamentos, que giram em torno de objetos, que podem excitar a sensação do mal. Abstenham-se dos sentimentos, que se arraigam muito rapidamente no coração e se inclinam ao mal. Então é necessário servir-se muitas vezes da palavra de Nosso Senhor: "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca Deus." Deve-se recorrer a Nossa Senhora. Além disso, como sabem, a tentação por si mesma não é uma falta; ao contrário, é por vezes uma grande vantagem, um grande benefício. São Paulo e os maiores santos foram tentados. São Jerônimo é um santo tão grande, porque foi muito tentado; Santo Antônio, os antigos Padres do deserto faziam voto de lutar contra Satã e de alcançar sobre ele magníficas vitórias. Os combates aqui são contínuos. Não é necessário, pois, angustiar-se de este tipo de tentações. Não prejudicam a alma; não causam dano à alma religiosa. Ao contrário, são para a alma uma potente fonte de força e lhe ativam a energia. Verdadeira dedicação sempre se baseia num fundo de muita paciência. Por isso que, na direção das almas, se faz necessário encorajar aos que encontramos assim atormentados. Necessita-se mostrar a esses homens que não está tudo perdido; ao contrário, encontrarão na luta uma força muito grande. Não se deve assustar-se jamais da violência destas tentações; importa dirigir os esforços e sabê-los utilizar. Deus não é injusto e é nosso Pai. Se, por vezes, permite lutas tão violentas, não por isso tem a intenção de fazer cair a alma no pecado. "Deus não tenta a ninguém". (Tg. 1,13) É para nos fortificar, purificando-nos pela provação; é para recompensar-nos pela vitória e os méritos dela. Mais uma vez, esses tipos de tentação não são uma desgraça, de maneira alguma. Que o combatente se instrua, que faça suas provisões; que fale com seu confessor sobre os meios de vencer; que, antes de mais nada, nunca se desanime e estará certo de uma vitória gloriosa e feliz. A tentação assim enfrentada é elemento infalível de zelo, de coragem, de generosidade, de santidade: Onde estaveis, Senhor, quando eu combatia? Perto de ti e tanto mais perto, quanto maior era o perigo, quanto mais premente era a luta.

"Se és o Filho de Deus, lança-te abaixo." (Mt.4,6) Lança-te de costas, se és o Filho de Deus, pois está escrito: Deu ordem a seus anjos de te proteger com as mãos... (cf. Mt.4,6) O que é esta tentação, que vem em geral um pouco tarde, tentação de jogar-se para um lado, de não permanecer onde se deve estar? Na vida religiosa, é a tentação do novício. Leiam a vida dos primeiros Padres: leiam a vida de São Bernardo; verão que esta foi sempre a ten-

tação de todos os noviços: "Lança-te para baixo". Estás sobre o pináculo do templo, num lugar bem elevado, não fiques aí, lança-te para outro lado!... Não pode ser que só os religiosos se salvem; os anjos de Deus estão lá para te receber; farás melhor em outro lugar. Quem é que ao longo do caminho de sua vocação sacerdotal ou religiosa não ouviu alguma vez este "lança-te abaixo"? Que fazer? Que se responda como respondeu Nosso Senhor: "Não tentarás o Senhor teu Deus". Sou eu o dono de minha vocação? Por que irei à direita, quando Deus me colocou à esquerda? Sou o dono para abandonar o caminho, no qual me encontro? Por que tentar a Deus e com que direito imporei a Deus a marcha a seguir comigo? São Bernardo dizia a seus jovens noviços: Quereis praticar a humildade, a obediência até certo ponto; deveis a Deus uma alma correta, pensamentos santos e legítimos; por que não assumir os meios que Deus vos coloca nas mãos? Será que cabe a vós dizer a Deus: Tomai tal caminho e por aí vos seguirei? Esta é, pois, uma tentação muito freqüente, tanto entre os noviços, como também entre os outros, uma tentação que pode ter efeitos desastrosos, a s. lançar-se do alto do templo e precipitar-se lá embaixo no pavimento. O que se disse da vocação em geral, aplica-se também a toda a sequência da vida religiosa. Não é que, nos atos de vida religiosa, frente aos deveres que implica, o tentador nos diz freqüentemente "lança-te abaixo"? Fica fora da obediência que te custa, do dever a cumprir que te incomoda? Poderíamos passar assim todos os pontos da vida religiosa. Temos todos esses pontos da vida religiosa. Todos temos esta grande tentação de cair fora. No que toca aos trabalhos teológicos, por exemplo. Não sei se é o diabo, que dá este conselho; em todo caso não é o anjo de guarda! O Superior Geral disse que era preciso todos os dias, na medida do possível, lembrar-se da obrigação, válida para os Oblatos a força das Constituições e do Capítulo Geral, de dedicar-se à teologia. Esta prescrição não está fora dos seus direitos reais... No entanto a gente não se dedica à teologia, ainda que prescrita, e a gente cada vez mais afirma aos gritos: Entre nós não se estuda teologia, e não estudam de verdade, aqueles pelo menos. Não se tem tempo para fazê-lo. Tenho, diante de mim, alguém que posso apresentar como partidário. Eis o Padre Rollin. Ninguém dirá que ele não tem nada que fazer. Ele faz seu dever teológico conscienciosamente como quando estava nos bancos do seminário de sua diocese. Eis o Padre Perrot, que freqüentemente não tem muito tempo para si; está doente e, além de todas suas ocupações comuns, deve cuidar-se... Quantos outros diriam: Eu, eu não posso! Ele faz seu trabalho de teologia. É estranho que são os dois mais doentes, que são mais pontuais; e quantos outros, que estão bem, não podem atender esse dever. E é estranho que os que não o fazem, repetem em coro: A gente não estuda teologia entre nós! Têm muita razão! Mas é que porque não

obedecem às Constituições. Não se deve dessa forma cair fora da obediência. É um verdadeiro "lança-te abaixo"! Não estudam teologia, e pregam, confessam e ensinam catecismo? Suponham um professor da 7ª Série, que nunca abre sua gramática, e que professor será esse? Tudo vale, quanto custa; e a direção que derem, e os sermões que pregarem, se não se dedicam à teologia, não valerão muita coisa. Tornar-se-ão sinos rachados. Que darão aos outros, se não adquirem mais nada? Veio-se buscar água na cisterna dos Senhores e só se encontrou lama, e deviam fornecer a água da graça!...

Que o Padre Lambert, que é encarregado disto, me entregue os cadernos de teologia, que me deve trazer. Que se organize de modo que cada trimestre - e os trimestres são de quatro meses; tres vezes por ano - cada um lhe entregue seu trabalho terminado. Certamente não se precisa mais do que oito horas para fazer este trabalho, e aqueles que têm uma certa facilidade, poderão fazê-lo em cinco ou seis horas. Não lhes peço que façam um tratado de teologia, mas que repassem a teologia. "Lança-te abaixo". Não façam isso. Seria, repito, uma inspiração funesta com certa influência do demônio, que os despiста do caminho, que é a Santa Regra e a voz interior das inspirações de Deus. Cuidem de não furar a Regra e a obediência. Prestem muita atenção a este grande dever do estudo da teologia e em geral do cumprimento fiel de todas as suas demais obrigações da vida religiosa.

Uma terceira tentação é a da cobiça, do dinheiro: "Se prostrado diante de mim, me adorares". (Mt.4,9) Esta é a grande tentação das pessoas do mundo. E não convém entender esta cena do Evangelho no sentido figurativo, mas em toda a realidade. Não é que a Franco-maçonaria faz voto de adorar Satã? Dessas coisas tive um testemunho pessoal, há muito tempo e não podia deixar de crê-lo. Um bravo homem, o Senhor Fandart, que foi testemunha ocular e que me contou, uma noite, que aconteceu numa casa vizinha da Câmara Municipal, numa reunião maçônica uma cena estranha, onde o diabo apareceu e recebeu a adoração dos assistentes. O diabo apareceu e recebeu a adoração dos assistentes. O diabo oferece ainda lá e em outros lugares dinheiro e honras aos que o querem. "Se prostrado diante de mim, me adorares". Se quereis cair de bruços perante mim, vós que quereis a fortuna e honras, e vós, pobres pais de família, que procurais um pedaço de pão para dar aos vossos filhos: "Se prostrado diante de mim, me adorares". Nesta tentação universal, não procura o diabo fazer que caiamos todos? Não procura conceder-nos algo do que desejamos, a fim de obter um pouco de consideração nossa? O diabo, creio, não obteve ainda nada nesse sentido entre nós, mas importa precaver-nos de longe. Digo-lhes isso para instruí-los; isto se encontra nas comunidades mais regulares e mais mortificadas: a tentação dos lugares, dos cargos, das honras, de toda a distinção,

que eleva acima dos seus irmãos. Na própria Visitação, quem duvidaria? É uma tentação que entra furtivamente algumas vezes. A gente quer ser Superiora, assistente, fazer algo de extraordinário... Onde o diabo vai-se instalar? Prestemos atenção e se essa tentação nos vier um dia, respondamos com Nosso Senhor: "Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás". (Mt. 4,10) Estejamos um pouco atentos; tudo é espiritual entre nós, tudo um tanto fino; aceitemos de vez em quando as pequenas humilhações que nos chegam e nossa humildade fará progresso cada ano. Aceitemos bem essas humilhações, sem revolta e digamos: "e só a ele servirás".

Oremos para que Deus dê a vitória aos que são tentados; oremos por nossos irmãos, que estão afastados da comunidade e que são tanto mais violentamente tentados, quanto mais afastados se encontram; oremos por nós mesmos. Estamos bem armados, mas se deixarmos um canto desprotegido, o inimigo pode chegar até o centro do baluarte.

Continuem seu retiro sobre esta base. Sejam santos, sejam mortificados, sejam vitoriosos sobre as tentações; e quando tiverem combatido o bom combate do Senhor, as tentações desaparecerão e os Senhores terão as recompensas, que sua vitória lhes terá merecido.

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

Q U A R T A I N S T R U Ç Ã O

O S V O T O S

Temos de ser muito agradecidos a Deus por nossa santa vocação, pois nos dá meios externos seguros e bastante fáceis para chegar à santidade. Toda Regra religiosa, sem dúvida, dá os meios de chegar à santidade, mas essas regras se parecem frequentemente com os caminhos feitos para ir pelas altas montanhas. Quando se ia à Cartuxa, há alguns anos, era necessário escalar os cumes das montanhas por rochedos escarpados; o trilho era penoso, duro, escorregadio. Depois, para ir-se lá, se fez um caminho próprio para carruagens. Pode ser mesmo que um dia se chegue lá de trem! É a mesma coisa com o caminho do céu; a comparação é acertada. Antigamente se chegava à Cartuxa muito cansado e se alguém lá se perdia sozinho à noite, parecia infalivelmente nos precipícios. Agora não há mais perigo, nem sofrimento; o caminho rende mais, é mais fácil e se chega melhor. É assim também o caminho do paraíso, meus Amigos. Certamente a gente se salva de maneira mais fácil dentre os Oblatos que nas outras comunidades. Falo em termos gerais, pois é bem certo também que muitos religiosos e religiosas, com os meios que lhes são dados, por um outro caminho chegam à santidade muito rápida e seguramente. Mas o que se pode dizer sobre muitos, não vale para todos. Há muitos, que não podem seguir o curso geral, que são obrigados a parar, pois se avança rápido demais e por um caminho excessivamente árduo e ficam para trás. Temos que ser muito agradecidos a Deus. Nossas mortificações não são demolidoras; baseiam-se inteiramente na fidelidade, na atenção à Vontade de Deus e à Regra. Não são suplícios aos quais temos que sujeitar-nos; não temos que sacrificar o estômago, mas sim a nossa vontade própria, nossas inclinações viciosas: é uma coisa mais fácil. Nas outras Congregações há membros, que não podem alcançar seu fim por causa da fraqueza de saúde e do rigor da Regra e das observâncias. Entre nós não é assim. Digo-lhes isso com muita razão, pois a Santa Igreja, com referência aos princípios de São Francisco de Sales, não os chama "viam planam ac tutam" (caminho plano e seguro)?

Acrescento que temos de agradecer a Deus pelo que deu à Boa Madre Maria de Sales. Quando tiverem compreendido bem a doutrina dela, posto em prática o que ela mesma fazia, verão como é bom e suave aderir a Deus dessa forma. O estado de alma, ao qual chega o Oblato bem fiel, é certamente o estado de perfeição e de mui verdadeira santidade. Esse estado é seguro e

de índole estável, pois o esforço feito sobre a natureza não foi violento, o arco não foi tendido além da sua força; não se romperá; conservar-se-á ao mesmo tempo rígido e flexível. Não se exagerou o que dele se solicitava. Pode-se continuar muito tempo e assim ter uma vida muito longa e de grande mérito. A Boa Madre não se santificou de outra maneira. Temos, pois, de agradecer a Deus por isso e agradeçamo-lhe pela observância, já obrigatória, de nossos votos religiosos.

Entre nós, o que é o voto de castidade? Não é somente a prática dessa virtude, que consiste em não permitir prazeres proibidos, perversos e em nem sequer alimentar somente no coração o pensamento neles. Isso não seria mais do que a metade de nosso voto. O que significa a base, a prática real e positiva do nosso voto, é lembrar-nos de que nosso coração foi criado para Deus, para amá-lo. Em nós, o amor ocupa um lugar imenso; o homem não vive realmente senão da afeição. Amar é para nós uma precisão, uma necessidade. E nosso voto de castidade é exatamente o voto de amar a Deus, de afeiçoar-se a ele, de encontrar nele toda a atração e resposta a todo o amor, que pode despertar em nosso coração. Esse amor, que é quase diria físico, deve envolver todo o nosso ser, nossa inteligência, nossa vontade e particularmente também o afetivo em nós. É assim que São Francisco de Sales quer que entendamos a prática completa desse voto. Pensamos assim nós, que fizemos esse voto ou nos preparamos para fazê-lo? Que seja um voto ativo, positivo e não somente um voto de aspeto negativo, uma extinção dos ardores do amor material. Devemos considerar-nos obrigados a amar a Deus mais particularmente, mais profundamente, exatamente em consequência de nosso voto de castidade. Sem dúvida, pode-se interpretar nesse sentido quase todas as Regras e Constituições, mas em nenhuma outra, isso está tão definido e determinado como nas de São Francisco de Sales. Nisso, meus Amigos, nessa interpretação do voto se encontram graças imensas, fontes abundantes. "Deus é Amor (cf. 1 Jn 4,16) e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele." Por isso não estamos sozinhos. Deus habita em nós. Há uma união profunda entre nosso ser e o ser divino. Nossas ações não são mais somente nossas, mas são também as de Deus. É a palavra de São Paulo: "Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim." (Gal 2,20)

Chamo a atenção dos Senhores duma maneira muito incisiva para esse pensamento. Nosso voto de castidade é um voto de amor a Deus; é um voto de desprendimento do coração, mas para prender-se mais fortemente a Deus. Não temam, portanto, as tentações, não receiem as provas, que ativem ainda mais seu amor a Deus! Que as dificuldades inflamem mais o fogo divino; sirvam-se das próprias tentações para dirigir-se a Deus com mais intensidade

e amor. No momento da tentação isso talvez não seja sempre possível; mas no momento que a tentação tiver passado, lancem os olhos para Nosso Senhor. Quando a criança percebe a serpente que vai mordê-la, não se joga nos braços de sua mãe com mais amor? Entendam a tentação assim; é uma ajuda poderosa e prática para guardar o voto de castidade. Façam isso sempre, mesmo quando a tentação se tornou mais forte, mais violenta, quando parece que ela ganhou terreno sobre a vontade, pois, como diz a Sagrada Escritura, so pode sempre dominá-la! "Sub te erit appetitus ejus, et tu dominaberis illius." (Gn 4,7) Pode-se sempre pôr um limite último às invasões do mal; está-se a ponto de sucumbir, mas ainda se tem o poder de não sucumbir.

Eu quase diria: Tenham devoção à tentação!... Sejam devotos, pois embora os faça sofrer, ainda que abale-lhes a vontade, si bem que os conduza à beira do precipício, ela tem de bom que os faz sondar-lhe as profundezas, os faz recuar com pavor e horror e os faz lançar-se com mais amor nos braços de Deus. Reconheçam, pois, que devem isso à tentação. Repito: é um fato de experiência comum, que a tentação é sempre a condição da virtude e também a condição de uma graça especial para com a alma tentada. Deus faz sempre passar por grandes provações as almas que destina à glória. "Do fundo do abismo, clamo a vós, Senhor." (S 129,1) No mais fundo do abismo, à beira do precipício, levantem a cabeça; olhem para Deus, a ajuda da mão dele; estendam o braço e aproveitem o socorro que lhes dá. "Senhor, salva-nos, nós perecemos!" (Mt 8,25) Esse é o grande meio de cumprir perfeitamente nosso voto de castidade. Por quanto tempo será necessário insistir na luta? Por quanto tempo será necessário resignar-se? "Seja feita a vossa vontade." (Mt 6,10) "E não nos deixeis cair em tentação" (Mt 6,13), mas pela graça não nos deixeis cair, sucumbir, afundar-nos: não nos deixeis cair.

Eis o voto de castidade como o entendemos e como o entende São Francisco de Sales. Eis a doutrina, o pensamento dele. Vejam que suavidade nos dá essa teologia, como tudo é bom nela, como tudo vem de Deus! Deus é caridade, Deus é amor. Se Deus permite a tentação, é porque ela nos santifica, é porque ela deve tocar nosso coração e inflamá-lo por Deus de reconhecimento e de amor.

O voto de pobreza. Sejam bem pobres. Havia um jovem, um jovem comerciante, que gostava de se mostrar bem gastador nas reuniões com seus amigos, para divertir-se e fazer festinhas; era rico, cheio de saúde, de força e de generosidad. Deus o chama, dá-se nele uma revelação profunda do amor divino. Deus lhe ilumina a alma com todos os segredos da caridade divina. O que vai fazer esse jovem para conservar esse tesouro, para aumentá-lo? Vai casar-se. Com quem? Com a pobreza. Vai comprometer-se com a pobreza numa

aliança indissolúvel. Vai procurá-la por toda parte até encontrá-la. O amor pela pobreza é, no caso dele, o amor a Deus no mais alto grau, que numa alma possa haver. Esse jovem é São Francisco de Assis. Ele apresenta em todo o seu ser a semelhança exterior com o Salvador. Como mereceu esse favor importante? Por seu amor à pobreza. A que ele deve esse grau de aproximação do Homem-Deus, essa semelhança? Não é só à sua castidade, não, deve-o à pobreza.

Nós não podemos caminhar de pés descalços no inverno na neve. Olhem para os que o fazem; têm a borda de sua veste congelada e, ao caminharem, lhes fende e abre os calcanhares; mas continuam, sem se queixar, seu caminho doloroso: são os filhos de São Francisco de Assis. Não podemos fazer como eles; podemos, no entanto, praticar a pobreza; temos o direito de ser pobres, de fazer-nos pobres. Como faremos? Praticando a pobreza como nossa vocação o indica. Fazendo, de todo o nosso coração e com todo o nosso amor, nossa pequenas práticas de pobreza, tão pequenas, tão despercebidas. O que é pequeno torna-se grande, quando se está com o Salvador, quando se faz o que ele fez. Na casa de Nazaré, Nossa Senhora não fazia comida fina, pratos extraordinários: vão os Senhores à "Santa Casa", lá verão o fogão da humilde casa e alguns restos, a louça com que se serviam; os pratos não eram grandes, o luxo não era muito.

E Nosso Senhor mesmo: olhem, quando tinha fome, parava com os discípulos embaixo da figueira, esfregava espigas para comê-las, sentou-se na beira do poço da Samaritana. Eis a pobreza que Nosso Senhor praticou; é essa que nós mesmos praticamos em nossa alimentação, em nossa roupa. Devemos ser como Nosso Senhor. Usava roupa limpa, sem qualquer relaxamento. E a este propósito eu diria que, na aparição de Nosso Senhor, o que mais me tocou, além da expressão do seu rosto, foi a veste, foi a vestimenta... Quando penso nisso, "minha alma se consome" (S 83,3)... A harmonia, a beleza, a expressão, que havia em toda essa veste, o jogo de dobras dessa vestimenta... eu a considerei demoradamente. Era alguma coisa que me encantou profundamente. Eu dizia comigo mesmo: Oh, se fosse pintor, eu faria algo de maravilhoso, reproduzindo isto. Não se pode imaginá-lo! Meus Amigos, essa veste de Nosso Senhor era pobre e simples, mas nessa simplicidade, nessa ordem e harmonia havia um toque divino.

Portanto, pratiquemos bem a pobreza, não possuindo nada; vivamos em plena dependência da mão de Deus. Sejamos imitadores de quem não tinha onde repousar a cabeça. Somos um pouco como ele: nosso travesseiro não é nosso, nada nos pertence. Essas não são afirmações rebuscadas; é simplesmente a expressão da verdade. Aí é onde nos coloca o voto de pobreza. Estamos unidos intimamente a Nosso Senhor por amor, querendo viver a vida dele: eis nosso voto de pobreza.

Afeiçoemo-nos bem a este voto; pratiquemo-lo nesse espírito. Pratiquem-no bem, não perdendo nada, enquanto sempre cuidando de tudo com atenção. Lembrem-se de que são pobres, em viagem, em casa, em toda parte. Alguma coisa lhes agradaria? Seria uma despesa comprá-la. Se não é necessária, não a compre. Aí está o voto de pobreza. Que ganhamos com isso? Nada? Ganharemos o que ganhou San Francisco de Assis. Foi obrigado a realizar seu primeiro Capítulo Geral em campina rasa. Seus religiosos lá estavam aos milhares. Por que essa fecundidade incomparável? E olhem, que isso existe ainda agora. A Ordem Terceira está florescente; ela cobre a terra. É a pobreza, que é a fonte dessa fecundidade. Sejam inteligentes nessa prática da pobreza. Esta prática assenta em ninharias; faz-se delas pequenos sacrifícios a Deus em união com Nosso Senhor; a gente se priva de uma coisa pequena ou maior; deixa-se um pouco do melhor à mesa e toma-se um pouco mais do menos bom; economiza-se seu material de escrever, papel, tinta, utensílios; não se deixa nada perder-se. Santa Tereza apanhava as lentilhas caídas; e quando, mais idosa, via menos, se ajoelhava para não deixar nenhuma no chão. Era ela um espírito mesquinho, uma boba, essa Santa Tereza?

Leiam os Senhores aos cronistas das Ordens religiosas; verão que suas anedotas são repletas de detalhes dos mais deliciosos, dos mais encantadores; e tratam quase sempre da prática da pobreza, da mortificação. Sobre a mesma versava também a grande doutrina de São Francisco de Sales. Podem visitar a casa onde ele morava em Thorens e formarão uma idéia do espírito de simplicidade dele.

O voto de obediência. A quem devem obediência? À Regra e aos seus Superiores.

Devem obediência à Regra. Tenham nisso o cuidado e o amor, que levava Nosso Senhor a fazer o que seu Pai lhe mandava e a atender o que sua Mãe lhe dizia, quando lhe pediu um milagre. Na sua paixão, no meio de seus grandes sofrimentos, "é a minha hora" (cf. Mt 26,45), disse ele. Antes, nas bodas de Canã, dissera: "Minha hora ainda não chegou." (Jo 2,4) E ele esperou. Em seguida, alguns minutos mais tarde, realizou o milagre que lhe pedira Nossa Senhora; sua hora tinha chegado. Que fidelidade em observar bem a Vontade de Deus, em não adiantar nem retardar por um minuto o momento marcado pela Vontade divina! Façamos isso nós também por nossa observância. Lembremo-nos frequentemente de nosso tempo de seminário, de nossa juventude clerical. Não víamos sempre que a fidelidade à Regra, a pontualidade, a fidelidade eram o sinal e o testemunho de uma grande virtude? Eu tinha um colega, que morreu aos 17 anos, ao terminar o segundo ano. Desde sua entrada no seminário, não

tinha faltado uma só vez à lei do silêncio. Considerávamo-lo um santo e, de fato, o era, pois já é um ato de verdadeira santidade. E sejamos nós também um pouco mais fiel no silêncio, em todas as práticas da observância, do Diretório. Façamos a promessa a Deus de cumprir nosso voto de obediência no momento marcado sem tardar um só instante.

Tomem uma concordância e busquem a palavra "obediência" e verão que toda a religião, toda a vida cristã se baseia na obediência. Apliquem-se bem à obediência, a esse livrinho que levam no bolso e melhor ainda dentro do coração. Que ele seja, a todo momento, o alimento de sua alma. A Constituição, o Diretório, para nós é um pouco como o próprio Evangelho; incensa-se o Evangelho na missa: Oh, rodeemos com nosso respeito esse livro, onde se encontra o tesouro de nossa alma! É com ele que alcançaremos o paraíso e salvaremos as almas.

Obedeçam a seus Superiores. Essa Obediência é menos bem determinada que a das Constituições. Essa obediência varia de intensidade e de objeto. Às vezes é necessário interpretá-la suavemente, acolher, admitir, aplicando modificações recomendadas pela prudência, pelas diferentes situações. Quando o Superior não está, deve-se fazer, então, o que ele diria. Fora disso, se faz necessário uma obediência pontual a toda expressão da vontade do Superior, claramente manifestada; e isso sob pena de pecado mortal, se o assunto é de importância correspondente. Acautelemo-nos da insubordinação, da revolta, do "não servirei" (Jer 2,20). Quando se desobedece ao Superior, é a Deus que se desobedece. Com que direito um Superior qualquer nos pediria obediência, se não falasse em nome de Deus, cujo lugar ocupa? Todas as vezes que se falta a uma ordem, se comete, portanto, um erro; há um pecado. Se a desobediência é completa, bem acentuada, que pecado é? Vamos deixar para Deus; mas acrescento que os teólogos são terríveis neste particular... Por que não assumir o aspeto verdadeiro de nossa obediência? Por que não fazê-la cordial, como a obediência de Nosso Senhor ao seu Pai: "Acostumei meu coração à prática de vossas ordens, perpetuamente e com exatidão." (S 118,112) Acostumemos nosso coração; encaremos a obediência dessa maneira. Então será uma obediência positiva e verdadeira e não só uma obediência negativa; a luta contra nossa vontade, contra nosso juízo se completará e se fortificará pelo sentimento do amor.